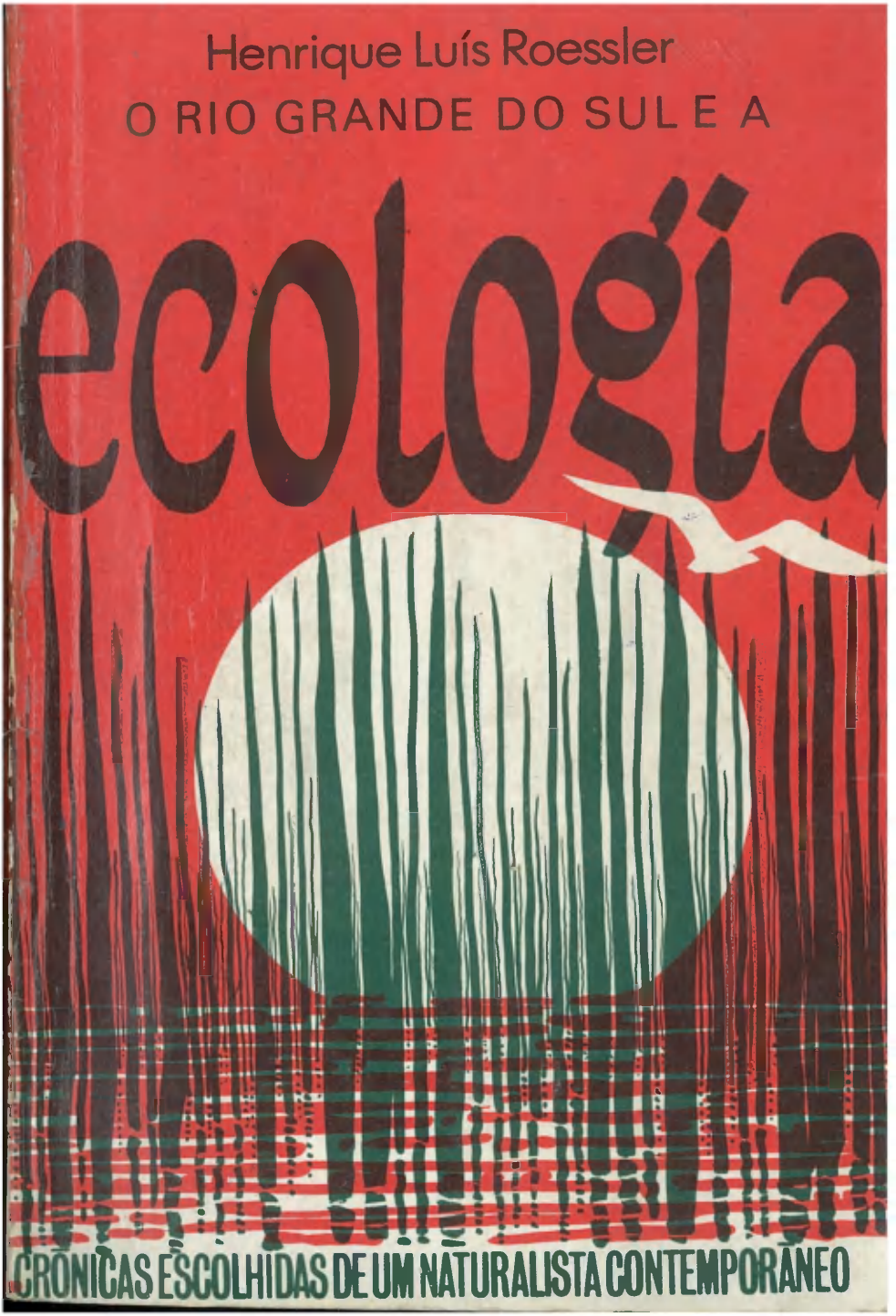
Loja Independente de Teosofistas

Henrique Luís Roessler

O RIO GRANDE DO SUL E A ecologia



CRÔNICAS ESCOLHIDAS DE UM NATURALISTA CONTEMPORÂNEO

Loja Independente de Teosofistas

O RIO GRANDE DO SUL E A ECOLOGIA

0000000000000000000000000000000000000000000000000

Nota Editorial de 2021

Entre os principais pioneiros do movimento ambientalista brasileiro, Henrique Luiz Roessler (1896-1963) parece ser o único que deixou escritos importantes. A reflexão em seus artigos transcende o seu tempo e permanece mais válida do que nunca no século seguinte. Grande parte do ensinamento que Roessler transmite surge do exemplo que ele nos dá de ação voluntária independente, gerada pelo prazer de ajudar outros seres.

Roessler era um intelectual como há poucos em qualquer tempo e lugar. Foi um amigo da Ética, um homem do povo e um ativo defensor da felicidade de todos os seres. Sentia-se corresponsável pelo bem-estar dos seres não-humanos. E sabia bem que conforme os humanos tratam a natureza, assim a natureza trata os humanos.

Estudioso de ecologia, dono de conhecimentos sólidos, acompanhava a luta pela preservação ambiental na Europa e inspirava-se nela. Roessler tinha uma sólida filosofia de vida. Seu ponto de vista era essencialmente teosófico e estoico, sem deixar de ser cristão. Não faltava nele o sentimento místico de amor à Natureza.

Dentro da melhor tradição de altruísmo, a edição de 1986 da obra que agora reproduzimos avisa: “Não há direitos autorais. Os promotores desta edição e os filhos do Autor permitem a reprodução total ou parcial desde que haja citação do Autor, a respectiva data e a menção desta edição.”

Toda preparação de um livro inclui alguns erros, que costumam tornar-se agressivamente visíveis depois de ele ser publicado, conforme alertou Monteiro Lobato. Sem tentar uma revisão sistemática, corrigimos no PDF algumas falhas de revisão desta grande obra de Roessler.

(Carlos Cardoso Aveline)

0000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000

Loja Independente de Teosofistas

O RIO GRANDE DO SUL E A ECOLOGIA

Crônicas escolhidas de Henrique Luís Roessler, um naturalista contemporâneo

Prefácio da AGAPAN – Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural

Loja Independente de Teosofistas

Capa: M. M. Budaszewski

R7180 Roessler, Henrique Luís
O Rio Grande do Sul e a Ecologia – Crônicas escolhidas de um naturalista contemporâneo, Porto Alegre, Martins Livreiro-Edit., 1986.
219p.

I.Título. 1.Ecologia

CDU 577.4

Bibliotecária: Maria Noelci T. Homero. CRB 10/375

Não há direitos autorais. Os promotores desta edição e os filhos do Autor permitem a reprodução total ou parcial desde que haja citação do Autor, a respectiva data e a menção desta edição.

Pedidos e distribuição:
MARTINS LIVREIRO – Editor
Rua Riachuelo, 1279 – Fone: (0512) 24-5228
90010 Porto Alegre, RS

Composição e montagem:
K & M – Composição, Arte e Revisão Ltda.
Av. Vicente Monteggia, 1505 – Fone: 49-7071
Porto Alegre-RS

Loja Independente de Teosofistas

"Nós somos parte da Terra e a Terra faz parte de nós. A Terra não pertence ao homem: o homem pertence à Terra".

(Seattle, chefe dos Índios Duwamish,
recusando-se a vender as terras de sua tribo.)

"Enquanto existir tantos maus tratos aos animais, enquanto a súplica de animais sedentos em vagões e caminhões passar despercebida; enquando tanta brutalidade houver nos matadouros; enquanto são dados como brinquedos às crianças, todos nós seremos responsáveis e deveremos responder por isso."

(Albert Schweitzer.)

NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTA EDIÇÃO

Este livro contém apenas uma parte dos trabalhos de Henrique Luís Roessler, que foram selecionados, numa difícil escolha entre os mais significativos. Não estão em ordem cronológica, porém a data da publicação está ao pé de cada um.

Os artigos foram divididos em capítulos cujos títulos são referentes aos agrupamentos de assuntos.

Entre os artigos há também o texto de uma das palestras de Roessler, pronunciada na Fundação Evangélica de Novo Hamburgo, em 5/9/57.

Os desenhos são de autoria de Roessler, os quais ilustraram muitos dos artigos publicados no CORREIO DO POVO. Infelizmente nesta obra, por motivos de economia, apenas aparecem três deles.

AGAPAN
Setembro/1984

Loja Independente de Teosofistas

PREFÁCIO

Há uns vinte ou trinta anos os sinais de deterioração ambiental do nosso planeta não eram claramente visíveis. Poucos homens vislumbravam que a degradação ambiental era um problema grave e esse problema iria aumentar. Especialmente em nosso país poucos observaram que, de formas variadas, o homem agredia seu próprio ambiente. Só pessoas com visão rara, grande sensibilidade e inteligência sentiam o problema naquela época. Em nosso Estado do Rio Grande do Sul havia uma pessoa com esta visão rara. Era Henrique Luís Roessler, nascido em 16 de novembro de 1896, em Porto Alegre. Contabilista, não se limitou a exercer a profissão, dedicando-se voluntária e gratuitamente à fiscalização da caça e pesca e da depredação da flora, tarefa a que se entregou de corpo e alma. Em 1957 começou a escrever para o Suplemento Rural do CORREIO DO POVO. Escreveu 301 crônicas semanais publicadas no período de 15 de fevereiro de 1957 a 8 de novembro de 1963. Neste último mês, no dia 14, faleceu.

Sua crônica era perfeita. Ainda que não fosse um intelectual, sua pena era livre, direta, seus argumentos certos, e atingia o objetivo. À medida em que escrevia, ia conquistando leitores constantes, adeptos e admiradores. Sua linguagem era enérgica, empregava as palavras adequadas e agressivas para os infratores, os quais classificava como "bandidos", "imbecis" etc.

Seus comentários e análises do problema florestal foram uma crítica aos desperdícios, à imprevisão, à má administração e ao desleixo das autoridades para com as áreas naturais. Denunciou negociatas do Serviço de Proteção aos Índios em Nonoai, Guarita, Rio Ligeiro, Cacique Doble, revelando fatos estarrecedores acontecidos em 1961 com as então abundantes reservas florestais ali existentes. Entre as crônicas sobre este assunto merece destaque a denominada "Árvores Desvitalizadas". Também suas crônicas são hoje um subsídio histórico, primeiro do movimento conservacionista, depois da devastação do nosso país e até da nossa tradicional corrupção burocrática.

Procurou compreender a psicologia e os métodos dos inimigos da Natureza e da passividade dos espectadores. Por isso quando escrevia era didático: ao mesmo tempo em que denunciava, interpretava como agiam os depredadores: caçadores ilegais, pescadores com métodos destrutivos, poluidores conscientes, incendiários de morros e de beiras de estradas, apelava e nos ensinava à ação. Escreveu sobre caça e caçadores, pássaros e passarinheiros, sobre a fauna em geral, sobre animais silvestres e domésticos, a vivisseção, as rinhas

Loja Independente de Teosofistas

de galos; sobre as árvores, as derrubadas, o fogo, as áreas naturais, o reflorestamento, o Dia da Árvore, que intitulou "Dia do Luto Nacional"; sobre a poluição, os rios, as fábricas, as cidades; sobre os índios; sobre o problema do lixo.

Não obstante o grande número de leitores que acumulou em torno de seus artigos, não se sabe de nenhuma autoridade, fora daquelas com quem estava ligado por força de suas atividades, tenha sequer dado atenção às suas denúncias ou apelos. Ninguém, a não ser muitos simpatizantes da natureza, o ajudou. Estes simpatizantes escreveram dezenas de artigos no mesmo órgão de imprensa e uma dezena mais ou menos ainda combate conosco.

Henrique Luís Roessler foi uma figura imensa, de espírito naturalista por iniciativa e pensamento próprios, numa época em que não havia literatura nem propaganda nem discussão como há hoje, haja vista que seu trabalho começou muito antes do de outra grande denunciadora: Rachel Carson, cujo livro "Primavera Silenciosa" é de 1962. Pode-se mesmo dizer que ele é o fundador da ecologia política no Brasil, pois em 16.10.59 declarou que era necessário "alarmar a opinião pública para convencer o Poder Público da necessidade urgente de providências".

O livro agora preparado resultou numa obra cheia de ensinamentos. É uma obra de educação ambiental para todos; mostra dezenas de exemplos de agressão à natureza, que os mais experientes de hoje não sonharam conhecer.

ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE PROTEÇÃO AO AMBIENTE NATURAL
– AGAPAN – Diretoria da gestão 1983/1984
José Truda Palazzo Júnior, Augusto César Cunha Carneiro e
João Batista Santafé Aguiar

Loja Independente de Teosofistas

I

PROBLEMÁTICA FLORESTAL

Loja Independente de Teosofistas

REFLORESTAMENTO OU MISÉRIA

O couteiro-mor alemão Wolfgang Herzog, contratado pelo Governo Federal como conselheiro do nosso Ministério da Agricultura, escreveu na revista "Unser Wald", órgão técnico da União Protetora das Florestas Alemãs, n. 2-58, o seguinte:

"Somente na estatística o Brasil é um dos países do mundo mais ricos em matas. Observando, porém, os seus Estados povoados e civilizados, o Brasil é uma das nações mais pobres em madeiras. Derrubadas sem diretriz, efetuadas durante centênios, desnudaram gigantescas áreas das regiões de matas virgens.

Apenas insignificantes restos além do Oeste ainda existem e oferecem um quadro estarrecedor ao viajante que sobrevoa a antes tão rica e fértil terra.

Devastadoras são as conseqüências dessas desmatações sem lei nem medidas. As taperas progridem em extensíssimas áreas. Fontes se esgotaram, arroios e rios secaram. O nível d'água subterrânea baixou fortemente. Os lagos das barragens-represas não enchem mais o suficiente durante as estações chuvosas para garantir o abastecimento normal de água e energia elétrica, obrigando ao racionamento, razão da diminuição da produção, alta de preços e elevação do custo da vida. As colheitas nas regiões agrícolas diminuem: o chão, antes célebre pela sua fertilidade, está ressequido. Erosões em proporções incríveis se estendem sempre mais. Enchentes depois de cada tormenta, antes desconhecidas, são acontecimentos comuns.

E o pior é que a desmatação irracional continua, porque a Indústria o exige. O desenvolvimento do Brasil requer cada vez maior quantidade de produtos florestais. Somente em Minas Gerais as Siderúrgicas consomem 35 hectares de mata por dia.

Sempre se notou não somente entre o povo, mas também entre as autoridades, quão pouco entendem dos verdadeiros valores das matas.

Uma mentalidade florestal absolutamente estranha até agora foi o maior empecilho para obter uma melhora na situação florestal do país".

Depois de revelar estas impressionantes verdades e talvez lembrando-se do milagre do reflorestamento concluído em 10 anos na sua pátria, cujas florestas haviam sido totalmente devastadas pela guerra e pelas forças de ocupação, aquele engenheiro florestal acha que agora, pelo lançamento da Campanha de Educação Florestal, as Exposições Florestais e o conselho de Caxinguelé de "plantar mais", as matas do Brasil serão rapidamente recuperadas e conservadas.

Loja Independente de Teosofistas

Puro engano – Depois do alvoroço e entusiasmo iniciais, estamos notando um silêncio de morte e uma grande apatia em torno do problema florestal.

O povo perdeu o interesse – foi um fogo de palha – como acontece sempre com as causas vitais e nobres, que não dão lucros imediatos.

O barulho recomeçará em setembro, quando se realizará novamente o reflorestamento simbólico, a farsa do Dia da Árvore.

Não bastam os esforços e a boa-vontade de poucos verdadeiros patriotas.

A maioria do povo não liga conselhos; não vê o perigo; não pensa em economizar para o futuro; não obedece às Leis, a não ser que sejam aplicadas com muito rigor. Os responsáveis não reflorestam, não cumprem os compromissos assumidos, não são punidos.

Decerto o cronista ainda não percebeu que aqui não existe muito idealismo, que tudo é negócio e interesse privado; que a ignorância do colonizador, a ganância do madeireiro de consciência calejada e a indolência da maioria das autoridades em relação aos assuntos silvícolas, sempre estiveram conjugados no esforço de arrasar o nosso rico patrimônio florestal, esse bem de interesse comum a todos os habitantes do país, conforme diz o art. 1º do Código Florestal, de maneira tão criminosa como estamos vendo.

O que poderão realizar os Departamentos Oficiais de Defesa Florestal, se o povo não colabora? Se faltam verbas e fiscais para um controle eficiente? O próprio diretor do Serviço Florestal declarou à imprensa que "o problema de proteção florestal não pode ser resolvido facilmente, não só pelo vulto dos negócios já realizados, como também pelos prejuízos que decorreriam de uma paralisação repentina das serrarias" – "Que o prejudicial, de conseqüências funestas, é a derrubada dos pinheiros restantes de exploração e posterior 'queima' para formação de lavouras" – "Que não se chega a uma conclusão a respeito do homem que explora a floresta. Ora o cidadão tem uma concessão de exploração, sem que se conheça o dono da terra; ora se conhece o dono da terra, mas a exploração é feita sem licença, de maneira que ninguém é responsável perante a lei, pela manutenção da reserva florestal, condição essencial para a exploração".

Estranhamos muito não ter tocado no reflorestamento, que é o mais importante de toda a questão.

Enquanto persistirem essas dúvidas e dificuldades, estamos vendo passar somente pelo Posto de Controle do Instituto Nacional do Pinho, em São Leopoldo, mensalmente cerca de 2.200 caminhões-reboque de madeira de pinho.

E há vários Postos dessa espécie, para cobrança de taxas, neste Estado, mas não conseguimos apurar a quantidade de madeira controlada.

Estamos agora na safra do pinhão, que está sendo vendido para consumo e para trato de porcos, não nos constando que alguém se tivesse interes-

Loja Independente de Teosofistas

sado de comprá-lo para semente. Apenas a Argentina está ampliando as suas já gigantescas plantações de pinheiros, garantidoras de madeira no futuro, quando as florestas brasileiras, que ainda estão abastecendo o mercado platense, estiverem completamente arrasadas. E é tão fácil cultivar pinheiros – basta enterrar os pinhões. Como faz a "gralha azul", essa ave utilíssima.

Muito mais difícil é plantar madeira de lei, o que ninguém ainda fez, nem fará.

Parece-nos tarde demais para começar com conselhos, paliativos e panos quentes para combater o cancro da destruição do nosso capital natural, representado pelas florestas, que nos atirou nesse caos e nos dificulta a vida.

Nosso futuro será horroroso, a menos que se adotem imediatamente medidas drásticas para corrigir este mau estado de coisas, das quais as principais seriam a proibição total da exportação da nossa madeira e a execução dos compromissos de replantio, assumidos durante mais de 15 anos e propositalmente relaxados.

Quando nos princípios do século a devastação dos pinheiros na América do Norte atingiu a extensão que estamos observando agora na nossa terra, o então presidente Theodore Roosevelt, que, como grande caçador, conhecia pessoalmente as florestas e os danos que sofriam, notou que as estatísticas estavam sendo falsificadas.

Batendo com o punho cerrado sobre a mesa verde, acabou com a pirataria florestal, e, chamando técnicos em silvicultura, ordenou o plantio de 100 milhões de pinheiros por ano, para cuja realização o Congresso votou tão fantástica verba como só é possível no país das possibilidades ilimitadas. Salvaram-se assim da ruína os Estados Unidos.

Se tanto gostam de imitar os yankees, por que não se mexe uma autoridade ou político capaz e de fibra para tomar uma providência dessa natureza no Brasil?

23.5.58

A VERDADE SOBRE O PROBLEMA FLORESTAL

A clareza dos conceitos expostos por tão autorizadas vozes como as dos cidadãos abaixo mencionados, apresentam uma ampla e lúcida visão do problema que assumiu aspectos alarmantes e cuja única solução seria o urgente Reflorestamento de todas as terras devastadas e abandonadas improdutivamente.

1º – O Presidente do Estado, dr. Júlio Prates de Castilhos, em 14.1.1898, justificando um Decreto sobre Terras Públicas, Colonização e Florestas do Rio Grande do Sul, escreveu: "No Rio Grande do Sul, como em

qualquer outro ponto do território da União, os governos não cuidaram nunca de atenuar as maléficas conseqüências da destruição das matas, nem cogitaram jamais de um conjunto de medidas regulamentares destinadas a harmonizar o imediato interesse da exploração delas com a conveniência permanente da respectiva conservação, mediante o replantio metodicamente efetuado. Dessa incúria, que vem de longe, resultou o tristonho aspecto que já oferecem vastas extensões das nossas fertilíssimas zonas florestais. Deplorem-se os descuidos do passado, mas acautelem-se solicitamente para o futuro, inestimáveis elementos que mui de perto correspondem à riqueza pública".

Nota – Se visse hoje, decorridos 60 anos, os míseros restolhos das nossas florestas.

2º – O dr. Ataliba de Figueiredo Paz, ex-secretário da Agricultura, em 7.10.23, quando ingressava na Cátedra da Escola de Agronomia e Veterinária, discursou: – "Era de esperar, ao menos, que ante as múltiplas utilidades e a perspectiva do desenvolvimento de tantas indústrias remuneradoras, inerentes à árvore, tivéssemos ao menos zelado pela incomensurável riqueza em florestas com que a natureza nos presenteou, reservando-nos para época mais oportuna explorá-las. No entanto, as belíssimas e gigantescas matas foram destruídas e devastadas, o que constitui hoje um dos problemas mais graves e vem assumindo as proporções de um verdadeiro cataclisma".

Nota – O que aconteceu durante os últimos 35 anos é de estarrecer; foi uma verdadeira loucura; foi obra de banditismo.

3º – O Padre Balduino Rambo, S.J., renomado cientista e naturalista, em 1941, escreveu no seu livro "Ensaio de Monografia Natural": "Não se pode acentuar bastante – O Mato rio-grandense está em Grave Perigo – E não são apenas as derrubadas da agricultura; é também a indústria madeireira que, mais tempo, menos tempo, despojará as selvas de madeira de lei do vale do Rio Uruguai de seus gigantes mais expressivos e acabará por transformar os soberbos pinhais em tristes fachinais. Levanta-se o problema do reflorestamento – Por que não promover a renovação das matas destruídas com madeira de lei? Crescem devagar, sim, mas o esforço frutificará tanto mais para as gerações do porvir. Conviria conservar duas regiões como Parques Florestais – Um trecho da selva virgem do Alto Uruguai; outro nos Aparados da Serra.

Nota – Em 1947 foi criado o Parque Florestal do Rio Turvo, divisando com o Rio Uruguai, mas deixado muitos anos sem guardas residentes, o que motivou o intrusamento e derrubada de árvores em grande escala. No ano passado foi criado o Parque Florestal de Taimbezinho, nos Aparados da Serra, medida sugerida em 1944 pelo ex-delegado florestal regional do R.G. Sul. Foram encontradas em plena atividade dentro da área desapropriada 6 serrarias, que já haviam derrubado a maioria dos pinhais. O governo sempre age tarde demais e descuida de proteger o que é seu.

Loja Independente de Teosofistas

4º – O ex-Ministro da Agricultura, dr. Munhoz da Rocha, declarou: "O crime da devastação florestal, sem dúvida, está ameaçando a própria civilização brasileira. Existe uma conspiração contra a árvore. A tradicional mentalidade predatória, herdada de nossos antepassados, nos transforma em algozes de nossos descendentes".

Nota – No entanto, um Ministro autorizou a venda das gigantescas árvores do Toldo Indígena do Guarita, para fins de "cobrir déficits administrativos" havidos naquele reservado do Serviço de Proteção aos Índios, deixando assim os bugres sem sombra e sem caça, porque o habitat dos animais silvestres foi aniquilado.

5º – O naturalista do Museu Nacional – dr. José Vidal – "O Brasil vai transformar-se num imenso deserto, pelo desmatamento indiscriminado que está se fazendo no país".

Nota – Este brado de alarme não encontra eco nas consciências dos responsáveis, tanto autoridades como madeireiros.

6º – O geólogo R. Maack fez este sombrio prognóstico – "O governo acordou tarde. Machados e queimadas estão acabando com as florestas do norte do Paraná, para plantar café e vender colônias de loteamento. Morrerá a Indústria Madeireira em poucos anos. Não se encontra mais uma mata ponderável. Reflorestamento não se faz".

Nota – Que paradoxo – Muitos milhões de sacos de café colhido à custa do sacrifício das florestas, foram queimados por falta de mercados. Agora estendem-se às plantações, quando as colheitas de outros países estão entrando forte em concorrência com o Café do Brasil. Em breve vai haver mais queimas. Portanto a destruição das matas foi inútil.

7º – O professor dr. Fleury Rocha, da Universidade do Brasil, fez veemente crítica ao que há muito tempo vem acontecendo no país, onde ninguém cuida da conservação do solo e das matas, nem se faz o reflorestamento.

Nota – São traços muito comuns do caráter de muitos brasileiros – Acomodar a consciência e não cuidar do futuro.

8º – O colunista dr. Pimentel Gomes – "O Brasil caminha para a desertização. Perigo à vista – escassez de água e energia elétrica, provocadas pela devastação florestal".

Nota – Os brasileiros sabem disto, mas avançam teimosamente o sinal vermelho no seu caminho. É o imediatismo desenfreado dos dias de hoje que os interessa.

9º – O professor Luís de Mello Filho – "As alternativas de secas prolongadas e enxurradas devastadoras são conseqüências de erros em matéria florestal e sua solução depende muito mais de reflorestamento do que de grandes obras de engenharia. Suécia, Noruega e Finlândia vivem, principalmente, de suas florestas".

Loja Independente de Teosofistas

Nota – Nós viveremos uma só vez das nossas florestas, porque nunca fomos previdentes como aqueles povos, que as replantam logo após a derrubada. Acabando-se as nossas, virá a decadência do Brasil.

10º – O Cel. PAIXÃO, Chefe da Inspetoria Florestal do Estado, em 14.3.56, declarou à imprensa – "Em 5 anos o Rio Grande do Sul não terá mais Reservas Florestais". – Afirmou mais que as 6 Reservas Florestais e de Refúgio de Animais Florestais criadas em 1947 e 1949 em Lagoa Vermelha e Tenente Portela, onde por lei é proibida qualquer atividade contra as matas e a caça, já foram intrusadas por cerca de 1.000 famílias de elementos que se internam nas florestas e estão destruindo as árvores a ferro e fogo posto criminosamente, para vendê-las às serrarias próximas, e que nas matas de terras públicas e privadas a derrubada se faz impiedosamente.

Nota – antes de 1953 houve grandes derrubadas furtivas de árvores das Reservas e terras públicas, possíveis pela falta de vigilância dos guardas florestais do Estado, cuja madeira, em forma de lenha, dormentes e vigas era vendida até aos compradores comissionados pela Viação Férrea, que assim adquiria a madeira furtada do próprio Estado, enquanto a venda de pinheiros mortos ou "chamuscados pelo fogo", posto pelos intrusos, a mando de interessados, eram vendidos às serrarias próximas. Ficou provado que o pinheiro, no incêndio florestal não morre tão facilmente, porque tem a casca muito grossa, mas junto com os chamuscados eram também derrubados quaisquer pinheiros verdes que interessavam aos engenhos. Descoberta a bandalheira, houve inquéritos, processos e demissões, mas as árvores haviam desaparecido para sempre. O próprio Estado fez dinheiro com a exploração florestal das árvores de valor econômico, reservadas nos lotes coloniais e vendidas, por preços irrisórios às Serrarias.

11º – O eng. agrônomo PAUL KOZDON – "A cobiça humana quer agarrar dinheiro, o mais que for possível e no menor prazo possível, sem qualquer respeito à economia florestal, criando "cemitérios da civilização" A custa das gerações futuras".

Nota – A coisa mais difícil do mundo é mudar a mentalidade destruidora do povo. . .

12º – O cientista francês dr. ANDRÉ AUBIEVILLE, do Serviço Florestal da França, contratado para fazer um levantamento das zonas devastadas do Brasil, declarou – "O Brasil será brevemente um deserto, se não livrar-se de um futuro sombrio, com uma política florestal eficiente."

Nota – Mas política florestal só com conversa e sem dinheiro não se faz. . .

13º – O dr. DAVID DE AZAMBUJA, Diretor do Serviço Florestal do Brasil, disse à imprensa – "O problema do Brasil é mais urgente do que o do Petróleo. Que é preciso plantar 100 milhões de árvores por ano, para atender o crescente consumo de produtos florestais da Nação e que isto custará 300

Loja Independente de Teosofistas

milhões de cruzeiros. Que temos apenas 50 especialistas florestais, enquanto a pequenina Alemanha tem mais de 5.000. Que o desmatamento é um mal quase irremediável por falta de repressão fiscal. Que na sua recente visita ao Vale do Uruguai ficou estarrecido ao ver a destruição da mata virgem daquela região".

Nota – A nosso ver o problema florestal é o número 1 do Brasil. Que precisamos plantar pelos menos 300 milhões de árvores por ano, custem o que custarem. Que se faça correr as impressoras do tesouro e que aumente a inflação, não importa. Antes queremos ser pobres do que doentes e passar fome no futuro. Que se criem escolas de couteiros no Brasil e que se aproveitem os silvicultores práticos. Repressão fiscal não há, porque a guarda florestal gratuita de 800 homens foi dissolvida em 1954 e agora não há verba para organizar outra nas mesmas proporções. As devastações do Vale do Uruguai já foram relatadas em 1942 ao Diretor do Serviço Florestal pelo então Delegado Florestal Regional do R. G. do Sul, não tendo sido tomada nenhuma providência para sustá-las.

14º – O engenheiro florestal alemão WOLFGANG HERZOG, conselheiro em assuntos florestais do Ministério da Agricultura do Brasil, declarou – "Nem 1/3% (uma para cada 300) das árvores derrubadas foram replantadas, o que já originou o esgotamento de fontes, secagem de rios e arroios e a baixa do nível da água subterrânea, diminuindo ou aniquilando a agricultura em vastas zonas".

Nota – A Alemanha devastada pela Guerra Mundial foi reflorestada em 10 anos e nós não somos capazes de manter o equilíbrio entre árvores exploradas e replantadas. Que vergonha... Foi preciso vir o Americano do Norte, com seu Ponto IV, para animar e ajudar no reflorestamento deste grande País "subdesenvolvido". Agora existe o perigo de ele notar que a anarquia das desmatações sem lei nem medida continua e que o reflorestamento está sendo pouco, o que poderá acarretar a anulação do acordo.

15º – O general JARBAS CAVALCANTE DE ARAGÃO, orador oficial da Campanha de Educação Florestal, disse em discurso – "Recuperar as florestas ou marchar para o deserto. Os rios, que são a nossa vida, estão secando e o solo se desfertiliza pelo fogo e pela erosão e em conseqüência virá a miséria e a morte. Desaparecendo a floresta, cessará a ação equilibradora do trinômio que a natureza impõe para a sua normalidade – FLORESTA, ÁGUA, SOLO".

Nota – Nem assim, com advertência tão lúgubre, a devastação se interrompe um só dia, nem sequer no Dia da Árvore.

16º – O dr. HORÁCIO PERES SAMPAIO DE MATOS, eng. silvicultor do Ministério da Agricultura escreveu – "É lamentável a inexistência no Brasil de uma organização educacional capaz de preparar e infundir a mentalidade florestal, sobretudo nas regiões rurais".

Loja Independente de Teosofistas

Nota – Existe uma – a UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA, de São Leopoldo, – que está fazendo a educação florestal no Rio Grande do Sul. Mas possui recursos muito limitados e não recebe subvenções oficiais para estender sua ação, como seria desejável. Quanto à propaganda educativa do Governo lemos com surpresa que a Campanha de Educação Florestal padece de falta de recursos financeiros. Agora compreendemos este silêncio em torno do assunto. Pelo que se vê, os cartazes, que já eram poucos, agora não mais serão distribuídos. Resta-nos a esperança de as Cias. de Gás combustível fazerem novamente uma propaganda tão sugestiva sobre proteção às matas, como por ocasião da Festa da Árvore, em 1957, cujos cartazes, artísticos e de muito bom gosto, foram muito admirados e procurados pelas escolas.

17º – O deputado carioca JOÃO MACHADO declarou – "Caso não ponhamos cobro à insensatez das explorações florestais e à maneira de fazermos agricultura de queimadas, corremos o perigo de solapar nossa economia, afetando até a nossa sobrevivência física e social".

Nota – Todos conhecem o perigo, mas não se faz um esforço sério para que não se agrave. Para eliminá-lo pelo reflorestamento todos têm preguiça. Todas as primaveras o céu se cobre de espessa bruma proveniente de miles de queimadas que se fazem pelo Brasil afora e de noite pode-se observar nas encostas dos morros o clarão dos braseiros das fogueiras que devoraram a fertilidade das roças. Que grande ignorante é o agricultor que estraga assim sua própria terra, que representa o seu capital mais precioso.

18º – O dr. CUNHA BAYMA, do Serviço Florestal do Brasil – "Não basta a reforma do Código Florestal. É preciso criar o Fundo Florestal e adotar medidas a longo prazo para evitar a devastação das florestas e executar o reflorestamento".

Nota – De fato, a experiência comprovou que não basta a Lei. Não havendo o espírito que a vivifica, que a torne exeqüível e respeitada, o direito não passa de um cadáver, segundo um grande jurista alemão do passado.

Até hoje, no Brasil, já foram baixados 25 Decretos sobre proteção florestal, ficando todos muito bonitos no papel, mas sem execução, porque o texto regulamentar, publicado quase sempre somente no Diário Oficial, nunca teve a devida divulgação, nem poderia ter chegado ao conhecimento da população rural da colônia, campanha e sertão, por ser esta ainda em grande parte analfabeta. Nem compreende o que significam erosão, curvas de nível, etc.

É como se fosse lançada uma pedra num calmo lago – as ondas circulares que se formam, quanto mais se afastam do centro, mais fracas se fazem, desaparecendo antes de alcançarem as margens.

A reforma do Código Florestal, iniciada em 1947, dorme mansamente nas gavetas dos relatores, enquanto lá fora, nas matas, nunca parou o bater

Loja Independente de Teosofistas

dos machados, o zunir das serras mecânicas, o roncar dos tratores, e de vez em quando ouve-se o fragor da queda de um gigante secular, acompanhado dos gritos vitoriosos dos rudes cortadores.

19º – O dr AGENOR COUTO DE MAGALHÃES, o grande pioneiro, sertanejo e escritor paulista, fundador da Sociedade Geográfica Brasileira, disse – "A terra, quando é destruída, como na velha Babilônia, a sua população é pobre, é miserável. Quando se protege a terra, de onde promanam todos os bens que usufruímos, a população é rica e feliz".

Nota – Como deve sofrer este incansável batalhador da proteção à natureza, ao presenciar nas suas viagens o desaparecimento do nosso patrimônio florestal e faunístico, contra o que clama há decênios, inutilmente.

20º O Chefe da 5ª Inspetoria Florestal vem de fazer a seguinte advertência – "Os desastres políticos, sociais e econômicos já verificados pelo desprezo à conservação das florestas, especialmente na África, constitui gravíssima advertência, em cujo espelho devemos nos mirar, porque, inconscientes, estamos, não há a menor dúvida, alimentando apenas uma civilização suicida".

21º – JOSÉ VERÍSSIMO NORONHA, Presidente do Sindicato do Comércio Atacadista da Madeira em Porto Alegre, declarou à imprensa – "Sem interesse econômico imediato não pode haver reflorestamento".

Nota – Isto quer dizer então que não pode haver mesmo reflorestamento, porque plantar árvores não é plantar legumes ou cereais, que podem ser colhidos depois de poucos meses. Interesse econômico imediato só oferece a derrubada de pinheiros, que a Natureza fez crescer gratuitamente, como está fazendo a Indústria Madeireira, que de seus lucros nada quer inverter no reflorestamento. É interessante, o mesmo mandou distribuir aos Associados a Circular nº 171, que traz, sob o título "BOSQUES PARA SEMPRE", o que fazem os Neo-Zelandeses em sentido de reflorestamento, para evitar a bancarrota madeireira, investindo enormes capitais para colher lucros depois de decênios.

22º – LYNN SMITH, catedrático da Universidade de Louisiana, U.S.A., escreveu – "As queimadas de florestas, cuja extensão por todo o território nacional foi uma das coisas mais impressionantes que vi no Brasil, levam-me a acreditar que sem a abolição de tão nefasta prática, a população brasileira se verá reduzida ao estado em que se encontram a Índia e a China".

23º – O dr. JOÃO CARUSO, Deputado Estadual, aconselhou – "Para impedir, ao menos para minorar o desastre, a solução seria esta: a rigorosa limitação da derrubada e do consumo interno e a proibição da exportação da madeira para o estrangeiro. E o intenso reflorestamento".

Nota – Contrariando este conselho, o Instituto Nacional do Pinheiro continua procurando novos mercados para a madeira de pinho, fazendo um

Loja Independente de Teosofistas

reflorestamento ridiculamente insignificante, provocando assim o colapso da indústria madeireira.

O projeto do Deputado Federal dr. Daniel Dipp, de abolir gradativamente a exportação da madeira em 5 anos, foi bombardeado, em vista do oferecimento dos madeireiros de contribuírem com uma taxa mais elevada, cuja finalidade seria a instalação de indústrias básicas de aproveitamento total da árvore e também para aumentar o reflorestamento oficial. Todos podem imaginar o que isto significa.

24º – MONTEIRO LOBATO, no seu livro "URUPÊS", qualifica o "homo sapiens" como "PIOLHO DA TERRA", causador do mal que chama de "pelada", porque a sua ação devastadora das florestas o fazem um criador de desertos.

Nota – Nós costumamos chamar de "VAMPIRO DA TERRA" o indivíduo que explora a mata destrutivamente, porque suga a seiva da terra até deixá-la morta.

25º – O engenheiro WANDERBILT DUARTE DE BARROS publicou um livro sobre "O Drama da Devastação Florestal", no qual demonstra com dados alarmantes, que nos encontramos em marcha batida para o momento em que a civilização brasileira perecerá no deserto, se deixarmos para depois o assunto do reflorestamento".

Nota – Isto não é exagero, nem alarmismo. É uma conclusão fria, científica, matemática.

26º – EUCLIDES DA CUNHA, em "OS SERTÕES", que sempre devem ser evocados, como advertência luminosa e genial, tracejaram em páginas indeléveis a dramaticidade do Nordeste depauperado pela ação satânica dos "fazedores de desertos".

27º – O dr. ALDO CIPOLATO, o grande protetor das árvores, diz – "O nosso pinheiro agoniza. Abatemos as matas naturais sem incomodar-nos com o replantio. Quanta falta de senso! Que crimes! Onde andará o amor pátrio? O único interesse é fazer dinheiro com o que nos deu a natureza prodigamente."

28º – De um Editorial do Correio do Povo sob o título "POESIA E POLÍCIA" – "A dolorosa verdade é essa, digamo-lo sem rebuços: O brasileiro não ama a árvore. Estupidamente não sabe o que ela representa de substancial e amável para a existência do homem. Derruba-a e não a replanta. Com uma inconsciência de doer, com uma despreocupação que raia pela imbecilidade, prepara ou deixa que preparem os desertos do futuro."

Nota – Em vez de poesia, o articulista recomenda a efetiva e concreta aplicação do poder de polícia aos "gangsters" da derrubada de matas, o que consideramos como única medida acertada para conseguir algo.

Loja Independente de Teosofistas

Poderíamos continuar indefinidamente transcrevendo opiniões de pessoas categorizadas. Raro é o dia em que não se lê nos jornais e revistas protestos contra as devastações abusivas.

As classes cultas e dirigentes já conhecem perfeitamente a questão. A opinião pública está acordando, está começando a orientar-se. Está se formando uma consciência popular sobre o papel da floresta. Somente o elemento rural é difícil de convencer, embora seja o mais diretamente atingido, e tenha sempre a vista os nefastos resultados da imprevidência.

Mas em alguns gabinetes administrativos e nos plenários políticos o assunto parece não obter muita ressonância.

Pelo que temos presenciado, parece que o próprio Poder Público não se interessa muito pela solução do problema florestal, ou que não lhe convém mexer no assunto,

— porque as irrisórias verbas liberadas para um serviço de tal importância, apenas dão para manter os serviços burocráticos, pouco sobrando para o cultivo de mudas, preparo de terras, plantio e fiscalização.

— porque nem sequer ainda foi mandado classificar as florestas brasileiras, não se sabendo ainda quais as protetoras, de conservação perene.

— porque nenhum Governo obrigou a Viação Férrea do R. G. S. a manter em cultivo as florestas indispensáveis ao seu consumo, nem mandou colocar aparelhos cata-fagulhas nas chaminés das locomotivas, para evitar incêndios rurais, como exige o Código Florestal.

— porque nunca foram liberadas as verbas necessárias para executar o plano de plantio de 30 milhões de eucaliptus, elaborado pela Viação Férrea em 1935.

— porque, quando o Serviço Florestal exigiu o reflorestamento das derrubadas efetuadas pelos fornecedores de produtos florestais à Viação Férrea, o Governo atendeu o memorial dos compradores de madeira, comissionados, que alegavam que a medida havia assustado os donos dos matos e que viria prejudicar o fornecimento regular de lenha e dormentes. Assim, para não paralisar os trens, imensas áreas devastadas ficaram sem reflorestamento.

— porque não impediu a exportação de madeira, permitindo que o Instituto Nacional do Pinho a fomentasse por todos os meios.

— porque deixou intrusar as Reservas e não deteve o corte e roubo das árvores nas mesmas e nas terras públicas.

— porque vendeu as árvores de valor dos lotes coloniais concedidos e também "pinheiros chamuscados" por bagatelas.

— porque não impediu o contrabando de madeiras pelos rios Uruguai e Paraná.

— porque dispensava reflorestamentos "por não terem os devastadores recebido orientação técnica, nem auxílio financeiro do Governo".

Loja Independente de Teosofistas

– porque deixou de contratar, mediante concorrência pública, com silvicultores práticos, o plantio de mudas, como fazem os particulares com todos os seus riscos por conta do plantador, recebendo as árvores já crescidas, depois de determinado prazo, por preço talvez 10 ou mais vezes menor do que custa o reflorestamento oficial. Exemplo: Em Canela, a área de reflorestamento do I. N. P. está separado do da Madeireira Agrícola por uma estrada. O primeiro custou alguns milhões; o segundo não custou nada, pois foi pago pelas colheitas de milho e venda de pinheirinhos de Natal.

– porque não mandou executar os compromissos de reflorestamento assinados antes de 1955, em número superior a 2.000, somente de pinheiros, totalizando vários milhões de árvores e mais de 10.000 compromissos de reflorestar áreas de mato branco para lenha, existentes nas Delegacias Florestais, do Rio G. do Sul por ocasião de sua extinção.

Para encobrir a desídia e moleza, os erros sobre erros cometidos no decorrer dos últimos 20 anos, o povo ouvia as seguintes desculpas – Estado de Guerra – Período do Gasogênio – Necessidade de Divisas – Batalha da Produção – Desenvolvimento Econômico – Efervescência Política – Mudanças de Ministros, Diretores e Chefes, (sempre com outros planos, derrubando o que estava feito) – Planejamentos Fantásticos inexequíveis – Falta de Verbas, a eterna excusa pelo "nada feito" – Falta de Técnicos conhecedores do "metier" – (Conhecemos vários, um até concurso de especialização de silvicultura de defesa, que estão nos serviços burocráticos, em vez de administrar o reflorestamento) – Falta de Sementes (até de pinhão, impossível de se acreditar) e de mudas florestais – Insucesso nas Plantações, (supostamente destruídas pelo fogo, secas, porcos, ratos, lebres, formigas, insetos, etc., mas na realidade relaxadas propositalmente).

A imprevidência perigosa do passado parece que está sendo superada pela atual, pelo simples fato de correr tudo no mesmo, agora, quando o nosso capital natural, o nosso patrimônio mais precioso, nosso fundo de reserva, já foi esbanjado quase totalmente.

Tanta terra inculta a espera de reflorestamento, tantas fortunas imensas em dinheiro, que se perderão na inflação.

Não haverá um espírito clarividente neste Brasil, capaz de conjugar os interesses dos donos das terras com os dos donos do dinheiro, para se conseguir o repovoamento da nossa Pátria de grandes e verdejantes florestas, como eram as do passado?

UM PEDIDO – Aos que pensam com mais interesse em outros problemas, têm preocupações diferentes, não dispõem de tempo, não vêem gravidade no problema florestal, peço um momento de atenção, de meditação e lhes digo com sinceridade: "Não façam o papel de cegos, comodistas ou resignados".

Loja Independente de Teosofistas

Lembrem-se – As florestas são do interesse comum do povo (art. 1º do Código Florestal).

O leitor também sofrerá com o seu desaparecimento, direta ou indiretamente (Encarecimento da madeira e dos mantimentos, clima irregular, enchentes, secas, falta d'água, epidemias, etc.).

Venha para o "front" lutar contra a loucura da destruição!

Plante pelo menos algumas árvores por ano. Se não tiver terra, plante-as na terra do vizinho ou dum amigo.

Talvez não lhe apraz enfrentar pessoalmente os devastadores?

Filie-se então à União Protetora da Natureza, entidade particular, centro de irradiação de propaganda educativa sobre assuntos rurais, que vem também exercendo rigorosa fiscalização por intermédio de alguns de seus sócios mais entusiasmados, remanescentes da extinta guarda gratuita do Serviço Florestal, usam das atribuições conferidas a qualquer pessoa do povo, pelo Artigo 69 do Código Florestal, opondo-se suasoriamente à prática de atos que importam infrações florestais, e levando-os ao conhecimento da autoridade competente, por intermédio da Diretoria, para processamento.

Com esta colaboração voluntariamente prestada ao Poder Público à União Protetora da Natureza consegue, pelo menos, reprimir em parte as debastações nas margens dos rios, ao redor das fontes e nas encostas dos morros de grande declive.

Se os poderes públicos viessem reconhecê-la de Utilidade Pública e se a auxiliassem com recursos financeiros, sem impor-lhes restrições, a Sociedade poderia desenvolver suas atividades e cooperar mais eficientemente com os órgãos oficiais.

CARO LEITOR – Tenha reverência e piedade das árvores e animais silvestres. Consulte seu coração, que lhe dirá que deve auxiliar na sua proteção. Prontifique-se a colaborar desde hoje mesmo.

A recompensa divina pelo que fizer pelos indefesos, não tardará.

Se realmente estiver impedido, faça pelo menos uma prece pela natureza moribunda, pedindo que o Onipotente misericordioso modifique a mentalidade depredadora do nosso povo, salvando-o do inferno certo que cobrirá a terra.

A União Protetora da Natureza oferece gratuitamente material de propaganda e fórmulas impressas para preencher com denúncias, a quem indicar seu endereço.

15.8.58

Loja Independente de Teosofistas

ÁRVORES DESVITALIZADAS

Trabalhando no sentido do velho adágio sulino: "A mutuca tira boi do mato", vamos revelar à opinião pública as escabrosas negociatas de madeiras extraídas das Reservas Florestais e Toldos Indígenas, onde a devastação vai de cepo aparado.

A Lei Florestal Federal considera essas terras do patrimônio público como Parques Florestais, cujas matas são declaradas protetoras, de conservação perene, podendo delas somente ser aproveitada a madeira morta (árvores secas) com licença da autoridade e mediante obrigação de replantio imediato de vegetal da mesma espécie.

Exploradores "bem vivos" que andam por aí, rondando cobiçosos essas matas, inventaram os termos "DESVITALIZADO" e "TOSTADO PELO FOGO", para iludirem as autoridades inexperientes, encarregadas da guarda de tais áreas protegidas, propondo a compra de tais árvores a troco de banana, convencendo-as serem de pouco valor, visando unicamente a livre entrada na mataria, para depois poderem cortar à vontade as melhores árvores verdes, o que era tarefa facílima em virtude da inexistência de qualquer fiscalização.

São notoriamente conhecidas as intuições velhacas dos compradores de árvores secas. Quem seria capaz de inverter capitais em negócio dessa ordem, antevendo prejuízos com a industrialização, a longo prazo, de árvores mortas, sabendo-se que a madeira caruncha e apodrece no mato úmido em pouco tempo?

É sabido que numa floresta natural, poucos troncos, talvez 1% das que ali alcançam grande porte, morrem em pé, de velhice ou pela ação do fogo, raios, ventos ou corroídos pelos insetos, e quando são encontrados, já estão ardidos ou podres

A extração de árvores mortas de dentro duma mataria cerrada é um trabalho penoso, que não recompensa, porque para cada uma seria preciso abrir uma picada especial.

Para conseguirem a desvitalização em massa, a fim de que sempre houvesse madeira "legalmente" à venda, os industriais bem inteligentes, com o beneplácito ou até conivência de homens da política, autoridades, institutos, advogados e fiscais "frios", ou desonestos de algum interesse nesses negócios fraudulentos, promoviam o intrusamento das Reservas e Toldos e os ocupantes clandestinos das terras provocavam incêndios "por ordem", para bem de haver sempre árvores desvitalizadas e chamuscadas pelo fogo, com cujo produto sustentavam suas famílias e enriqueciam madeireiros sem escrúpulos.

O índio recebia uma garrafa de cachaça, para atirar uma tocha acesa dentro do taquaral da mata, porque era preciso que nunca faltassem troncos queimados.

Loja Independente de Teosofistas

Outro expediente muito usado é o de produzir árvores desvitalizadas pelo descasque do tronco em toda circunferência, no pé, para impedir a subida de seiva ou então as árvores de maior valor visadas, eram perfuradas com pua grossa e nos orifícios era colocada ácido sulfúrico, para que as copas murchassem pela ação do veneno.

O fogo posto, de passagem rápida pelo sub-bosque, geralmente queima as árvores novinhas e limpa o bamburral, sem matar as grandes árvores de casca grossa, a qual nos pinheiros adultos chega até 10cm de grossura e raras vezes sofre com o fogo passageiro.

Mas disto não querem saber nem vendedores nem compradores. Depois do incêndio começava a bandalheira grossa: Marcavam milhares de árvores que tivessem qualquer manchinha preta, como "desvitalizadas", embora continuassem de copas verdes, brotação nova e cheias de seiva e vida.

Nunca o roubo de madeiras floriu mais rendoso no Rio Grande do Sul.

Chegaram a montar serrarias dentro das Reservas e Toldos ou alugavam as do Governo, que ali foram instalados em má hora e com más intenções, para serrar a madeira seca.

Quando chegávamos às Serrarias, só encontrávamos nos estaleiros verdadeiros cemitérios de troncos bem verdes. Mais tarde não mais nos permitiam as entradas nas áreas sob a ação dos piratas, porque temiam as nossas denúncias sobre a verdade, que remetíamos ao Ministério da Agricultura e fazíamos ao Serviço Florestal do Estado.

Ativos e passivos grileiros forjavam contratos de compra e venda, eivados de vícios jurídicos e morais, que constituíam verdadeiros atentados à moralidade pública. P. Ex. o contrato lavrado entre o Serviço de Proteção aos Índios e um felizardo protegido em 1941, com a cláusula "PARA O BEM DOS INDÍGENAS", concedia a "derrubada" de no mínimo 2.000 pinheiros "secos", autorizado, de acordo com a Lei Florestal, pelo Serviço Federal. O assalto foi feito contra o pinheiral do Toldo do NONOAI, sendo cada pinheiro com um diâmetro mínimo de 60cm, com pelo menos tora aproveitável (a média de pinheiro desse porte é de 4 toras, com a produção de pelo menos 6 dúzias de tábuas, atualmente no valor de Cr$ 6.000,00 a dúzia), e sendo o pinheiro de bitola inferior de 60cm se contariam 2 árvores por uma. O preço do pinheiro, pasmem os leitores, foi estabelecido em 15$000 (quinze mil réis) preço pago em troca de construções pelo comprador. Depois de cometida a chantagem, ficamos sabendo que o Serviço Florestal havia concedida a licença para madeira seca e, ao contrário, foi cortada madeira verde.

10.11.61

Loja Independente de Teosofistas

PINHEIROS DESVITALIZADOS

Em 1946, o SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS solicitou ao SERVIÇO FLORESTAL permissão para cortar 9.000 árvores mortas, cedros e pinheiros no Toldo de Nonoai, no prazo de 10 anos, a qual foi concedida, embora sendo do conhecimento da Diretoria do Serviço Florestal, por denúncia nossa, que inexistia tanta madeira morta e que os interessados visavam unicamente cortar madeira verde, bem sã. O caso escandaloso foi também denunciado em 1947, quando já estavam tombando as melhores árvores vivas daquele imenso patrimônio florestal de propriedade dos índios, pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul ao Presidente da República, mas o "rigoroso inquérito" procedido não deu em nada, como sempre.

A Comissão de Tomada de Contas negou o registro de 3 contratos, declarando que esses documentos não passavam de marcante favoritismo e assim continua no seu parecer: "Ficamos estarrecidos da audácia e desenvoltura com que esses tutores do Patrimônio dos Índios, de cuja autoria são tão ciosos, dirigem os negócios de seus pobres pupilos. Em todos esses contratos estabelece-se um preço X, para pinheiros – Cr$ 136, 152,00, 161,20 e para cedros Cr$ 95,00 e 152,00 (certamente conforme o grau de simpatia que os proponentes mereciam). Em todos esses a grossura das árvores é igual, 50cm de diâmetro para pinheiros e 65cm para cedros, para cima no pé. E, as árvores de diâmetro menor serão computadas à razão de "duas árvores valendo por uma". Aí é que está o furo desse excuso negócio da China, pois pelo preço de uma árvore podiam abater duas, caso tivessem 1 ou alguns centímetros menos. Vejam que absurdo, que bandalheira: vender 2 cedros de 60cm de diâmetro por Cr$ 95,00.

No Toldo do GUARITA foram vendidas, por ordem do Ministro, que passou por cima da Lei e do Serviço Florestal, todas as árvores existentes a um felizardo serrador, para saldar "déficits" feitos pela Administração daquele Toldo.

Em 1949 também foi vendido o pinhal do Toldo Indígena do RIO LIGEIRO pelo preço de Cr$ 100.000,00. Consta que os compradores ficaram multimilionários.

No mesmo ano já estava funcionando uma grande serraria no Toldo de CACIQUE DOBLE, o qual teve suas ricas matas completamente arrasadas.

Avulta ainda o espírito de audácia e esbanjamento de um patrimônio sagrado dos mais pobres, dos miseráveis mas legítimos proprietários daquela imensa riqueza florestal, o fato de pertencerem as terras dos Toldos Indígenas ao Estado e que ao Serviço de Proteção aos Índios, do Ministério da Agricultura, cabe apenas promover a assistência social dos bugres.

Loja Independente de Teosofistas

Para que os leitores possam ter uma idéia da maneira como é feita essa assistência, vamos transcrever o depoimento de um cacique, quando veio a pé para Porto Alegre, com sua família, para se queixar ao Governador.

"Declaro que venho a pé do município de Passo Fundo, com um companheiro e quatro mulheres, para reclamar perante o sr. Governador do Estado contra a atitude do zelador do Toldo, fulano, que vende os nossos pinheiros, arrenda as nossas terras, faz parceria de plantações com estranhos e nos obriga a trabalhar de sol a sol, nos judia de toda forma, dando-nos planchaços de espada e batendo-nos de chicote, raspando-nos o cabelo como castigo, não nos dá comida e todo o rendimento das nossas matas e terras são em puro proveito dele. Ultimamente mandou cortar 30 pinheiros grossos, verdes, vendendo a madeira, que é puxada de caminhão para fora do Toldo, nada nós recebendo em troca de um patrimônio que é nosso e que está sendo roubado sob as vistas das autoridades por um funcionário que está escalado para nos proteger, mas que nos explora vergonhosamente, até o extremo".

Para revelar tudo que aconteceu nos Toldos Indígenas e o resultado da proteção idealizada pelo grande Marechal RONDON, feita justamente às avessas, nos falta espaço. Basta dizer que os bugres continuam na maior escravatura dos brancos, que lhes roubaram as florestas, aniquilaram a caça e pesca, deixando-os sem pinhões e sem sombra e sem carne, se apropriaram de suas pastagens e culturas, os obrigou a trabalhos forçados, inclusive as mulheres e crianças, os seviciam e violam suas mulheres e ao final, os tocam para fora, o que obriga os maltrapilhos, macilentos e doentes "beneficiados" pela civilização, como sejam, pela tuberculose, sífilis e álcool, a perambular pelas estradas, como legítimos párias, tristes quadros que todos já viram. Agora vão tocar para fora o resto que ainda permanece entocado nas suas míseras choupanas, para lotear a terra para "agricultores" votantes.

Assim é a Justiça para os fracos e humildes, quando se trata de dinheiro e política.

E ninguém pode fazer nada contra essas barbaridades, porque o órgão competente é o SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS, absolutamente soberano.

Como denunciante das mais incríveis negociatas, peculatos e roubos, recebemos sempre coices dos poderosos, com o seu ódio, desprezo e perseguição, como se pode ler a seguir, numa informação daquele órgão federal:

"O Serviço de Proteção aos Índios não tem tutores em qualquer Estado da Federação e não está sujeito às pretensas devassas de curiosos, recalcados ou prejudicados em seus negócios particulares. É rotina administrativa da própria Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul vender as madeiras de lei e os pinheiros de todas as suas reservas florestais, inclusive as de Nonoai e permitiu que se transformasse a área devastada em organização agrícola mecani-

Loja Independente de Teosofistas

zada, da qual foram expulsos os índios, tendo na Empresa participado um alto funcionário da Inspetoria Florestal do Estado".

No curso desse jogo de empurra, as árvores iam caindo e levadas sem cessar para as serrarias. Inquéritos pareciam simulações, porque havia muita gente grandola na canoa.

E o reflorestamento das "árvores secas", supostamente, aquelas "desvitalizadas" abatidas aos milhares nos Postos Indígenas e das verdes, principalmente abatidas porque davam maior lucro, em que pé está?

Nem se fala nesse assunto incômodo para os madeireiros, que apenas assinaram compromissos de reflorestamento proforma, para poderem penetrar nos pinhais.

Na própria mata se encontram vilões.

Os industrialistas da madeira têm fugido ao cumprimento da lei, escudados em opiniões afrontosas à finalidade visada pelo Serviço Florestal, que é justamente o replantio das árvores abatidas, como esta de um agrônomo silvicultor do Ministério da Agricultura, que veio ao Rio Grande do Sul, mandado averiguar os casos de denúncia sobre as irregularidades ocorridas e que aproveitou em advogar a isenção de reflorestamento de uma firma privilegiada com um contrato de derrubada da floresta de Nonoai, que bem demonstra a mentalidade de certos altos funcionários de gabinete.

Consta de seu longo parecer favorável à devastação:

"Que não foi efetuado o reflorestamento da região, apesar de absolutamente necessário, à falta de elementos que o possibilitassem, uma vez que o Governo não o promoveu e afirma tal, pelo pequeno período da vigência de seu contrato e falta de orientação não pode iniciá-lo.

"Que, ao nosso ver, o reflorestamento de pinheirais cabe mais propriamente ao Instituto Nacional do Pinho que ao Serviço Florestal, por se tratar de órgão autônomo e especializado, com seção de reflorestamento."

Aconselha ainda a continuação da exploração imediata e metódica, por constituir uma grande fonte de renda para o patrimônio indígena e não afetará a reserva florestal existente, para o que seria conveniente instalar outras serrarias e que não cabe nenhuma penalidade das partes, por que agiram dentro dos preceitos legais.

Assim falou quem devia por todos os meios recomendar a proteção de florestas intangíveis, de conservação perene e exigir o reflorestamento com medidas de máximo rigor por aqueles que com as derrubadas conseguiram lucros fantásticos.

Quando o Doutor voltou do seu esplêndido passeio, disse ao cronista, acintosamente: "As árvores não estão aí para serem adoradas, como você quer. É preciso que sejam transformadas em dinheiro".

Bonito serviço. O homem certamente não viu nos Toldos o que nós e todos que pelas estradas vicinais delas transitaram, observaram, nem esteve,

Loja Independente de Teosofistas

dentro da floresta de Nonoai, como declarou, porque senão não podia escrever tanto absurdo, digno de funcionário de gabinete, que não tem noção da realidade, nem do seu dever.

Depois nos proibiram a entrada, para não mais poder observar e denunciar as irregularidades, o que, porém, nunca deixamos de fazer.

Na Argentina, as Reservas Florestais estão cercadas com fortes cercas de alambrado de farpas e cuidadas pela Gendarmerie, que não permite a entrada de ninguém. Não se derruba uma árvore, não se retira um braçado de lenha seca; tudo é conservado no estado natural primitivo. A fauna se mantém em estado selvagem verdadeiro, ninguém se arriscaria pescar ou caçar ali, naquele patrimônio sagrado. Nos campos plantam pinheiros em grande escala, com pinhões nossos. Gente previdente e sem preguiça. Terão matas de incalculável valor, quando nossas estiverem liquidadas e talvez nos fornecerão madeira a preços fantásticos em troca da que agora lhes estamos vendendo por uma bagatela. Meu Deus, como é atrasado o nosso povo e relaxado nosso Governo, que deixa correr tudo a revelia e permite a maior anarquia no setor florestal, mantendo um Instituto, o da Madeira (ex-pinho) que em vez de trancar a exportação, se esfalfa em procurar novos mercados para colocar nossa última produção, louco atrás do dinheiro, sem pensar nos dias negros que virão no futuro, quando faltarão até tábuas para os galpões e ranchos. De reflorestamento não cuida, deixando-o para o Caxinguelé. O preço atual de uma tábua de pinho já estão vendendo por Cr$ 500,00. Os pinheiros nativos novos, de pouca grossura estão cortando para fabricar papel, impedido assim que os pinheirais se regenerem naturalmente. E existe um Serviço Florestal, tanto Federal como Estadual, que nem se preocupa com este esbanjamento do nosso mais rico recurso natural.

O que aconteceu com as reservas florestais do Estado do Rio Grande do Sul

Em 11.3.47 foi criada pelo Decreto 2312 a Reserva Florestal do RIO TURVO, no distrito de Tenente Portela, município de Três Passos, com a área de 17.637 hectares.

Em 10.3.49 foi declaradas Reservas Florestais as seguintes áreas de terras de matas:

10.000 hectares na Seção BARRACÃO, município de Lagoa Vermelha.

2.450 hectares no Polígono ESPIGÃO ALTO, município de Lagoa Vermelha.

1.000 hectares na FAZENDA QUATRO IRMÃOS, município de Erechim.

Loja Independente de Teosofistas

19.998 hectares em NONOAI, município de Sarandi.

6.624 hectares em SERRINHA, município de Sarandi.

Essas Reservas foram declaradas inalienáveis sob qualquer título, não podendo ser arrendadas, nem sobre elas se constituirão quaisquer ônus, não sendo, finalmente, nelas permitido o estabelecimento particular de qualquer exploração agrícola ou industrial, nem exercido a caça e a pesca.

TUDO MUITO BEM – no papel. Alguém respeitou essas Leis? De que servem as Leis, quando não há consciência nem respeito?

E, se não são destacados guardas idôneos para defender as terras públicas ou se nomeiam afilhados políticos para cuidá-las, o que é tanto como encarregar BODES COMO JARDINEIROS? Se elas nem sequer foram cercadas, deixadas simplesmente à mercê dos ladrões.

Só ignorantes, desconhecedores do jogo, poderiam acreditar que seriam respeitadas as áreas abandonadas, desguarnecidas, naqueles ermos.

Foram intrusadas rapidamente, porque as terras devolutas já são escassas no Rio Grande do Sul.

Os intrusos derrubavam as árvores e as vendiam às Serrarias, que ali perto ou até dentro das áreas protegidas se estabeleciam e a própria administração começou a compartilhar da devastação, vendendo as célebres árvores "desvitalizadas" chamuscadas pelo fogo ou "tombadas", sem que nos contratos constasse a maneira do tombamento, que geralmente era produzido pelos machados. O reflorestamento não era exigido.

Quando as Chefias do Serviço Floresta Estadual se davam conta, através de denúncias, das barbaridades que ocorriam nas Reservas Florestais, abriam inquéritos, sempre rigorosos, e mandavam "tocar para fora" os intrusos devastadores.

Imediatamente, a Imprensa, a Assembléia Legislativa e todos "os homens de corações bem formados" se bandeavam para o lado dos "pobres agricultores sem terra".

O Governo, diante dessas ofensivas políticas e interesseiras de aproveitadores, recuava, os inquéritos foram arquivados e se alguma vez foram levados ao fim, tiveram como resultado a repreensão e, em casos graves, a suspensão por alguns dias dos funcionários desonestos envolvidos.

Sempre houve o interesse por parte de candidatos das regiões florestais, de aproveitar essas terras devastadas, para loteá-las e vendê-las barato ou dá-las aos ocupantes correligionários, a título de prêmio por votos.

Esses planos ultimamente estão ressurgindo com viço e os projetos-de-lei estão sendo discutidos na Assembléia, porque ainda há alguns Deputados que sobrepõem os interesses do povo acima dos seus pessoais de possível reeleição, felizmente.

O mais triste nesta história é o fato de ser uma grande área visada de propriedade dos bugres, que serão aglomerados em minúsculo terreno ao

Loja Independente de Teosofistas

redor do Posto, porque a mentalidade formada dos loteadores é esta: O índio é cachaceiro e preguiçoso, um peso morto para a sociedade, e assim não precisa de terras, a não ser um pedacinho de 1x2 metros, para ser enterrado, o que não vai demorar, porque a raça não tem mais força de sobrevivência.

As reservas florestais do Rio Grande do Sul são uma fantasia. Não existem.

Como agiam os ladrões de madeira?

Numa fiscalização noturna em Três Passos encontramos vários caminhões-reboque carregados de madeira de lei, que estava sendo puxada para Ijuí, cortada numa reserva florestal. Vinham por uma estrada ruim, porque na rodovia morava um guarda florestal "duro", o que quer dizer honesto. A madeira apreendida, depois foi devolvida, de acordo com o despacho incompreensível, num processo ridículo.

Geralmente não são abertos inquéritos, a não ser que sejam casos gravíssimos, porque as despesas das Comissões de Inquéritos são enormes e não recompensam o prejuízo havido e o valor da madeira nunca foi reavido dos desonestos.

Em várias ocasiões descobrimos que "madeireiros clandestinos", os tais considerados "pé rachados", ambulantes, extraviam madeiras duras das Terras Devolutas e Reservas do Estado para falquejá-las e vendê-las como vigas para construção de vagões e dormentes para a Viação Férrea, a qual as recebia por intermédio de seus compradores de madeira e lenha credenciados.

Casos curiosos estes. O próprio Estado receptava o roubo feito no seu patrimônio florestal. Quando denunciávamos os fatos, os compradores representavam ao Governador, alegando que a nossa fiscalização prejudicava à Administração da Estrada, que assim se via na contingência de paralisar os trens e então recebíamos "convite de parar um pouco", e o negócio ilícito florescia às mil maravilhas, pois chegaram a derrubar um capão de grapiapunha, reservado pelo Diretor de Terras para construir uma ponte. Quando procuraram as árvores, não mais as encontraram. Os larápios foram mais ligeiros do que o próprio dono, que era o Estado.

No decurso de uma fiscalização encontramos na Reserva do Turvo, no Porto Garcia e na boca do arroio Calixto, 400 grossas toras de cedro, louro e timbaúva, que haviam sido "colhidas" por um esperto, dentro da mataria intangível. Localizamos os cepos e ramagem abandonada. O guarda da Reserva morava em Tenente Portela, 32 quilômetros distante. Denunciamos o caso, indicando o nome do madeireiro improvisado. Foi o processo assim informado pelo funcionário responsável: Que a madeira provinha de lotes coloniais vizinhos e que foi levada ao Porto Garcia, localizado dentro da Reserva, para

Loja Independente de Teosofistas

ser embalsada ali e que a outra, do Arroio Calixto, fora pegada durante uma enchente, quando descia o Rio Uruguai, desgarrada que vinha duma balsa, o que era uso muito comum na zona, dos ribeirinhos, de fazer "biscates".

Nossa verificação foi feita em companhia da autoridade policial de Três Passos e era pura verdade. A informação supra matou a questão. O felizardo aproveitador vendeu os 400 touros na Argentina por quatrocentos mil cruzeiros e depois se mudou para o outro lado do Uruguai.

1º.12.61

O BICHO-SERRADOR DA ACÁCIA

Sempre que a atividade humana interfere nas imutáveis leis da natureza, provocando o desequilíbrio biológico, ela se vinga terrivelmente.

Na sábia organização da natureza todos os animais têm funções definidas e indispensáveis.

Os pássaros, por exemplo, ocupam postos de exterminadores de insetos nocivos e cada espécie cumpre obrigações especiais, de acordo com suas predileções alimentares.

Por isso, os matadores de passarinhos deviam ser perseguidos como criminosos comuns, porque muitas pessoas pagam por essa violação das leis naturais com enormes prejuízos materiais, com sua saúde e até com a própria vida.

Mortos os pássaros, as pragas de insetos daninhos podem se desenvolver livremente.

Nos trigais é a "lagarta verde", nos arrozais o "cascudo preto", nos mandiocais o "Maravanduvá", nos parreirais a "vaquinha das vinhas", nos pomares a "mosca das frutas", etc., que fazem devastações apavorantes.

O exaustivo trabalho e custo elevadíssimo do combate com inseticidas pouco adiantam, porque o veneno não atinge todos os esconderijos debaixo das folhas, nas fendas da casca das árvores, na terra, etc., onde os insetos se ocultam. Este serviço só é feito com perfeição e grátis pelas aves.

As tristes conseqüências do vandalismo dos "comedores de passarinhadas com polenta" bem pode-se observar em Montenegro, onde o "bicho-serrador" está danificando as plantações de acácia-negra, cortando os brotos terminais das copas das árvores novas e galhos com tal intensidade, que chega a ameaçar de colapso a economia florestal daquele município.

A Prefeitura de Montenegro baixou uma "Lei de Combate ao Serrador" que obriga, sob pesadas multas, os silvicultores a queimar todos os galhos cortados, debaixo de cuja casca foram depositados os ovos dos insetos.

Loja Independente de Teosofistas

Mas os plantadores de acácia, desanimados, não poderão cumprir essa lei, pelo vulto do serviço que apresenta o problema porque o chão está atapetado de galhos secos cortados, dos quais desincubarão legiões de novos "serradores".

Sempre existiu o "serrador" e cortava as pontas dos galhos do maricá, ingá, branquilho, angico, acácia, mas, controlado pelos pássaros, nunca se tornou praga como agora.

Aconteceu o seguinte: Muitos pacatos colonos alemães, de incrível benignidade, foram visitados por "bons vizinhos", vindos de municípios situados ao norte, que os presenteavam com corotes de vinho, saquinhos de pinhões, caixinhas de uvas, etc. e só exigiam como recompensa licença para dar uns tirinhos, voltando com as sacolas repletas de multicores avezinhas insetívoras.

As licenças foram concedidas muito a contra gosto, porque os colonos de origem alemã adoram os passarinhos, mas não queriam desgostar os amigos.

É claro que essas visitas funestas se repetiam enquanto havia passarinhos para matar, com grande alegria do "bicho-serrador", que se via cada vez menos importunado pelos seus inimigos naturais e assim pôde se multiplicar de maneira impressionante.

A Campanha Educativa da União Protetora da Natureza abriu os olhos do povo, relativamente à utilidade dos pássaros e o Serviço de Caça e Pesca, interveio, aprendendo enorme quantidade de armas dos "passarinheiros", mas, lamentavelmente, esta reação se processou quando o mau estado de cousas já estava muito adiantado.

Os humildes colonos ficaram conhecendo seus fiéis amigos quando se acabaram os passarinhos e agora choram a perda de seus prestimosos auxiliares no combate às pragas das plantações.

Tarde demais compreenderam que "Passarinho não é caça" e que deviam ter negado com firmeza os pedidos de licenças para os massacres, dos quais se tornaram cúmplices e provocaram a sua própria desgraça.

Agora somente o repovoamento intensivo da zona atingida pela calamidade com passarinhos insetívoros poderia exterminar o "bicho-serrador".

15.3.57

FOGO DE PALHA

Um ano passou para a eternidade, depois da Exposição Florestal de Porto Alegre e do Dia da Árvore de 1957, festejado com tanto entusiasmo nas cidades do Rio Grande do Sul.

Loja Independente de Teosofistas

O objetivo educativo, porém, não teve a esperada repercussão nas classes rurais do interior, justamente as mais visadas, porque não houve continuidade na propaganda de proteção às florestas e do reflorestamento.

Passada a festa, veio o grande silêncio em torno do assunto; morreu o interesse, como morreram as mudinhas plantadas nas praças e escolas.

Foi um fogo de palha, que apagou rapidamente.

Agora, nas vésperas da data consagrada à maravilha da natureza, desperta novamente a consciência de muita gente, que procura redimir-se dos pecados cometidos contra a árvore, a grande benfeitora da humanidade, decantada em discursos e poesias, fazendo mais uma vez o reflorestamento simbólico.

Em vez de dia de festa, devia ser um DIA DE LUTO pela floresta desaparecida, e deviam chorar de vergonha os que deixaram de cumprir o seu dever, especialmente aqueles que foram pagos ou obtiveram lucros e que cometeram o crime de omissão, nada fazendo.

O que não dá renda imediata, ninguém gosta de fazer.

Quem hoje em dia vai se lembrar do dia de amanhã?

Quem pensa em futuro remoto, daqui a 100 ou 200 anos, plantando árvores para gerações futuras colherem os frutos de seu trabalho, pela mentalidade atual é considerado louco.

Quando um madeireiro compra um mato para serrar, não quer saber se a derrubada faz cessar o abastecimento de água e a fertilidade de uma vasta zona; quando o construtor precisa de madeira, não pensa em reflorestamento para garantir o consumo no futuro; quando a dona de casa usa lenha no fogão, não se lembra que queima várias árvores por ano.

Há um completo desinteresse pelas conseqüências das devastações das matas.

Nas minhas viagens vi que tudo corre de mal a pior.

Vi em todas as estradas caminhões-reboque levando madeira para os depósitos e portos de embarque.

Vi enormes balsas de tábuas e troncos descerem o Rio Uruguai e os navios carregarem madeira no porto da capital para o estrangeiro.

Vi os grandes cemitérios de toras e enormes pilhas de tábuas ao redor das serrarias.

Vi aproveitarem pinheirinhos tão finos, que davam somento 1 caibro.

Vi as serras mecânicas e os machados derrubarem árvores centenárias em poucos minutos.

Vi as matas devastadas pela queda dos troncos e pela passagem dos tratores, arrastando toras para os engenhos.

Vi inúmeras derrubadas não licenciadas e feitas em locais proibidos.

Vi o céu toldado da fumaça dos incêndios florestais e das queimadas de roças.

Loja Independente de Teosofistas

Vi de noite o clarão das fogueiras e braseiros nas encostas e cumes dos morros.

Vi a fuga espavorida dos animais diante do fogo posto nos campos de pastagem.

Vi, enfim, destruição desenfreada, total, o "vale tudo" em toda parte, como se fosse muito natural, como se não existisse Código Florestal.

Mas não vi reflorestamento de pinheiros ou de madeira de lei.

É uma vergonha o que está acontecendo. Há completa irresponsabilidade.

Não será como o plantio simbólico de mudinhas pelos figurões ou crianças, nem como conselhos pela imprensa ou rádio, nem com recomendações às Prefeituras para criarem Parques Municipais, nem com cursos de redações e poesias ou de cartazes, nem com planejamentos e estudos, nem com conversa fiada que se corrigirá este grande mal do desflorestamento, porque já é tarde demais.

O assunto já tornou-se Caso de Polícia. A repressão precisa ser feita com energia e sem contemplações. E o replantio precisa ser obrigatório para os que abateram as árvores, especialmente para os que assinaram compromissos de replantio. Não há verba? Mas como, se há dinheiro para tantas coisas supérfluas e adiáveis. Falta pessoal? Não pode ser. Há tantos funcionários que certamente teriam prazer de lavrar a terra e plantar mudas florestais, para ganhar honestamente seus vencimentos. Assim não mais seria necessário pôr fora 700.000 mudinhas de eucaliptos, criadas numa Estação de Silvicultura e que passaram do ponto por falta de interessados na compra – como aconteceu no ano passado. Bem poderiam ter sido aproveitadas nas terras do Governo.

Quanto à Juventude Escolar, nossa esperança de um futuro melhor, devia ser ensinada a amar a terra, a floresta e a fauna por meio de um sistema pedagógico moderno, pondo-a em contato direto com a Natureza, especialmente tratando-se da mocidade das cidades, que geralmente fica presa em casa e assim não chega a conhecer a beleza de um mato crioulo.

A teoria pode servir muito, mas não há nada melhor do que a prática, que deixará recordações mais duradouras no espírito das crianças.

Levem-nas para dentro da mata, ensinando-as a distinguir as diferentes espécies de árvores pelas folhas, cascas e frutos; mostrem-lhes as minúsculas sementes, das quais se geram os gigantes das selvas, as orquídeas, musgos e cipós que cobrem os galhos, o sub-bosque com a infinidade de arbustos, os capins e folhagens que cobrem o chão tapetado de folhas caídas que formarão o humus fertilizante, os insetos, borboletas e pássaros que povoam o mato. Expliquem-lhes no ambiente natural a utilidade da floresta virgem para a humanidade.

Arrumem um silvicultor ou simples colono para ensinar os jovens como usar a pá e a enxada, como preparar canteiros, como semear, regar, sombrear,

Loja Independente de Teosofistas

arrancar inço, repicar mudinhas, enfim todos os cuidados culturais; como se prepara viveiros de mudas em caixas ou vasos, como se lavra a terra, se divide e estaqueia o terreno, se abrem as covas, se colocam os torrões com as mudas, se aperta a terra para fixá-los, na ocasião do transplante para o lugar definitivo.

Depois a capina, a substituição de mudas mortas ou fracas, o achego da terra à muda, etc., são ensinamentos de muito interesse para a mocidade, e de maior proveito do que as Festas da Árvore.

Tudo isto deixaria impressões indeléveis na alma das crianças.

O ideal seria a criação de BOSQUES ESCOLARES, há muito sugeridos pela União Protetora da Natureza, que tantos benefícios já proporcionaram à Juventude de outros países, onde foram organizados e constituem fontes de saber, prazer e saúde para alunos e mestres.

O próprio Presidente da República está impressionado e preocupado com a anarquia no setor florestal, que assumiu proporções de calamidade pública e acaba de exigir do ministro da Agricultura a apresentação até o Dia da Árvore de um plano concreto sobre conservação dos restos florestais e de reflorestamento imediato e contínuo em grande escala. Muito bem, nunca é tarde demais para plantar árvores.

Finalmente o Pai da Pátria convenceu-se da realidade e agora quer vencer as dificuldades a qualquer preço, porque observou que a Campanha de Educação Florestal não produziu efeitos.

12.9.58

FIGUEIRAS SILVESTRES

O povo denomina as figueiras crioulas como "bravas", porque não são cultivadas ou de "mata-paus", porque estrangulam as árvores do mato, sobre as quais nascem dumas sementinhas lançadas com os escrementos dos passarinhos.

Todos conhecem e admiram as figueiras enormes, de copas frondosas e folhinhas dum verde-escuro brilhante, de fortes e compridas raízes superficiais, que junto à base do tronco formam as características sapopembas, em forma de paredes grossas, que constituem escaminhos espaçosos. São os monumentos naturais dos campos, remanescentes de florestas derrubadas, dentro das quais haviam se criado.

Os antigos fazendeiros nunca deixaram de plantar figueiras junto aos seus solares, para sombra e embelezamento e nas mangueiras e potreiros, para abrigo do gado. Algumas ficaram tão grandes durante os séculos, que chegam abrigar uma tropa inteira.

Loja Independente de Teosofistas

As figueiras são muito comuns nas margens dos rios e lagoas, porque se desenvolvem muito bem nas baixadas úmidas. Dos ramos pendem longas "barbas-de-pau".

São fruteiras silvestres, muito procuradas pelos pássaros durante a frutificação e à sua espessa folhagem forma ótimos esconderijos para os ninhos.

A célebre figueira de Sapucaia, admirada por gerações, morreu, porque um "inteligente" mandou raspar o musgo de seus galhos e enterrar as raízes adventícias para torná-la digna de enfeitar a praça.

As figueiras do Rio Maquiné, as mais lindas e copadas árvores conhecidas, foram cortadas, não se sabendo porque o mesmo acontecendo com as que margeavam outros rios. Muitas delas também foram queimadas lentamente pelos fogos de acampamento de caçadores e pescadores, que se abrigavam sob suas copas e que, imprudentemente, aproveitavam os nichos entre as raízes como quebra-ventos de suas fogueiras. A mesma destruição se processava ao longo das estradas, nos pousos dos carreteiros.

Há imbecis que até para colher com maior facilidade as orquídeas que se hospedam nos seus galhos, as mandam derrubar.

Muitas morrem vítimas dos temporais, quando as suas coroas ficarem pesadas demais para suportar os fortes ventos.

Muitas belíssimas figueiras de beira de estrada foram cortadas para ceder lugar para a passagem de linhas elétricas ou telefônicas.

Existia no Quilômetro 42 da Rodovia Getúlio Vargas uma figueira centenária de grande beleza de porte, que oferecia aos viajantes magnífica paisagem panorâmica, conservada pelos construtores da estrada, que até desviaram o leito da rodovia alguns metros para poupá-la. Foi abatida à noite pelo bronco colono, como ato de vingança, por ter a estrada cortado a sua propriedade.

Outra conhecidíssima, existente, em Santo Antônio, situada na curva da rodovia que conduz às praias, dentro do domínio da estrada, também foi abatida na calada da noite, por ordem de um dono de Café, porque na sua sombra um quitandeiro vendia doces e frutas, no que o homem rico via uma concorrência ao seu negócio.

Ultimamente a indústria de saltos para sapatos de senhoras, na falta de açoita cavalo, tem consumido milhares de figueiras de madeira vermelha.

É pena que esses nossos monumentos naturais estão desaparecendo de dia para dia do cenário a nossa terra.

O homem, que constrói monumentos de arquitetura e engenharia em curtos prazos, não é capaz de reconstruir uma figueira, uma vez derrubada. Poderá, quando muito, plantar uma mudinha.

Loja Independente de Teosofistas

É um privilégio da Natureza, que não tem pressa. Para ela um século é como um dia. E só num século cicatrizarão as enormes feridas que agora os destruidores estão produzindo nas florestas, caso reflorestarem. Caso contrário ficarão somente desertos, nos quais a vida é impossível.

12.6.59

MATAS RIBEIRINHAS EM PERIGO

No conjunto dos benefícios produzidos pelas florestas em geral para o perfeito equilíbrio biológico da natureza e para a vida, saúde e bem-estar da humanidade, sem dúvida ressaltam os das matas ciliares, com suas árvores, arbustos, macegas e bamburrais.

A trama das suas raízes seguram a terra, evitando que os barrancos das margens desmoronem e se encham os cursos d'água de despraiados e baixios.

A sua sombra refresca a água e protege a fauna aquática. Dos seus frutos e dos insetos que se desprendem dos seus galhos se alimentam os peixes e nas solapas formadas pelo raizame submerso encontram ótimos esconderijos. Nas suas copas vivem as aves e no emaranhado da vegetação dos sub-bosques encontram abrigo os pequenos mamíferos.

É indiscutível que essas matas, consideradas protetoras, precisam ser conservadas e existem leis que proibem qualquer atividade depredadora contra as mesmas, mesmo a pretexto de reflorestamento, numa faixa marginal de 20 metros de largura. (Art. 7º do Decreto-Lei nº 1.631, de 27.9.39, complemento ao Código de Pesca e Art. 22, alínea B do Código Florestal, Decreto nº 23.793, de 23.1.34).

Acontece, porém, que essas matas protegidas ainda vêm sofrendo constantes investidas devastadoras por elementos ignorantes, indiferentes ou gananciosos, algumas vezes até por parte dos próprios donos das terras, mas principalmente pela invasão de pescadores, caçadores e veranistas, que na mencionada faixa abarracam e dela se julgam legítimos donos, por considerá-la, erroneamente, como "terra de marinha" de uso comum.

Convém esclarecer que essa faixa marginal da largura de 15,40 metros representa um bem patrimonial do Estado, mas o proprietário fronteiro tem a posse ou usofruto dela, podendo até cercá-la, enquanto o Governo dela não necessitar para obras destinadas à servidão pública, como portos, pontes, estradas, bebedouros, praias de banhos, etc.

É natural que nela ninguém tem o direito de acampar, caçar e pescar, construir ranchos, fazer fogueiras, fazer porto de desembarque, etc., sem prévia licença de quem tem a posse, isto é do proprietário fronteiro, o qual nem

Loja Independente de Teosofistas

se quisesse poderia permitir a derrubada de árvores, conforme acima dissemos, porque nem ao proprietário isto é permitido.

Observamos que os maiores estragos fazem os pescadores, cortando em cada pescaria 20, 30 ou mais calões para espinhéis e redes, representando cada um uma arvorezinha, escolhida sempre pelo porte mais reto.

Os pescadores, caçadores e veranistas, cuja principal ferramenta é o facão-de-mato para cortar espetos para churrasco, paus e estacas para barracas, para bancos e trimbas, fazem tal devastação que a mata das ribanceiras está ficando cada vez mais rala e com isso a paisagem mais desolada e feia e maiores os prejuízos.

Até em plantações de eucaliptos avançam esses elementos irresponsáveis, sendo as varas jogadas fora depois de usadas uma só vez e feitos novos cortes em cada novo acampamento. Calculamos em dezenas de milhares de arvorezinhas em formação que são sacrificadas inutilmente na roda do ano. Esta prática, às vezes feita impensadamente, mas quase sempre por malvadez, não permite que se refaça a vegetação ribeirinha, enquanto as árvores velhas estão sendo destruídas pelos fogos de acampamentos, feitos junto aos troncos, usados como proteção ao vento.

São, pois, compreensíveis o desgosto e a revolta dos proprietários rurais e as medidas de rigor que o Serviço de Caça e Pesca determinou – "Autuar todos os responsáveis pela destruição das matas ribeirinhas de qualquer espécie e idade, para qualquer fim".

Um conselho da União Protetora da Natureza:

– Será conveniente os pescadores levarem nas suas embarcações sarrafos para calões de pescaria, barracas, etc. e os caçadores e veranistas se prevenirem em casa dos espetos de que vão necessitar no mato, respeitando o mato alheio, para evitarem dissabores com as autoridades e proprietários, pois as multas vão de Cr$ 500,00 até Cr$ 2.000,00 e os infratores ainda poderão ser processados pelo crime de furto. De qualquer maneira a Lei será executada com rigor de agora em diante.

13.11.59

A GRANDE FLORESTA QUEIMOU

Durante cinco dias ardeu uma gigantesca área florestal na Califórnia.

Cerca de 50 mil hectares de pinheiros se perderam no incêndio, tendo sido baldados todos os esforços das Brigadas de Fogo e dos voluntários que acudiram de toda parte. Afinal conseguiram dominar as chamas e salvar as florestas vizinhas, derrubando uma larga faixa de árvores ao redor dos morros atingidos e aspergindo por meio de helicópteros soluções químicas sobre as matas ameaçadas.

Loja Independente de Teosofistas

Noventa por cento dos incêndios florestais são provocados por descuidos ou ignorância, atos de malícia ou vinganças, sendo os principais culpados os fumantes, veranistas, excursionistas, caçadores e pescadores, lenhadores, trabalhadores rurais e viajantes nas zonas rurais.

Um fósforo aceso ou ponta de cigarro em brasa jogados fora, uma bucha de tiro inflamada, uma queimada de roça ou pastagem sem aceiros em dia de ventania, uma fagulha de locomotiva ou um fogo de acampamento mal apagado, podem provocar desastres de proporções imprevisíveis.

Assim aconteceu entre nós em outubro de 1951, de triste lembrança, quando a Serra do Mar foi incendiada em Osório, tendo o vento alastrado o fogo morros acima e abaixo pelo interior dos municípios de Torres, Bom Jesus, São Francisco de Paula e Canela, no Rio Grande do Sul e Turvo, Campos Novos, Urussanga, São Joaquim e Araranguá, em Santa Catarina, reduzindo a cinzas casas, estábulos, engenhos, canaviais, bananais e reservas florestais com dezenas de milhares de pinheiros tendo sido o passivo calculado em 30 milhões de cruzeiros, ficando muitos proprietários rurais na miséria. Todos os esforços humanos empregados não conseguiram impedir a marcha do fogo, que afinal, depois de 3 semanas, foi apagado por uma forte chuvarada.

Tanto as autoridades como o povo reconheceram e lamentaram a falta de recursos para debelar incêndios rurais – não havia viaturas de bombeiros, carros-tanques, aparelhos e ferramentas, nem funcionários e voluntários treinados; nunca o povo havia sido orientado a respeito do combate ao fogo florestal.

Decorridos 8 anos daquela catástrofe, o Ministério da Agricultura continua completamente desinteressado desse assunto; não temos conhecimento da criação de nenhum Serviço Preventivo contra Incêndios Florestais.

Estamos novamente na época das grandes fogueiras e já se nota o ar carregado de neblina e partículas carbonizadas de folhas, vêem-se nos morros as colunas de fumaça e de noite as fogueiras das queimadas das roças e nas campinas correm as linhas de fogo, atiçado pelos ventos, destruindo ninhos e matando a criação dos animais silvestres.

A UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA está transformada em CENTRO COLETOR DE QUEIXAS, como se fôssemos capazes de atender assuntos atinentes às autoridades.

Muito nos honra esta confiança, mas nossa Sociedade é privada, pobre e não subvencionada. Nós apenas podemos colaborar com os reclamantes, denunciando publicamente as infrações das leis e solicitar providências às Repartições competentes; apenas podemos orientar e aconselhar o povo, de acordo com os nossos Estatutos e Idealismo, o que aqui fazemos nestes termos:

– Apagar o fogo com recursos próprios e dos vizinhos, porque apelar para as autoridades é perder tempo.

Loja Independente de Teosofistas

– Depois do sinistro não esperar por nada, porque ninguém virá ajudar nas dificuldades.

– Não acreditar em promessas, pois consta que as indenizações prometidas em 1951 não foram pagas.

– Procurar o culpado do sinistro e processá-lo judicialmente, para pagamento dos prejuízos causados.

– Substituir o mato queimado, reflorestando imediatamente a terra devastada, para evitar a erosão.

– Não continuar nessa estúpida rotina de queimar anualmente a fertilidade da terra.

– Maior cuidado com o fósforo e o cigarro em tempo de seca e dias de vento, porque um pequeno descuido pode causar a miséria.

Pedimos continuar nos escrevendo sobre todas as irregularidades não tomadas em consideração pelas Repartições competentes, que aqui advogaremos os interesses dos prejudicados.

24.12.59

UM GRANDE ERRO

O corte e a queima das sebes silvestres nos campos, na beira dos caminhos, sobre os valos das divisas e dos arbustos isolados, dos sub-bosques da mata e de árvores velhas, ocas e isoladas, é um dos muitos erros cometidos pelo agricultor menos esclarecido e pouco observador da natureza.

Lamentavelmente ainda é pouco reconhecido o valor das cercas vivas, que proporcionam ambiente vital para vários animais úteis, como tatus, cobras, lagartos, sapos, que se alimentam preferencialmente de pequenos animais e insetos nocivos.

Nas moitas e arbustos e nos ocos das árvores aninham a coruja, o pica-pau e muitos pássaros insetívoros, que podem ser considerados como polícia sanitária alada dos campos.

As cercas arbustivas trazem outras vantagens como: absorvem o carbono do ar, que favorece o crescimento das plantas, aumentam a formação de neblina, evitam o ressequimento da terra e servem de quebra-ventos; contribuem para a melhoria do clima e para o aumento das colheitas.

Nos países de agricultura adiantada, as sebes são mantidas a todo custo, e, quando não existem, são plantadas artificialmente, tal seu valor para abrigar os pequenos gratuitos defensores das plantações.

Qualquer fotografia aérea da região colonial norte-americana ou européia revela a existência de grande número de cercas vivas que cortam a paisagem em todas as direções.

Loja Independente de Teosofistas

Lá plantam também faixas de cereais, painço, alpiste, etc., ao redor das roças, contra a orla dos matos e sebes, para atrair e nutrir os pequenos auxiliares da luta contra as pragas das lavouras.

Muitos pensarão – "Mas atrair cobras, lagartos e sapos é loucura e nas cercas velhas se criam formigas". Talvez ignoram que poucas cobras são venenosas e todas fogem do homem e só mordem quando são pisadas e que se alimentam de ratos e bichos daninhos; que os lagartos não roubam somente ovos, mas sim comem larvas, vermes e insetos, o que também fazem as lagartixas; que os sapos são insetívoros por excelência e trabalham de noite e que há muitas espécies de formigas inofensivas.

As formigas cortadeiras "de monte", que aninham nos barrancos das cercas, podem ser facilmente eliminadas, quando os pássaros delas não derem conta.

A mania da "terra limpa", feita a ferro e fogo, a transformação de sebes em cercas de arame, na zona colonial, é extremamente prejudicial à agricultura.

Insetos nocivos ameaçam a nossa alimentação, porque o número de seus inimigos naturais; especialmente os pássaros, diminui constantemente, visto que o homem, impensadamente, os mata ou destrói os locais de nidificação, para depois gastar fortunas em inseticidas e o seu precioso tempo para combater as pragas que estragam suas colheitas.

A UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA faz um apelo aos agricultores – Sejam previdentes, façam experiências e observações, sigam os exemplos dos proprietários rurais progressistas. Não destruam as sebes e as velhas árvores, nem matem os animais que nelas vivem, porque isto resultará em prejuízo certo.

26.2.60

RETALHAMENTO DAS RESERVAS FLORESTAIS GAÚCHAS

Há vários anos vínhamos alertando a opinião pública acerca do perigo do progressivo intrusamento das nossas malcuidadas Reservas Florestais, assaltadas por toda sorte de piratas, interessados em se estabelecer naquelas grandes e ricas áreas de mata virgem para praticar ilegalmente derrubadas, a caça e a pesca.

Preconizávamos que não demoraria o loteamento oficial dessas glebas, que iam sendo devastadas, ante as dificuldades de desalojar os invasores.

A desgraça prevista vai acontecer agora em breve.

Quando outros países de mentalidade conservacionista, em todo o mundo, tratam de aumentar suas Reservas Florestais, fazendo desapropriações, que impõe pesados sacrifícios aos respectivos povos, nós vamos vender enor-

Loja Independente de Teosofistas

mes extensões das nossas, "face a gravidade da situação por que passa o nosso Estado", como diz na Justificativa que acompanha o Projeto de Lei do Retalhamento.

Na mesma consta que da Reserva Florestal de Inhacorá, município de Santo Ângelo de 259 Colônias, vai ser cortada a parte já devastada de 172 Colônias, ficando as restantes 86 Colônias de mato conservada para abrigar uns 220 índios.

Da Reserva Florestal de Serrinha, município de Sarandi, de 265 Colônias, pretendem vender 177 Colônias devastadas.

Da Reserva Florestal de Iraí, de 759 Colônias, a área devastada destinada à venda é de 220 Colônias.

Da Reserva Florestal de Tenente Portela, de 706 Colônias, foi proposta a venda de duzentas e poucas Colônias devastadas, coberta de capoeirões, capoeiras e macegais.

Esta última, criada pelo Decreto nº 2312, de 11.3.47, situada à margem do Rio Uruguai, não poderia ser alienada sob qualquer título, nem sobre ela se constituiriam quaisquer ônus, não sendo, finalmente, nelas, permitido o estabelecimento particular de exploração agrícola ou industrial. Que além dos Dispositivos dos Códigos Federais Florestal, Caça e Pesca e das demais provisões regulamentares seriam baixadas e executadas pela Secretaria da Agricultura instruções especiais para fiscalização e administração da Reserva.

Portanto, o intrusamento e a devastação das terras se deu em virtude de negligência das autoridades responsáveis, ausência ou culpa de guardas florestais do Estado. Não faltaram denúncias sobre as graves irregularidades por nós verificadas (derrubadas de 400 cedros enormes, passados para a Argentina em balsas, etc.) que não foram levadas em consideração e até desmentidas pelos responsáveis.

Nós idealistas, que propugnamos pela conservação e pelo aumento das Florestas Públicas, reservadas para refúgio de animais silvestres e fins turísticos, ficamos alarmados com a notícia do esfacelamento projetado, porque sempre acreditávamos que ninguém mais ousaria pensar em vendê-las, mesmo em parte, em face às Leis Protetoras que as criaram.

Diz o ilustre Autor do Projeto que conta com vários apoios, do Exmo. Sr. Governador do P. T. B. de vários Prefeitos e de milhares de filhos de colonos, que clamam por um pedaço de terra, o que, a nosso ver, é prenúncio de aprovação da Lei.

Consumar-se-á então mais uma terrível perda para o nosso já minguado Patrimônio Natural, pois a terra pública, embora despojada de seu mato virgem, sempre enseja esperanças de reflorestamento.

Não compreendemos bem certos trechos da Justificativa – O Projeto fala em terras devastadas a ser vendidas, e logo adiante em avaliação do preço segundo a riqueza do mato, etc. Em seguida considera o reflorestamento por

Loja Independente de Teosofistas

parte da Secretaria da Agricultura uma iniciativa improdutiva e desaconselhável em todos os sentidos. Isto gera uma certa confusão no espírito do leitor. Se for questão do custo de reflorestamento oficial, sempre muito mais elevado do que o privado, poderia ser contratado com silvicultores particulares, por pé escape, como é o sistema usual, com direito de aproveitamento da terra para plantio de cereais no primeiro, que ficaria bem barato o serviço, e é principal, ficaria garantido em prazos certos.

Passada a terra a mãos participantes, a prestações, o que acontecerá?

Não será feito reflorestamento nenhum, como em toda a zona vizinha, porque o Colono ainda tem menos recursos do que o Governo, nem adiantarão ensinamentos e assistência técnica direta sem subvenções em dinheiro por parte do Poder Público.

E com toda certeza continuaria o intrusamento das áreas remanescentes das Reservas e serão abatidas como sempre as árvores de maior valor, para que depois de alguns anos se repetir a história – novo desmembramento de terras ilegalmente ocupadas, e assim sucessivamente até nada mais restar das nossas Reservas Florestais.

É lamentável o que vem acontecendo.

Qualquer diminuição do nosso Patrimônio Florístico Público, inalienável por Lei, terá sempre o formal protesto da UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA.

13.5.60

FLORESTAS À MERCÊ DOS PIRATAS

A Lei Florestal Brasileira não está sendo aplicada com a necessária rigidez.

O Código Florestal é desrespeitado por todo mundo, impunemente, podendo ser considerado um diploma desmoralizado, pisoteado e inútil.

A mentalidade dos madeireiros é auferir lucros rápidos e fáceis.

Para conseguirem a tolerância e simpatia do Governo, acenam com a produção de divisas para receita cambial, o que sacrificando o fundo de reserva do maior patrimônio natural da Pátria.

A exportação da madeira de pinho continua desenfreada, contra todas as recomendações contrárias, levando nossas últimas árvores para o estrangeiro, onde aproveitam a nossa cupidez e cegueira.

Nos portos de embarque acumula-se a superprodução, atualmente de 100 milhões de pés quadrados, sem mercado garantido, resultado do descontrole do Instituto Nacional do Pinho.

O contrabando de madeiras avultou muito, sendo os focos de maior bandalheira Foz do Iguaçu e o Rio Paraná.

Loja Independente de Teosofistas

Mil serrarias não registradas estão em plena atividade clandestina e pelo que consta, nem podem ser fechadas pelas autoridades em virtude de lei.

Inúmeras outras, registradas, mas fechadas, com cotas de produção, vendem as suas guias a terceiros, o que é ilegal.

De reflorestamento ninguém fala, nem o fazem aqueles que se comprometeram por escrito perante o Serviço Florestal, pró-forma, para conseguirem as licenças de derrubadas.

O plantio oficial é uma farsa, uma brincadeira, para justificar o emprego de verbas. O pouco que plantam torna-se 10 vezes mais caro do que o feito por silvicultores práticos privados, que entregam as mudas com garantia, depois de dois anos, quando estão "escapes".

Fiscalização não existe mais, ficando a porta aberta para as maiores fraudes e ladroeiras.

O Instituto Nacional do Pinho confessa ser um organismo deficiente, obsoleto, entrevado e débil, com poucos recursos.

Técnicos florestais ainda não existem, porque a Academia Florestal recém foi criada. Não há doutores para orientar a exploração econômica e o reflorestamento.

Muitos, autoridades e exploradores, são os responsáveis pelo avanço impressionante, em certos casos até estarrecedor, da catástrofe inexorável, fazendo-se surdos e cegos, vivendo faustosamente e dormindo de consciência tranqüila, porque não se impressionam com as desgraças que provocam, deixando uma população inteira em miséria por terem transformado uma região de matas em terra devastada pelo fogo e pelo machado.

As tristes conseqüências desta imprevidência e abusos são estes:

Acentua-se a falta d'água, a ponto de provocar o esgotamento das barragens, a paralisação das usinas e o racionamento da luz e força.

Secam os rios e suspende-se a navegação. Secam as fontes e os arroios durante as estiagens e morrem plantações e o gado; diminuem as colheitas; sobem os preços dos alimentos.

Baixa a água subterrânea, amarelam as árvores frutíferas e florestais, despencando seus frutos e folhas.

A erosão corroe os flancos dos morros desnudados, arrastando a terra fértil das lavouras para as baixadas, formando banhados e atulhando os cursos d'água.

Ventos de poeira escalavram as terras estorricadas, porque falta umidade e a sombra das árvores.

Onde havia matas virgens, hoje só se encontra capoeiras ou desertos ou taperas.

Onde havia palpitante vida de animais silvestres e o gorjeio das aves, hoje reina o silêncio da morte.

Fogem os colonos de seus sítios improdutivos.

Loja Independente de Teosofistas

No Paraná derrubam florestas centenárias e queimam os troncos das árvores, para plantar café, cuja produção já não mais encontra consumidores e será fatalmente queimada, como já aconteceu no Brasil.

As árvores das Reservas Florestais estão ainda sendo roubadas e quando isto fica perigoso demais, mandam incendiar as matas para depois comprar as árvores chamuscadas pelo fogo e supostamente "desvitalizadas" embora sabendo-se que o pinheiro de casca bem grossa, não morre facilmente pelo fogo.

O Sul em breve ficará igualado ao Nordeste, com todas as características de miséria e infortúnio, fome e doenças.

Nunca tivemos Presidente que levasse a sério o problema florestal.

O povo já compreendeu o perigo, está descontente e desiludido com o trabalho de sabotagem e solapação dos tubarões está cansado de frases, porque não vê ação nem resultados práticos.

A sua última esperança é o Presidente Jânio Quadros.

19.5.61

SELEÇÃO DE SEMENTES FLORESTAIS

A mais importante condição para se obter um reflorestamento perfeito é o emprego de sementes ou estacas de indiscutível qualidade, colhidas em árvores madres maduras e sadias, de retos troncos e bem formadas copas.

O material reprodutor obtido de porta-sementes imaturos, atrofiados, doentes, tortos e de copas imperfeitas, só poderá gerar mudas de inferior qualidade e o novo mato sempre será falhado e raquítico.

Qual é a garantia do nosso silvicultor ao adquirir mudas florestais?

Nenhuma, porque muitas vezes nem sequer os viveiristas conhecem a procedência das sementes que usaram. Não temos notícias que nossos Estabelecimentos de Silvicultura oficiais ou privados cuidem de seleção de sementes florestais. Por isso surgem essas constantes queixas e o desânimo entre os que querem cumprir a lei do reflorestamento, quando aparece o fracasso nas áreas plantadas e o resultado é dinheiro e tempo perdidos.

Quando na Alemanha foi reconhecido o pesado dano da prática da silvicultura sem base científica, foi criado em 13.12.1934 a LEI DAS RAÇAS FLORESTAIS (Linhagens), que fixa as seguintes medidas:

1º – Registro da posição de todas as árvores oficialmente aprovadas como porta-sementes, existentes no País, que ficam declaradas imunes de corte.

2º – A estimativa anual da provável colheita de semente florestal.

3º – As normas de coleta. Para subir nas grandes árvores, usam ultimamente escadas feitas de canos de ferro divididas em secções para armar no local, que são presas aos troncos com correias, moderno sistema que está abo-

Loja Independente de Teosofistas

lindo o antigo de trepar nas árvores por meio de ferros de ponta afivelados nos sapatos, que ferem a casca e desvalorizam a madeira para o futuro. Usam um croque em forma de mão espalmada, com um gancho para desprender as vagens e frutos e puxar os galhos, a fim de não estragar as copas.

4º – Para o cansativo serviço de coleta nas altas copas são escolhidos os trabalhadores florestais mais fortes, mais jovens, mais ágeis e isentos de vertigens, que terão que absorver um curso prático desse trabalho.

5º – Os ordenados pagos aos coletadores representam o dobro do ordenado comum e o trabalho sempre é supervisionado por um capataz, que cuida do cumprimento de todas as prescrições.

6º – Períodos de maturação e de colheita das sementes das diferentes essências devem ser observados à risca.

7º – Disposições gerais para a colheita de sementes. Anotação das altitudes, clima, qualidade da terra, etc.

8º – O preparo e conservação das sementes nos estabelecimentos do ramo: É essencial que as vagens e frutos sejam colhidos quando "estão de vez", quer dizer, no último estado de maturação e a secagem termine inicialmente em local seco, devendo ser reviradas as camadas freqüentemente, sendo mais tarde expostas ao sol ou secadas em estufas com menos de 50°C até soltarem as sementes. A colheita não deve ser feita em dias úmidos.

9º – O aluguel para colher sementes nas árvores de propriedade privada é fixado pelas autoridades florestais.

10º – O exame oficial das sementes é o essencial e recai toda a responsabilidade sobre um funcionário de plena confiança, cuja atividade de mediação entre produtor e consumidor pode se tornar grandemente benéfica, se for exercida com toda a honestidade.

Na repicagem das mudinhas e no transplante para lugar definitivo ainda são estirpados os exemplares fracos ou mal formados, o que favorece um replante de perfeição integral.

O Serviço Florestal dos Estados Unidos também já aplica técnica semelhante de seleção de linhagens há muitíssimo tempo, pelo seu Departamento de Controle de Sementes Florestais.

Para nós aqui no Brasil está passando da hora do Governo Federal decretar a Lei das Raças Florestais, como já existem para vegetais, árvores frutíferas e animais, que garantem o aperfeiçoamento das espécies, porque as nossas magníficas árvores porta-sementes silvestres crioulas sempre foram as primeiras vítimas do machado devastador e por isto estão ficando raras.

O nosso desleixo neste sentido é tão grande que nem sequer o pinhão para planta é selecionado, o que seria dever elementar de qualquer reflorestador oficial ou privado a uma garantia de um futuro vigoroso pinhal.

Loja Independente de Teosofistas

Mas não, mandam comprar o pinhão na venda ou o mandam colher pela pionada no mato, quando cai das pinhas ou o tiram no paiol da forragem dos porcos.

Acontece que o Serviço Florestal ainda "não teve tempo" para classificar as florestas nacionais nas diferentes categorias estatuídas no Código Florestal, de maneira que nos resta pouca esperança que vá cuidar de marcar os porta-sementes.

Em todo caso, a sugestão fica aqui registrada e por um milagre pode ser que alguém do Ministério da Agricultura se entusiasme pelo plano.

9.6.61

MÁS NOTÍCIAS SOBRE FLORESTAS

Há poucos meses houve um Inquérito Parlamentar sobre a impressionante devastação clandestina de pinheiros ocorrida na Reserva Florestal de ESPIGÃO ALTO.

No Relatório apresentado, os Deputados afirmaram: "É confrangedor confessar que o Estado do Rio Grande do Sul é mau administrador de suas reservas florestais".

Consta que foram abatidas mais de 10 mil pinheiros e vendidos por posseiros e outros às Serrarias vizinhas.

Como se sabe, as árvores das florestas públicas não podem ser cortadas sob hipótese alguma, de acordo com o Código Florestal e a própria Lei que criou as Reservas. Mas o crime aconteceu, como na de BARRACÃO, já entregue ao intrusamento.

Agora deparamos com imensa surpresa com um Edital, abrindo concorrência pública para venda de 380 pinheiros daquela mesma Reserva de Espigão Alto, o que não podemos compreender. O fato devia ser explicado ao povo desconfiado.

2º – No nº 249 do jornal "O CERRO LARGO", de 22.4.62, F. Dionísio publicou a seguinte crônica, dirigida aos Deputados, da qual extraímos as seguintes partes mais interessantes: "FAZENDA DO SARANDI" – Logo após a concentração dos "Sem Terra" na Fazenda do Sarandi, seguida da expropriação da mesma pelo Governo, atacou-se, inusitado e afobado, o trabalho de extração da madeira de lei, existente na referida gleba. É o que chama, de imediato, a atenção de gente que por lá transita. Senhores Deputados, sejanos permitido perguntar-lhes: "Estão a par desse fato? E quem são os aproveitadores desse negócio da china?"

Agora a Fazenda faz parte do patrimônio do Estado. Por que, então, particulares continuam serrando e exportando a madeira de lei que povoa aquelas terras?

Loja Independente de Teosofistas

A dar ouvido a certas vozes, por lá anda, às soltas, o gênio das negociatas. Não está na hora de averiguar os fatos? Esperar mais um tempinho seria tarde demais: a madeira terá sumido, os "cobres" garantidos e o patrimônio estadual desfalcado irremediavelmente. Somos levados a crer que algo de anormal por lá se passa, em face do misterioso silêncio que desceu sobre a Fazenda do Sarandi, no dia imediato à sua expropriação.

Não se alegue em favor da derrubada, a circunstância de que as terras, logo mais, serão divididas em lotes coloniais e entregues aos "sem terra". Seria um agravante à iniqüidade do desfrute voraz e inescrupuloso da madeira como vem sendo processado. Entregar-lhes terras desfrutadas, devastadas pela fúria de mil ciclones dos madeireiros? Quem não vê? Terra sem mato, sem madeira, é qual osso sem carne. Ademais, maior valor e beleza tem a colônia que conservar bom trecho de mato. Por aqui reflorestam-se as colônias. Todo o mundo reconhece que madeira valoriza a terra.

Causa, em verdade, angústia na gente a devastação que ora se efetua na Fazenda do Sarandi. Com a palavra os Senhores Deputados.

3º — Estarrecido observamos recentemente o que restou da Fazenda 4 Irmãos, JEWISH COLONIZATION ASSOCIATION (ICA), no 6º Distrito de Erechim, situada entre os Rios Erechim, Claro e Passo Fundo, coberta outrora de extensíssimo pinhal centenário.

Lotearam as colônias, mas antes de entregá-las, tiraram toda a madeira.

Para este fim instalaram 32 serrarias. Para transportar a enorme produção de madeira, construíram uma Estrada de Ferro própria, até a Estação Erebango.

Corria o ouro e floresceu a Vila de 2 Irmãos. Todo o lucro foi para o Exterior.

O que há dez anos atrás ainda era mato fechado, hoje está tudo devastado.

Restam apenas 3 capõezinhos e já montaram um novo Engenho de Serra, para desdobrar os pinheirinhos finos restantes.

Os trilhos foram arrancados e vendidos junto com as locomotivas e vagões como ferro velho. Também já foram desmanchadas mais da metade das casas e vendidas para outras bandas. Os prédios da Administração também serão arrancados.

O reflorestamento do pinho, iniciado com tantas esperanças, está sendo estragado, porque sobre ele derrubam o eucalipto, no meio do qual foi cultivado, quebrando-se todos os pinheirinhos novos. Este eucalipto está sendo transformado em lenha. Não mais se refloresta. Os viveiros foram abandonados e se perderam.

A Firma 4 Irmãos desapareceu. A era do ouro terminou. A região está transformada em tapera. Os colonos que ficaram não têm madeira nem para

Loja Independente de Teosofistas

construir suas casas. Nesta marcha nada vai sobrar como lembrança de antiga riqueza.

O Rio Grande do Sul está perdendo seu mais precioso fundo de reserva com a devastação dos seus majestosos pinhais.

E as pessoas de influência não se importam de intervir porque as derrubadas dão muito lucro. Pouco interessa se a população com isto fica cada vez mais miserável.

Há de chegar o tempo, quando é tarde demais, o reconhecimento do mérito destes brados de alerta, que agora não impressionam ninguém.

Como pode ser tão ignorante e indiferente um povo que se julga inteligente?

18.5.62

SEMPRE A MESMA LADAINHA

Precisa-se ser muito ingênuo e ignorante para ainda acreditar nas mentiras e promessas demagógicas que sempre ressurgem nos períodos pré-eleitorais.

Milhões de planos irrealizáveis sobre obras, reformas, melhoramentos são desengavetados e usados como "cavalos de batalha" na luta pelo "osso".

Entre eles a formulação de uma nova mentalidade e política florestal, criação de cursos de silvicultura, reservas florestais, viveiros de mudas gratuitas, campanhas de educação florestal, financiamentos aos silvicultores, reflorestamento oficial em grande escala, comissões de estudos, planejamentos, levantamento de reservas e serrarias, diminuição das derrubadas, promulgação de novo Código Florestal e outras fantasias mais.

Mas tudo resulta em maior e mais rápido abate, industrialização, comercialização e exportação de madeiras, o que traz o surgimento de novos multimilionários e o desfalque do mais rico patrimônio natural nacional e a conseqüente transformação da nossa terra em taperas e desertos improdutivos e estéreis.

O problema está se agravando dia a dia, há mais de 150 anos.

A desatinada imprevidência da Administração pública, a contínua mudança de Ministros e Diretores, escolhidos pela fidelidade partidária e não pela capacidade profissional, criou o caos no setor florestal e o resultado temos aí presente:

O Rio Grande do Sul não tem mais florestas nativas, nem de lei, nem de pinho.

O consumo de madeira já é suprido por Santa Catarina e Paraná, custando só o frete de cada tábua Cr$ 200,00. Em breve a importaremos do estrangeiro a peso de ouro.

Loja Independente de Teosofistas

Agora corre a notícia de que o Instituto Nacional do Pinho quer mandar contar os pinheiros ainda existentes, para disciplinar a produção de madeira, tomar medidas de defesa e reflorestamento, desapropriar pinhais conservados por idealistas para o futuro, para ter a garantia de conseguir pinhões para planta, etc.

Para que tanta conversa fiada?

1º – Agora é tarde demais. Porque esse serviço não foi iniciado em 1942, quando a Autarquia foi criado para esse fim? Este trabalho nem pode ser feito, porque o próprio Diretor Bornhauser, substituído há meses, declarou que a estrutura do Instituto é obsoleta, entravada e débil. O reflorestamento realizado é insignificante. Cuidaram mais de derrubadas e exportação, coisa que dá dinheiro.

2º – Os serradores sempre fizeram e fazem o que querem, à revelia do Código Florestal e do Regulamento da Autarquia. Derrubam tudo. Nada reflorestam. Apenas pagam taxas para poder vender madeira, cuja cobrança é a maior atividade do Instituto. O futuro não interessa ninguém. Nem a Justiça, que dizem ser cega, pode com essa gente. Nós achamos que Dona Justiça está com os olhos vendados de vergonha do que acontece na Natureza!

3º – Desapropriação de pinheirais de quem os vem conservando para o futuro, significa hipocrisia, porque terão o mesmo destino das do Barracão, Nonoai, Espigão Alto, Guarita, Serrinha, Sarandi, etc., isto é: Serão derrubadas por felizardos, a experiência demonstrou que o Poder Público não sabe cuidar do patrimônio do povo.

4º – Para obter semente para o reflorestamento artificial – Esta é boa. Como se no mercado não houvesse abundância de pinhões a baixo preço, que estão sendo consumidos como alimento e utilizados como trato para porcos no Interior. Só os Argentinos compram grandes quantidades para plantio, ampliando seus pinhais, porque são inteligentes e previdentes.

5º – Reflorestamento oficial é problema secundário para o Governo. Falta verba. O dinheiro que vem, mal dá para manter a burocracia. Nem há recurso para financiar a iniciativa privada de silvicultura. Se esta antes já era fraquíssima, apenas 1/3 por cento das derrubadas, agora mesmo não interessa mais ninguém, ante o perigo e o medo de desapropriação das áreas reflorestadas para entrega aos "Sem Terra", como aconteceu na Fazenda Sarandi, cujos proprietários foram dos poucos que reflorestavam na medida da exploração que faziam. Ninguém mais quer plantar mato.

6º – Decretar novo Código Florestal é trabalhoso e desnecessário, pois há um projeto em estudos (ou dormindo) há 11 anos na Câmara dos Deputados e quando sair, será tão pouco executado como o atual.

7º – Proibir a exportação da madeira, dizem que não podem fazer, porque precisam de divisas e provocaria desemprego. Esta mamata também terminará, quando menos se espera, porque nada mais haverá para exportar.

Loja Independente de Teosofistas

Isto quer dizer que continuará tudo no mesmo, até cair a última árvore e muitos ainda se completarão com os restolhos das florestas. Neste sentido não há escrúpulos.

Nossa indolência, preguiça e imprevidência são imutáveis e insuperáveis, como se vê por aí. Em breve importaremos madeira da Suécia, Finlândia, Noruega, como hoje importamos trigo da Rússia, Canadá, América do Norte e Argentina.

Isto é a maior vergonha do mundo. É uma prova da nossa incapacidade de produzir, numa terra tão vasta, o necessário para a nossa sobrevivência.

E não tenham esperanças de que novos governantes possam travar esta derrocada de miséria, que sufocará a todos os humildes e inocentes, porque não poderão fugir de avião, como farão os ricos e poderosos culpados, quando a bomba estourar.

Já está fuzilando no horizonte, já se ouve o rumor do trovão e os responsáveis, ainda não se mexem. Mas quando alguém reclama é aquele Deus nos acuda. Quem risca um fósforo nesta época provoca uma explosão; quem mete a mão perde um dedo, na certa. Mesmo não adiantaria. Reclamar a quem?

8.6.62

VELHAS ÁRVORES MORTAS ESTUPIDAMENTE

No rancho junto ao grande pinhal da Fazenda morava há muitos anos o velho posteiro Francisco.

Várias vezes ele viu chegarem os doutores filhos do patrão, que moravam longe, na capital, acompanhados duns homens estranhos, os quais queriam comprar os pinheiros que o pai queria conservar, porque neles via uma imensa fortuna.

O posteiro ficava apreensivo com as insistências dos madeireiros, porque amava a floresta, que lhe dava todo o conforto – caça, lenha para os frios invernos, a água límpida da fonte, sombra e proteção dos ventos, o cantar dos passarinhos.

O patrão, muito bondoso, o tranqüilizava, dizendo – "Nunca os pinheiros serão cortados e tu serás guarda deles para sempre".

Mas inesperadamente o fazendeiro faleceu e logo a desgraça caiu sobre o pinhal.

Os herdeiros materialistas, loucos por dinheiro para continuar com sua vida de luxo, venderam as árvores por cem cruzeiros cada, preço em 1942. Hoje valeriam dez mil cruzeiros. Casos dessa natureza acontecem freqüentemente em muitas famílias onde os filhos só esperam a morte do pai para avançar nos seus bens.

Loja Independente de Teosofistas

Quando foram marcados os 8 mil pinheiros, destinados à morte, o velho posteiro se tomou de coragem e pediu aos herdeiros, que deixassem a ponta do capão junto ao seu rancho, lembrando-os da promessa do seu pai.

A resposta chocante foi esta: "Você está louco, homem, nada temos com promessas feitas pelo falecido. Em todo caso vamos deixar fora de venda aquele grande pinheiro que faz sombra ao seu rancho".

Iniciou-se a derrubada. Ouvia-se incessante bater dos machados, o sibilar das serras mecânicas, o roncar dos tratores e de vez em quando o frangoroso estraçalhar das grandes copas batendo no chão, seguidos dos gritos vitoriosos dos cortadores. Tudo devastado e o mato baixo todo quebrado e recortado de picadas dos arrastos, a turma cercou o último pinheiro, o reservado para o posteiro.

Ao primeiro golpe de machado, este se lançou de joelhos na frente dos homens e suplicou-lhes com lágrimas nos olhos – "Pelo amor de Deus, não matem o 'meu' pinheiro". Veio o capataz, enfurecido e insensível, por terem os cortadores, penalisados, atendido a desesperada súplica, agarrou o velho Chico e dando-lhe um empurrão, gritou: "Afaste-se, seu velho bobo caduco" e aos seus homens ordenou: "Continuem". O posteiro, estarrecido, se encostou no seu rancho e assistiu o assassinato da árvore amiga de longos anos, sem poder salvá-la. Depois viu seguirem os brancos cadáveres florestais com destino à Serraria. Chico não falava mais com ninguém e mal se alimentava. Foi visto sentado no banco do rancho, com a cabeça apoiada nas mãos, muito triste. Certa manhã o encontraram morto, deitado do lado do cepo de "seu" pinheiro. O fato não impressionou ninguém, nem sequer comoveu os diretamente responsáveis. Dizem que o velho Chico morreu de saudades, de coração partido. Que estranho sentimento de amor pela natureza num homem simples e incompreendido.

Esta história não é ficção. Aqui a registramos como uma homenagem.

* * *

Ao ser demarcada a Rodovia Federal BR-2, no quilômetro 42 o traçado atingiu em cheio uma centenária figueira silvestre. O engenheiro dr. Irineu Braga, grande idealista conservador das belezas naturais, modificou um pouco o rumo, colocando o leito da estrada ao lado da monumental figueira, cujos galhos cobriam toda a pista.

O colono grosso de corpo e alma, expropriado da terra, certa noite reuniu os vizinhos e foram cortar a magnífica árvore, por vingança. O destruidor pagou multa, mas a rodovia perdeu uma grande beleza natural.

* * *

Outra enorme figueira, de belíssima copada, situada dentro da faixa de domínio da estrada de Tramandaí, em Pitangueiras, município de Santo An-

Loja Independente de Teosofistas

tônio, foi mandada derrubar pelo dono de um luxuoso bar-restaurante construído nas imediações, pelo simples fato de terem instalado uma tendinha de frutas e rapaduras debaixo da árvore, com autorização do D. A. E. R. O caso provocou clamor público, protestos dos usuários do magnífico local de sombra, houve pagamento de multa, mas a figueira não voltou à vida. Um ato estúpido dum homem rico, movido pela inveja de um concorrente humilde e pobre, o qual ainda teve a coragem de continuar com seu pequeno comércio em plena torreira do sol.

* * *

Do caso ocorrido há poucos dias no Cristal, onde foi derrubada uma grande paineira florida, amplamente noticiado pela "Folha da Tarde", não vamos falar, o motivo foi o mesmo, concorrência comercial, inveja do que não recebia a sombra contra o que era beneficiado pela sombra. O vil instrumento foi um funcionário público.

* * *

Os mencionados exemplos comprovam que estão em constante perigo de vida as velhas benfazejas árvores, sempre rondadas por vilões de machado em punho.

E na hora do perigo não adianta mais correr para salvá-las. Por isto recomendamos a todos os interessados na conservação perene duma árvore, requerer às autoridades competentes a declaração de imunidade de corte (artigo 14 do Código Florestal) porque sabe-se que a burocracia é mais vagarosa do que o machado. Obtida a declaração, a árvore deve ser marcada com uma taboleta e, possivelmente, cercada para protegê-la melhor contra os piratas interessados na sua destruição.

14.9.62

CONTRASTES E EMBUSTES

A encenação anual do plantio de mudinhas florestais por parte de altas autoridades e escolares, perde todo o sentido de simbolismo, porque na realidade não houve o tão comentado reflorestamento, nem foi respeitado o Código Florestal.

Para simbolizar a VERDADE do que ocorreu, deviam ser derrubadas as árvores de sombra das praças, ruas e pátios das escolas, para alertar o espírito das crianças e dos homens ignorantes e falsos contra a ruinosa obra destruidora dos machados e do fogo, que incessantemente devastam as nossas últimas matas virgens.

Loja Independente de Teosofistas

A inutilidade de quaisquer esforços no sentido de salvar esses restolhos de uma imensa riqueza florestal, pode-se avaliar pelo que segue:

No primeiro Foro Agrícola do Rio Grande do Sul, realizado há 2 anos, foi relatado pela Subcomissão Especializada de Florestas, que a situação florestal do Rio Grande do Sul é precária, existindo apenas ainda 10% de mata, cuja exígua área continua, infelizmente, a ser devastada. (Nota do cronista: "Não existem nem mais 5% de matas virgens").

Que as madeiras duras se acham grandemente desfalcadas, já sendo o louro, o ipê (a árvore do Brasil, que se cobre de maravilhosas flores amarelas antes de nascerem as folhas neste mês do ressurgimento da primavera), o cedro, o angico, a cabriúva, o açoita-cavalo e outras espécies importantes, muito escassas.

Que em face da situação atual das reservas florestais e considerando que o consumo vem também crescendo cada ano, ressalta a necessidade de serem tomadas pelo Governo da União ou do Estado enérgicas e imediatas providências, no sentido de pôr termo ao extermínio desse valioso patrimônio, acautelando, dessa forma, o interesse presente e futuro da coletividade.

Que urge incentivar o reflorestamento e criar novas reservas florestais e não descurar as existentes, etc.

Decorridos dois anos, ficou comprovado que todas essas utilíssimas sugestões aprovadas pelo Plenário, não passaram além do papel no qual foram impressas. As reservas continuaram sendo intrusadas e desmatadas, contrariando a finalidade para a qual foram criadas; de florestamento e reflorestamento não se tem notícias.

É pena que o próprio Governo do Estado não tomou a sério o acima exposto, pois topamos, há poucos dias, nos jornais, com a desconcertante notícia de que o Instituto Gaúcho de Reforma Agrária abriu concorrência pública para vender 2.568 árvores de grande porte, sendo 1.117 pinheiros, 1.078 canelas, 80 cedros, 1 cabriúva, 20 tarumãs, 148 pessegueiros do mato, 37 açoita-cavalos, 11 ipês, 38 angicos, 28 cangeranas e 10 louros, localizados em terras públicas, no município de São José do Ouro.

Desconhecemos os motivos que determinaram esta vultosa derrubada, a se processar dentro de 120 dias, mas suspeitamos que a área se destine para dar roças férteis aos "sem-terra", ou então falta verba para alguma coisa no Tesouro.

Já pensaram quantos mil ninhos com filhotes serão destruídos com aquelas árvores, agora, justamente na primavera? Mas para estes sentimentos não há mais tempo na era de cru materialismo que atravessamos. O exclusivo interesse é pelo dinheiro.

Mas tendo em vista o grande consumo de madeira pelas Repartições Públicas com a construção de Prédios Escolares e Pontes, achamos contraproducente vender pinheiros e, especialmente, as raríssimas árvores de lei, para

Loja Independente de Teosofistas

depois readquirir madeira serrada das mesmas espécies por preços escorchantes.

Muito mais econômico seria mandar serrar os troncos num engenho próprio ou alugado e mandar abater as árvores na medida das necessidades do momento, por funcionários que têm pouco serviço nas Repartições.

Calculando por alto, a venda produzirá talvez 6 milhões de cruzeiros. Mas o valor de pelo menos 2.000 metros cúbicos de madeira beneficiada, obtida das 2.500 árvores, ao preço de nunca menos de 10 contos por metro cúbico, daria 20 milhões de cruzeiros. Avaliando o trabalho de beneficiamento em 4 milhões, ficaria, salvo erro ou omissão, o lucro de 10 milhões de cruzeiros para o Tesouro Estadual, o que não deixa de ser um bom negócio para o Estado.

E assim os passarinhos teriam tempo de criar mais uma vez em paz as suas ninhadas.

Para o Município de São José do Ouro, contra cujas matas têm havido tantos avanços, como se lê no noticiário dos jornais e surgidos tantos casos de reclamações contra essas derrubadas desenfreadas e prejudiciais, esta nova devastação ora projetada, vai ser um verdadeiro desastre.

Ninguém tenha dúvidas, no Brasil todo, todas as árvores serão mortas, sem a mínima compaixão, porque as mais altas classes não querem compreender que são indispensáveis para a nossa sobrevivência. Fazer dinheiro das árvores, sim, este é o lema, mas gastar a décima parte do lucro em reflorestamento, que já seria muito para equilibrar o desfalque, não mesmo, porque dá muito trabalho e demora muito para recuperar as somas empatadas. Estranha mentalidade esta dos exploradores das nossas florestas, que pensam poderem aliviar a sua consciência promovendo a Festa da Árvore.

21.9.62

A IDIOTICE DA EXPORTAÇÃO DAS MADEIRAS GAÚCHAS

O que está acontecendo em referência ao título, só pode ser comparado ao ato de loucura de um pobre diabo ignorante, afamiliado e esbanjador, que vende a última camisa para obter dinheiro para farra, sabendo que depois terá que roubar ou pedir esmolas para não morrer de frio e fome.

É um fato conhecido por todo mundo, desde as mais altas autoridades até os mais humildes homens da rua, que no Rio Grande do Sul o desmatamento já atingiu as raias do absurdo e da insensatez e continua se agravando, apesar dos constantes clamores e protestos públicos.

Loja Independente de Teosofistas

É algo de impressionante e inconcebível, mas é a triste verdade, que ninguém "quer se meter" contra esta selvagem fúria devastadora.

Um projeto-de-lei, proibindo gradativamente, à razão de 20% do ano, a exportação do pinho, apresentado há 6 anos ao Congresso Nacional, foi bombardeado, devido aos protestos da classe madeireira.

Para festejar a vitória, os fomentadores oficiais das devastações e das exportações, o Instituto Nacional do Pinho, foram homenageados com coquetéis, banquetes e champanhatas pelos vendilhões antipatriotas e em recompensa estes receberam diplomas de mérito florestal e medalhas da lata, título de benemerência pela produção de "divisas" com a madeira obtida ilicitamente, porque o reflorestamento não foi nem nunca será feito. Este, sim, é o verdadeiro processo espoliativo.

O artigo 1º do Código Florestal declara as florestas nacionais de interesse comum de todos os habitantes do país e por isto os 350 idealistas, associados da UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA protestam aqui, mais uma vez, com veemência, perante quem de direito, contra todas as irregularidades praticadas contra a Lei Florestal, abertamente, dia a dia, com sempre novas e mais aperfeiçoadas chicanas e manobras indesculpáveis.

Nossos protestos são contra:

1º – Derrubadas não licenciadas pelo Serviço Florestal Federal.

2º – Falta de fiscalização das derrubadas e do reflorestamento.

3º – Falta de cumprimento das cláusulas de reflorestamento.

4º – Falta de reflorestamento oficial nos Parques do Instituto do Pinho.

5º – Falta de reflorestamento das terras públicas do Estado.

6º – Intrusamento, devastação e loteamento das Reservas Florestais e Toldos Indígenas.

7º – Furto e venda de madeira proveniente do patrimônio público.

8º – Continuação do crime das queimadas.

9º – Destruição das matas ribeirinhas, ao redor das fontes, nas encostas dos morros e outras consideradas protetoras pela sua localização.

10º – Aplicação das minguadas verbas do reflorestamento oficial em finalidades diferentes.

11º – Continuação, sob qualquer pretexto, da exportação de madeiras.

12º – O silêncio e o desinteresse dos Legislativos e Executivos Federais, Estaduais e Municipais acerca de angustiante problema florestal.

Será verdade que vaidade, barriga cheia, ambições, negociatas, dinheiro, política criam a moleza e insensibilidade ante a anarquia?

Ou será medo de represálias, vergonha de ser olhado com ironia, receio de desprezo?

Acredito que estamos num vácuo, onde ninguém pode fazer nada ou então estamos bradando advertências num deserto, onde não pode haver ecos, que possam ser ouvidos por algum homem capaz, em posto de comando, pos-

Loja Independente de Teosofistas

suído de energia e coragem, para trancar este horror de esbanjamento dos últimos restolhos da nossa outrora magnífica riqueza florestal, para evitar que o povo faça justiça com as próprias mãos, numa revolução.

5.10.62

SENTENÇA DE MORTE PARA OS PINHAIS

A impressionante notícia da condenação das derradeiras reservas de pinho do Rio Grande do Sul à devastação total, produziu o efeito de um raio no espírito dos Protetores da Natureza.

O malbaratamento dos nossos recursos florestais é um dos processos espoliativos mais legítimos, tão condenados pelos verdadeiros patriotas e excepcionalmente grave por ser praticado por exploradores crioulos, a favor de aproveitadores estrangeiros.

A incompreensível política da terra arrasada transpira da "inteira aprovação pelo Presidente da República, do incremento do intercâmbio internacional madeireiro, para sustentar a posição estatística do volume das entregas, que produzem substancial quantidade de divisas". Consta ainda na notícia alarmante: "Ao mesmo tempo S. Exa. se mostrou interessado na implantação de fábricas de papel na região sul do País, com o que se dará integral aproveitamento das nossas reservas florestais e ao mesmo tempo se abrirá caminho a práticas de intensivo reflorestamento". Compreenderam os leitores o alcance da presente decisão?

Que tristeza. Isto é o fim das matas. E não temos a quem reclamar, porque é o próprio Chefe da Nação que aprova a destruição. É de estarrecer que o Congresso também não quer nada com a questão de lesapátria.

Que tremendo erro é este de forçar à venda de um produto natural tão escasso como a madeira, cuja exportação está sendo protestada há muitos anos por todos aqueles que se impressionam com o gravíssimo problema.

Madeira não é produto de indústria, que possa ser fabricado em quantidade ilimitada. Árvores não são pés de couve ou milho, cuja colheita se pode fazer em poucos meses. O pinho precisa de 50 a 80 anos e a madeira de essências nobres leva 100 a 200 ou mais anos de crescimento para produzir toras de aproveitamento econômico pelos engenhos de serra.

Como ainda não foi realizado nenhum reflorestamento intensivo oficial ou particular (consta nas estatísticas que apenas 1% – portanto 1 árvore de pinho por cada cem derrubadas tem sido replantada e essências de lei ninguém ainda plantou), a parte referente à reconstituição das florestas nativas não passa de planos aéreos e promessas falsas. Não acreditamos em reflorestamento que não seja de acácia ou eucalipto, cuja colheita se faz em 7 anos.

Loja Independente de Teosofistas

Desde o começo da civilização a riqueza e progresso dos povos sempre dependeu dos seus recursos naturais, cujo emprego sensato indica o caminho certo para um futuro melhor. No Brasil as florestas foram esbanjadas perdulariamente e ninguém cuidou de sua regeneração.

Até o fim deste século o Brasil duplicará sua população e para sobrevivência desta necessitará de madeira em volume incalculável e não restará outra alternativa do que importá-la de países mais previdentes. Essas compras lesivas à nossa economia começarão dentro de poucos anos e durarão pelo menos durante 4 decênios, mesmo se iniciarmos agora o reflorestamento tantas vezes preconizado e sempre esquecido ou relaxado.

Se ainda forem implantadas fábricas de papel e celulose de fibras de pinho, então a desgraça será completada mais rapidamente, porque estas consumirão os pinheiros finos sobrados das derrubadas feitas para suprir os engenhos de serra, como aconteceu em Nova Petrópolis, Canela e São Francisco de Paula.

O Chefe do Governo tem poderes amplos para vedar a exportação de outros produtos escassos ou raros, para garantir o consumo interno; portanto a estranheza é geral de não aproveitá-los da mesma forma para nossa madeira e porque não torna verdade a Lei que determina que nenhuma árvore pode ser derrubada sem a sua substituição por outras da mesma espécie.

A execução destas medidas salvadoras será difícil entre nós, onde só se pensa em colher o que a natureza plantou, mas não será impossível, se o próprio povo se revoltar contra a obra destrutiva que vem se processando há tantos anos, impunemente, contra nossos outrora opulentos recursos florestais.

Temos certeza que Sua Excelência atenderá os pedidos dos miseráveis que não mais conseguem arrumar madeira para construir seus ranchos.

Tenham a coragem de apelar por intermédio dos seus Deputados ou por meio de abaixo-assinados e não mais suportem impassivelmente os inomináveis abusos de que estão sendo vítimas, para enriquecer poucos felizardos.

25.1.63

FERRO NOS LADRÕES DE MADEIRA

Não temos palavras para aplaudir devidamente o ato de formidável alcance do Exmo. Sr. Governador Meneghetti, que em face do criminoso desmatamento das reservas florestais do Estado, baixou a Ordem do Serviço nº 19, em 10.5.63, determinando ao Sr. Secretário da Agricultura e ao Sr. Comandante-geral da Brigada Militar, a impedir novas intrusões, proibir a prática

Loja Independente de Teosofistas

de caça e pesca, vedar o corte e serragem de essências nativas e promover o reflorestamento das reservas.

Bem diz o poeta Modesto dos Pampas no poema "Os Pinheirais do Sul do Brasil", do seu livro recém-editado "RIO GRANDE, DESPERTA":

Florestas de milhões de araucárias
Devastaram; estão todas perdidas;
Uns grupos de pessoas perdulárias
Roubam aos serranos, com as matas suas vidas.

Fiscais, Prefeitos, Homens da Política,
Institutos, Industriais – Sem Amor
Pelo Brasil, abaixo estão da crítica.
Da Clareira ao Deserto? – Que Horror.

Mas não são só os pinhais, mas sim também as florestas de madeira de lei do Vale do Rio Uruguai, transformadas em reservas em 1947, que constituíam o "PARAÍSO DOS GATOS", nas quais ativos e passivos "grileiros" de alta classe realizaram negociatas de vulto, por contratos, lesivos ao Patrimônio Público para cortar "árvores chamuscadas pelo fogo, mortas ou tomadas pelo vento". Outros espertalhões estabeleceram serrarias nas próprias áreas imunes de qualquer exploração, de acordo com a lei, para beneficiar madeira "a meia" com o Governo, o que resultou na maior tapeação do mundo. Intrusos devastaram a seu bel prazer, sem limites e sem repressão, para vender dormentes e vigas à Viação Férrea, de maneira que aquele Departamento de Estado comprava a madeira roubada de outro Departamento do Estado, a Inspetoria Florestal. Os guardas florestais nada viam, alguns moravam muito longe, para alguns não havia. Denúncias não foram investigadas. Inquéritos foram arquivados. Reflorestamento foi só balela. Mas a verba desta rubrica, em que foi gasta?

Disse uma autoridade policial de Tenente Portela, em 1950, na Reserva do Turvo, onde tiraram de uma só vez 400 cedros de 1 metro de topo: "Isto aqui é uma vergonha, uma gatunagem infernal; todo mundo rouba, todos querem mamar".

A venda das madeiras "desvitalizadas", foi tanto como abrir as cancelas e dizer: "Entrem, Senhores Gatos, e sirvam-se à vontade". No Espigão Alto desapareceram 15 mil pinheiros, conforme apurou a Comissão Parlamentar de Inquérito. A do Barracão foi totalmente intrusada e devastada.

Quem, de mediana inteligência, pode acreditar que algum serrador possa se interessar por madeira carunchada, podre ou bichada? Para terem sempre madeira boa, cuja contagem era feita de duas árvores por uma, se o diâmetro fosse menos que 60cm (bonito sistema para o beneficiado) mandavam quei-

Loja Independente de Teosofistas

mar o mato, incendiando as taquareiras, cujo fogo rápido não transpassava as cascas dos pinheiros de 8 ou mais centímetros de grossura, mas as "chamuscava", o que era suficiente; furavam as árvores com brocas de aço, despejando nos orifícios ácido sulfúrico, que as fazia secar ou mesmo as "tombavam" a machado, as mais grossas, as mais sãs, as sem nenhum defeito porque lá nas matas só havia vilões, mas nenhum homem que cuidava dos interesses do Governo. Funcionários até fizeram exploração agrícola e pecuária, onde a lei veda qualquer atividade, fazendo assim o papel de bodes jardineiros.

Na recém-desapropriada Fazenda Sarandi ocorreram horrores de devastação pelas hordas invasoras, que logo passaram a colher onde não plantaram e o que dava dinheiro à bessa.

Seria enfadonho recapitular aqui as inomináveis barbaridades cometidas pelas aves de rapina, que deixaram as nossas reservas florestais em petição de miséria, transformadas em verdadeiras taperas. Tudo já foi noticiado através dos anos pela imprensa, que se interessou mais desse insubstituível patrimônio público do que a própria Administração do Estado, e está documentado no arquivo do cronista.

Não consta que tenha havido punições. Só sabemos que poucos honestos, nossos amigos, ficaram pobres, porque não acompanharam as bandalheiras. Os que amordaçaram a voz da consciência estão ricos, gozando. O povo foi a maior vítima desse descalabro, porque a madeira furtada está fazendo muita falta ao Governo para obras públicas, como a Ponte do Rio dos Sinos, de São Leopoldo, que está caindo de podre.

Tudo isto agora mudou com a Portaria nº 19. Embora isto represente mais um pesado encargo para a briosa Brigada Militar, esta honesta e disciplinada força do Estado está perfeitamente credenciada para fazer a execução rigorosa da mencionada Portaria, como tem provado com a eficiente colaboração que vem prestando com tanto zelo e espírito de sacrifício ao Serviço de Caça e Pesca, na defesa da fauna.

Agora pelo menos os associados da UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA ficaram sabendo a quem podem denunciar as fraudes que vêm descobrindo em relação às reservas florestais e que esta colaboração vai ser aceita.

7.6.63

Loja Independente de Teosofistas

II

CONSCIENTIZAÇÃO ECOLÓGICA

Loja Independente de Teosofistas

Fundas não...

Não sejas tão malvado e destruidor!

União Protetora da Natureza

Loja Independente de Teosofistas

SOBREVIVÊNCIA DA HUMANIDADE AMEAÇADA

Dos atuais 2,7 bilhões de habitantes da terra, apenas a quinta parte pode se alimentar satisfatoriamente. Os demais passam fome crônica desde o nascimento até a morte. Nalgumas regiões há excessos de alimentos, tendo havido ocasiões em que estas sobras são destruídas pelo fogo, para manter preços altos, enquanto em outras ainda morrem de fome diariamente milhares de pessoas, porque não há meios de transporte para distribuição desses recursos alimentares. Em geral ainda desperdiçam-se 10 vezes mais bens da terra do que se aproveitam.

As principais causas dessa ameaça de fome que se alastra sempre mais pelo mundo todo são a devastação irracional das matas e o fogo florestal, que estão desfertilizando a terra produtiva, os maiores crimes insanáveis contra a terra.

Dizem os cientistas que para produzir uma camada de terra-mãe de apenas 3 centímetros de grossura, a natureza precisa de 300 a 1.000 anos.

Já foi esgotada mais da metade da superfície arável do mundo. Até na América do Norte 40% da outrora camada fértil hoje não é mais aproveitada. 400 milhões de hectares estão se transformando em desertos. 5 milhões de toneladas de terra de cultivo estão sendo levadas anualmente pelos ventos e pelas águas. Só em 1947-1948 os incêndios florestais nos Estados Unidos consumiram 9 milhões de hectares de mata virgem, o que representa mais do que o consumo de madeira durante 10 anos.

Na Alemanha as forças de ocupação em 3 anos procederam ao corte raso de 700.000 hectares de matas, as quais, entretanto, já foram reflorestados com 7 milhões de mudinhas, mas este crime fez secar num só ano na Floresta Negra 600 fontes.

Calculam que até o ano de 2.000 a população terrestre terá atingido 6 bilhões de habitantes e que para garantir a alimentação dessa massa humana seriam precisos diariamente 130.000 hectares de terra nova. No entanto perdem-se por dia nada menos do que 200.000ha de chão arável, pelo esgotamento da fertilidade, aumento das cidades, alagamento pelas represas, alargamento das estradas, maiores campos de treinamento militar, novos campos de aviação, espaços para novos quartéis e institutos de educação, etc.

A área florestal está sendo reduzida cada vez mais. Baixou de 9/10 para 2/10 da superfície da terra. Paralelamente baixaram os níveis da água subterrânea e secaram os rios, como também acontece no Nordeste Brasileiro.

Loja Independente de Teosofistas

A Humanidade, encabeçada pelos seus dirigentes, todos movidos pelo egoísmo e materialismo, empenhada na caça ao dinheiro e posições, ignora ou não quer ver gravidade nesse problema supremo da sobrevivência.

A situação do nosso país também está ficando alarmante, porque a desgraça marcha rapidamente. Já não temos autosuficiência de produção de alimentos para nossa população de apenas 70 milhões. Um país tão ricamente dotado pela natureza com sua população vivendo na miséria, com um Governo endividado e moeda inflacionada, os políticos se assanhando pela eleição de novo presidente, esquecendo tudo o mais e desviando a atenção do povo do principal problema, que é o desenvolvimento da agricultura e a renovação dos recursos naturais, cujo ponto principal é o reflorestamento da terra devastada, não o simbólico do Dia da Árvore, mas o real e prático lá no interior das colônias, onde as florestas são imprescindíveis, mas imprevidentemente foram destruídas pela cobiça ou ignorância.

Unicamente no Estado de São Paulo compreenderam a realidade da situação e por isto estão tomando medidas bem drásticas de salvação, realizando um reflorestamento em proporções fantásticas, nunca visto no Brasil e fazendo a restauração da fertilidade da terra com emprego e recursos extraordinários.

Achamos que quando no Rio Grande do Sul os dorminhocos se acordarem será tarde demais para travar a derrocada, que atingirá especialmente os humildes e inocentes, porque os grandes e responsáveis, de recursos, fugirão de avião como temos exemplos em todo o Universo.

Apesar de convencidos que estamos pregando num deserto, não podíamos deixar de dar mais este brado de alerta.

3.6.60

RELIGIÃO E NATUREZA

O respeito à lei é uma questão de foro íntimo, de consciência do indivíduo. Há aqueles que consideram ponto de honra desrespeitar os preceitos legais, que regem a nossa vida, porque querem ser olhados como "heróis".

Se a caça, em si já é uma aventura, a caça clandestina e furtiva, com todos os seus riscos, é uma sensação sublime de coragem, tem o sabor da coisa proibida.

É considerado um direito natural, por muita gente, matar sem restrições os animais silvestres, porque na opinião deles foram criados por Deus para alimentar os homens. Por isto, mesmo na época dos ninhos e filhotes, não respeitam mães e crias.

Loja Independente de Teosofistas

Os violadores da lei, os "matadores" com sua doentia paixão da caça, conservam no espírito a imaginação de resistência obrigatória contra a Lei e seus Agentes.

Entre eles se destaca o desprezível "passarinheiro".

Sua atividade criminosa e glorificada com os louros do falso romantismo do ladrão de caça, o Senhor dos Campos, matos e banhados.

Encontra auxílio na população colonial, quando precisa encobrir suas ações penais e até defensores no seio dos representantes do povo, que lhes entesam o espinhaço, enquanto o fiscal da caça é olhado como um proscrito, sendo seus atos de repressão pesados em balança de ouro.

Esses elementos perniciosos trazem no sangue e na alma a herança de muitas gerações de antepassados, o milenar hábito de matar, para comer, as inocentes avezinhas, que enfeitam a natureza e que prestam inestimáveis serviços à agricultura.

Não culpamos tanto o bronco colono, que diariamente leva para a roça, junto com a enxada, a sua escopeta. Ele quer comer "passarinhada com polenta", custe o que custar, enfrentando todos os perigos, para satisfazer a sua gula. Teimoso e ignorante, não aceita ensinamentos, embora veja ao seu redor e sinta na própria carne as maléficas conseqüências dos estúpidos massacres de seus pequeninos e gratuitos auxiliares no combate às pragas de insetos nocivos. O que adianta dizer ao lobo que não rasgue mais ovelhas ou ao gavião que não apanhe mais pintos? O "passarinheiro" fará o mesmo do que esses animais ferozes, tendo eles ainda a seu favor a atenuante da fome.

Ouve o Padre dizer na Missa que passarinho não é caça, que quanto mais pássaros existirem, mais fartas serão as colheitas, mas sai correndo da Igreja para matar as lindas criaturinhas divinas, destruindo o encanto dos matos e campos, pecando obstinadamente.

Acusamos violentamente os grandes, os nobres, os cidadãos titulados e respeitáveis, de elevada posição, mas sem escrúpulos morais, que lhes servem de péssimos exemplos, que exercem influência perniciosa no espírito do pacato colono, quando aparecem nos seus carros de luxo, levando suas armas de classe, calibre 12 e 16, para matar tico-ticos e sabiás ou pedem licença para armar suas redes passarinheiras para o massacre total da fauna alada.

O que pensará o humilde agricultor quando observa o gran-fino da cidade transgredir ostensiva -- e provocadoramente a lei da caça? quando ouve suas gabolices e bravatas, que só o calor de muito dinheiro podem gerar?

É de estarrecer o que nos foi dado observar em sentido de destruição sistemática da nossa fauna e todos os nossos esforços de pouco adiantaram, o que prova o fato de terem sido apanhados num só dia (20 de julho de 1958), entre Guaporé e Nova Prata 52 matadores de passarinhos e apreendidas 36 espingardas, 7 redes passarinheiras, 9 gaiolas e alçapões e 378 passarinhos de diversas espécies, vilmente assassinados.

Loja Independente de Teosofistas

A educação dos adultos e a modificação da mentalidade dos viciados é quase inexeqüível, conforme a experiência demonstrou mais uma vez.

Chegamos à conclusão que o único Poder capaz de salvar a nossa malograda fauna será o sentimento religioso do povo, para o qual agora vamos apelar.

Já no lar as mães carinhosas devem inculcar no espírito dos filhos que vai contra a lei divina e contra os sentimentos humanos, prender, maltratar ou destruir, sem absoluta necessidade, as indefesas criaturas de Deus. As esposas devem se negar com firmeza em compartilhar nos crimes praticados contra a natureza por seus maridos, não preparando os animais protegidos, especialmente as avezinhas, trazidos por eles das caçadas.

Na escola, a proteção à natureza será mais profundamente compreendida se for considerada como problema religioso e se for provado à mocidade que é fundação jurídica da questão se alia a ética e estética.

No ensino religioso, pode o Sacerdote ou o Mestre conseguir impregnar indelevelmente na alma do aluno a noção de que a Natureza e seus indefesos seres são obra de um sábio e onipotente Criador – e isto é uma das doutrinas básicas da Religião. Podem incutir no espírito que qualquer ação faltosa, profanando ou destruindo essa obra divina é um PECADO CONTRA DEUS. Assim fazendo terão prestado o maior e mais valioso serviço à nossa causa.

O êxito da nossa campanha moralizadora depende pois, em grande parte, das Classes Educadoras, que, além dos ensinamentos e orientação, devem dar aos alunos e ao povo o exemplo do respeito, amor e compaixão com a natureza e suas criaturas.

Somente assim, numa ação conjunta, educativa e repressiva poderemos evitar o aniquilamento total dos animais silvestres.

1.8.58

EM DEFESA DO PATRIMÔNIO DOS ÍNDIOS

Para vergonha do Europeu, deve ser dito que ele não somente destruíu a fauna e a flora, mas também aniquilou diversas raças nativas.

Como em todos os Continentes, o Imigrante branco abusou da pior forma dos habitantes primitivos.

Da Terra do Fogo, no Chile, consta o seguinte – A Primeira Estância de Criação de Ovinos, data de 1844 e foi estabelecida em terras dos indígenas, ocupadas sem nenhuma indenização. Os naturais, enxotados de sua propriedade, fizeram se sentir de maneira inconveniente pelo roubo de ovelhas. Usaram apenas a mesma moeda. Seguiu-se uma expedição punitiva de excessivo rigor e logo foi estabelecido o prêmio de uma libra esterlina por cada par de

Loja Independente de Teosofistas

orelhas de nativos, o que fez muita gentalha se dedicar à rendosa caça humana. Dois desses caçadores se destacaram por terem trabalhado com estriquinina. Afinal restaram apenas 400 almas, mas a raça perdeu a vitalidade e está se extinguindo.

Horrorosos relatos existem sobre o desumano tratamento dispensado aos Índios Americanos. É um fraco consolo que pelo menos na América do Norte foram criados Reservados especiais para proteger da completa decadência essa simpática estirpe dos pele-vermelhas, que hoje está recuperando sua vitalidade e aumentando sensivelmente em número.

Lembremos também os negros do Congo e das Colônias Portuguesas de África, caçados e escravizados pelos brancos civilizados, que lhes impunham sacrifícios indizíveis.

Na Austrália, os povos primitivos, tasmânios e negros austrais, foram considerados caça e dizimados em sangrentas batidas. Os primeiros já foram totalmente aniquilados e os segundos ainda hoje se encontram expostos às espingardas dos colonos, continuam sendo roubados nas suas terras e se acham em absoluta miséria.

E os ÍNDIOS DO BRASIL?

Senhores legítimos de todo o território nacional, foram espoliados, na mais legítima acepção do vocábulo, pelos civilizados. Ninguém lhes pagou nada pela terra que lhes foi roubada e continua sendo conquistada à força ou com trapaças.

Foram tocados como bichos sempre mais longe para dentro dos matos e mortos pelos mais insignificantes motivos.

Hoje, os restos, por iniciativa do benemérito sertanejo brasileiro General RONDON, em parte estão recolhidos a Postos Indígenas, sob a "tutela" do SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS.

Mas se o saudoso falecido brasileiro soubesse como foi desvirtuado seu grande, belo e humanitário trabalho, se viraria de desgosto no túmulo.

O bugres do Rio Grande do Sul são bêbados, maltrapilhos, macilentos, tratados como cachorrada faminta, beneficiados pelo progresso da civilização, como seja a tuberculose e a sífilis, etc., e por isto afogam a sua miséria na cachaça, tornando-se assim mais fácil presa da exploração dos brancos.

Para eles morar, os seus ciosos "tutores" nem lhes arrumaram as tábuas necessárias para construir ranchinhos, mas suas ricas florestas foram vendidas a felizardos ativos grileiros, sem concorrência pública, com contratos, cujos registros foram negados pelo Tribunal de Contas, por estarem eivados de vícios jurídicos e morais, o que tudo foi denunciado ao Ministério da Agricultura pelo autor desta crônica e amplamente comentado pela Imprensa, sem o mínimo resultado saneador, pois a devastação continuou até o fim, impune.

A venda das árvores por preços irrisórios, pinho e cedro de 50 a 64 centímetros de diâmetro a Cr$ 150,00 por unidade, foi feita sob o rótulo da ne-

Loja Independente de Teosofistas

cessidade de pagar déficits da Administração do Serviço de Proteção aos Índios, para cujo fim não hesitaram em dilapidar legítimo patrimônio dos bugres. Os do Norte entraram no rateio com cacau, os do Centro com gados e os do Sul com madeiras. Venderam só árvores secas e queimadas, mas na realidade foram cortadas verdes e em número pelo menos 3 vezes maior do que os constantes nos contratos. O Governo da União, como tutor, jamais deveria, por uma simples razão moral, ter prejudicado dessa maneira seus infelizes pupilos.

Este fato comprovou a incompetência da administração.

Em relação ao reflorestamento constante dos contratos, declarou um Doutor do Serviço Florestal Federal, "que não foi feito, apesar de absolutamente necessário para a região. A falta de elementos que o possibilitassem, uma vez que o Governo não o promoveu e as firmas não terem recebido orientação técnica para iniciá-lo e por caber este trabalho propriamente ao Instituto Nacional do Pinho.

Mas isto é um legítimo jogo de empurra, promovido por irresponsáveis, um verdadeiro saque contra a floresta indígena, depois de derrubadas as milenares árvores.

E agora vem o pior – O bugre ainda não está pobre que chegue – QUEREM TAMBÉM A TERRA DOS TOLDOS – O infeliz degenerado e explorado foi visado para maiores sofrimentos. Foi concebido um satânico plano de loteamento de suas terras, porque supostamente precisam de dinheiro para evitar o êxodo de colonos e para realizar o reflorestamento. Que diabo – sempre esses avanços no que é dos outros, no que tem legítimo dono, no que pertence aos fracos e humildes sem recursos para se defender, nem possuem amigos políticos que por eles se interessam, porque não representam contingente eleitoral. É vergonhoso o que pretendem fazer contra os descendentes do grande Sepé Tiaraju.

PIEDADE E JUSTIÇA para os "DONOS DA TERRA", eternas vítimas da cobiça.

O reflorestamento invocado como justificativa é conversa fiada para boi dormir. De qualquer maneira, não será feito nunca pelo Poder Público. Este tem coisas mais interessantes e consideradas mais urgentes que cuidar.

No pedacinho de terra, que "generosamente" querem deixar para os esbulhados verdadeiros proprietários, os bugres não poderão sobreviver, porque sabido é que se alimentam dos frutos do mato, do qual extraem também material para fabrico de cestas, etc. e se ocupam essencialmente da caça e pesca. Afinal, podem fazer na sua propriedade o que querem, dentro da legislação vigente.

Que os responsáveis por sua sorte os tratem com decência, dignidade e respeito, e não como bichos nocivos sem direito algum; que lhes dêem moradias e escolas, assistência social e jurídica, polícia para defender a posse da

Loja Independente de Teosofistas

terra contra intrusos e ladrões de madeira; que os façam produzir sem explorar o seu suor e as suas famílias, proibindo a cachaça, que a raça se revigorará e multiplicará, tornando-se útil à sociedade e seus descendentes necessitarão de todas as terras agora visadas por outros para suas atividades agrícolas e pastoris.

Na nossa opinião, se querem mesmo "tomar conta" dessas terras, seria melhor antes fuzilar e enterrar em vala comum todos os bugres, para não sacrificá-los por mais tempo.

19.8.60

TUDO SÓ FRASES?

Vivemos na idade dos reclames bombásticos, da superficialidade e das expressões inchadas, das palavras infladas de mentiras, do fraseado oco.

Isto temos que considerar, quando ouvimos as palavras "proteção à natureza".

Tanto sobre ela se fala e escreve, que vale a pena perguntar: "Não será também, tudo só extravagância, delírio, loucura? Não se tratará de fanfarrice, jactância? Temos realmente uma proteção à natureza ou tudo não passa de uma bonita formulação de palavras? Se a temos realmente, valerá mesmo alguma coisa? Ou é somente um expediente de escápula, um pretexto para justificar gastos de verbas, somente uma passagem para a ruína, um último constrangimento, um espernear, uma agonia de morte? Muita gritaria e pouca ação? Mais azáfama do que produção? Mais alvoroto do que êxito?

Olhai em roda na querida Pátria. Vedes alguma proteção à natureza digna de nota? Não vedes em compensação em toda parte violação da natureza, destruição das florestas, massacre dos animais e peixes, mau trato da terra e da água?

E não chegareis então à conclusão de que a maior parte é frase?

Isto soa forte, mas precisa ser dito duma vez.

O que adianta se nos enfumacemos reciprocamente com incenso, nos ovacionemos em congressos, nos homenageamos e condecoramos por nada, se festejamos uma medida sem importância, às vezes antes de pô-la em prática.

Isto tudo é ilusão, desvio do problema, política de avestruz; é ofuscar o horizonte, tapar o sol com peneira, disfarçar os fatos, o que só contribui para que tudo fique pior.

Falatório aqui, garrabulhas ali, esta é a nossa proteção à natureza, e enquanto folgamos em inatividade, a devastação dos nossos recursos naturais continua alegremente.

Loja Independente de Teosofistas

Isto ainda não é pior pelo que temos que o responsabilizar o Poder Público.

A proteção oficial à natureza desperta cada vez mais a desconfiança de que esteja trabalhando contra uma extensiva, produtiva proteção dos bens naturais.

Protege coisas sem importância, trabalha em detalhes, mas dificulta um movimento que deve visar o todo.

Simplesmente porque é oficial, deve agir burocraticamente; não deve, pelo amor de Deus, pisar nos calos de ninguém; não deve tocar alarme de incêndio.

Seu slogan é: Devagar, sempre devagar adiante, para não criar incômodos às Repartições.

Sem sentido e sem inteligência, mas com incrível fúria se transformou este país, antes coberto com um rico manto verde de florestas, em tristes e estéreis campos e capoeiras. Todo o nosso rico mundo alado foi morto ou espantado, dando lugar aos ratos, lagartas e insetos daninhos.

Os otimistas dirão: "Sim, mas isto aconteceu num tempo em que ainda não havia um serviço de proteção planejado, com alvo certo, oficialmente organizado".

Mas hoje, que temos o Serviço (no papel) inativo dentro das Repartições, continua a violação da natureza em marcha batida.

Em toda parte se prega ao agricultor que ele não deve visar somente alvos reais, mas sim também ideais, mas este vê o Governo fazer justamente o contrário.

Por que a Administração pública não planta árvores nas suas terras devolutas?

Por que não evita a derrubada de árvores nos seus parques florestais?

O Governo muitas vezes dá o mau exemplo ao povo, de maneira que não devemos nos admirar se ele estraga os poucos bons costumes ainda existentes.

Realmente não temos motivos de falar em Proteção à Natureza. O pouco que possuímos é miserável emergência. É uma coisinha ridícula. À destruição, porém, não podemos negar organização perfeita, ação de largueza. A destruição comanda, a proteção está a seu serviço.

Sim, está a seu serviço, por que ela não se arrisca, desde que possua caráter oficial e esteja organizada burocraticamente, contrariar a destruição; deve pois evitar de colidir, porque a Indústria, o Comércio, o Transporte possuem poderosas relações oficiais e políticas, e a estes o serviço público não pode, de maneira alguma, bater na cabeça.

E assim fica acanhadamente num canto, a proteção à natureza, esse ser subalterno, fazendo curvaturas de espinha perante sua excelência, a destruição da natureza.

Loja Independente de Teosofistas

Se a proteção à natureza é para se desenvolver da frase mistificadora para a eficiente ação, deve agir diferente, deve se tornar uma potência temida, deve usar o mais impiedoso e brutal descomedimento. Esse trabalho não pode ser realizado com luvas de pelica. Precisamos de punho livre, de palavra sem rebuços para avançar resolutamente, sem considerações, para que os culpados percam a ousadia de nos enfrentar. Belíssimas orações e pomposas frases nada nos adiantam. Queremos ver ações, agarrar os resultados com as mãos. Com brincadeiras e improvisações não impediremos a destruição completa da natureza. Precisamos por isto de um perfeito, suficientemente equipado, poderoso serviço de proteção. Chega de frases podres.

Venham, pois, todos os patriotas amantes da Natureza, preocupados com o futuro da nossa Pátria, formar nas nossas fileiras.

Sim senhor, este lhes disse uma vez a verdade – pensarão alguns leitores. Não podemos agüentar esta heresia sem protestos – dirão outros.

Calma, calma, amigos aqui e ali. Este cronista nem disse nada. Ele apenas traduziu e transcreveu o que foi publicado na Revista alemã "UNSER WALD".

Não por que lhe faltassem argumentos, palavras ou quiçá coragem. Ele já queimou muitas vezes os dedos no ferro em brasa e foi picado, quando mexia nos ninhos de marimbondos, mas nunca desanimou.

Aqui tornou-se, porém, importante ouvir a palavra de alguém, cujo nome tenha peso. O libelo acusatório acima foi lido pelo grande poeta, naturalista e idealista alemão HERRMANN LOENS perante uma Sociedade de Professores de Bremen, no ano de 1911 (há 50 anos), quando na Alemanha a proteção à natureza estava sendo mal dirigida.

Nós o reproduzimos, por que se ajusta como uma luva às condições brasileiras atuais. Que nos sirva de advertência o acima dito, como mensagem vinda de um túmulo solitário do campo dum homem falecido há muito tempo, que recebeu as maiores homenagens, inclusive monumentos, na sua terra.

Agora que o povo brasileiro escolheu um verdadeiro líder para seu Presidente nutrimos a esperança de que este coloque os Serviços de Proteção à Natureza do Brasil no lugar de destaque que merecem entre os grandes problemas de salvação nacional.

4.11.60

EM PRIMEIRO LUGAR A EDUCAÇÃO

Para os homens primitivos a caça era um meio de subsistência, depois ficou sendo um privilégio da nobreza e hoje é o rei dos esportes.

Mas a mentalidade dos nossos caçadores ainda continua sendo a mesma de eras longínquas, do tempo em que existiam animais silvestres em abundância ilimitada.

Loja Independente de Teosofistas

A maioria ainda vai à procura de carne, pouco importando de que espécie seja. Outros são especialistas e procuram imitar aqueles imperadores devassos, que exigiam banquetes de línguas de rouxinóis, o que importava no sacrifício de milhares de aves canoras em cada festim glutônico. Nossos tarados de origem estrangeira não mais podem se permitir este luxo, mas não deixam de comer os próprios sabiás e demais pássaros canoros silvestres.

Mesmo entre os que praticam a caça como esporte, muito poucos se impõem a si mesmos uma disciplina capaz de garantir a sobrevivência das espécies, o que é do seu próprio interesse. São insaciáveis; não se sujeitam ao limite de peças permitidas nem respeitam os períodos de reprodução.

E entre estes encontramos seguidamente homens de alta categoria, indivíduos indignos do título de caçadores, que desmoralizam toda a classe.

Sempre novamente verificamos que não basta o Estado decretar textos de Leis Protetoras, se para sua execução não dispõe de verbas, veículos e pessoal; se os próprios legisladores ou padrinhos políticos dos contraventores atrapalham a fiscalização; se as multas continuam tão absurdamente insignificantes; se o simples pagamento dessas bagatelas basta para obter a devolução das armas apreendidas sem a menor dificuldade; se os proprietários rurais se acovardam na frente dos invasores das suas terras.

Diante de tão grandes estímulos, fica difícil resistir à tentação.

Voltaram recentemente da Alemanha e dos Estados Unidos, respectivamente, o sr. Secretário da Agricultura e o sr. Diretor da D.P.A., os quais nos contaram maravilhas sobre a organização da Proteção à Natureza e sobre o espírito de colaboração daqueles povos com seus governos. Aqueles países possuem muitos e grandes parques, refúgio de animais silvestres e polícias florestais e de caça e pesca, perfeitamente aparelhadas para cuidar do seu valioso patrimônio natural.

Na França devastada pelas guerras há 2 milhões de caçadores licenciados e nunca falta caça, porque ninguém é delinqüente.

Na América do Norte, 12 milhões de esportistas se legalizam anualmente à razão de 2 dólares, o que na nossa inflacionada moeda representa 6 bilhões de cruzeiros.

Esta fantástica verba é toda empregada em grandes criadeiros de aves silvestres, as quais depois são soltas nos campos de caça. Alimentam a caça nos invernos rigorosos, controlam a produção pela contagem das peças e só depois fixam a quota anual para cada caçador, cuja parte é rigorosamente fiscalizada. Qualquer transgressão implica perda da arma e cadeia, mas isto é fato muitíssimo raro, porque lá há Ordem e Progresso de fato e não simbólicos. É o que nos afirmaram caçadores que lá caçaram e voltaram com magnífica impressão.

O Serviço de Caça e Pesca do Rio Grande do Sul é considerado o melhor do Brasil pelo Governo Federal. Mas assim mesmo neste ano já foram apanhados em flagrante delito, mil contraventores entre os 15 mil licenciados. Por aí se pode imaginar qual não será a anarquia existente nos outros Estados neste setor.

Loja Independente de Teosofistas

A propósito vamos citar o que ocorre na região do Rio Xingu: O sertanista Villas Boas levou ao conhecimento do sr. Presidente da República que trezentos tiroteadores estão matando, destruindo, violando cegamente a fauna daquele rio de natureza ainda virgem. Especialmente ariranhas, lontras, antas, capivaras e aves diversas são alvos de indivíduos inescrupulosos. O Presidente mandou o Ministério da Agricultura que destacasse UM FISCAL DE CAÇA E PESCA para o Posto da FAB, da rota Rio-Manaus, no Xingu. Que a Fundação Brasil-Central e Serviço de Proteção dos Índios facilitasse condução e que em Aragarças e Barra do Garças fosse feita a fixação de editais.

Parece mentira – Só um fiscal para uma região selvagem como aquela. Levando-se em conta nossas dificuldades aqui, nesta região civilizada, pode-se imaginar o que poderá ser feito. Se o fiscal escalado tiver mesmo fibra, infenso a subornos e ameaças, será fuzilado detrás dum pau da barranca e continuará o caos até que as matanças se tornarem inrendáveis. Consta que até aventureiros estrangeiros estão metidos nas matanças.

Na região de Presidente Venceslau, em São Paulo, um particular idealista doou ao Governo uma lancha-motor para patrulhar um rio, cujo barco foi encostado sob a alegação pueril de falta de gasolina.

Enquanto não se verificar uma grande modificação da mentalidade pela educação, essas "penadas" do Presidente e a recomendação de afixar editais para quem não sabe ler, significam tanto como uma gota d'água no oceano.

Continuarão sempre a matança indiscriminada da caça, a dinamitação e o envenenamento dos peixes e as derrubadas sem reflorestamento, ficando os responsáveis e aproveitadores impunes, e nós obrigados a viver no futuro num verdadeiro deserto.

9.9.60

EM CAUSA PRÓPRIA

Aos verdadeiros amantes das nossas incomparáveis belezas e riquezas naturais, podemos transmitir uma boa notícia: A União Protetora da Natureza está vencendo lentamente a Campanha do Idealismo, apesar das enormes dificuldades a enfrentar constantemente.

Como Centro de divulgação de ensinamentos e orientação, manda afixar em todos os locais públicos do Estado e enviar periodicamente seu material de propaganda a 3.000 colégios. Esses avulsos ilustrados sobre conservação da flora e fauna têm sido usados com grande proveito na educação da juventude, conforme atesta a vultosa correspondência recebida da benemérita classe educadora.

O pior problema, porém, continua sendo a cegueira do analfabetismo da maioria do povo, que não teve sequer uma vaga idéia do problema, antes de ser despertada sua consciência pelas atividades da União Protetora da Natureza.

Loja Independente de Teosofistas

Sem pausa lutamos contra a ignorância e a indiferença e até contra a hostilidade de certos destruidores profissionais, que se vêem tolhidos na sua liberdade e contra alguns representantes ciumentos do Poder Público.

Proteção às Árvores e proteção aos Animais são exigências culturais que atingem a todas as pessoas sérias com importância vital no seu senso de responsabilidade para com a posteridade.

Hoje em dia, quando são apanhados contraventores recalcitrantes (lamentavelmente ainda cerca de 1.500 pelo Serviço de Caça e Pesca) não mais poderão alegar ignorância das Leis, por nós divulgadas por todos os meios de publicidade.

Os pedidos de folhetos de propaganda chegam diariamente, até do centro e norte do Brasil e precisam ser atendidos, sob pena de fracasso da finalidade da Sociedade.

Gastamos nesse serviço todos os recursos financeiros provenientes das contribuições dos 300 sócios e de donativos feitos por pessoas idealistas e patrióticas.

A publicação semanal de crônicas sobre Proteção à Natureza e contra o egoísmo e materialismo dos devastadores, no SUPLEMENTO RURAL DO CORREIO DO POVO tem contribuído decisivamente nas vitórias alcançadas.

Se a correspondência repleta de lamentações e denúncias, recebida cotidianamente de pessoas impressionadas trouxesse, também alguma importância por insignificante que fosse, muito maior eficiência e rapidez poderíamos imprimir ao serviço prático de proteção.

Nesse sentido recebemos recentemente o confortante apoio do ROTARY CLUB de Novo Hamburgo, com a inscrição voluntária de todos os seus Membros como Sócios contribuintes da U. P. N.

Valioso donativo em dinheiro acabamos de receber do LIONS CLUB de São Leopoldo, coletado numa reunião de solidariedade à nossa Instituição.

Nossos tutelados, os animais e as árvores, não podendo reclamar, declarar greves, fazer comícios e protestos, votar contra ou criar dificuldades ao Governo e porque são indefesos, sempre expostos à brutalidade e ganância dos homens, nós é que teremos que defendê-los, com todo o vigor combativo, para evitar a transformação da nossa terra num deserto.

Praticamos "Public Relations" como dizem os americanos, o que significa o constante empenho de conseguir a confiança e a compreensão públicas.

Se nós, este punhado de idealistas, nos resignarmos, quem ainda advogará os interesses da Natureza? Quem pedirá ao povo respeito e amor às árvores e animais? Quem educará a Juventude no sentido de ver no mato o amigo e de lhe servir?

Apelamos, pois, mais uma vez, aos corações amorosos das mães, aos sentimentos de compaixão e justiça dos homens, ao espírito e emocionável das jovens, a virem nos auxiliar de qualquer maneira, para que possa se realizar a redenção das matas e da vida animal.

A seguir transcrevemos algumas apreciações da obra realizada pela U.P.N.: De S. Excia. Reverendíssima Dom VICENTE SCHERER, Arcebispo

Loja Independente de Teosofistas

Metropolitano, escreveu em 7/9/60 – "Renovo meus aplausos à intensa e persistente CAMPANHA EDUCATIVA DE PROTEÇÃO À NATUREZA. Parece-me uma selvageria caçar e destruir os pássaros inofensivos que alegram a vida e, em sua maioria, defendem as plantações contra insetos daninhos. Nenhum proprietário deveria conservar em suas terras um espaço vazio e abandonado. Os matos que se fazem surgir, fertilizam o solo, purificam o ar, valorizam as terras, influenciam o regime das águas e asseguram muitas vantagens aos proprietários e à coletividade".

– Do C.P.O.E. da Secretaria de Educação e Cultura recebemos em 25/2/57 o seguinte ofício – "Temos o prazer de remeter o trabalho elaborado por técnicos deste Órgão, com o objetivo de levar à escola a participação consciente no problema da conservação dos recursos naturais, aspecto que já vem sendo visado pela Instituição dirigida por V. Sª – Congratulamo-nos, pois, com a iniciativa altamente educativa da UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA".

– Da mesma procedência, recebemos em 28/9/59 – "Comunicamos a V. Sª que, em atenção ao pedido encaminhado ao Sr. Secretário da Educação e Cultura, as escolas primárias do Estado deverão comemorar, dia 4 de outubro, a FESTA DA AVE, data do falecimento de São Francisco de Assis, o grande amigo dos animais".

– Da Associação de Assistência e Amparo aos Animais, de São Paulo, em 6/10/60 – "Fizemos uma exposição do farto e interessante material educativo da União Protetora da Natureza, em vitrine especial colocada na porta da nossa sede, onde continua sendo objeto de atenção do público em geral".

– Em 23/7/60, o Sr. Eugênio Michaelsen, comerciante de Ijuí, escreveu: "Acompanho no "CORREIO RURAL" este movimento da União Protetora da Natureza, pois reconheço a necessidade de um grito de alerta contra a devastação das nossas já tão dizimadas reservas florestais e contra o extermínio da nossa outrora tão rica fauna, para que possamos pelo menos conservar o que nos resta. Embora pareça uma pregação no deserto, pode estar certo do apoio e solidariedade de todos que se preocupam com o futuro da nossa pátria. Meus aplausos".

– Em 15/8/59 – De Márcio Bazan, fazendeiro de Bagé, recebemos: "Sou um apreciador da sua preciosa e útil colaboração no "SUPLEMENTO RURAL DO CORREIO DO POVO". Continue, pois, sem desfalecimento, na sua benemérita e patriótica cruzada, porque está prestando um inestimável serviço ao Rio Grande e ao Brasil".

– A Sociedade Espírita "LUZ E VERDADE", de Farroupilha, em 28/3/60 nos dirigiu a seguinte mensagem: "Vimos apresentar os nossos cumprimentos pelos artigos publicados no SUPLEMENTO RURAL DO CORREIO DO POVO. O nosso decidido apoio e aplauso pela intensa luta desenvolvida".

– Em 26/11/60 – Do Dr. Ormon Rassier, Prefeito de Encruzilhada do Sul: "Tenho acompanhado pelo SUPLEMENTO RURAL DO CORREIO DO POVO a campanha meritória desenvolvida pela União Protetora da Natureza na defesa da nossa fauna e da nossa flora, obra de benemerência e patriotis-

Loja Independente de Teosofistas

mo, desapercebida somente dos que não querem ver aí um dos mais graves problemas. As incomprensões de hoje se transformarão em votos de agradecimentos no futuro".

– Do ROTARY CLUB de Novo Hamburgo, em 19/9/60: "Que seja compreendida, amada e engrandecida a admirável UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA".

Por falta de espaço deixamos de transcrever maior número de mensagens de solidariedade recebidas.

18.11.60

BICHO ESTÚPIDO E FEROZ

Não há razão de muito euforia, quando o homem pensa na sua origem.

O verdadeiro ancestral da humanidade foi o macaco CHIMPANZÉ, do qual evoluíu, através de milhares de séculos, passando pelo homem da caverna, que já conhecia o fogo e comia carne, o atual HOMO SAPIENS, informado por um princípio imaterial que se chama alma.

Portanto, o homem não passa de um animal aperfeiçoado, mas seu livre arbítrio é uma ilusão, pois seu espírito não se desenvolveu como seu corpo, ficando estacionado, como prova o fato de com toda sua inteligência, suas atitudes quase que não diferem das dos brutos.

Foi pela evolução da "razão do cérebro" que lhe foi possível construir estradas e colocar trilhos, drenar banhados, edificar cidades e fábricas, conceber invenções fantásticas, para proporcionar conforto e espaço vital para sempre maior número de habitantes do globo.

Mas todo este progresso foi conseguido pela destruição das riquezas naturais do universo, principalmente a devastação das florestas e o massacre dos animais silvestres, seus irmãos de origem, sob a capa de exigências da ciência e da técnica.

Estamos dentro desse processo. O animal superior homem se tornou dono de tudo que lhe oferece vantagens no mundo, inclusive dos irracionais, que considera como objetos, coisas e não seres vivos.

Observamos este desenvolvimento com apreensões, porque temos mais pendores para a "razão do coração", para o respeito à vida e à conservação das riquezas naturais, sem nos considerarmos por isso retrógrados.

Provas do atraso mental do homem são estas:

Antes vivia feliz e com saúde, em plena liberdade na quietude dos campos, trabalhando a terra para o sustento de uma vida simples, mas espiritualmente rica. Mas descontente com poucos haveres materiais, foi atraído pela quimera do luxo e divertimentos dos grandes centros urbanos, para ambiente mais civilizado, mas que lhe é hostil.

O homem da atualidade, motorizado e materialista, com este ato precipitado, desligou-se completamente da natureza. Como castigo, agora sofre profunda nostalgia, por ter ficado privado de suas belezas e benefícios, mas não tem a força moral de voltar atrás.

Loja Independente de Teosofistas

Hoje vive nos formigueiros humanos dos arranha-céus ou nas malocas imundas dos arrabaldes, no forno de cimento armado, no trepidante e ensurdecedor borborinho citadino. Aspira o ar impuro, saturado de monóxido de carbono dos aumotores, da poeira das ruas, dos gases envenenados e da fumaça expelida pelas chaminés das fábricas e milhares fogões domésticos. Vê seus filhos definharem pelas doenças e na miséria.

Provoca seu lento suicídio bebendo álcool e fumando nicotina, venenos fortíssimos que minam o organismo e são responsáveis pelas maiores desgraças da humanidade. É um escravo da luta pelo dinheiro, seu supremo ideal de riqueza, sofrendo insanáveis males no seu corpo e na sua alma. Trabalha como prisioneiro entre 4 paredes, com a exclusiva preocupação pelos assuntos comerciais, industriais e financeiros, padecendo inúmeros incômodos com o fisco e os operários, que o levam infalivelmente ao colapso cardíaco.

É um sistema de vida que os animais desconhecem.

Sacrifica sua paz de espírito, metendo-se em política, para complicar ainda mais a sua existência e a dos seus semelhantes e comete coisas incrivelmente imorais, que os irracionais nunca seriam capazes de praticar.

Quando os grandes potentados se desentendem, não fazem como os animais rivais, brigando pessoalmente, mas sim obrigam seus subordinados ou correligionários a se baterem e morrerem por alguma cousa muitas vezes absurda ou sem importância.

Lembrem-se da loucura e horrores das guerras. A flor da juventude é obrigada a se tornar assassinos contra os mandamentos divinos. Entram cantando para a luta, abençoados de ambos os lados por sacerdotes e poucas horas depois são recolhidos mortos, feridos ou aleijados por toda vida, tudo para beneficiar os fazedores de guerras. A humanidade hoje vive em constante medo das bombas atômicas, que de um momento para outro podem acabar com o mundo. Fabricadas com o sacrifício dos povos, com esses engenhos de guerra os governos estão gastando fantásticas verbas, que melhor seriam empregadas em escolas e hospitais.

O homem moderno não tem mais tempo para meditar. Seu interesse máximo é enriquecer o mais rapidamente possível. Não tem mais tempo para procurar contato com a mãe natureza, que cura todos os males. À procura de distração, às vezes corre como louco pelas estradas poeirentas, dirigindo seu carro a toda velocidade, sempre sujeito a acidentes, sem olhar para os lados e só fica satisfeito, quando na volta, de longe vê no horizonte aparecerem as chaminés da sua cidade, sinal do progresso material. Não tem mais tempo de cuidar de sua família. Não tem mais interesse pelas coisas simples e estimulantes da vida, como o amor da esposa e dos filhos; como acariciar um animal; como descansar na beira dum murmurante arroio; deitar-se na relva, debaixo duma grande árvore; como passar uma noite estrelada, ao pé do fogo, junto à barraca; como ouvir os hinos da passarada ao alvorecer do novo dia; como re-

Loja Independente de Teosofistas

mar por um grande rio marginado de mato, onde cantam milhares de cigarras; como beber um copo de água cristalina duma fonte, etc.

Vocês nem imaginam o que estão perdendo.

Como são invejáveis os animais silvestres.

13.10.61

EDUCAÇÃO DO CORAÇÃO

As lições de moral, instiladas nos corações das crianças desde o berço e na primeira infância, nunca mais serão esquecidas.

A juventude educada nos princípios de bondade, amor e compaixão com os irracionais, que também têm direito à proteção e ao respeito à sua vida, torná-la-á por toda sua existência amável e humana, isenta de egoísmo e malícia.

Cabe às mães em primeiro lugar, a pesada responsabilidade de ensinar seus filhos que só um covarde e depravado é capaz de maltratar, ferir ou matar um ser fraco e indefeso, prevalecendo-se de sua superioridade de força ou de arma.

Os pais de valor e nobreza de caráter, com seus bons exemplos, inculcarão no espírito dos filhos sentimentos nobres de compassivo trato aos animais.

Aos professores, educadores da inteligência dos alunos, cabe a sublime missão de continuar na escola a grande obra de formação do caráter da juventude, iniciada no lar, pelo aperfeiçoamento do conhecimento da lei suprema do homem, da sua primeira obrigação moral, como ser superior que é, de proteger, amparar e defender os fracos e indefesos animais que estão à sua mercê.

Os jovens assim aprenderão a ler nos seus mansos olhos as suas súplicas e compreenderão as necessidades de carinho e proteção das pobres criaturas mudas, que DEUS pôs no mundo para servir à humanidade, até com sacrifício das suas vidas, e nunca mais serão cruéis com eles.

Este conhecimento leva-los-á a considerar as atrocidades de prender passarinhos em minúsculas gaiolas e peixinhos ornamentais em exíguos aquários, animaizinhos acostumados a plena liberdade na imensidão da natureza; de manter seus melhores amigos, seus cachorrinhos de estimação, eternamente amarrados em curta corrente, em lugares anti-higiênicos, bater-lhes, deixá-los passar fome e sede e de maltratar qualquer outro ser vivo.

A benéfica influência dos pais e mestres e o ensino religioso fa-los-ão abster-se de atos de brutalidade e destruição e de pecados.

Quando meninos, não usarão fundas para ferir avezinhas e deixarão de destruir ninhos, nem praticarão devastações na natureza para se divertir.

Muitos, quando ficarem adultos, não quererão ser caçadores, pelo simples fato de este esporte implicar em matar e ferir os infelizes animais silvestres.

Loja Independente de Teosofistas

E mesmo os que não puderem resistir à paixão de caçar, nunca terão ímpetos destruidores, não abaterão animais com cria ou aves chocas nos ninhos e no período do defeso, nem passarão para a abjeta classe dos matadores "tarados", exterminadores da nossa maravilhosa avifauna. Estes são os piores criminosos que conhecemos.

Com o avançar da idade, esses homens bem educados, já cansados de tanto matar e ver os horríveis sofrimentos dos animais malferidos, que ficam no campo a morrer lentamente de gangrena, muitos abandonarão o sangüinário esporte da caça, movidos por sentimentos de piedade e generosidade.

Felizmente os Governos estão no caminho certo, cuidando sempre mais da educação das novas gerações, cujos benéficos resultados já se fazem sentir no nosso setor de proteção à natureza, mas é muito lamentável que mais da metade das crianças ainda não freqüentam escolas por culpa de pais relaxados e analfabetos.

O que mais sentimos é que muitas professoras das classes primárias só cuidam da instrução intelectual, porque não têm interesse, tempo ou vontade de praticar a educação moral dos seus alunos, e, que artigos de fundo educativo, como este, não são lidos pela maioria dos pais de mentalidade retrógrada, pelo que se perde em grande parte o seu valor.

Um recorte desta crônica remeteremos à Secretaria da Educação, agora dirigida pela Exma. Sra. Dona ZILAH TOTTA, educadora dinâmica, bondosa e sensível, com o pedido de mandar realizar, consoante ao disposto no artigo 31, letra F, do Código de Caça, em todos os Institutos de Ensino, públicos e particulares do Estado, anualmente, em 4 de outubro, dia consagrado a São Francisco de Assis, a FESTA DA AVE.

Os festejos desse dia, talvez com observações práticas dos passarinhos nos ninhos e alimentando seus filhotes e a fixação nas árvores de caxinhas para nidificar, construídas nas aulas de trabalhos manuais, influenciarão de tal modo a mentalidade das crianças, que dificilmente nas férias continuarão a praticar suas costumadas depredações na natureza.

Não temos dúvidas – nosso pedido será atendido. E assim obteremos uma grande vitória.

26.4.63

IMPREVIDÊNCIA DE HOMENS INTELIGENTES

Era uma vez uma grande floresta, com enormes árvores de muitas espécies, como feitas para a eternidade, cujas fortes raízes penetravam fundo na terra, entre as pedras, dando-lhes absoluta firmeza contra as tempestades.

Suas frondosas copas formavam uma ruidosa cúpula verde, cheia de vida, a qual se elevava a grande altura dos arbustos e fruteiros silvestres do sub-bosque.

Loja Independente de Teosofistas

Em brilhantes filetes gotejava a água do chão úmido e fofo como uma esponja e coberto de musgos e folhagens, formando pequenos córregos, que serpenteavam entre os troncos e as rochas, caindo em cascatas rumo às baixadas.

Alcançadas as várzeas ao pé dos morros, se espraiavam e formavam pequenos lagos entre verdejantes campinas e capões, continuando, depois de se unirem, num forte e límpido rio, a correr pela planície afora.

E o grande império verde ressoava do farfalhar do vento nas folhas, dos cânticos da passarada e do zunido das abelhas e estava cheio de animais silvestres e nas águas abundavam peixes.

Reinava naquele paraíso da natureza uma perfeita comunhão de vidas.

Certo dia vieram de longe uns homens e comentaram entusiasmados: "Este mato é inesgotável". Se estabeleceram na planície, na beira do rio e começaram logo a derrubar árvores para construir suas casas, veículos e embarcações, escolhendo sempre as mais grossas e mais linheiras. Para alcançá-las, cortavam largas picadas e queimavam a madeira inferior e os galhos; para desimpedir a passagem para os arrastos dos troncos. Nunca alguém se lembrou de reflorestar um único pé.

Durante 30, 50 anos aqueles homens despreocupados saquearam aquele gigantesco rico mato. Quando alguém apontava o erro e falava em reflorestamento, era ridicularizado. No decorrer dos anos aquele primitivo lugarejo se desenvolveu numa populosa cidade industrial. Vieram agricultores, que abriram enormes clareiras na floresta e faziam grandes queimadas nas coivaras para roças e pomares, porque havia sempre maior procura de alimentos.

Crescia também o consumo de lenha e carvão para uso doméstico e industrial e de madeira para móveis e construções e por isso instalaram uma grande serraria, processando-se então a devastação em marcha batida.

De repente os homens inteligentes se assustaram, porque viram que as árvores não cresciam tão rapidamente como eram cortadas, que só restavam restolhos tortos, brotos e macegais e que começava a escassear a água dos arroios e do rio.

Reconheceram que tinham que reflorestar. Os bem inteligentes diziam: "Se temos que reflorestar, vamos então plantar somente árvores de rápido crescimento para compensar o emprego do nosso capital".

Foi aí que cometeram o maior erro de sua vida.

Devastaram e queimaram toda a vegetação das encostas dos morros, deixando o solo nu, lavraram e encheram tudo com eucaliptos, essa árvore estrangeira, que seca e desfertiliza a terra. Plantaram as mudas bem juntinhas e em fileiras, para não perder nenhum pedacinho de chão.

E os homens inteligentes se alegravam, quando a grande floresta renasceu e diziam: "Estão vendo? é só preciso ensinar as árvores a crescer".

Mas vieram as enxurradas do inverno e arrancaram a camada humosa da terra com muitas mudas, levando tudo para as baixadas, onde se formaram banhados e brejais, atulhando também o rio, cujas águas ficaram toldadas.

Era a erosão em plena ação. Fizeram replantio às pressas, mas o mato artificial parecia uma lavoura de varas, onde o vento passava livremente. Não

Loja Independente de Teosofistas

se criou sub-bosque, nem qualquer vegetação, porque a terra foi capinada e ficou dura e compactada como cimento, incapaz de reter as águas das chuvas, como antes acontecia no mato virgem. Secaram as fontes dentro do novo mato e ao redor dele e deixaram de correr muitos arroios na região. Somente nos dias de grandes chuvaradas se enchiam os antigos leitos e se transformavam em violentas corredeiras, arrancando as barrancas e fazendo transbordar o rio, provocando enchentes, que logo eram seguidas de prolongadas vazantes.

E os homens inteligentes se viram obrigados a construir às pressas uma barragem, para não paralisar a Usina Elétrica e a Hidráulica, alimentadas pelas águas do rio.

Os pássaros e os animais silvestres fugiram daquele mato artificial, porque não encontraram mais locais para nidificar, nem esconderijos. A maioria da fauna foi abatida pelos caçadores da cidade.

Criaram-se no mato artificial milhões de insetos nocivos, agora livres de seus inimigos naturais, os pássaros, e começaram a destruir as plantações vizinhas e broquear as árvores. O mato sangrava de inúmeras feridas. As árvores doentes tinham que ser derrubadas e aproveitadas às pressas. Pulverizações de veneno sobre a floresta de nada adiantaram.

Os homens presunçosos ficaram muito quietos e pensativos diante da desgraça e com saudades dos passarinhos que espantaram e da riqueza florestal que esbanjaram.

Mas a medida dos desastres ainda não estava completa O mato enfraquecido, de raízes superficiais, não resistia aos ventos fortes. Sobreveio uma forte ventania que desenraizou e quebrou centenas de milhares de pés, numa larga frente, formando montes de madeira estraçalhada.

Certo dia, por descuido dos lenhadores, incendiou-se aquela enorme massa de troncos e galhos ressequidos.

O devastador incêndio foi preciso combater com contrafogo posto, ficando assim sacrificada mais uma enorme extensão de mato.

A grande floresta morreu naquele dia pela segunda vez.

Mas não era ainda tudo. No verão secou a represa, paralisando a Usina Elétrica, Hidráulica e as Indústrias, ficando milhares de operários sem trabalho.

A cidade ficou sem luz e sem água, a qual tinha que ser trazida de longe em caminhões-tanques. O nível do lençol d'água subterrânea também baixou perigosamente, fazendo secar os poços.

Morreram as plantações e os pomares e os agricultores invadiram a cidade, criando tremendos problemas à Administração.

Só então os homens tão inteligentes e infalíveis compreenderam o que significa comunhão de vida na floresta, colocada pela Mão Divina onde faz falta.

Para não deixar morrer a cidade e para poderem "sobreviver", são agora obrigados a ressuscitar pela terceira vez a grande floresta, mas de acordo com as imutáveis Leis da Natureza e com o dispêndio de fabulosos recursos privados e oficiais.

Loja Independente de Teosofistas

Este exemplo de grave imprevidência encontra paralelos em todo o mundo, onde o homem, este ser superior, mete a mão na Natureza e onde o Poder Público não cuida do seu mais precioso Patrimônio.

No racionamento da energia elétrica temos uma prova aqui entre nós.

O problema da água em Caxias do Sul ficou tão assustador, que vão construir mais uma represa e estão providenciando num grande reflorestamento, única maneira de aumentar o volume dos cursos d'água e torná-los mais constantes.

Várias outras cidades do Rio Grande do Sul estão a braços com problemas semelhantes, que significam vida ou morte, riqueza ou miséria para as respectivas populações. Felizes aqueles que compreenderem seus erros em tempo e possuirem ânimo e recursos para corrigi-los.

28.5.60

MODIFICAÇÃO DE MENTALIDADE

Todo garoto se sente importante quando pode mostrar sua superioridade sobre alguém, mesmo se for apenas sobre um indefeso animal. As maiores vítimas dessa mania de bancar o "mocinho do cinema", de querer ser homem, são sempre cães, gatos e passarinhos.

Quando convidado por maus companheiros para praticar uma malvadez, os acompanha para não se expor às risadas e zombarias e para não passar pela vergonha de ser julgado covarde, embora sinta no seu íntimo horror a brutalidades.

Depois de ter experimentado seu poder numa criatura mais fraca do que ele, termina rapidamente sua vaidade e vêm os remorsos.

Como fica abalada uma criança de bom coração, atacada por sentimentos de culpa, quando levanta um passarinho por ele ferido com um fundaço e sente o aflito palpitar do coraçãozinho; quando vê nos olhinhos toda a dor e desespero, todo o medo da morte que se aproxima; quando se convence de toda a inutilidade de seus esforços de salvar a vidinha do inocente e quando, afinal, tem nas mãos o pequenino cadáver.

Muitas lágrimas e grande arrependimento já vimos nessas ocasiões, se os meninos são sensíveis ao sofrimento alheio; mas também já encontramos diabinhos cínicos e perversos, que nada sentiam, porque eles mesmos são vítimas do meio ambiente sem amor em que se criam.

Felizes os pequenos malfeitores, que possuem pais ordeiros e mães afetuosas, que os reconduzem ao caminho do bem, dando-lhes bons conselhos e exemplos, e dedicadas professoras que completam a educação moral dos jovens.

Estes aprenderão a ver o sofrimento dos animais e sentirão que cabe a eles auxiliá-los. Os outros enveredarão para a sinuosa estrada do crime, que termina na cadeia.

Lamentavelmente, muitos pais irresponsáveis não sabem mais nada do que matar os animais, mas são capazes de fazer voltar à vida ao menor deles.

Loja Independente de Teosofistas

Esquecem de tal maneira as suas responsabilidades de educadores, que cometem o crime de envenenar as almas dos seus próprios filhos, ensinando-os a matar na primeira infância, preparando-lhes fundas, alçapões e armadilhas; dando-lhes aulas de pontaria; permitindo a destruição de ninhos e filhotes; levando-os junto nas caçadas para que se acostumem a ver correr sangue; para que os vejam atirar os passarinhos até de cima dos ninhos, mandando-os depois depenar as pequeninas vítimas; ridicularizam a obra educacional das escolas e anulam todo o trabalho protetor das autoridades competentes.

Não obstante os maus exemplos oriundos dessa mentalidade assassina de muitos adultos mal-educados, a nova geração vai reconhecendo que o poder que oprime, atemoriza e mata os mais fracos, é desprezível e que é admirável a força empregada para proteger e tornar feliz.

A maior parte da humanidade ainda não imagina quantas boas qualidades, quanta espiritualidade possuem os pobres animais e como se esforçam para se tornar agradáveis e queridos aos que procuram compreendê-los e os tratam com amor.

Se soubessem mais acerca dos infelizes irracionais, especialimente da fauna silvestre, tão perseguida, os respeitariam por si mesmos e não mais sairiam da admiração.

Quem é bom e carinhoso só para os seres humanos e esquece as outras criaturas, tem consciência e pensamentos mui estreitos.

Proteção à Natureza ficará sendo uma das grandes realizações da Humanidade, assim como foi a abolição da escravatura; como é a proteção às crianças, velhos e doentes; a preocupação pelos feridos de guerra e sofredores de catástrofes, etc.

As pessoas bondosas acharão novos caminhos para cumprir a vontade divina nesse sentido e encontrarão nisso o mais sublime encargo que existe.

Sempre maior está ficando o círculo dos que se interessam pelo assunto e que se propõem auxiliar os dirigentes desta campanha educativa.

Estamos vencendo vagarosamente, graças a Deus, sem necessidade de pedir verbas ao Governo, que se alheia completamente destes "sonhos de visionários". Provamos assim que o idealismo e a força de vontade, aliados a duro trabalho, tudo conseguem neste mundo.

No seio da UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA tem lugar para os que compreendem nossa obra e que desejam colaborar para ampliá-la.

29.7.60

O PROGRESSO DESTRÓI A NATUREZA

Numa época em que a vida se torna sempre mais neutra, técnica, fria, autômata, anônima e interesseira, num tempo desses aumenta, para o mato, o número de seus inimigos e fica exposto a maiores perigos.

Especialmente nas áreas, de grande aglomeração fabril, nas portas das grandes cidades, o mato está exposto ao avanço da indústria, do tráfico e do loteamento.

Loja Independente de Teosofistas

Sabe-se quão poderosas e influentes são as forças dos gananciosos "businessmen", alheios a quaisquer sentimentos de amor à natureza, que atrás dos bastidores dão tirões na mata para produzir "money".

Como exemplo temos a desgraça da desapropriação que se abateu sobre a Fazenda da Brigadeira, propriedade de um dos associados da U.P.N., na divisa de Canoas com Esteio, ao lado da Faixa Federal e do Arroio Sapucaia, onde a Petrobrás vai instalar uma grande Refinaria de Petróleo.

Ninguém nega, ninguém discute, ninguém se opõe à importância do imenso progresso material que advirá àquela zona com o emprego de milhares de operários e o lucro de milhões de cruzeiros mensais.

Mas onde existe tanto campo para a construção dos Prédios da Administração, da Refinaria, dos Depósitos, dos Tanques e da Vila Industrial, não precisava ter sido desapropriada justamente a parte das terras das quais existem 40 hectares de uma linda mata virgem, última Reserva Florestal do município de Canoas.

Conforme consta e indicam as medições, esta maravilhosa coletânea da flora brasileira, que nós sempre admiramos nas nossas excursões de fiscalização, será toda logo derrubada para dar lugar às construções.

O ex-proprietário, grande idealista da conservação dos recursos naturais, inúmeras vezes foi assediado com vantajosas propostas de compra por Companhias de Loteamento, mas nunca quis vender a floresta, porque seu plano era legá-la intata em testamento às gerações futuras, com a cláusula de inalienabilidade perene.

Podemos imaginar o seu desgosto, o seu desespero quando tiver que observar a destruição daquilo que zelou com tanto carinho durante uma vida inteira, não cortando uma única árvore, nem aproveitando as caídas, nem para lenha, nem para um único moirão de cerca, mas sim plantando novas espécies crioulas nos claros, agora em pleno desenvolvimento natural.

Parece que para judiar da vítima indefesa, que ao perder seu patrimônio havia pedido que conservassem pelo menos as partes mais valiosas da mata, no próprio interesse dos novos donos, para um Parque de Recreação pública para a futura população da Vila Industrial e para adorno das chácaras dos Diretores, alguns elementos desclassificados descascaram, para matá-lo um centenário cedro de grande beleza, que resguardava na sua sombra uma fonte captada numa bacia de alvenaria, a qual, por um córrego, alimentava um piscoso açude, que foi também arrombado por pura malícia e roubados os peixes que o habitavam. Os pássaros foram mortos a tiros.

O arroio Sapucaia para o futuro será transformado num esgoto cloacal e residual da Refinaria, no qual não mais poderão viver peixes. O ar será conspurcado pelas emanações malcheirosas do petróleo. Não importa – vai rolar dinheiro.

Por que será que só é observado pela maioria o lado material, mas nunca ideal que enaltece o espírito e proporciona felicidade na vida?

Lamentavelmente, é mais comum calcular as árvores pela quantidade de madeira e pelo lucro que podem produzir e os animais silvestres pela carne e o divertimento dos tiroteios.

Loja Independente de Teosofistas

Como é possível que tudo isto possa acontecer bem na vizinhança do maior Parque Zoológico e de Recreação Pública que está sendo construído num pobre floresta artificial de eucaliptus, sem que o Governo tome uma providência para resguardar de devastação a última reserva florestal nativa de Canoas para as futuras gerações?

Só nos resta o último recurso de fazer um apelo ao Exmo. Sr. Governador do Estado, que pelos seus atos já comprovou seu interesse e amor pela Natureza, e à Presidência da Petrobrás, que consideram a possibilidade de preservar de destruição a belíssima mata da Fazenda da Brigadeira, uma jóia na paisagem triste dum grande centro industrial.

Que não seja tão oneroso para todos o preço do progresso.

Para muitos mais vale uma árvore do que uma chaminé ou um tanque de gasolina, sem que por isso possam ser tachados de reacionários ou retrógrados.

13.4.62

"SOCORRO", AMIGOS DA NATUREZA

O título de utilidade pública conferido pelo Governo do Estado à União Protetora da Natureza (Decreto nº 13.708 de 7.6.62), constitui o reconhecimento oficial dos bons serviços prestados à proteção dos animais e plantas e um prêmio ao grupo de pessoas que, por todo o território gaúcho, dedicam seu tempo, sua inteligência e seu dinheiro, ao trabalho por esta nobre causa.

Mas a boa-vontade e o sacrifício isolado de alguns idealistas, a cooperação de alguns mestres, a energia de algumas autoridades o exemplo de alguns religiosos, os aplausos de alguns entusiasmados e as exclamações de horror e a reprovação das pessoas sensíveis contra atos de malvadez e destruição, não bastam.

Todo homem civilizado deve admitir obrigações de impedir devastações e selvagerias; sua simpatia e seu amor pela flora e fauna são as últimas qualidades morais adquiridas pela educação.

Para ninguém é lícito ignorar os fatos delituosos ou olhar para o lado, quando acontecem na sua presença, para não se incomodar ou criar inimizades.

Cada um poderá contribuir com alguma coisa pessoal e diferente neste programa de conservação e por pequena e insignificante que essa cooperação pareça, nem por isto deixará de ser benéfica para a grande causa que defendemos.

Nossa atividade protecionista, aceita como útil à coletividade pelas autoridades, nos credencia para convidar outras pessoas simpatizantes da nossa causa, a compartilhar neste ideal de defender os animais e as árvores com o coração, a cabeça e, em caso extremo, até com os punhos.

A nossa Sociedade necessita de mais sócios em toda parte e de mais dinheiro para ampliar seu raio de ação, especialmente a campanha educativa

Loja Independente de Teosofistas

nas escolas, para despertar no espírito da juventude o sublime sentimento de respeito e amizade aos seres e coisas da natureza.

Precisamos continuar orientando o povo, por meio de impressos ilustrados e pela imprensa sobre o inestimável valor da nossa flora e fauna, recursos naturais estes que necessitam conservação.

Convidamos os prezados leitores, que compreendem e aplaudem a nossa atividade, a tornarem-se membros da União Protetora da Natureza.

É tão fácil e não é dispendioso, mesmo aos que já são contribuintes de outras sociedades beneficentes.

Basta indicar nome e residência e fixar espontaneamente a anuidade com que deseja contribuir.

Não há jóia a pagar. Os que residem distante e não podem vir a São Leopoldo para se inscrever, poderão remeter as necessárias indicações e as importâncias pelo Correio ou qualquer Banco. Aos pretendentes oferecemos os Estatutos para prévio estudo e conhecimento da nossa organização.

Tão valiosa como dinheiro é considerada qualquer doação de impressos de propaganda por firmas comerciais; papel em branco; exemplares do "Correio do Povo Rural" e de revistas sobre assuntos da natureza, para distribuição às Escolas e camponeses pobres; a fiscalização ativa; a transmissão de informações sobre irregularidades; a condução dos nossos fiscais aos locais da ocorrência, etc., etc.

Apelamos especialmente aos grandes contribuintes do Imposto sobre a Renda e aos ricos proprietários, que nos auxiliem com donativos para socorrer à criatura irracional, tão carente de compaixão, sempre exposta ao arbítrio de malfeitores e para combater os devastadores das nossas florestas.

Aos atrasados da benemérita guarda-velha pedimos a liquidação de seus débitos, porque a maldita inflação está atrapalhando o nosso trabalho e não podemos parar.

No dia em que todas as pessoas forem amigas da natureza, o mundo será muito mais humanitário e feliz. E os que contribuirem para este nobre fim, estarão com as consciências mais tranqüilas.

Apreciamos visitas, correspondência, sugestões e assistência.

Aos que estão nos auxiliando durante longos anos, apresentamos sinceros agradecimentos.

22.2.63

DIA DE LUTO NACIONAL

Para os que amam as árvores e vêem nelas a riqueza da Pátria e a garantia da nossa sobrevivência de povo livre, o Dia da Árvore é de luto e de tristeza, porque tão pouco tem sido feito para conservar algumas e para reflorestar as que vêm sendo derrubadas. Nem 1% tem sido replantado.

Os últimos pinheiros centenários parecem gigantes de braços levantados, implorando inutilmente clemência aos seus algozes, ávidos do seu lenho.

Loja Independente de Teosofistas

O povo ingênuo raras vezes compreende a razão de evitar a destruição das florestas e a necessidade da silvicultura e desconhece a ameaça de falência econômica que se agrava com o seu esbanjamento para este Brasil imenso, campeão mundial da imprevidência.

Nem o Governo reconhece a necessidade de impedir a continuação do corte indiscriminado das últimas reservas florestais, para garantir por mais alguns anos o consumo interno, nem exige o reflorestamento, para tornar perene a exploração florestal.

Já estamos pagando a "mula roubada" – 1 tábua por Cr$ 1.300,00 – o que impede a população humilde a construir seus chalés. Breve estarão morando em ranchos de barro, de chão batido e cobertos de palha ou em malocas.

As serrarias estão desfalcando os últimos pinheirais, as estradas estão coalhadas de caminhões transportando madeira aos portos de embarque para exportação. Só no 1º semestre de 1963 já foram exportados 432.000 metros cúbicos de madeira de pinho, equivalente de cerca de 200 mil pinheiros de grande porte. Os estrangeiros se riem da nossa burrice e imprevidência.

Agora os serranos ignorantes até deram em catar os pinheirotes deixados pelas serrarias nas matas, transformando-se em lenha para as fábricas de celulose, matando assim a última esperança do surgimento de novos pinhais para exploração industrial.

Em toda parte impera a mais criminosa omissão, o mais vil imediatismo, a mais vergonhosa espoliação do nosso rico patrimônio natural, irrecuperável em menos 60 a 80 anos, o que nos obrigará a importar madeira do estrangeiro a peso de ouro se tivermos divisas para pagá-la.

Por isto não temos motivos para comemorar o plantio alegórico duma coisa não feita, porque é hipocrisia.

Mas anualmente, quando entra a primavera, homens importantes, ocupadíssimos, que na roda do ano não se lembraram de árvores ou permitiram que se as matassem impunemente, às centenas de milhares, cujo reflorestamento só foi feito no papel, no asfalto, nas mesas de cafés ou gabinetes administrativos ou relatórios falsificados, de repente se arvoram em fanáticos reflorestadores.

Ressurge o lirismo sobre as árvores, as grandes amigas da humanidade e repete-se o corre-corre atrás de material didático para os concursos de redações e a procura de mudinhas florestais, raras e caras.

Reacende-se o fogo de palha das Campanhas de Consciência Florestal e encena-se a farsa do "reflorestamento simbólico" com o plantio de uma mudinha, sob cantos de hinos, recitação de poesias, discursos de longo fôlego, música, foguetes e palmas. Para documentar a farolagem nos jornais, batem-se fotografias e está cumprindo o dever patriótico.

Três dias depois está tudo esquecido e as arvorezinhas mortas, porque não foram regadas. Cai o silêncio de morte sobre o assunto por mais um ano.

Mas lá fora, nas matas, continuam os vilões, sem interrupção, o arrasamento sem lei nem medida nem controle, enchendo os bolsos com o lucro de um bem de interesse comum de todos os brasileiros.

Loja Independente de Teosofistas

A nosso ver, 21 de setembro é tarde demais para comemorar o Dia da Árvore, porque a brotação já vai muito adiantada. O mês ideal para tranplantar árvores é junho, de mais freqüentes chuvas.

Devia se constituir num acontecimento mais atrativo para a juventude, preparado nas Escolas durante todo o ano, como aprendizagem rudimentar prática de silvicultura. E os festejos não deviam se realizar só na Capital, porque as crianças do Interior merecem também ser educadas.

No dia da festa, as autoridades, professores e pais dos alunos deveriam acompanhar estes a algum sítio rural, entrando em contato direto com a natureza, onde se procederia durante todo o dia o plantio de mudas em grande escala em parques, ao longo de rodovias e propriedades privadas, como fazem na Colômbia, onde as crianças plantaram num só dia, em 12 de outubro de 1951, meio milhão de árvores, ou como na Alemanha, reflorestada pela juventude em 10 anos, após a 2ª Guerra Mundial.

Não basta plantar uma mudinha e dizer um verso e depois nunca mais olhar por ela. Devem ser atendidas suas necessidades de luz, de água, de solo fértil e ser protegida contra qualquer dano, para não se perdê-la e com ela o entusiasmo pela continuidade de esforços e objetivos, o essencial para o êxito.

O ideal seria a criação de BOSQUES ESCOLARES nessas festas. Cultivados pelos próprios alunos, se converteriam em lugares de reuniões e estudos de ciência naturais ao ar livre. A criança cuidaria com prazer da "sua arvorezinha" ou dum grupo de árvores confiado à sua guarda, especialmente se fossem marcadas com uma plaquinha de metal, contendo o nome do aluno e a data do plantio.

A distribuição de prêmios aos melhores zeladores estimularia ainda mais esta nobre e patriótica atividade.

O reflorestamento feito pela juventude é uma inesgotável fonte de inspiração para trabalhar em comum pelo aprimoramento da vida, ficando indelével nas mentes da jovem geração a consciência da importância que as árvores têm para o progresso da Pátria.

Duvidamos que esta sugestão seja posta em prática, porque daria muito trabalho e obrigaria a suar e sujar as mãos na terra, do que muita gente tem horror.

20.9.63

DEFENDAMOS A NATUREZA!

Como todas sabem, o maior recurso natural do Brasil, visível, quando foi descoberto, eram as maravilhosas florestas virgens e a grande variedade de animais silvestres que as povoavam.

Era então um paraíso a nossa Pátria, porque o índio nunca foi devastador. Usava dos bens da natureza para suprir suas necessidades.

Mas onde o homem branco mete a mão na natureza, destrói tudo a ferro e fogo, porque o único interesse é enriquecer rápida e facilmente, sem

Loja Independente de Teosofistas

pensar no futuro, nem no sacrifício ao insubstituível patrimônio nacional, constituído da nossa flora e fauna.

Algumas das primeiras exportações do Brasil foram produtos florestais, tais como toros e tábuas.

A madeira mais cobiçada pelos portugueses era o pau-brasil para as tinturarias e a madeira de lei para construção de navios.

As derrubadas eram feitas sem lei nem medidas, sob a extravagante concepção de serem as florestas inesgotáveis, o que até hoje ainda é crença de muita gente aparentemente culta.

A terra foi desnudada cada vez mais para dar lugar a cidades, fazendas, sítios, colônias ou as áreas devastadas ficavam improdutivas e inúteis. Assim continuou durante séculos, apesar de leis protetoras decretadas e o norte ficou transformado em desertos, onde as secas periódicas eliminam o gado, matam as plantações, fazem desaparecer os rios, tornando a vida impossível, obrigando os habitantes a emigrarem de seus lares.

O plantío do café acabou com enormes florestas nativas no centro do Brasil e ainda são destruídos muitos quilômetros quadrados de mata virgem por ano para aumentar essa cultura.

No sul, as derrubadas para suprir de lenha e madeira as indústrias, para expansão de núcleos coloniais, para as necessidades da Viação Férrea e da navegação a vapor e das lavouras de arroz, cujas máquinas são movidas a locomóveis, acabaram com nossas madeiras de lei; a exportação do pinho está aniquilando nossos vastos pinhais, onde estão em incessante atividade mais de 1.500 serrarias.

De ano para ano, aumentam assustadoramente as áreas desnudadas e já estamos sentindo de perto as tristes conseqüências dessa ignorância e imediatismo.

O reflorestamento, única medida capaz de garantir uma exploração florestal sem provocar a ruína da indústria madeireira, não tem sido feito, sendo sempre adiado sob fúteis e ridículos pretextos.

Quem está plantando pinheiros, gratuitamente, sem visar lucros, é a gralha azul, mas o fazendeiro manda arrancar os pinheiros, porque diz que os espinhos estragam os pastos, necessários para a criação do gado.

A floresta, além de seu elevado valor econômico, ainda representa outro valor imenso, que não pode ser traduzido em dinheiro, como fazem os exploradores ganaciosos, que nas árvores somente vêem o rendimento em metros cúbicos de madeira e o lucro em cruzeiros.

Elas representam também bens imateriais. São indispensáveis para conservação do regime das águas; para evitar a erosão das terras pela ação dos agentes naturais como enxurradas e ventos; assegurar condições de salubridade pública; asilar a fauna indígena.

O chão da mata virgem é formado de uma grossa camada de poroso humus que age em forma de esponja, quando chove, absorvendo as águas pluviais, as quais depois expele lentamente, garantindo assim o regime dos rios, evitando enchentes e vazantes, como acontece quando o chão é queimado e duro sem vegetação, pelo qual as águas descem rapidamente para as baixadas.

Loja Independente de Teosofistas

As raízes das árvores seguram a terra, evitando que as enxurradas a desintegrem e a arrastem para os rios, onde se deposita, atulhando-os.

As frondosas copas das árvores produzem sombra e umidade, garantem as fontes e evitam que o sol torre a terra e o vento a leve em nuvens de pó, como acontece nas encostas desmatadas, onde afinal fica somente pedregulho e rocha. Garantem também a vida dos peixes, pela sombra e frutos que fornecem.

Desaparecendo as matas, a região fica insalubre, porque cada árvore é um maravilhoso laboratório, onde se absorve o carbono do ar e se renova o oxigênio da atmosfera.

Com as derrubadas das matas, muitos animais silvestres perdem seus abrigos e condições de vida, o que já ocasionou o desaparecimento de muitas espécies da nossa outrora riquíssima fauna.

O homem, esse grande devastador da natureza, não somente destrói as matas. Onde se movimenta um animal selvagem, já está um caçador na espreita, para acuá-lo e roubar-lhe a vida, pois acham isto um grande prazer, um magnífico divertimento, ferindo e matando as pobres criaturas, levando a morte e o sofrimento para dentro da nossa linda natureza.

Nem sequer são respeitadas as espécies protegidas por lei, como os utilíssimos passarinhos cantores e comedores de insetos, que são o encanto das matas e campos, mas são mortos com espingardas, visgos e redes para serem comidos por gente apreciadora do prato festivo de certa região, a tradicional "passarinhada com polenta". Este vício de "tarados" está tornando as nossas matas sem vida.

A maioria de caçadores nem tem noção de verdadeira caçada. Querem simplesmente acompanhar a grande moda de matar. Matam tudo que encontram, pelo simples prazer de ver sofrer e morrer suas infelizes vítimas.

Quando alguém reprova seus atos de vandalismo, liquidam o caso com a estúpida expressão: "Ora, é só um bicho, ele não sente nada, nem grita", o que prova a mentalidade dessa horda de bárbaros, sem sentimentos nobres nos corações.

* * *

Já vimos que a tendência geral foi e é a de destruir, mesmo em flagrante desrespeito às Leis Protetoras decretadas pelo Governo durante centenas de anos e que nunca foram respeitadas, porque as autoridades não possuem força para reprimir a loucura destruidora contra a natureza ou não querem se incomodar e indispor com os destruidores.

O homem da rua já sabe e sente que precisa ser feito algo para travar esse desperdício das matas e que o reflorestamento é indispensável, mas espera que o Governo ou outra qualquer pessoa providencie por ele, de maneira que continua a corrida suicida.

A maioria somente se lembra do mato quando precisa de lenha ou madeira de construção, que já está por preços absurdos, devido à escassez.

Loja Independente de Teosofistas

A História Universal comprova que os Povos que se desfizeram de seus recursos naturais, cujo maior é a floresta, empobreceram, se tornaram escravos e desapareceram do mundo.

É bom lembrar na Semana da Pátria, quando festejamos nossa Independência, que nós estamos em mau caminho, porque o Brasil esperou EM VÃO que cada um cumprisse o seu dever.

O reflorestamento particular, conforme estatísticas, se fez até agora na proporção de 1 árvore para cada 300 derrubadas (0,3%), o que é uma revelação de estarrecer o mais insensível dos patrícios.

O reflorestamento oficial feito pelo Instituto Nacional do Pinho, é tão insignificante em relação aos pinheiros cortados, que nem pesa na balança.

Aquela autarquia é mais um órgão arrecadador de taxas, para manter seu exército de funcionários burocráticos.

Os poucos pinheiros plantados pelo Instituto custaram uma enorme fortuna, cada mudinha custou dezenas de vezes mais do que as reflorestadas pelos particulares.

Replantio feito pelo Governo do Estado ainda não vi. Tudo parece que ficou no papel, na conversa, nos planejamentos, nos relatórios.

Não é tão fácil reflorestar, como parece. Não se faz a grito. Não se faz sentado nos cafés, nos gabinetes, passeando na Rua da Praia.

O próprio Governo do Estado está dando demonstração do seu desinteresse pelo reflorestamento, pela criação de parques florestais públicos, pois agora pretende até vender o Horto Florestal de São Leopoldo, sob pretexto de apurar dinheiro para construir escolas.

Na esfera federal, mais de 2.000 compromissos de reflorestamento de vários milhões de pinheiros e árvores de lei, assinados pelos exploradores das nossas florestas, não foram mandados executar pelo Serviço Florestal, recebendo assim os aproveitadores comprometidos um régio presente das autoridades incumbidas da execução do reflorestamento. – São medidas incompreensíveis para nós.

O próprio Diretor do Serviço Florestal Federal declarou, recentemente, à imprensa que se sente incapaz de exigir dos madeireiros o cumprimento do Código Florestal. Isto é sinal de muita fraqueza e prova que o poder dos madeireiros é muito grande.

Com isto ele disse tudo – NÃO HAVERÁ REFLORESTAMENTO TÃO CEDO.

Especialmente agora, que o Ministério da Agricultura foi condenado à morte, pelo corte das verbas, conforme informaram os jornais, todo o dinheiro será gasto para pagar os funcionários burocráticos que não podem ser despedidos.

Na verdade, estamos em situação bem crítica.

* * *

Na qualidade de pioneiro da proteção à natureza, observando essa anarquia há tantos anos, resolvi fundar a UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA,

Loja Independente de Teosofistas

nos moldes de entidades semelhantes existentes em São Paulo e na Alemanha, com a finalidade de combater a ignorância do povo em assuntos florestais, de orientar a juventude por intermédio de seus educadores, de propagar as idéias de conservação da flora e da fauna na Colônia, onde não chegam jornais e revistas, onde os colonos são esquecidos pelas autoridades.

Esta Sociedade hoje já conta com 280 membros no corrente ano já foram dispendidos 80 mil cruzeiros em folhetos de propaganda, o que, embora pareça muito, representa apenas a quarta parte da nossa necessidade para prover 12 mil escolas e 300 mil lares de agricultores existentes no imenso território gaúcho.

Mas na maioria se trata de sócios passivos, que colaboram apenas com o dinheiro e nos dão assistência moral nessa luta que poucos estão travando numa enorme arena. Sentimos a falta de colaboradores ATIVOS que vão para a linha de frente ao nosso lado, agüentar o impacto dos infratores das leis, dos quais somente neste ano já foram encontrados mais de 500, no setor da caça e da pesca, o que bem pode dar uma idéia da extensão dos abusos.

Também falta o interesse geral da população pela atividade da U.P.N.

O povo pensa que a proteção à natureza compete ao Governo e acha que somos sonhadores sentimentais e fanáticos, porque também cuidamos de proteger os passarinhos. O nosso trabalho não está sendo levado a sério, nem sequer pelas autoridades, infelizmente.

A aquisição de novos sócios e a obtenção de maiores recursos para melhor desenvolver nossa atividade é cousa dificílima.

Vejamos este caso: — Recentemente mandamos publicar 10 mil livrinhos sobre leis da caça, com os respectivos comentários e esclarecimentos, instrutivos para caçadores, proprietários rurais, etc. e para não fixar preço, o que dificultaria a distribuição rápida, mandamos inserir na última página este convite aos leitores: "Se a leitura deste folheto lhe foi útil, auxilie com qualquer donativo a Campanha Educativa da União Protetora da Natureza".

O livrinho foi muito bem aceito e foi útil à muita gente, conforme afirmações dos próprios beneficiados, mas ninguém auxiliou, nem sequer com um donativo no valor do preço de um cafezinho, ou sejam Cr$ 2,00, que realmente foi o custo de cada exemplar. Isto é muito significativo e desalentador.

Desejaríamos desenvolver nossa idéia junto à juventude escolar de todos os colégios do Estado, como está sendo feito neste Educandário, mas não temos recursos.

A Secretaria da Educação aprovou o plano, mas negou qualquer contribuição, sob a desculpa de não haver verba específica para esse fim de propaganda. Propôs-se, entretanto, a distribuir em todos os colégios do Estado, ou melhor, mandar afixar em todas as salas de aulas públicas, nossos folhetos instrutivos, caso os fornecêssemos grátis.

Por falta de dinheiro — pouco dinheiro, se cada um contribuisse com um pequeno donativo — vamos ter que perder tão auspiciosa oportunidade de levar aos alunos, por intermédio de seus mestres, os conceitos sobre proteção à natureza.

Loja Independente de Teosofistas

Isto é triste para uma terra onde são esbanjadas enormes somas em cousas absolutamente supérfluas, como futebol, divertimentos, política, etc.

Não nos foi ainda possível entrar no Programa de Auxílios do Governo, apesar de ser nossa Sociedade reconhecidamente de utilidade pública.

Tudo vai tão devagar, sem entusiasmo, sem interesse, é tão dificultoso. Isto estamos vendo na nossa batalha para instalação de Bosques Escolares, de tanto sucesso na Alemanha, onde já existem mais de 3.000.

Aqui ninguém se entusiasma ou ajuda a concretizar a idéia. Já foram feitas promessas vãs, nunca cumpridas, apoios simulados, rapidamente esquecidos.

É comodismo, a inércia desalentadora que vemos em toda parte.

Nossas autoridades educacionais pensam que a educação florestal estará resolvida com o reflorestamento simbólico de mudinhas florestais na farsa anual da Festa da Árvore.

Todo o trabalho de proteção à natureza terá que partir da iniciativa particular, e por isso, falando às jovens alunas da Educação Evangélica, o primeiro educandário, que está colaborando eficientemente, no desenvolvimento da nossa causa, peço que nunca se esqueçam de ampararem as árvores e os animais silvestres, e, no futuro, quando constituirem seus lares e tiverem filho, lhes transmitam como um ideal o amor à natureza, sem a qual a vida será difícil ou impossível.

Palestra proferida a 5 de setembro de 1957
na sessão comemorativa da data da Independência,
a convite do Grêmio Cívico Castro Alves,
da Fundação Evangélica, Novo Hamburgo.

Loja Independente de Teosofistas

III

CAÇADORES E PASSARINHEIROS

Loja Independente de Teosofistas

EDUCAÇÃO PERNICIOSA

O pai ignorante que ensina o filho a matar passarinhos, comete um imperdoável erro, porque cria um futuro destruidor da natureza.

CAMPANHA EDUCATIVA DA

UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA

Loja Independente de Teosofistas

"CAÇA, EXPERIÊNCIA ASSASSINA"

Os nobres entre os caçadores chegaram por si próprios ao desprezo pelo esporte, que exige derramamento de sangue, como também aconteceu com Santo Humberto, diante do cervo com a cruz luminosa entre a cornadura, injustamente escolhido como símbolo de sua classe pelos caçadores.

Disse Frederico o Grande, que não era homem fraco nem covarde, que o caçador muitas vezes se situa abaixo do açougueiro.

O índio Wascha-Kwonessin, como experimentado pioneiro fronteirista, caçador de animais de peles finas no Canadá certo dia não podia ou não queria mais armar suas armadilhas e já os animais silvestres vieram lhe fazer companhia na sua solidão.

O escritor Paul Busson, antes caçador, escreveu nas suas apreciadas crônicas, graves acusações contra a caça, à qual desistiu pela experiência assassina.

Todos chegarão, com a idade, ao reconhecimento de que o tiro com a fotocâmara proporciona prazeres mais elevados e não tem conseqüências sangrentas, nem deixa remorsos de culpa na consciência.

Caçar não é profissão, nem brincadeira de jovens imaturos, nem ato de paixão de matadores tarados. É um simples divertimento que custa a vida ou causa prolongados sofrimentos nos animais silvestres e muitas vezes é executado por elementos mal situados economicamente na vida e que, para acompanhar a moda, precisam trazer carne, para ressarcir suas despesas das caçadas. O resultado é simplesmente a destruição sem lei nem medida.

Ninguém obriga ninguém a matar por esporte ou viajar longe para trazer muita caça. O fazem por puro prazer.

A nosso ver deveria ser permitida a caça somente a homens sérios, idôneos, depois de terem absorvido um curso de caça e aprendido a conhecer os animais silvestres e os seus direitos e deveres de caçadores, e que tenham demonstrado suficiente formação de caráter, quando realizarem as provas de campo em companhia de veteranos e não a quaisquer elementos sádicos que gostam de ver estrebuchar a seus pés o animal assassinado, esvaindo-se em sangue; que se comprazem, rindo, em olhar os seus cães estraçalhar uma capivara com seus filhotes; que matam a pau uma ninhada de marrequinhas de poucos dias; que atiram uma garça ou um quero-quero só para vê-los tombar das alturas; que abandonam os animais feridos, para não terem o trabalho de procurá-los quando se arrastam para o esconderijo, deixando atrás de si um rastro de sangue.

Arriscamos ferir a vaidade dos gabolas que mandam se fotografar em "pose de heróis", geralmente com um pé sobre a vítima e arma em punho, mas não podemos deixar de criticar as ridículas estampas aparecidas em revistas e jornais, para provar a "valente superioridade" do homem armado com

Loja Independente de Teosofistas

possante fuzil de repetição sobre um animal indefeso, devido à distância de que é alvejado.

Toda a coragem do homenzinho de escritório que quer aparecer como "herói das selvas" foi puxar o gatilho da arma, bem longe de sua vítima.

Quem prova que a onça dependurada dum galho foi morta por quem a seu lado se exibe com pulinhos de dançarina e não pelos zagaieiros sertanejos que o acompanharam?

Quem garante que o elefante, o rinoceronte ou o leão que aparece na fotografia (o exibicionismo é vício universal), foi realmente abatido pelo gaiato prosa, que se acha a seu lado, armado até os dentes, e não pelos dirigentes do "safari", financiada pelos príncipes dos dólares ou outros palhaços ricos, que nada arriscam sob a forte proteção dos numerosos auxiliares.

Dizem que na África um troféu de caça pesada custa de 20 a 40 mil cruzeiros e que nos Estados Unidos um urso Grisaly custa mil dólares.

Como devem se sentir bem os grandes caçadores, ao se contemplarem na fotografia ou quando lhes escorre pelo corpo o bálsamo dos elogios dos amigos e admiradores dos troféus, que não sabem como é fácil dar um tiro num gatarrão acuado pela matilha de cães, quando estiver trepada numa árvore, especialmente quando o "herói" se sente protegido pelos sertanejos que lhe garantem o couro, em caso de má pontaria, o que é freqüente por causa da tremedeira em tal situação.

E estas fotografias trazidas pelas expedições cinegéticas realizadas em Mato Grosso, nas quais aparecem antas, cervos galheiros, lobos, veados e lontras abatidas ou couros dessas espécies protegidas pelo Código de Caça e Portarias em todo o Brasil, não despertam a atenção do Serviço de Caça e Pesca? Os infratores são bem identificáveis e Mato Grosso pertence ao Brasil e o Código de Caça é federal!

Citamos o caso dum caçador que queria "aparecer" numa Revista Argentina e deixou-se fotografar, enfeitado com enormes pencas de perdizes e perdigões, tendo ao seu redor montes de caça das mesmas espécies, obtidos de empréstimo de outros caçadores. A fotografia chamou a atenção da fiscalização da Caça, pelo excesso de peças, que interpelou o gabola, que teve que confessar a vergonha, passando trabalho para provar que "elefante não é rato", a fim de escapar de ser autuado e pagar multa.

O "click" dum aparelho fotográfico, que surpreende um animal silvestre em plena liberdade no seio da Natureza, cheio de vida, é uma façanha muito mais corajosa, nobre, artística e admirável do que dar um tiro para reduzir a cadáver a mesma criatura, para depois provar com uma foto a coragem do "matador", mas que nada mais representa do que uma miserável prova de fraqueza e prepotência.

28.10.60

Loja Independente de Teosofistas

CAÇA OU CARNIFICINA?

As desculpas esfarrapadas de infratores pilhados em flagrante e réus confessos, abaixo-transcritas, caracterizam a mentalidade dos destruidores da fauna.

"Eu não sabia" e "Não compreendi a Portaria da Caça", são frases usadas freqüentemente por homens com aparência de inteligentes, mas não os salvam, porque o Art. 16 do Código Penal diz – "A ignorância ou a errada compreensão da Lei não eximem da pena".

"Foi a primeira vez" – mas as armas estavam polidas de tanto uso e foram comprovadas várias compras de munição sem permissão policial, o grande mal que favorece as caçadas clandestinas.

"Não cacei; apenas me diverti dando tiros nos bichos" é a desculpa pueril dos sem-vergonhas.

"Matamos a praga, porque nos comem o trigo e a uva", alegado pelos passarinheiros tarados, que viajam centenas de quilômetros para matar avezinhas em matos alheios. Esses elementos são temidos como gafanhotos.

"Não me sofro; quando os sabiás param de cantar, meto-lhes chumbo, porque são bons com polenta". Para esta gente toda a Companhia Educativa é inútil.

"Minha velha está grávida e me pediu uns bichinhos para comer".

"Achei a caça na estrada" ou "Recebi de presente a caça" ou "Me pediram para transportar a caça", sem poderem revelar os nomes dos culpados.

"Me enganei na contagem das peças", desculpa boba, muito usada pelos insaciáveis matadores grã-finos, quando o excesso de peças é encontrado escondido na bagagem.

Imagine o leitor – Depois, com o maior caradurismo e com risadinhas cínicas, os que alegam essas asneiras, aparecem perante o Julgador dos Processos, muitas vezes ainda munidos dos tais imorais cartõezinhos de recomendação, assinados por amigos influentes ou políticos, exigindo perdão de multa e devolução da arma, e às vezes até da caça abatida ilegalmente.

Não há por parte do povo a menor compreensão do trabalho de proteção à fauna, desenvolvida com insuficientes recursos e com enormes sacrifícios pessoais.

Mesmo a maioria das autoridades acham ridículo o esforço que o dinâmico Chefe do Serviço de Caça e Pesca e seus fiscais desenvolvem. Consideram muito rigorosa a execução da lei da caça em comparação com outras leis, que são manejadas com moleza ou à moda da borracha, puxada para o lado da conveniência dos infratores. As multas de bobagem e a facilidade em obter a devolução das armas sem cumprimento das formalidades legais, determinadas pelo art. 63 do Código de Caça, têm servido de forte estímulo para os contraventores.

Nesta marcha nossa fauna desaparecerá do cenário do Estado.

Agora está em elaboração a Portaria de Caça para o ano de 1961, e os maníacos recordistas estão se assanhando para conseguir o maior número de

Loja Independente de Teosofistas

peças, usando de toda sorte de expediente e informações falsas sobre a incidência de suposta muita abundância de caça, bem sabendo que assim estão provocando a mais rápida ruína da fauna e do seu próprio esporte.

Os animais de pêlo, anta, lontra, ariranha, lobo, tamanduá já foram aniquilados. Veados e capivaras são raríssimos. As aves galiformes (mutum, jacu, uru); os tinamiformes (macuco, unhambu, perdigão); os patos silvestres, as marrecas cri-cri, danadas e pé-vermelhas, estão no fim e precisam de proteção urgente pelo menos durante 5 anos, para se reproduzirem.

Perdizes há poucas e moram longe. Não são mais caça para homens de poucos recursos. Sofrem constantes diminuições pelo abate desenfreado de ilimitado número de peças e matança durante o período do defeso, por parte de caçadores inescrupulosos ricos. Já no ano passado foi pedida a proibição da caça total dessa espécie em 20 municípios e a redução do número de peças por outros tantos Prefeitos, o que bem prova a precária situação dessas aves.

Não se justifica a caça do tatu, porque é um animal utilíssimo para a lavoura, em vista de se alimentar de formigas.

A caça do biguá durante todo o ano tem favorecido o transporte das armas para dentro dos banhados, onde são empregadas na matança de quaisquer aves aquáticas. O biguá é menos nocivo do que os granjeiros, que matam bilhões de filhotes de peixes por ano nos arrozais.

Quanto aos marrecões, considerados inextinguíveis por certos carniceiros, porque recebem o reforço anual de grandes bandos da Patagônia, não se justifica mais a quota de 40 peças (60 quilos de carne), porque precisamos começar a respeitar o convênio de proteção das aves migratórias, assinado também pelo Brasil e Argentina. 25 peças por caçador e caçada é o suficiente para enlatar carne para todo o ano e prover as famílias dos parentes e amigos.

A defesa dos arrozais contra marrecões, durante o verão, é um expediente de fraude por demais conhecido. Até já foram levados ao Serviço de Caça e Pesca "pedidos" de granjeiros, com assinaturas falsificadas e até instruídos com atestados de estragos "frios", fornecidos por autoridades de boa fé ou interessadas.

A exigência de comprovação dos estragos, conforme determina o art. 10 do Código de Caça e da de não ser permitido o transporte dos marrecões para fora da granja ou do acampamento de um fiscal, foi uma ducha de água gelada no entusiasmo dos "defensores de plantações alheias" que vão caçar as aves nos ninhos, nos banhados. Os próprios arrozeiros julgam os caçadores mais prejudiciais do que os marrecões, porque pisoteiam as hastes na procura das peças mal feridas.

2.12.60

O SABIÁ E AS UVAS DE OTÁVIO ROCHA

Sob este título o "Correio do Povo" divulgou a "sensacional" notícia de que na localidade de Otávio Rocha, município Flores da Cunha, um agricultor, de nome ignorado, havia se queixado de que os sabiás teriam invadido

Loja Independente de Teosofistas

seu parreiral e comido 3.000 quilos de uvas em 15 dias e que, para evitar futuros aborrecimentos com a fiscalização do Serviço de Caça e Pesca, não os matou, porque nesta época do ano é proibido caçar passarinhos.

Ouvindo comentários de pessoas menos avisadas, que acreditaram nessa monstruosa calúnia assacada contra o sabiá, cumpre-nos o dever de consciência de defender aqui esse estimado passarinho que devia ser eleito nossa "AVE DA PÁTRIA".

O sabiá foi consagrado na inesquecível poesia do grande maranhense Gonçalves Dias, quando esteve no exílio, com saudades do Brasil distante,

MINHA TERRA TEM PALMEIRAS
ONDE CANTA O SABIÁ

como o maior cantor silvestre nacional, e o verdadeiro patriota, de sentimentos nobres, não compreende nossos campos e matos sem aquela voz maviosa tão característica da primavera, que dá vida e alegria à paisagem.

Nem tão pouco compreende como pode haver gente capaz de matar tão linda e útil ave pela cobiça das poucas gramas de sua carne.

No entanto o sabiá é a maior vítima dos "passarinheiros", embora seja protegido por Lei.

Ele tem regime alimentar misto – come insetos e frutas.

Sabe procurar seu alimento predileto, insetos e minhocas, no chão, entre o folhedo caído no pomar, ajudando assim a aumentar as colheitas e, como recompensa por tão valioso trabalho que presta ao agricultor, come às vezes uma laranja, um caqui, um figo, alguns morangos ou bagos de uva como sobremesa.

Mesmo havendo muitos sabiás num pomar ou parreiral, não chegam a causar estragos de monta, porque preferem as frutas que estão estragando de maduras ou já tombadas no solo, o que certamente já observaram todos aqueles que ainda não perderam o contato com a Natureza.

Ele come essas frutas cultivadas, porque cortaram todas as fruteiras do mato, entre elas a nossa belíssima figueira silvestre, que era paraíso da passarada no tempo da frutificação.

Fazendo as contas, só para argumentar, verifica-se que devia ter havido 2.000 sabiás no parreiral daquele viticultor para poderem comer 3.000 quilos de uvas em 15 dias, pois está comprovado que o sabiá não é capaz de comer 100 gramas de uvas por dia, que representam 40 bagos de Uva Isabel ou 25 bagos de Uva Moscato, conforme verificamos.

Ora, naquela terra, onde, como dizem, até existe uma rede de comunicações que transmite pelo telefone a entrada de um único sabiá e o rumo que tomou, para que se coloquem em posição na provável rota os inúmeros "matadores", de escopeta em punho, para derrubá-lo na passagem, o aparecimento de um enorme bando de 2.000 aves num único parreiral, onde há milhares, teria sido um milagre dos maiores do mundo, que certamente teria provocado até o fechamento do comércio e da indústria, para que todos pudessem tomar parte na caçada e aquele vinhedo teria ficado arrasado a tiros de chumbo.

Loja Independente de Teosofistas

Estamos convencidos de que ninguém dos viciados teria deixado escapar a rara oportunidade de fazer tão formidável "passarinhada", mesmo sob risco da intervenção da fiscalização e conseqüentes multas e confisco das armas.

Outro problema – Como teria conseguido escapar ileso e suposto bando, numeroso como os dos gafanhotos, da barra de fogo no seu vôo até o centro da região de colonização italiana, que é Otávio Rocha?

Convenhamos, o absurdo da história é patente, deve ser uma invencionice ou um sonho dourado de "comedor de passarinhos".

É lamentável que se desconheça o nome do suposto prejudicado, para se verificar no local o que há de verdade.

Maiores estragos são produzidos nos vinhedos pela vaquinha da uva, inseto que come os brotos novos da vinha; pelos marimbondos, abelhas, ratos e gambás nos cachos maduros e pelas forças naturais, como geadas extemporâneas, vendavais e granizo, que às vezes estragam o parreiral inteiro.

Contra todas essas calamidades ninguém se queixa; o único "culpado" de tudo é o pobre passarinho, que não pode se defender da calúnia.

Quanto a parte em que o queixoso diz que agüentou o prejuízo para não se incomodar com os fiscais do Serviço de Caça e Pesca, porque nesta época do ano é proibido matar os referidos passarinhos, cumpre-nos esclarecer mais uma vez que os sabiás ou quaisquer outras avezinhas canoras ou úteis à agricultura são protegidas durante todo o ano, não podendo ser mortos sob pretexto algum, porque "PASSARINHO NÃO É CAÇA".

7.3.58

ARRENDAMENTO DE CAMPOS DE CAÇA

Em virtude da atividade nefasta dos caçadores irresponsáveis e indisciplinados, das derrubadas indiscriminadas da mata virgem e da queima anual dos campos, os animais silvestres estão sendo reduzidos impressionantemente, a ponto de periclitar a sobrevivência de algumas espécies já raras neste Estado, como antas, ariranhas, lontras, tamanduás, cervos, capivaras, porcos do mato, mutuns, jacutingas, jaós, pombas do mato, etc., caso não forem tomadas providências muito sérias e drásticas em defesa da fauna.

Os matadores que se dizem caçadores, desonrando assim a classe dos verdadeiros esportistas, não dão obediência às leis e portarias que protegem determinadas espécies, nos períodos de defeso, ao limite máximo de peças, embora sejam anualmente orientados pelas Portarias de Caça (50 mil exemplares) distribuídas pelas firmas do ramo de armas e munições, empenhados em bem instruir seus fregueses e pela propaganda educativa da União Protetora da Natureza, centro de irradiação de ideal de proteção à Natureza.

É sabido que não existe caça para tantos atiradores, assim como não existem terras públicas onde possa ser exercido o esporte. Daí o incalculável número de infratores que infestam os campos de propriedade privada para matar tudo que se movimenta, às vezes até animais domésticos.

Loja Independente de Teosofistas

A maioria, membros da classe privilegiada, mata por divertimento; outros, pobres, para "fazer carne", a fim de recuperar o dinheiro gasto com a licença e o porte, e a grande multidão dos "passarinheiros", os terríveis avicidas, por instinto, para satisfazer estranhos apetites.

Enfim, é a fobia de matar, de homens sem a mínima noção do que significa caçar, que amarguram a vida dos proprietários rurais com os seus abusos.

Os incorrigíveis invasores, isoladamente ou aos magotes, cortam alambrados, derrubam a tiros placas proibitivas, armam acampamentos, espantam e chumbeiam o gado, fazem fogueiras e provocam incêndios, dando assim prova de falta de educação e de desrespeito a direitos alheios.

Os proprietários rurais, em defesa de seu patrimônio, quando notam pelos tiros, a presença dos caçadores, acorrem com os seus posteiros para expulsá-los do campo.

Nestas ocasiões, ou estes se retiram humildemente, com a esfarrapada desculpa "Eu não sabia", indo invadir território vizinho, ou então protestam e ameaçam "Com licença oficial de caça posso atirar onde quero", casos em que geralmente são corridos a relho ou pata de cavalo, sendo-lhes tomadas as armas e apresentada queixa à Polícia e ao Serviço de Caça e Pesca, o que resulta em processo.

Alguns fazendeiros, para se verem livres da praga dos abusadores, resolveram arrendar seus campos ou banhados a caçadores de reconhecida idoneidade, pagando estes guarda-caças de sua confiança para zelar pelos animais selvagens e aqueles gratificam com a renda do aluguel seus posteiros, para estimulá-los a vigiar melhor a propriedade contra os ladrões de caça.

Com esta medida, 3 são os beneficiados: O legítimo esportista eliminará a concorrência perniciosa dos "mete-chumbo"; o fazendeiro terá a sua propriedade rural duplamente cuidada contra a entrada de indesejáveis, ficando livre de prejuízos e o Serviço de Caça e Pesca terá a certeza do cumprimento da lei de proteção e conservação da fauna nas terras sob regime de arrendamento.

Este sistema está em uso já há mais de um século nos Países Europeus, onde tem plenamente aprovado e por isso há lá mais caça do que no Brasil. Entre nós devia se generalizar em benefício da sobrevivência dos animais silvestres.

Como tudo é questão de educação e disciplina, antes do licenciamento de um caçador novato, este devia ser demoradamente orientado sobre seus deveres e direitos, possivelmente num curso rápido, como fazem no estrangeiro, assim como os contraventores deviam ser punidos com maior rigor, com multas mais pesadas e confisco definitivo das armas. Também não mais deveriam ser licenciados analfabetos e elementos reconhecidamente destruidores, pessoas que apenas incomodam e representam um perigo às autoridades e à fauna.

5.9.58

Loja Independente de Teosofistas

AMARRADOS NOS NINHOS

O delito ocorreu na Primavera, e é característico para a mentalidade dos exterminadores de passarinhos.

O autor foi um rico proprietário rural, cidadão conceituado na sociedade, com fama de bom esposo e pai e aparentemente muito religioso.

Mas, pelo que fez, deve ser um tarado de negra alma, com maldita herança no sangue, um discípulo do diabo ou um louco.

Trata-se de um "PASSARINHEIRO" fora do comum dos milhares que existem por aí, que teve uma inspiração tão bárbara, como só o pode gerar um espírito doentio.

Nunca se viu, nem se teve notícias, cremos que no mundo inteiro, de tão satânica monstruosidade, de tão requintada e pavorosa perversidade, como esta que vamos descrever e que fará vibrar de indignação e de horror as pessoas de bom coração.

A tenebrosa história é esta: Certa manhã, na primavera, viajando por uma estrada da Serra, observamos ao lado de uma cerca uma placa com os dizeres – "Proibido Caçar".

Parando o carro, comentamos o fato raro naquela Região e alguém elogiou o proprietário, como sendo ao menos um que não permitia matar passarinhos (aves de caça ali não existem mais). Mas outro disse – "Ele faz isto para espantar a concorrência." E o companheiro tinha razão, pois vimos sair dos fundos duma casa e atravessar o campo em direção a um grande mato, no qual desapareceu, um homem com uma escada ao ombro. Sabendo que não existiam mais pinhões para colher naquela época, imaginamos que a presença daquele homem com a escada dentro do mato só poderia relacionar com avezinhas. Resolvemos observá-lo e o seguimos. Atraídos pelo esvoaçar e gritar de pássaros, o localizamos no topo da escada, mexendo num ninho, escondido na ramagem de uma copada árvore. Tamanho foi o seu susto ao se ver descoberto, que quase veio caindo escada abaixo. Interrogado, nos revelou cinicamente que perto do Natal é o seu aniversário, o qual ele costuma festejar com uma "suculenta passarinhada com polenta". Como brilharam seus olhos ao dizer isto! Que para obter os necessários passarinhos com maior facilidade, os amarrava com fio de arame bem fino no ninho, quando estavam prestes a voar, retendo-os assim presos além do tempo e sob o trato das carinhosas mães, que desconheciam toda a extensão da trágica desgraça e cujo amor materno não permitia que abandonassem suas proles.

Na data do aniversário, quando então já estavam grandes e bem gordos, eram sacrificados, bastando um único tiro para matar os filhotes e a mãe de cada ninho, no momento em que esta pousava no berço para entregar o cibo aos pequenos.

Que naquela manhã de domingo ele veio verificar se "a sua criação" estava engordando bem.

Depois nos demonstrou como procedia. Atava um arame na perninha do passarinho, passava a outra ponta pela base do ninho e o amarrava num galho embaixo, ficando assim o filhote impossibilitado de se movimentar,

Loja Independente de Teosofistas

cair do ninho ou voar embora. Imaginem o sofrimento das pobres criaturas, amarradas juntas num acanhado espaço. Não foi a primeira vez que cometeu o crime, como confessou. Nem se dava conta do grande pecado que vinha cometendo. Ficou espantado ao reprovarmos a sua tamanha velhacaria. Depois foi obrigado a soltar os passarinhos de 17 ninhos, que sairam voando, experimentando pela primeira vez as azinhas, no gozo da liberdade.

Ainda bem que a divina Providência nos guiou ao local em tempo para impedir o sacrifício das inocentes vítimas da "gula" do comedor de passarinhos.

Depois o homem prometeu de não recair na falta. Mas nós, que não acreditamos em promessas de passarinheiros, rogamos a Deus que ilumine o espírito daquele tarado e de seus semelhantes, que estão acabando com Sua criação, os mais lindos ornamentos da Natureza, a vida dos campos e matos, os destruidores de insetos nas plantações.

Por muito tempo relutamos em publicar a comovente história deste "original e genial" sistema de engorde, por causa do perigo de imitações, porque não faltarão outros desalmados que acharão bonito.

Mas, em compensação, esperamos que a divulgação servirá de ensinamento à juventude e que as pessoas de nobres sentimentos, ao lerem este triste relato, que raia o incrível em matéria de judiaria, passarão a simpatizar com a nossa Campanha Protetora e nos auxiliarão no combate aos malfeitores.

30.5.59

PAIS CONTRA PROFESSORES

A UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA tem como dedicados colaboradores da sua propaganda orientadora a nobre Classe dos Educadores, que está modificando a mentalidade da juventude, ensinando-a que – AMAR A NATUREZA – é analisá-la, compreendê-la, tratá-la com respeito e bondade, excluindo todos os atos de violência, crueldade ou destruição contra insetos ou passarinhos, animais ou plantas.

O que os pais deixam de ensinar em tempo, na primeira infância, às crianças, os mestres instilam na mente dos escolares, fazendo-os compreender as sábias leis da natureza, das quais depende o nosso bem-estar, a nossa própria vida.

Acontece porém algumas vezes, que pais mal educados e mal intencionados sabotam esta maravilhosa obra educadora, prevalecendo-se de sua autoridade paternal, à qual os filhos têm que se sujeitar.

Uma jovem professora rural nos contou esta triste história, ao ser interpelada se obteve sucesso na propagação dos ensinamentos de proteção aos recursos naturais: "Encontrei muitas dificuldades. Alguns pais não querem compreender a nossa obra educacional. São francamente contra, por teimosia ou ignorância. Cito o caso de um bom e inteligente menino, que levou para casa, como todos os meus alunos, um boletim sobre a utilidade dos pássaros,

Loja Independente de Teosofistas

desses que o Senhor nos mandou. No dia seguinte o menino me disse – "O pai não gostou" – Perguntei-lhe o que seu pai havia dito. O menino relutou, constrangido, mas depois confessou com lágrimas nos olhos – 'O pai disse que a Senhora é uma besta. Que quem manda em mim é ele. Fez uma funda e me mandou juntar bastante pedrinhas para eu ir caçar passarinhos com ele no domingo. Eu tenho tanta pena dos pobres passarinhos, mas vou ter que obedecer para não apanhar".

Que coisa horrível – Além da ofensa pessoal contra a professora, a sementinha lançada no coração do menino, que havia germinado e formada uma tenra plantinha, foi arrancada pelas mãos dum bruto imbecil, o próprio pai da criança.

Esperamos, porém, que fique para sempre na retina do infeliz garoto a lembrança desse episódio e que frutifiquem os bons ensinamentos recebidos no colégio, depois de se libertar da influência maléfica do pai.

Outro caso – Certo dia observamos um coloninho sentado atrás dum arbusto, num potreiro, ao lado de uma casa rural. Chegando perto, perguntamos o que ele estava fazendo. A criança respondeu: "Estou matando passaretas com tabula", mostrando em direção a um pranchão distante, armado sobre uma estaquinha, na qual estava preso um cordel, que vinha até onde estava escondida a criança e por ela segurado. O menino estava ali cuidando da armadilha, para puxar o cordão quando as avezinhas estavam reunidas comendo o trigo ali posto, debaixo da "tabula", o que resultava no seu esmagamento. Ao seu lado já havia alguns tico-ticos e rolinhas depenadas.

Perguntamos se a professora não o havia ensinado que não se devia matar os passarinhos. Respondeu que sim e que na escola estavam afixados os cartazes mas que os pais não queriam saber disso, que eram muito brabos e o surravam e o mandavam todos os domingos ali no campo matar avezinhas com o pesado pranchão e levá-los limpos para a cozinha, obrigando-o depois a ajudar a comê-los, quando ficava com muita pena dos pobres bichinhos.

A destruição sistemática combatida pela professora, não encontrou nenhuma ressonância no coração de pedra do colono, que nem sequer reconhece os benefícios que as aves insetívoras prestam às suas plantações. Ao contrário, continua envenenando a alma do filhinho, digno de compaixão.

Estes dois casos, escolhidos entre dezenas de outros que chegaram ao nosso conhecimento, bem ilustram as enormes dificuldades antepostas à benemérita obra dos educadores na região colonial.

Sendo possível educar certos adultos aferrados na idéia fixa de destruir a fauna e devastar as matas, transformando tudo em desertos, suplicamos a Deus que lhes ilumine o espírito, para que possam compreender o grande mal que estão fazendo a si próprios e a seus descendentes.

À sacrificada Classe Educadora pedimos não desanimar diante desses fracassos isolados. Os bons ensinamentos que hoje semeiam, frutificarão no futuro e tornarão rica e poderosa a nossa Pátria, com a recuperação dos nossos recursos naturais, embora possa demorar mais de uma geração.

Loja Independente de Teosofistas

Com o aprimoramento da civilização, fatalmente raiará uma Era de Ouro, em que todos venerarão os seres e coisas da Natureza.

Penso que estamos no caminho certo, porque já apontam os primeiros sinais.

24.7.59

TREZENTOS E SESSENTA SABIÁS PARA COMER

Quando, tempos atrás, noticiamos a apreensão de 115 sabiás mortos num domingo por uma turma de fanáticos "passarinheiros", todo mundo se horrorizou diante de tanta atrocidade.

Como não se revoltarão agora os amantes desse nosso sublime cantor alado, que dá vida e cor nacional às nossas matas, com a leitura desta crônica.

No dia 14/6/59, em Vila Seca, fiscais do Serviço de Caça e Pesca surpreenderam 16 transgressores do Código de Caça, entre eles vários matadores de passarinhos, quando voltavam de São Francisco de Paula para Caxias do Sul.

Nas pencas e sacolas sempre predominava o sabiá, a ave mais perseguida pelos comedores de passarinhos.

Entre os criminosos incorrigíveis veio um que trazia nada menos do que 60 sabiás e 10 pica-paus, uma derrubada excepcional, que causou alarma entre os que presenciaram o fato.

O tarado só perguntou – "Então não vão me deixar nada de minha 'caça', que me custou tanto procurar no mato?"

Nenhum arrependimento naquele coração de pedra. A perda da arma, a multa, o vexame perante os expectadores, nada lhe interessou. Só sentiu o prejuízo para o estômago viciado, pois não comeria a cobiçada "polenta com osei a la menarosto".

Pelas 23 horas a Fiscalização recuou exausta, com frio e fome, depois de um dia cheio.

Mas um pressentimento anunciava mais algum acontecimento de importância para aquela noite; que era cedo para abandonar o serviço.

Atendendo ao mandamento da voz interna, foi escolhido um novo local de ação, uma cabeça de ponte na Boca da Serra.

1 hora da madrugada. A disposição atingiu o termo de ebulição, os nervos estavam excitados ao extremo. Noite enluarada, um ventinho cortante na estrada.

Nenhum clarão de luz à vista, nenhum motor roncando na calada da noite. A sentinela patrulha irrequieta. Suposições são levantadas e rejeitadas.

2 horas – a hora dos ladrões e contrabandistas. De repente um ruído abafado de motor ao longe. Um farol relampeia por um momento e apaga de novo. Aproxima-se um carro em meia marcha, de luzes apagadas. "São eles". Os fiscais saltam a postos. Momentos de maior tensão. É dado o sinal de parada com lanterna vermelha. Parará ou não? O veículo vem rolando vagarosamente como uma onça, quando ataca. 20 metros – 10 metros. Repentina-

Loja Independente de Teosofistas

mente um dos ocupantes grita – "Pé no fundo – são os fiscais da caça". É dado gás, o motor uiva como fera, o carro salta à frente.

Mas o comando "PARE", dois apitos e o jato de luz de 4 possantes faróis atrapalham o motorista na entrada da ponte. Rangem os freios, o carro pára.

É um auto de praça. Haviam sido avisados em Apanhador da presença da fiscalização e posteriormente da sua retirada, quando resolveram voltar.

Mandado abrir o porta-malas, um olhar bastou. Lá estavam 2 grandes sacos com pássaros, uma arma e um caixote com cartuchos deflagrados. O passageiro foi convidado a se identificar. É caçador licenciado, e a licença leva o carimbo "Passarinho não é caça", o que exclui qualquer excusa de ignorância. Foi desarmado e autuado. Despejada a caça na estrada, a contagem, que foi feita com sentimentos de indignação e pesar, acusou a fenomenal safra de 260 (duzentos e sessenta) sabiás, já depenados, cerca de 20 quilos.

O super-tarado, recordista absoluto, não esboçou nenhum sentimento de remorso diante do monte dos corpinhos inertes de suas pequeninas vítimas assassinadas.

Só perguntou medroso – "O que vai acontecer agora comigo?" – Lembrou-se somente do seu mísero "eu", do seu corpo moralmente morto, sem alma.

Depois o sinistro passarinheiro, profissional de longos anos, esclareceu que teve como auxiliares no massacre vários peões de estância, aos quais forneceu a munição; que tem grande freguesia, a qual lhe paga este ano Cr$ 15,00 por sabiá "limpo" e que a mercadoria nunca chega.

O respectivo processo corre no Serviço de Caça e Pesca, apenso ao qual se encontra a fotografia do infrator.

Poderá alguém calcular o imenso prejuízo causado à nossa natureza por esse desdenhoso comércio para alimentar um insanável vício?

Num único domingo, somente numa pequena zona de mata em São Francisco, morreram 360 sabiás o total dos que foram apreendidos e mais de uma centena de pica-paus, bem-te-vis, barreiros, tico-ticos, e tantas outras espécies todas indispensáveis no combate aos insetos que atacam as culturas. Naquelas matas serranas, onde antes existia vida e alegria, agora reina o silêncio da morte.

Já fizemos o possível para penetrar no fundo psicológico que motiva essa gula por passarinhos, mas nunca chegamos a uma conclusão. A única explicação deve ser a tremenda ignorância, um fanatismo doentio e uma enorme dose de obstinação que lhes vai no espírito.

Nada os detém, pois consideram a maior glória de sua vida as caçadas de passarinhos que realizam, que são rememoradas como feitos heróicos nos Cafés, nas reuniões sociais e familiares, com o intuito de envenenar os corações da juventude, para prejudicar, por pura maldade, a Campanha Educativa da UNIÃO PROTETORA da NATUREZA e para criar dificuldades ao SERVIÇO DE CAÇA E PESCA, cuja ação saneadora é combatida por todos os meios possíveis, por mais torpes e diabólicas que sejam.

3.7.59

Loja Independente de Teosofistas

BOLO DE PASSARINHO

"Uma Leitora Amiga dos Animais" publicou no Correio do Leitor de 21/7/59, uma carta "Com vistas à União Protetora da Natureza", na qual relata ter sido vendido em benefício da Igreja, em festa pública realizada em Porto Alegre, um bolo artisticamente confeccionado, que continha um pratinho com uma rolinha assada, em manifesto desrespeito à Lei que proíbe a caça de passarinhos.

Na verdade, é uma novidade a do Bolo de Passarinho, inventado por uma Instituição que tem a seu cargo a educação das crianças.

O que, porém, não é novidade, é o fato de ser tudo livre, permitido, tolerado, com a aprovação tácita de rifas, adivinhas ou outro qualquer jogo, que produza dinheiro para alguma Instituição religiosa ou caritativa.

Alegam que "o fim santifica os meios", mesmo se forem frontalmente ilegais.

Mas, quando a Fiscalização da Caça descobre em tempo passarinhadas beneficentes ou a rifa de algum animal silvestre raro, etc., autua os responsáveis pelas infrações cometidas, embora crie múltiplas antipatias e inimizades.

Não queríamos tocar neste delicado assunto, mas em atenção à publicação e cartas recebidas, cabe-nos esclarecer a opinião pública que a União Protetora da Natureza tem provido periodicamente todos os estabelecimentos de ensino do Estado de material de propaganda educativa ilustrada sobre assuntos de proteção aos recursos naturais.

A nobre Classe Educadora, admirada pela sua abnegação e dedicação, que tem a formação do caráter das crianças nas mãos, e que tanto nos auxilia na nossa Campanha, não tem culpa do fato de alguns de seus membros trilhar caminho errado, porque em todas as classes há ovelhas negras.

Citamos os seguintes casos:

1º — Numa segunda-feira, de manhã, na região onde é tradição matar e comer passarinhos, encontramos na estrada, dirigindo-se para a escola, várias crianças, levando algumas delas pequenas pencas multicores de avezinhas mortas, amarradas pelas perninhas com fitas ou com as cabecinhas enfiadas em arames.

Os escolares informaram que no domingo as haviam apanhado, como de costume, para levá-las de presente para a professora, que preferia passarinhos a flores.

Falando com a mestra, indigna desse nobilitante título, sobre esse desserviço que vinha prestando à juventude com seu estranho procedimento, a mesma revoltou-se, blasfemou horrivelmente, tocou as crianças para dentro da sala e bateu a porta. Com grande pesar nos convencemos que ali a nossa Campanha Protetora fracassou completamente.

2º — Noutra ocasião, ao anoitecer, também na Serra, encontramos na estrada os alunos dum Colégio, quando voltavam dum "passeio grande". Na luz dos faróis do carro vimos fundas nas mãos de vários meninos.

Falando-lhes da proibição do uso desses aparelhos, responderam que as usavam com aprovação dos mestres, assim como também levavam sempre jun-

Loja Independente de Teosofistas

to uma grande rede pertencente ao Colégio, para apanhar pássaros destinados à alimentação dos professores no campo. Indo à presença dos "educadores" de estranha mentalidade, que marchavam na frente da coluna, estes confirmaram o que disseram os meninos. Foram apreendidas 32 fundas e a tal rede de passarinhar.

É evidente que exemplos dessa espécie, de destruição sistemática da fauna alada, não deixarão jamais frutificar qualquer ensinamento sobre proteção.

O mais curioso é que as salas de aulas daquele Educandário, pertencente a uma Ordem Religiosa, estão afixados os Cartazes ilustrados que versam sobre o assunto.

3º – O Clero, por recomendação das Autoridades Eclesiásticas Superiores, apóia a nossa luta, aconselhando os fiéis nas Igrejas a respeitarem a Lei da Caça, que declara explicitamente "Passarinho não é caça", alertando-os contra o perigo das multas e perda das armas e demonstrando-lhes o grande mal causado à lavoura pela destruição das aves, naturais defensores das plantações, que custam suores aos colonos, pelo que os Sacerdotes e Pastores merecem os nossos melhores agradecimentos.

Entretanto, tem havido alguns casos de desobediência e oposição a esta ordem de colaboração, felizmente raros, mas que causam males tremendos à nossa causa, como a distribuição de munição e empréstimo de redes aos colonos, a troco de fornecimento de pássaros.

É preciso que os educadores transviados se convençam dos seus erros, para que não chegue o dia em que todos nós teremos que nos convencer que ficou tarde demais.

16.6.60

ESPANTA-PÁSSAROS

Muitos agricultores não querem reconhecer o inestimável serviço que os passarinhos lhes prestam, auxiliando-os na luta contra as pragas que destroem as plantações, diminuindo anualmente boa parte das colheitas.

Não observam que a maioria das aves são exclusivamente insetívoras e que algumas espécies, além de comerem grãos e frutas, também consomem grande quantidade de vermes, cascudos, lagartas, aranhas, moscas, etc., mas todas, indistintamente alimentam seus filhotes com insetos e larva.

O lavrador nota, indignado, somente quando os pássaros desenterram alguns grãos semeados ou desfalcam algumas espigas amadurecidas, o que pode acontecer poucos dias no ano, no período das semeaduras e das colheitas.

Observam também com raiva, quando certos passarinhos comem alguma uva, laranja, figo ou caqui, bem maduros, passando do ponto ou já despencadas do galho.

Esses "Olhos Grandes" egoístas e ignorantes, tudo querem para si, mas negam aos seus pequenos e gratuitos auxiliares uma insignificante parte dos cereais e frutas que eles ajudaram a cuidar para que aumentasse a colheita.

Loja Independente de Teosofistas

Assim é a "gratidão humana". Chegam ao extremo de abater a tiro, com rede ou até veneno a "peonada alada", em vez de afugentá-la, para que depois do perigo passado, possam voltar para continuar, durante o longo ciclo vegetativo das plantas, a sua benemérita obra.

Aos que odeiam injustamente os passarinhos, aconselhamos o uso de espanta-pássaros de comprovada eficiência, como o que vamos descrever:

1º – Nos canteiros de sementeiras das hortas, basta fincar nos 4 cantos estaquinhas, ligando-as entre si e em cruz, na altura de 8 centímetros acima da terra, com barbante branco, grosso. O milenar instinto das aves lhes diz que aquilo é armadilha de laço para apanhá-las e não entrarão nos canteiros.

2º – É muito usado o sistema de dependurar cacos de espelho, presos em varas flexíveis sobre a sementeira, os quais se movimentarão com a brisa, produzindo reflexos, que afugentam a passarada.

3º – No Japão usam muito armar nas lavouras taquara de 2 metros de altura, unindo as pontas com fio de arame em duas direções, formando malhas de cerca de 10 metros de lado. Em alguns pontos de junção dessa rede se dependuraram latas vazias, dessas de óleo, abertas nas tampas, dentro das quais adaptam um ferro preso em arame, à guiza de badalo. Uma sacudidela em qualquer uma das taquaras movimenta toda a armação e matraqueam todas as latas, cujo barulho faz voar os pássaros depredadores. Este sistema também produz bom efeito quando armado sobre parreirais, cujos donos "têm medo" dos sabiás.

4º – Na Alemanha inventaram uma escopeta automática a carbureto, graduável de 5 até 120 litros por hora. Este é o aparelho ideal para afugentar a passarada e é muito econômico. Um mecânico em Rio Pardo construíu um aparelho desses, que aprovou plenamente, mas o construtor não pode fabricá-lo em série, por motivo de falta de recursos para montar a indústria.

5º – Nos Estados Unidos usam com sucesso alto-falantes, tanto para espantar como para atrair os pássaros nos períodos oportunos.

O Infame processo de envenenar os prestativos auxiliares do colono, usando estricnina, que provoca horríveis sofrimentos, é proibido pelo Código de Caça.

Matá-los, de qualquer maneira não passa de bruta imbecilidade.

Em todo mundo, onde reconhecem a utilidade dos pássaros, armam casinhas para nidificar, plantam cercas vivas e arbustos para esconderijos e ao redor das roças cultivam uma faixa de alpiste ou painço, para atraí-los e nos invernos rigorosos armam comedouros especiais que diariamente os supram de comida.

Só não procedem assim na terra dos "passarinheiros" onde só apreciam as inocentes criaturinhas fritas no espeto do "menarosto" e servidas com polenta.

Lamentavelmente este vício foi trazido para nossa Pátria por gente que está tornando natureza morta nossos campos e matos.

2.9.60

Loja Independente de Teosofistas

MALDITA FISCALIZAÇÃO

No Brasil os executores de qualquer lei sempre foram combatidos, porque nosso povo quer viver em ampla liberdade mesmo a custa da ruína da Pátria.

A fiscalização da caça tem levado muitos pontapés pelas costas, o que prova que está na frente, vencendo.

Os ataques quase sempre partem de gente fina, rica, bem educada, de elevada posição social, política e funcional, entre eles os tais que usam carros oficiais para seus divertimentos e procuram intimidar com a abjeta pergunta: "Você sabe com quem está falando?"

É compreensível o descontentamento do transgressor pilhado, mas querer bancar o valentão, desacatar, ofender, esbravejar, blasfemar, querer brigar, experimentar subordinar, extravazar veneno sobre o fiscal, numa situação criada por sua própria culpa, é deveras censurável e dá demonstração de mentalidade tacanha e de mau caráter.

E, passado o caso, ir "matar fiscais a grito" ou difamá-los nos cafés, é prova de covardia.

Os ovelhas-negras costumam comparecer depois na Repartição, com caras de inocentes, só faltando as asinhas para se transformarem em anjos, para reclamar contra a autuação, o que não passa de cretinice, da bem braba, de quem se julga com as costas quentes.

Nesta altura, nossos leitores talvez se interessam em conhecer pormenores acerca dos expedientes desonestos e condenáveis usados por certos inconformados exterminadores da fauna silvestre. Vamos aos fatos:

Na última temporada de caça foi muito usada como novidade a gaiola dos perdigueiros com fundo falso. No vão existente debaixo do mesmo vinham as perdizes abatidas em excesso à quota permitida. Um esperto instalou no seu carro um segundo tanque para gasolina, no qual vinha acondicionada a "moamba". Um grupo dos tarados, gente de cara magra, mas grossos de barriga, foram descobertos por causa dessa anormalidade, porque haviam estofado demais os enormes bolsos das japonas, usadas em dia de calor, com sabiás. Um funcionário público de categoria, que se dizia grande amigo do Serviço de Caça e Pesca, expandiu-se em elogios, quando foi abordado, dizendo – "Muito bem, amigos, dêem duro nesses safados, que prejudicam os bons caçadores". Vistoriado seu carro, foi encontrado debaixo da carroçaria uma caixa chata, da qual foram retiradas 48 perdizes, caçadas além do limite. O infrator, contrafeito, só disse – "Bem feito para minha cara" e se sumiu em louca carreira.

Outro amigo-urso dos fiscais, ao parar o carro, disse contente – "Isto mesmo, ferro nessa gente que é sem-vergonha". No jeep trazia uma mesa com tampo duplo, em cujo vão foram descobertas mais de cem perdizes. Nada falou, mas sentou no barranco da estrada e chorou, olhando desolado para o monte de perdizes apreendidas.

Um moço valentão, filho de renomado Doutor, que vinha num "placa-branca" da Repartição do pai, ameaçou – "Vou buscar o velho, para resgatar

Loja Independente de Teosofistas

minha arma e meter vocês na cadeia". Outro protestou – "Se me arrancarem uma tábua do engradado dos cachorros, vou processar vocês". Aberto o engradado e aparecendo as perdizes escondidas, o homem levou uma tremenda vaia dos curiosos que estavam apreciando a cena, preferindo se acomodar e ir pagar a multa. Um funcionário público gritou na estrada, talvez para se tornar importante perante a grande assistência – "Eu sou Chefe de Secção de tal Repartição. Isto não é coleguismo. Já é a terceira vez que os fiscais me incomodam. No próximo encontro meterei meu carro por cima desses vagabundos ou os matarei à bala. Não importa que vá preso. Quero vê-los no cemitério".

Os comedores de polenta escondem os passarinhos nos copos das rodas, no pneu esterpe, nos garrotes de vinho vazios. Um bem inteligente calou uma grande abóbora, retirou a semente e encheu-a de "caça miúda, de galho", fechando-a de novo. Numa partida de cal veio uma barrica cheia de papagaios, quero-queros, bem-te-vis, tico-ticos, corujas, etc. Um supertarado trouxe 260 sabiás depenados, às 2 horas da madrugada, para vender, pensando que a fiscalização já havia abandonado o posto.

Não há escaninho nos carros, por mais oculto e menor que seja, onde já não tenha sido encontrada caça protegida – debaixo dos assentos, em malas e sacos de roupas, nas caixas de ferramentas, nas portas dos veículos, nas dobras dos encerados, nas cestas e caixas de comestíveis, em panela e latas de banha, debaixo de cargas de areia, telhas, laranjas, etc., etc.

Para um fiscal experimentado é fácil descobrir a sujeira, porque a culpa está estampada nas caras, se vê nos olhos, nas mãos que tremem ou quando precisam ir ligeiro para o mato. . .

Está explicado porque são molestados os caçadores, quando vêm cansados das excursões. A fiscalização é aplaudida e exigida pelos bons elementos; temida e maldita pelos ruins, tendo que ser executada sem exceções contra todos.

A todos os verdadeiros caçadores, amigos do Serviço de Caça e Pesca, bem intencionados, que de boa vontade colaboram com a fiscalização, aos que lhe facultam facilidades na revista dos carros e bagagem, aos que reconhecem seu empenho de bem servir à causa da conservação da caça, aos que a confortam com palavras de estímulo, os fiscais apresentam sinceros agradecimentos.

23.10.59

FAZEDORES DE CARNE DE ANIMAIS SILVESTRES

De todos os métodos de fazer presa de caça, com o menor esforço e pouco risco, a colocação de laços, armadilhas e espingardas engatilhadas nos carreiros comedouros e bebedouros dos bichos é o mais inadmissível e detestável.

O verdadeiro caçador sempre está empenhado a matar a caça rapidamente, com o mínimo de sofrimento, sentindo na alma quando a peça, mal ferida, se esconde e vai morrer depois de horas ou dias de agonia.

Loja Independente de Teosofistas

O ladrão de caça, ao contrário, cuidando mais de sua segurança, usa os mencionados aparelhos, que não exigem sua presença no local da velhacaria.

Qualquer compaixão humana com a criatura lhe é sentimento estranho.

Exerce sua vergonhosa profissão sem se afligir quando fêmeas prenhas ou cuidando de filhotes se atormentam dentro do laço ou armadilha até a morte.

Malicioso, covarde e traiçoeiro, ele persegue a caça sem se expor a perigo e sem perder tempo na negaça. Só está empenhado a "fazer carne". Falta-lhe todo espírito desportivo, nem este é preciso para sua abominável e horrorosa atividade.

Vagabundos, desempregados, trabalhadores rurais incultos e caçadores sem escrúpulos, adeptos da lei do menor esforço, são os elementos irresponsáveis que se dedicam a esta atroz e perversa maneira de caçar.

A colocação de laços nos carreiros geralmente é feita para aprisionar animais de pêlo, mas acontece que neles também caem animais domésticos.

Certa vez observamos esta triste cena: Uma cachorrinha do próprio armador de laços, que foi à procura do dono, estava dependurada, enforcada, na beira da roça, rodeada das crianças chorando a morte da sua companheirinha de folguedos.

Também armam laçadas para apanhar aves. Para tanto, amarram um cordel ou fio de arame flexível na ponta de uma vara verde ou haste duma arvorezinha cortada, puxando-a até o chão, onde fixam a lingueta na estaca da armação do cevador, feito em forma de círculo, sobre cujas estaquinhas colocam a laçada. A ave, quando vem comer o cibo, desarma o aparelho e se desnuca com o soco que leva ou se enforca.

Outros, os chamados ratoneiros, colocam armadilhas de bater, munidas de fortes molas de aço, nos banhados ou beira-rios, para apanhar nútrias, lontras e capivaras.

São terríveis, inimagináveis os sofrimentos dum animal preso no ferro pela pata, que incha durante a noite da dolorosa expectativa da morte.

Ao alvorecer, o animal compreende que não há mais salvação e, num ato de supremo desespero muitas vezes corta com os dentes o pezinho preso, libertando-se aleijado. Já chegamos na hora duma dessas automutilações feitas para salvar a vida.

Noutra ocasião, uma lontra, ao ser por nós libertada, caía morta, porque seu coração não resistiu ao esforço duma noite de luta para se soltar da armadilha.

O sistema mais criminoso de todos porém, é o de armar espingardas engatilhadas nos carreiros dos animais, nas picadas dos matos, nos bebedouros, pelo grande perigo que apresentam também para o homem.

Fazem assim – amarram ou pregam a espingarda numa árvore ou estaca, visando a pontaria sobre o carreiro. No gatilho prendem um barbante ou arame fino, passado previamente em cola inodora misturada com casca e folhas trituradas ou sementes de inço, para torná-la imperceptível. Este fio esticam sobre o carreiro, amarrando-o do outro lado em outra árvore ou estaca.

Loja Independente de Teosofistas

O animal, ao tocar no fio faz detonar a arma e cai fulminado por certeiro tiro, enquanto o irresponsável dorme tranqüilamente. Quando acordar só tem o trabalho de ir buscar a presa.

Certa manhã, sentados defronte da nossa barraca, na beira do Rio Jacuí, ouvimos o estampido dum tiro, partido de dentro do mato marginal, seguido de gritos, pedidos de socorro e gemidos.

Correndo por uma picada para dentro do mato, encontramos deitado, contorcendo-se em dores, com a canela quebrada pelo chumbo grosso da carga, um peão da Fazenda, o qual na procura duma rês havia tocado no fio da esparrela. Nós mesmos podíamos ter sido atingidos, se tivéssemos penetrado naquele mato.

Pelos desastres provocados e prejuízos que causam à criação, os fazendeiros votam ódio de morte contra esses maus elementos e a peonada, os caçadores e pescadores ordeiros, os cortadores de matos etc. estão sempre expostos ao perigo de serem fuzilados em vez duma capivara.

Pedimos a todos os interessados na eliminação dessa peste de armadores de aparelhos de captura e tiro automático, a necessária colaboração, no sentido de nos denunciarem fatos concretos dos acima descritos, enviando-nos as armas encontradas com os nomes e endereços dos responsáveis pelos crimes, para que possam ser punidos.

20.1.61

COM QUE DIREITO FAZEM ISTO?

O mais desdenhoso esporte ou divertimento que se possa imaginar é o da apanha de passarinhos canoros, porque implica a prisão perpétua de criaturinhas dotadas de asas pelo CRIADOR para voar no espaço, para saltitar de árvore em árvore.

Há tantos divertimentos mais dignos do que ficar horas e horas de tocaia até que a inocente vítima, atraída pelo chilrear da "chama", caia no alçapão ou pouse no ramo do visco, ficando grudada pelos pezinhos.

A juventude está fazendo coisas nocivas, enquanto espera pela consumação da velhacaria. Com certeza está perdendo aulas e horas de estudo, aprende a vadiar e a judiar dos animais. Desenvolve-se no seu espírito o egoísmo e insensibiliza-se seu coração ao sofrimento alheio.

Muito mais desprezível ainda se torna a captura de avezinhas na época dos ninhos, durante o choco e criação dos filhotes, porque estes, privados do amoroso cuidado e proteção das mães, morrem de frio e fome e são devorados pelos gaviões, gatos, ratos e cobras.

Argumentam os capturadores que os passarinhos na gaiola se sentem protegidos contra os perigos da natureza, são felizes porque cantam e não precisam procurar seus alimentos. Mas, mais vale uma curta vida feliz em liberdade, do que uma longa existência na prisão. E o canto bem pode ser de saudade do paraíso perdido. Basta abrir a portinhola, que fugirão para nunca mais voltar.

Loja Independente de Teosofistas

Atrás das grades lhes falta tudo que a Natureza lhes oferece e que a maior estima de seus donos não lhes pode proporcionar: a liberdade, este supremo bem da natureza; ambiente infinito para voar; a companhia e o amor de seus semelhantes; alimento predileto, especialmente insetos; água límpida das fontes; locais e material para construir seus ninhos e criar sua prole.

Presos, todos morrerão de tristeza ou por relaxamento do trato.

Milhares deles morrem todos os anos por ocasião das férias, ou quando as famílias viajam, entregando-os aos cuidados de empregados ou vizinhos, que os esquecem.

De volta do veraneio, encontrado morto o bichinho querido, logo tratam de arrumar outro. É tão fácil – capturam ou compram de vendedores de beira de estrada ou numa Loja de Animais Vivos outro condenado à morte.

A venda ambulante de pássaros é proibida. O caçador não pode comerciar com o produto da sua caçada.

Algumas Lojas também não procedem honestamente. Os donos se registram como capturadores profissionais, com a única finalidade de darem como produção própria as peças compradas de amadores, principalmente de pequenos vagabundos não legalizados. Estimulam assim a pega clandestina e a feita no período de defeso.

A Fiscalização da Caça e Pesca devia dedicar melhor atenção a este assunto.

O que também não é legal é trancafiar em pequeninas gaiolas individuais 15 a 25 vítimas do seu antipático comércio e relaxar a limpeza das clausuras, deixando-as com grossas camadas de excrementos nos pisos e com falta de areia, indispensável para a digestão das avezinhas. Não renovam em tempo a água, que fica imunda. Expõem as gaiolas à torneira do sol ou as mantêm em cantos escuros e frios, causando assim aos ocupantes grandes sofrimentos.

Milhares de visitantes que freqüentam as Exposições de Pássaros, agora muito em moda, admiram os pequenos cativos, mas não se lembram dos martírios que sofrem.

O que de mais impressionante vimos em matéria de manutenção de pássaros, foi um pequeno e escuro gradeado de madeira contendo 9 sabiás. O piso estava coberto por um malcheiroso mingau de farinha de milho, acumulado durante várias semanas. Porque não tinha poleiros, os pobres sabiás estavam sentados naquela pasta azeda, molhados e sujos, com as penas grudadas, duros de frio. A família nos informou que os haviam tirado dos ninhos e que estavam sendo "engordados" para um dos tradicionais manjares daquela região. Que imperdoável crime.

Os confiscamos e levamos para longe do local do suplício. Ao soltá-los não podiam se locomover. Foi preciso lavá-los num arroio próximo e secá-los duas horas no sol, até que conseguiram voar para dentro dum pinhal vizinho.

Incompreensível é a mentalidade de certos pais, que levam consigo seus filhos nas excursões de captura, mal educando-os para a ociosidade, a traição e a brutalidade ou que permitem que saiam de casa com "maus companheiros" (esta é a desculpa de todos os pais) para se divertirem nos matos e campos, pegando passarinhos.

Loja Independente de Teosofistas

Muitas famílias aproveitam as férias, justamente o tempo de proteção dos pássaros, para praticarem seus desatinos na Natureza, desfalcando-a de seus mais lindos ornamentos, ao invés de admirá-los na plenitude da liberdade e se deleitarem com seus gorjeios.

Como o Homem é terrível, comprazendo-se no papel de CARCEREIRO de inocentes cantores silvestres!

Ele tem direito de fazer isto? Pela Lei dos Homens, sim, pagando o ridículo valor de uma licença no Serviço de Caça e Pesca. Pela Lei Divina, não, nunca.

Rogamos a DEUS que ilumine os espíritos embotados e que salve as crianças da perniciosa influência dos maus exemplos.

Nossa doutrinação tem sido um golpe na água.

Devia se levantar uma voz mais forte do que a nossa, para despertar a consciência do mundo.

10.2.61

AS POMBAS DE SANTO AMARO

Qual é a utilidade das pombas? O certo é que cada ave tem alguma função de utilidade na natureza. Nós, é que não compreendemos o valor do seu trabalho.

As pombas, p.ex., comem sementes de inço e de árvores, limitando assim a propagação de certas plantas nocivas, que sufocariam outras úteis. E alimenta, como todas as outras aves, seus filhotes com insetos, justamente quando estes aparecem em grandes enxames na primavera.

O biólogo sempre se inclina a proteger todas as aves contra a perseguição até o extermínio. Aconselha que se as afugente, quando chegam a fazer desmandos nas plantações, para que depois possam voltar a servir o homem, até com a sua carne, na época da caça, como no caso das pombas, consideradas animais de caça.

Aos agricultores, eventualmente prejudicados por pombas, a Lei faculta abatê-las nas suas propriedades em qualquer época do ano, desde que haja dano real e que possa ser comprovado à fiscalização.

Isto posto, é incompreensível a liberação da caça de pombas de bando ou migratórias nas zonas orizícolas e tritícolas no período da reprodução (novembro a março) na quantidade fantástica de 40 peças por caçador e caçada, justamente quando não há arroz nem trigo espigado nas lavouras, como se fosse propósito do Serviço de Caça e Pesca extinguir esta espécie.

Este lamentável erro do legislador propicia aos caçadores não disciplinados, o abate, no verão, de quaisquer espécie de pombas, não nas lavouras, mas sim, criminosamente, dentro das áreas de nidificação, nos matos e brejos, como verificamos recentemente em Amarópolis.

Muitos milhares de pombas de várias espécies, vindos de todos os lados, de General Câmara, Triunfo, São Jerônimo, até chegar aos imensos matos e cerrados existentes na Ilha de Santo Amaro e entre o curso do Rio Jacuí e a

Loja Independente de Teosofistas

Estrada para a Estação Pagador Martel, para ali construirem seus ninhos e criarem seus filhotes. Entre elas predomina a Juriti, a mais linda e meiga, símbolo do amor conjugal. Elas voam constantemente, num contínuo vai-vem, algumas juntas com outras, pelo que os mal intencionados querem que sejam "de bando" e "migratórias", embora sabendo que existem sempre naquelas redondezas.

Durante a reprodução, o chão enche-se de cascas brancas dos ovos e os ninhos de filhotes, período em que as pombas perdem o medo de seus inimigos naturais e do pior dos salteadores esfaimados, o homem.

Na época das férias chegam caravanas de matadores naquele pombal natural, para veranear, longe de qualquer arrozal ou trigal, e caçar "pombas de bando", na certeza da inexistência de qualquer fiscalização.

Os carniceiros, especialmente os famigerados "passarinheiros", têm aproveitado a situação para realizar grandes safras de extermínio, como verificamos no dia 6 de janeiro, pela tarde.

Chegando à beira do Rio Jacuí, no porto de Amarópolis, ouvimos na Ilha fronteira, ao longe, um contínuo pipocar de cerrado tiroteio, como se uma força militar estivesse em ação de combate. Foi-nos dito por um caçador da localidade, que uma bandilha de exterminadores grã-finos, vindos da Colônia Italiana, há 2 dias estava "fazendo carne de pombas". Que pela manhã já haviam mandado um carregamento para Caxias do Sul.

Fomos de barco ao acampamento dos caçadores. Lá deparamos com um cenário nunca visto em 22 anos de fiscalização. Na frente da barraca encontramos um grosso tapete de penas, dois botijões térmicos do Exército, cheios de pombas e gelo, 3 grandes sacos de plástico também recheados e um montão de pombas mortas, no total de 571 peças, mais de 100 para cada caçador. E mais 2.000 tiros para continuar a safra no dia seguinte.

A maioria era Juritis, sendo grande parte filhotões, com as penas das asinhas ainda não bem desenvolvidas, prova de que foram abatidas de cima da borda dos ninhos. As fêmeas adultas estavam cheias de ovinhos em desenvolvimento para a 2ª postura, que é feita em janeiro.

A desculpa cínica foi esta – "Estando proibida a caça de sabiás, viemos aqui matar pombas que a lei permite. Para nós, pomba é pomba. Porque o Serviço de Caça e Pesca não explica qual é a migratória, nós abatemos a Juriti como tal".

Em relação à enorme quantidade de peças mortas, alegaram que "pensamos que podíamos caçá-las à vontade, por serem nocivas às lavouras".

Na manhã seguinte ficamos sabendo que um dos componentes daquela turma de morte, tendo fugido mato adentro quando topou com o fiscal, largando sua bolsa repleta de pombas, só foi encontrado à meia-noite pelos companheiros, perdido, deitado exausto na beira dum banhado, todo lanhado pelos espinhos, com a roupa rota e molhada, por ter caído numa sanga e sem a sua espingarda, também estraviada na correria.

O presente caso é mais uma prova de que a irrefreável paixão da caça, que não passa de uma volúpia de ver correr sangue; a insaciável cobiça e gula; a mania de dar tiros; a ânsia doentia de destruir vidas; o deleite nervoso do pe-

Loja Independente de Teosofistas

rigo de encontrar fiscais; o manejo de armas; a gabolice; o selvagem romantismo criado por legendária tradição; a glorificação de bandidos como heróis dos campos e matos, por seus conterrâneos; a simpatia de certos homens de elevada posição pelos contraventores, são elementos formadores do caráter e da mentalidade dos "ladrões de caça".

Caso o Serviço de Caça e Pesca não revogar a permissão de caçadas de pombas no verão, no período da postura e criação de filhotes, desaparecerá mais esta espécie da nossa já "lendária" avifauna.

17.2.61

O "MORREDOR" DOS MAUS CAÇADORES

VILA SECA, estação de veraneio, situada no município de Caxias do Sul, próximo à divisa com São Francisco de Paula, na encruzilhada das estradas de Criúva e Apanhador, ficou célebre nos anais do Serviço de Caça e Pesca como "morredor dos passarinheiros".

Como se sabe, na Colônia Italiana não há mais vida na Natureza e por isto os matadores de "caça miúda de galho" procuram as matas dos grandes municípios vizinhos de São Francisco de Paula e Bom Jesus para realizar os seus desprezíveis massacres entre as pobres avezinhas.

Durante mais de 25 anos aquela passagem forçada já está sendo o local de grandes safras de espingardas e passarinhos, a ponto de sempre sobrecarregar o jipe da Fiscalização.

O relatório de 24 de março do corrente ano, referente à última escora feita no "morredor", acusa os seguintes dados: Entre 16 horas e meia-noite de domingo foram autuados 46 contraventores e apreendidas 36 espingardas, 647 passarinhos de todas as espécies, 13 quero-queros, 5 gralhas, 9 corujas, 4 papagaios, 23 pombas-rolas e juritis, 6 curucacas, 7 jacus, 9 inhambus e 11 tatus.

Estes números comprovam a impressionante fúria de matar tudo, mesmo no período do defeso e de cima dos ninhos, que domina o espírito daquela gente fanática e louca por "passarinhada com polenta".

O mais decepcionante é que os principais culpados são homens de responsabilidade e elevada posição, que desempenham ostensivamente e com incrível recalcitrância, sem a mínima vergonha, o degradante papel de exterminadores da fauna alada, para saciar sua gula.

Outros grã-finos não matam, mas prestigiam e fomentam as matanças, aceitando convites para comer passarinhadas ou se deixam homenagear com banquetes, nos quais o prato de sublime sensação gastronômica é o tal tradicional, ou promovem Festas Beneficentes de Igrejas, nas quais o delicioso "manjar dos deuses" é servido a alto preço.

Ainda alguns, mais covardes, tementes do risco dum encontro com a Fiscalização, fornecem armas e munição aos colonos burros que não querem

Loja Independente de Teosofistas

compreender a utilidade dos pássaros e os matam para presentear os seus amigos das cidades.

Quando estes espertos voltam com a "caça" e esta é encontrada, as invariáveis e pueris desculpas são estas – "Achei os passarinhos mortos na estrada", ou "Os comprei" ou "Os ganhei de presente", naturalmente de pessoas desconhecidas, pensando escaparem, assim, das multas.

A respeito dessa criminosa atividade de assassinos sem escrúpulos, seguidamente recebemos cartas de denúncias e pedidos de providências, as quais nem sempre podemos atender, por falta de recursos e condução.

Para que os leitores tenham uma pálida idéia do que vem ocorrendo, transcrevo a seguir trechos dessas cartas:

Um educador escreveu: "Meu vizinho, fulano, velho destruidor da fauna alada, se não tiver passarinhada na janta, prefere ir dormir em jejum. Ele continua nas caçadas de sabiás, apesar das advertências que lhe fiz e agora está me perseguindo por todos os meios imagináveis".

Um brasileiro comprou um sítio na terra dos passarinheiros e desabafou assim: "Estou verdadeiramente revoltado com a mania desta gente daqui, de aniquilar os pássaros. Ouvi no último domingo, no espaço de uma hora, nada menos de 40 tiros nos pequenos caponetes dos arredores do meu sítio. Estou admirado que ainda encontrem tanto em que atirar. E não são somente os adultos, que usam arma de fogo. Não se encontra um guri, mesmo indo à aula, que não tenha sua funda no bolso, sem a mínima correção de pelo menos pela maioria dos professores. Nos domingos estão nos matos, aos bandos, muitas vezes acompanhados dos pais irresponsáveis. A Lei que regulamenta a venda de armas e munições também não é executada pela Polícia no interior. O comércio é livre, facilitando assim o sacrifício da nossa fauna, que já está quase extinta".

Ao copiarmos isto, lembramo-nos da professorinha que pedia aos alunos que lhe levassem passarinhos de presente em vez de flores. E dos Diretores dum grande Colégio, que mandavam os alunos levar as fundas e a rede pertencente àquele Educandário nos Passeios Grandes, para matar os pássaros necessários para a passarinhada a ser saboreada pelos professores ao meio-dia. Beleza de educação esta, não é?

Por estas e outras estamos cem anos atrasados.

Um colaborador diz na sua carta: "Nos fundos da Fábrica de Pólvora e Foguetes "ATÔMICA", na zona de Santo Antônio, em Bento Gonçalves, num grande e bonito mato virgem, no qual existem várias grandes árvores frutíferas silvestres, conhecidas nesta região como Baleteras e Caúnas, atração dos sabiás, contei 146 tiros em 2 horas. Quando surpreendia os atiradores, estes corriam logo, mas assim mesmo consegui pegar dois com grandes pencas de pássaros e os desarmei e atuei".

Outro brasileiro, de Veranópolis, escreveu: "Em janeiro já começou o tiroteio nos sabiás. Nas matas, parece que há uma força militar em manobras. Na sua sanha insana de "caçar" invadem minha terra e matam até minhas galinhas. Venha, para pôr ordem nesta anarquia".

Loja Independente de Teosofistas

Agora os leitores vão conhecer algumas represálias e provocações sofridas pelos fiscais, que por puro idealismo enfrentam esses destruidores:

Além de processos movidos contra a Fiscalização, a atacaram de tocaia, escondidos no mato, à noite, a tiro, ferindo três membros da equipe. Naturalmente fugiram e não foram descobertos. Isto ocorreu há 3 anos na saída de Caxias do Sul.

Aconteceu em Bento Gonçalves que no pára-brisa do carro da fiscalização apareceu dependurado um sabiá enforcado, tendo ao lado um cartão com esta legenda: "Este também será o fim dos fiscais de caça".

Recebemos, certa ocasião, pelo Correio, com carimbo de Galópolis, um pacote, contendo um pedação de polenta, coberta de molho e 11 cabecinhas de passarinhos, com o seguinte bilhete: "Seu burro, convença-se que a luta só terminará quando morrer o último passarinho". Sem assinatura, anônimo, como sempre.

Outro dia veio de Garibaldi, a terra onde um supertarado amarrava os filhotinhos nos ninhos, para deixá-los engordar pelas mães para a passarinhada do seu aniversário, uma caixa de sapatos cheia de asinhas e penas de variadas cores, com a seguinte dedicação: "Na Festa da Colheita da Uva foi comida esta passarinhada e tu, velho patife, nem apareceste para socorrer teus protegidos".

Um sádico de primeira ordem, fez chegar à sede da União Protetora da Natureza um pacotinho, contendo 13 tico-ticos secos, mumificados pelo sol, todos com os pezinhos cortados. O bilhete anexo dizia: "Estes ladrões, comedores do nosso trigo, foram pegos com redes e, por castigo, cortamo-lhes os pés, para sofrerem bastante antes de morrer pelo mal que nos fizeram".

Tanta monstruosidade de desumanidade, tanta falta de educação e baixeza de caráter faz gelar o sangue nas veias de qualquer pessoa sensível.

O que poderemos fazer para modificar tão diabólica mentalidade?

Pedimos sugestões aos nossos leitores.

4.5.62

COMO OUTROS PENSAM SOBRE "PASSARINHEIROS"

A professora J. A., de Porto Alegre, nos escreveu em 6/5/62 a seguinte comovente carta:

"Eu sou dos que amam, admiram e não se cansam de descobrir as maravilhas que DEUS nos deu: os pássaros, as árvores, as flores, os animais, tudo me encanta. São donos de meu coração; são inocentes, sem defesa, e por isso os protejo.

O Senhor fala sobre a morte dos passarinhos; pede sugestões para acabar com a carnificina... mas o Senhor tem esperanças que os homens, que cada vez mais se especializam na ciência de destruirem-se a si mesmos e aos seus irmãos, vão deixar de matar as avezinhas? e o Que é pior... comê-las?

Eu não posso compreender como os homens sentem prazer em caçar; só posso atribuir ao instinto atávico, é a única desculpa. Homens bons, dedica-

Loja Independente de Teosofistas

dos, carinhosos, sensíveis vão caçar – donde a explicação? em nome do quê? e há os que caçam e não comem as suas inocentes vítimas. São piores do que os que comem e não matam.

O que será que falta aos homens para se melhorarem? Religião? A religião é boa, os homens é que não a assimilam. Conselhos? Exemplos? Instrução? Educação? Bondade? Não sei. Mas acho que nosso povo precisa de instrução, cultura – começar no lar o amor à natureza; continuar na escola e pela vida afora, sempre se martelando. . . amem, amem, amem; não se precisa mais do que isto: amar a natureza!

Já pensou que cousa maravilhosa seria um pássaro compreender o grau de evolução de uma pessoa, ao ponto de não lhe ter mais medo, por não mais existir maldade no mundo?"

Outra professora, E. W. S., de Cruz Alta, desabafa sua indignação contra os assassinos de passarinhos, em carta de 10/5/62:

"Na sua crônica 'Morredor dos maus caçadores', o sr. pede sugestões aos leitores do 'CORREIO DO POVO RURAL'. Eis a minha: Lições de civismo e moral, instruções sobre os benefícios que nos prestam esses passarinhos, devorando as larvas, insetos dos nossos pomares, hortas e plantações, entre elas, os trigais dos quais fala o ignorante anônimo da frase: – 'Estes ladrões, comedores do nosso trigo, foram pegos com rede e, por castigo, cortamo-lhes os pés para sofrerem bastante antes de morrer pelo mal que nos fizeram' – de nada adianta, porque além de burros eles são desalmados, ou melhor, bandidos. Quando as larvas tomam conta dos seus trigais, eles recorrem ao Governo para enviar-lhes ajutórios, a fim de exterminar essas pragas, mas esquecem que eles próprios são os maiores ladrões do seu trigal, pois mataram os melhores defensores dos trigais, os passarinhos devoradores de larvas e insetos. Com pessoas broncas e de mentalidade tacanha como essa espécie de gente só mesmo 30 dias de cadeia e uma alta multa que afete seu orçamento. Estou certa de que, se os nossos governos não tomarem atitudes mais enérgicas a respeito desses comedores de passarinhos, perderemos de uma vez por todas os protetores de nossas plantações.

Outra coisa que se faz necessária, é a criação de 'Clubes dos Amigos da Natureza', em todos os Grupos Escolares, com aulas bem orientadas e dirigidas, porém, isso deve ser determinado pelo governo e organizado por nossas autoridades escolares.

Educando os filhos e netos desses sádicos, é bem possível que para o futuro tenhamos menos matadores de avezinhas ou quase nenhum".

Um agricultor do município de Caí, residente em determinada Vila, cujas iniciais são E. W., em data de 10/5/62 escreveu:

"Nos últimos meses reuniu-se nas terras que rodeiam a minha casa, um bando de quero-queros. Foram mais de 20 aves. Na horta, na roça e no potreiro, de manhã cedo até ao cair da noite, eles seguiram o seu trabalho, tão benéfico ao colono, de limpar os terrenos da praga dos insetos.

Na semana passada, dois vizinhos começaram a bombardear os quero-queros, note, dentro da vila, e o resultado é que do bando sobraram uns dez animais e mais um aleijado, ao qual esses vândalos inutilizaram uma perna.

Loja Independente de Teosofistas

Aqui não há autoridade policial e não gosto de denunciar, mas há casos que revoltam qualquer pessoa normal. Não é uma monstruosidade que um colono, para saborear uns magros pássaros, mate entre estes os melhores amigos do agricultor? Lei não há para esta gente de alma obtusa. Por isto seria perfeitamente justo que o rigor do Código de Caça os atinja".

Prezados leitores – Por falta de espaço deixamos de publicar mais uma centena de veementes críticas e protestos contra a nefasta e perniciosa atividade destruidora dos "passarinhos" que estão provocando o fracasso da nossa agricultura e com isto apressando a marcha para a miséria e a fome.

Não possuindo o Serviço de Caça e Pesca elementos suficientes para um combate eficaz contra os exterminadores da fauna alada, é de suma importância os proprietários rurais ou qualquer pessoa do povo de acordo com o Art. 74 do Código de Caça, denunciarem por escrito, com firma reconhecida, os contraventores, para que possam ser processados. O Termo de Queixa deve conter o nome completo do denunciado, indicação certa da sua residência e a descrição detalhada do fato, com o local da ocorrência e a hora e dia.

Só assim, a Colônia poderá se livrar da legião dos TARADOS que vêm infelicitando a nossa terra.

11.6.62

Loja Independente de Teosofistas

IV

NOSSOS RIOS E A POLUIÇÃO

Loja Independente de Teosofistas

ÁGUAS ENVENENADAS NOS NOSSOS RIOS

A poluição das águas dos rios e arroios pelo lançamento "in natura" de resíduos industriais tóxicos, constitui um perigo latente para a saúde pública e causa periodicamente grande mortandade de peixes.

O importante e complexo problema, já várias vezes debatido pela Imprensa e de preocupação constante dos moradores ribeirinhos, lamentavelmente não tem merecido a devida atenção dos poderes públicos competentes.

No Rio dos Sinos acontece o seguinte: Vários arroios carregam para seu leito substâncias químicas, tanino, sais minerais venenosos, anilinas e matéria orgânica dos curtumes e de outras fábricas.

Especialmente o Arroio Preto, que passa por Novo Hamburgo e recebe todos os despejos daquela grande cidade industrial, contamina as águas do rio com tão grande percentagem de tóxicos que no verão, nos períodos das vazantes anuais, morrem todos os peixes numa grande extensão do seu curso; os banhistas sofrem erupções e feridas na epiderme e o gado refuga de se dessedentar com o líquido podrido e venenoso.

A situação ainda se agrava muito, abaixo da cidade de São Leopoldo, depois do rio ter recebido o Arroio dos Curtumes, os resíduos da Fábrica de Papel e da Estação de Imunização dos postes de luz e o esgoto cloacal da cidade, que é escoado pelo Valão para dentro do rio.

Ainda é uso generalizado do povo atirar no rio toda espécie de animais mortos, inclusive os de grande porte.

A população marginal do rio, não servida pela rede da Hidráulica, é obrigada a consumir a água bruta, não tratada, escura e malcheirosa, que, embora fervida, gera doenças intestinais e mata, como consta, especialmente crianças, o que é acreditável, pois se afeta a pele dos banhistas e mata peixes, certamente também deve atacar o delicado aparelho digestivo humano.

No Rio Gravataí, na altura de Niterói e Vila Rio Branco, os resíduos oleosos dos depósitos de combustíveis e dos Petroleiros, o sangue e matéria orgânica do Frigorífico, Fábrica de Banha e de óleos, lançados n'água sem tratamento algum, torna a água imprestável para o consumo e seguidamente causa o morticínio dos peixes em dias de represo, no verão, quando o escoamento das águas é mínimo.

No rio Caí, abaixo da cidade de Montenegro, ocorre fenômeno semelhante, pois uma Fábrica de Tanino está poluindo maciçamente as águas com extrato de tanino, por não ter instalado condensador da água fervida.

Rio Ibicuí da Armada foi lançada tal quantidade de salmoura por uma Charqueada que houve geral mortandade de peixes naquele rio e no rio Santa Maria. Também esta é uma ocorrência que se repete anualmente, e que deve ser evitada de acordo com as leis existentes.

Loja Independente de Teosofistas

Em diversos arroios do interior, como p.ex. em Caxias do Sul, cujas águas são aproveitadas para curtição de couros, acontece a mesma conspurgação do líquido e a matança de peixes se repete seguidamente.

O assunto já foi várias vezes estudado através dos anos e examinado por técnicos e administradores, mas os contaminadores contumazes das águas de serventia pública continuam a agir impunemente, para grave prejuízo da coletividade.

Nas ocasiões de calamidade pública, estando os cursos d'água cobertos de milhões de peixe mortos e quando grassa a epidemia de doenças gástricas, ouve-se falar de que a indústria "está providenciando" instalações de tratamento das águas residuais, mas quando desaparece o perigo comum, o que sempre acontece com a primeira chuva e conseqüente subida das correntes, tudo é esquecido, porque o micróbio do comodismo é muito forte entre nós.

Ainda não vimos nenhum dos responsáveis ter sido compelido a instalar filtros ou condensadores, como a lei manda.

Ao povo sofredor, humilde e pobre, deve parecer que há interesses ocultos de não incomodar os grandes industriais.

Temos por objetivo alertar com esta crônica a consciência dos Industriais e das Autoridades responsáveis para que atentam para este mau estado de cousas, de tão tristes conseqüências.

15.2.57

VENENO DEMAIS

O homem, como ser pensante, que tanto lê, estuda e inventa, com toda sua inteligência, ainda não chegou a compreender a natureza e sempre, em toda parte, se empenha em trabalhar contra ela, em enganar as suas imutáveis leis, colhendo desastres, miséria e seu lento auto-suicídio.

Nem aprende nada pela observação e pela experiência, pois, por incrível que pareça, continua como louco na destruição dos recursos naturais, dos quais dependem sua saúde, seu vigor e sua longevidade.

Há ocasiões em que a espécie humana nem parece civilizada, de tão atrasada que é a sua mentalidade de conservação.

Do solo retiram toda a fertilidade pelas estúpidas queimadas anuais e pelas sucessivas plantações, que ficam cada vez mais raquíticas e por isso mais suscetíveis aos ataques das pragas.

Para salvar as culturas infestadas, o agricultor recorre ao emprego de modernos e violentos inseticidas, como o DDT, TOXAFENO, PARATHON, DIELDRIN, CHLORDANO, HEPTACLORO e outros, que empestam e matam também os pássaros, peixes e animais silvestres, nossos aliados naturais na guerra contra os insetos, conforme comprovaram estudos feitos na América do Norte.

O uso de pulverizações com esses violentíssimos venenos, que se conservam pelo menos 3 anos na terra, está se alastrando muito, até por meio de

Loja Independente de Teosofistas

aviões, com decrescente resultado, porque os insetos estão se tornando cada vez mais resistentes aos tóxicos.

Durante milênios a agricultura foi feita com bom sucesso nas clareiras abertas no interior da floresta virgem e tudo crescia viçosamente sem o auxílio de inseticidas, porque havia aves em abundância com grande poder destrutivo sobre as pragas e que faziam o serviço de extinção dos insetos gratuitamente.

Outro espetáculo impressionante é o despejo que fazem nos cursos d'água dos resíduos industriais tóxicos e dos esgotos cloacais, cuja água é ainda consumida, assim contaminada, por mais de 80% da população.

Nos últimos anos a humanidade está se envenenando sem dar-se conta disso, ingerindo os inseticidas mortíferos que se fixaram nos legumes e frutas e na carne dos animais de corte e bebendo as águas poluídas, saturadas de tóxicos.

Ninguém ainda sabe ao certo quais os maus efeitos que produzem essas substâncias químicas no organismo humano e quais das modernas doenças lhe devem a origem.

O certo é que o povo está vivendo sob o signo – "O que não mata, engorda", exposto a constante perigo.

Seguidamente surgem controvérsias a respeito da aplicação sem limites de inseticidas, considerados por uns como altamente nocivos à saúde e por outros como um imenso benefício à lavoura.

É evidente que o emprego excessivo e incontrolado desses produtos químicos elimina desnecessariamente a fauna e só por isso deviam ser aplicados unicamente em casos de imperiosa necessidade, após estudo de todos os prós e contras, porque a saúde é um bem precioso que não se deve arriscar à toa.

O melhor e mais econômico combate às pragas dos insetos daninhos se restabeleceria naturalmente, evitando-se a perseguição e matança dos passarinhos, dos quais são indispensáveis 20 casais em cada hectare para mantê-lo perfeitamente saneado.

Esperamos que volte o juízo ao cérebro de muito incrédulo, antes que seja tarde demais, antes que tenha a lamentar a perda de uma vida preciosa na sua família.

5.2.60

O RIO DOS SINOS É UM ESGOTO!

No verão, quando seu volume d'água fica muito reduzido e não existe correnteza, esse rio apresenta todos os característicos de maciça contaminação, tornando-se a água suja, grossa e malcheirosa de tanta imundície que carrega.

Atinge tal grau de saturação de matérias orgânicas e fecais, resíduos cloacais e industriais, substâncias químicas tóxicas e ácidas que mata não

Loja Independente de Teosofistas

apenas os peixes, mas o consumo dessas águas fortemente poluídas ou um simples banho no rio também oferecem sério perigo à saúde e até a vida de quem delas se serve.

Provocam a inflamação dos ouvidos (otite), a erupção de feridas na pele dos que nelas se banham, assim como enfermidades intestinais graves, como a enterite, especialmente entre as crianças da população ribeirinha pobre e nas pessoas não acostumadas a beber água podre e envenenada, que vêm veranear na beira do rio.

Água tratada e filtrada de Hidráulica não está ao alcance de grande parte da população marginal e esta não compreende a necessidade de ferver a água de beber e a consomem bruta e conspurcada como a retiram do rio, sofrendo depois as funestas conseqüências dessa sua imprevidência.

Há muitos anos estão sendo feitos estudos, análises, exames locais, etc. pelas autoridades competentes e os "comandos sanitários" já intimaram várias vezes as Indústrias que usam produtos químicos venenosos (especialmente os curtumes), para tratar suas águas servidas antes de devolvê-las aos cursos d'água públicos.

Mas essas intimações, com raras exceções, não foram atendidas, como geralmente acontece com todas as medidas fiscais.

Tendo em vista a proteção dos peixes, o Serviço de Caça e Pesca, baseando-se no Art. 16 do Código de Pesca de 1938, já velho de 20 anos, baixou em 8/3/57 a Portaria 2-57, que proíbe o lançamento de resíduos e detritos industriais comprovadamente tóxicos nas águas interiores e obriga os industriais a submeter suas águas servidas a processo que as tornem inócuas à fauna aquática.

Os proprietários de curtumes, principais responsáveis pela poluição do Rio dos Sinos, foram avisados por escrito, individualmente, dessa exigência legal, cuja execução seria fiscalizada, o que deu motivo para que um grande número de Curtidores de certa localidade se alarmasse e representasse à Secretaria da Agricultura contra a medida saneadora a ser posta em prática, solicitando maior prazo para entendimentos, a suspensão da execução da mencionada lei e indicação de um aparelho eficiente e barato.

Suas reclamações foram atendidas e assim conseguiram o seu principal objetivo – GANHAR TEMPO – na esperança de que caia novamente em esquecimento o assunto de tanta importância, como já aconteceu em outras ocasiões, depois das chuvas, quando cresce o volume d'água do rio e diminui natural seu índice de contaminação.

Aparecem então os "inteligentes" que sustentam que a água do rio não faz mal a ninguém, porque o veneno que contém é muito pouco.

O Serviço de Caça e Pesca encaminhou o processo ao Diretor da Divisão de Caça e Pesca no Rio de Janeiro, autoridade federal competente no caso, que ordenou a seus técnicos o exame da questão e a Secretaria da Agricultura encarregou a recém-criada "Comissão de Controle das Águas Poluídas" da apreciação do assunto.

Enquanto agora a burocracia se movimenta vagarosamente, continuarão sendo destruídos muitos milhões de peixes e adoecendo e morrendo gen-

Loja Independente de Teosofistas

te, por causa das águas poluídas do Rio dos Sinos, no verão transformado num esgoto imundo.

A atitude tomada por esses homens de grandes recursos é incompreensível, porque, pelo que consta, eles não constróem logo a aparelhagem necessária à decantação das águas residuais de suas fábricas, porque QUEREM ECONOMIZAR.

Sobrepõem assim o seu interesse privado ao coletivo.

O pobre povo que sofre as conseqüências desastrosas desse mau estado de cousas culpa o Governo por não mandar executar de uma vez o Código Sanitário e a Lei da Pesca, punindo sem mais contemplações os que envenenam as águas do Rio dos Sinos e dos outros em semelhantes condições, como o Rio Gravataí, defronte a Niterói e Rio Branco, o Rio Caí em Montenegro, o Rio do Tega em Caxias do Sul o rio Ibicuí da Armada em Rosário, e muitos outros do Rio Grande do Sul que estão sendo transformados em focos de pestes, estando suas águas mais sujas do que as dos esgotos cloacais.

Acentua-se assim entre a gente sacrificada o ódio contra a classe burguesa afortunada, que em vez de água do rio pode beber chope, água mineral ou refrigerantes e que preferem comprar um novo automóvel de luxo do que gastar a importância necessária à instalação de um purificador de águas.

Será que a consciência desses homens não os acusa de tanta culpa?

21.2.58

A INDÚSTRIA DIFICULTA A PISCICULTURA

O desenvolvimento constante da Indústria, o progresso que avança e que não se pode entravar, aumenta dia a dia o tremento problema da insalubridade dos cursos d'água, provocada pelo despejo de matérias orgânicas e azotadas, líquidos fermentáveis ou venenosos e detritos residuais não purificados (ácidos, tinturas, produtos químicos, etc.) que matam cada ano milhares de quilos de peixes, causando prejuízo incalculável à piscicultura, e muitas doenças de origem hídrica na gente e animais, quando os rios e arroios tiverem fraca vazão.

Para remediar essa situação perigosa, bastaria, e isto é exeqüível, tratar as águas residuais em fossas céticas combinadas com leitos bactericidas. Não há dúvida que existem meios práticos de fazer desaparecer, com pequena despesa, ou ao menos atenuar o perigo das águas poluídas.

Acontece, porém, que os Diretores dos Estabelecimentos, quando intimados pelas Autoridades a cumprir a exigência legal da purificação das águas servidas, alegam a sua irresponsabilidade e invocam sempre o caso de força maior ou dificuldades independentes da sua vontade.

Pela Lei, os Industriais são responsáveis de fazer desaparecer toda a causa de perigo ou insalubridade, ficando a seu cuidado as providências cabíveis para tomar o efluente purificado, que deverá ficar claro e apresentar reação neutra ou ligeiramente alcalina. Se o processo de tratamento for ineficaz,

Loja Independente de Teosofistas

a fiscalização pode exigir aperfeiçoamento e se este não for executado, resta à Autoridade o direito de aplicar o recurso supremo de "fechar a fábrica".

Na França, Inglaterra, Holanda, Alemanha, Hungria, países que mais se ocupam com a Higiene, desde muitos anos a questão foi resolvida.

No nosso Estado estão em piores condições as águas dos arroios "Preto" e "Portão" e o "Valão", que recebe o arroio dos Curtumes e o esgoto da cidade de São Leopoldo, Estância Velha, Portão e Rincão do Cascalho e cujas águas entram no Rio dos Sinos, o mais sujo e malcheiroso que se conhece.

Todas as tentativas de saneamento, feitas durante cerca de 25 anos, até agora falharam ante a prepotência, insensibilidade, desinteresse e avareza dos senhores fabricantes e curtidores.

Em 1957, quando ocorreu uma calamidade de proporções, provocada pelas águas envenenadas, que gerou um clamor público, encabeçado por pescadores e a população ribeirinha, o Serviço de Caça e Pesca baixou a Portaria nº 2/57 para regulamentar o assunto, a qual foi remetida a 306 curtumes e fábricas e 1.097 atafonas deste Estado.

Em conseqüência houve a imediata reação dos Industriais do Couro, que exigiram das Autoridades Superiores: Suspensão da aludida Portaria até segunda ordem, para debater a questão com técnicos, a fim de descobrir um aparelho de aprovação integral e barato. Pela Imprensa de Novo Hamburgo foi feita uma crítica destrutiva contra o Serviço de Caça e Pesca, porque ordenou a execução de uma lei já muito antiga.

Conseguiram o que queriam – tempo – e não tomaram nenhuma providência para sanar o mal, na esperança de cair tudo novamente no esquecimento como de outras vezes.

Em 1958 o Governo do Estado criou um Conselho de Controle das Águas Poluídas do Rio Grande do Sul, cujas atividades desconhecemos.

E as águas envenenadas continuaram a correr e seguidamente grandes trechos do Rio dos Sinos se cobriam de extensos lençóis de peixes mortos e moribundos.

Constituindo esta situação anormal um flagrante e continuado desrespeito ao Código de Pesca, foi agora organizada a "Operação Saneamento Fluvial", com o início da Lavratura dos Processos de Infração contra as Firmas culpadas, já tendo sido autuados 52 dos que conspurgam o Rio dos Sinos.

Espera-se com a aplicação desta medida de rigor, não o recolhimento de multas, irrisoriamente insignificantes para os grandes Industriais, as quais absolutamente não interessam ao Serviço, nem protestos absurdos e manobras deletérias para obter nova impunidade, mas sim o cumprimento, sem delongas, da Lei.

Caso ocorrer nova frustração da execução da Portaria que disciplina o assunto, recomendaríamos aos prejudicados, Criadores, Colônia de Pescadores, Moradores Ribeirinhos, etc., empregar um recurso que tem dado resultados positivos – Processar judicialmente os culpados.

Dia chegará em que nós lamentaremos amargamente, se continuarmos a nada fazer contra esta alarmante anarquia.

6.5.60

Loja Independente de Teosofistas

FIM COM A PESTE DO ÓLEO!

Além de tantas outras fontes de veneno que contaminam as águas dos Rios Gravataí e Guaíba e a Lagoa dos Patos, o óleo despejado pelos navios também causa enorme estragos nos peixes e nas aves aquáticas.

Na lavagem dos porões-tanques dos petroleiros encostados em Niterói ou em viagem são bombeadas toneladas de óleo sujo para dentro da água, cujo volume é ainda aumentado pela massa de óleo combustível e lubrificante, lançado por outros navios, formando a mortífera película oleosa que cobre a superfície de água conspurcada em extensos lençóis e se acumula em espessas camadas nas margens e na vegetação aquática ribeirinha.

As manchas de óleo também são levadas pela correnteza e com elas segue a morte milionésimas vezes.

A desova dos peixes e toda a fauna aquática atingida ficam envenenadas.

Assim ocorrem imperceptíveis, mas incalculáveis prejuízos para a alimentação do Estado.

As aves aquáticas que pousam nas águas cobertas por camada de óleo, à procura de alimentos, ficam com as penas das asas emplastadas, incapazes de voar e envenenadas internamente. Penosos dias e semanas de sofrimentos se seguem até que sobrevem a morte. Milhares de cadáveres de marrecas, socós, biguás, garças e galinholas encostam nas margens.

Além dessa desgraça para os seres vivos da Natureza, há outros inconvenientes: os banhistas se enlambuzam: as lavadeiras sujam a roupa que lavam; os pescadores mancham as redes; as embarcações adquirem frisos de óleo e pixe nos costados; sem contar o perigo que o consumo dessa água contaminada representa para os moradores ribeirinhos.

A Polícia Naval da Capitania do Porto tem autuado para pagamento de multas, de acordo com o artigo 129 do Regulamento para as Capitanias de Portos os comandantes dos navios que transgridem a proibição de despejar óleo e produtos oleosos para dentro das águas interiores.

Mas as contravenções continuam, pelo que se pode observar nas margens e na vegetação ribeirinha do Rio Gravataí, à jusante da Ponte de Niterói, que continuam pretas e lustrosas de óleo e pixe.

Já notamos diversas vezes, navegando por aquele trecho do Gravataí, que dos esgotos dos Depósitos de Combustível de Niterói correm constantemente filetes de óleo sujo, pixe e gasolina para dentro do rio, cuja irregularidade o Serviço de Caça e Pesca podia corrigir, aplicando aos responsáveis as multas previstas no § 2º do Artigo 16º do Código de Pesca.

* * *

O QUE PODE SER FEITO CONTRA A PESTE DO ÓLEO?

O óleo das lavagens dos tanques dos Petroleiros e os óleos combustíveis e lubrificantes imprestáveis e o pixe deviam ser bombeados para dentro de açudes artificiais especialmente construídos em áreas apropriadas, próxi-

Loja Independente de Teosofistas

mo às margens dos cursos d'água, para ser incendiado, após a infiltração de água na terra.

Outro meio prático seria a instalação de Separadores de Óleo a bordo dos navios, os quais separam o óleo da água de lavagem. O óleo recuperado pagaria o custo da instalação do aparelho dentro de poucos meses.

Cada petroleiro da armada inglesa economiza com tais Separadores 70 a 100 toneladas de óleo combustível por mês.

Por muitos motivos vale a pena as autoridades somarem providências para corrigir esse mau estado de cousas.

13.1.61

ANIMAIS MORTOS NOS RIOS

Em recente viagem de fiscalização realizada pelos rios que desaguam no Guaíba, tivemos oportunidade de observar a grande quantidade de cadáveres de animais de grande porte presos nas tranqueiras marginais, que empestavam trechos dos cursos.

A água, já fortemente poluída pelos resíduos tóxicos industriais ficava assim melhor "temperada" pelos cadáveres em decomposição.

Também animais menores, como porcos, ovelhas, cachorros, gatos, galinhas, etc., abundavam, seguras nas moitas de sarandi e nos água-pés.

Verificamos também a existência de grande quantidade de buchadas de animais, carneados próximos aos rios e arroios, boiando nas águas.

Nosso povo, adepto da lei do menor esforço, quando receia o alastramento de alguma peste por parte dos urubus, costuma arrastar os animais mortos até as barrancas e rolá-los para dentro d'água, para não terem que enterrá-los.

Nas cidades, ensacam as crias de gatos e cachorros e as atiram n'água para afogá-las "humanamente". Tudo é lançado no rio, como se fosse lata de lixo ou esgoto cloacal.

Quando um cadáver de grande porte encalha nalguma praia de banho, "corre" por algum tempo com os banhistas, pela fedentina insuportável que espalha.

A periódica matança de peixes pelas águas envenenadas, fenômeno muito comum no verão ainda aumenta a mau cheiro da carniça.

A população ribeirinha, os embarcadiços etc. bebem esta água bruta, da qual cada caneca contém milhões de bacilos do Grupo Coli e de outras espécies violentas e alta porcentagem de toxinas, que geram doenças e podem provocar a morte.

E ainda não foi determinada nenhuma providência oficial de rigor para acabar com este mau estado de cousas.

Os rios estão com as margens desmatadas e águas turvas e contaminadas.

Há cem anos era bem diferente, como se pode deduzir da seguinte descrição:

Loja Independente de Teosofistas

O médico alemão Avé-Lallemant, viajou em 1858 pelo Rio dos Sinos, deixando este impressionante relatório:

"A viagem, de vapor, de Porto Alegre a São Leopoldo durou sete horas. Sete horas de navegação por um rio calmo, de águas verdes, de margens revestidas de grandes árvores, quase que cobertas de aves. A floresta se revestia de orquídeas, trepadeiras e musgos, que desciam em barbas sobre a água. Enquanto o vapor passa junto das margens e muitas vezes navega à sombra do mato, adeja, nas arejadas frondes, uma multidão de coloridas borboletas. Voam de galho em galho numerosos martins pescadores."

Hoje, desta beleza nada mais resta e nunca mais voltará: o "progresso" estragou o rio, as árvores foram cortadas e queimadas, as aves foram mortas, as águas verdes e límpidas ficaram turvas e podres, envenenadas e fedorentas.

É este o preço que a humanidade paga pela civilização e o progresso material: "A Natureza é conspurcada e destruída onde o homem entra em ação."

27.12.58

ÁCIDO CIANÍDRICO ENVENENANDO OS RIOS

Existem no nosso Estado, localizadas em 25 municípios, cerca de 1.100 atafonas (Fábricas de Farinha de Mandioca), que canalizam para dentro dos cursos d'água o "leite" da mandioca, que escorre da massa ralada, quando esta passa pelas prensas, e que contém o fortíssimo veneno ácido cianídrico.

Embora as atafonas trabalhem somente no inverno, o estrago produzido na piscicultura fluvial não deixa de ser enorme, incalculável, especialmente se as águas estão baixas.

Assim as atafonas são aliadas dos curtumes, no grande desperdício do pescado, na matança do gado leiteiro, na destruição de lavouras de arroz, na provocação de epidemias.

Aí está o Rio dos Sinos transformado num verdadeiro escoadouro de mandioca e produtos químicos tóxicos, recebidos dos seus arroios tributários, o Arroio Preto, contaminado pelos curtumes de Novo Hamburgo, o Arroio Portão, pelos curtumes de Estância Velha e Portão, o Arroio Grande e o Arroio Funil, pelas atafonas de Sapiranga, Araríca, Picada Hartz e Campo Vicente e as do município de Taquara.

É desoladora a visão de extensos lençóis de peixes mortos, após fortes enxurradas, que recobrem as águas em certos períodos do ano, apodrecendo ao sol sob forte fedentina, testemunhando a estúpida destruição de uma riqueza alimentar natural por culpa de industriais ricos, ávidos de lucros, sem respeito algum à criatura humana e aos animais e à lei que os obriga a montar aparelhos de purificação das suas águas servidas, antes de devolvê-las aos rios.

O mais decepcionante é que se dizem pobres, nas suas absurdas defesas, na iminência de falência, sem recursos para construir os decantadores e sumidouros, o que os impediria a continuar como propugnadores do progresso e pagadores de altos impostos e acarretaria a dispensa de milhares de operários.

Loja Independente de Teosofistas

Examinando a situação financeira, o imposto da renda, a vida faustosa, carros de luxo, viagens de recreio e o aparecimento de muitos milhões de cruzeiros, para festejos, isto tudo denuncia o poderio econômico da região industrial.

Em Novo Hamburgo a construção de um grande decantador coletivo com alguns sumidouros resolveria a questão com pequena despesa, facilmente recuperável pelo adubo obtido da carniça e raspa de couro, em mui pouco tempo.

Em Portão, município de Caí, um dos maiores curtumes construíu um prédio industrial de muitos milhões de cruzeiros e não fez nenhuma defesa contra a poluição do Arroio Boa Vista, cujas águas, quando foram usadas recentemente para irrigação do arrozal de 5 quadras do Sr. Oscar Felix da Cunha, de Caí, envenenaram toda a plantação, causando-lhe um prejuízo avaliado por técnicos da Secretaria da Agricultura em mil e quatrocentos contos. Na mesma época também o Sr. João Armando Pressi, vizinho do primeiro, homem afamiliado e pobre, fez dívidas de 250 contos para cultivar uma quadra de arroz e perdeu tudo pelo uso das águas do Arroio Boa Vista, ficando em grande miséria.

Não há esperanças de indenização, porque não podem processar os responsáveis pelos estragos feitos, por falta de recursos.

Todos os 35 tambeiros que perderam vacas leiteiras, envenenadas pelas águas daquele arroio, em junho de 1962 e se dirigiram à Assembléia Legislativa num abaixo-assinado, não conseguiram despertar a atenção ou comover os Srs. Deputados pela sua causa e perderam todas as esperanças, estão tratando de vender seus sítios e se mudar para outro Estado, onde não existe a inconcebível prepotência e impunidade dos industriais.

Os colonos da zona do Arroio Grande e do Funil estão sofrendo contínuos prejuízos na sua criação, envenenada pelo leite da mandioca.

Os pescadores profissionais e os miseráveis moradores ribeirinhos, as eternas vítimas, nunca foram visitados, ouvidos e indenizados pelos culpados das suas desgraças. Com isto está se gerando um mau-estar, que pode resultar num choque.

Os políticos não querem nada com o assunto, porque não rende votos ao contrário até os poderá tornar antipáticos.

O mais difícil de tudo é despertar a atenção das altas autoridades, porque ignoram a gravidade da questão e por isso a tratam com moleza e frieza. Não se interessam de conhecê-la pessoalmente. Nem acreditam em fotografias. Parece que estamos falando às paredes.

O interesse do Serviço de Caça e Pesca não é cobrar ridículas multas, que até estimulam as fraudes, mas sim a efetiva proteção dos peixes.

O lançamento do ácido cianídrico está em franca continuação, já tendo ocorrido grande mortandade de peixes, o que nos obrigará a lavrar novas autuações.

Também o despejo das matérias fecais urbanas de São Leopoldo não pode continuar indefinidamente. O esvaziamento no Valão, que logo deságua no Rio dos Sinos, de 1.600 cubos semanalmente, é um legítimo atentado à higiene.

Loja Independente de Teosofistas

Parece que os poluidores das águas públicas estão comentando essas barbaridades por birra, para provar que têm lombo duro.

Sabe-se agora que a PETROBÁS, que está se instalando na divisa de Esteio com Canoas, quer água limpa e pura no Rio dos Sinos, porque seu pessoal não vai se sujeitar a consumir água podre, envenenada, fedorenta.

Já movimentou a Comissão de Águas Poluídas para conseguir o saneamento indispensável e urgente e consta que vai "esquentar" o panelão da recalcitrância, metendo gasolina na fogueira.

Os responsáveis que ponham as barbas de molho, porque senão entrarão no regime do "vai ou racha" e a paralisação da indústria até o cumprimento da lei lhes trará prejuízos incalculáveis.Convençam-se que há muito deixamos de ser botocudos.

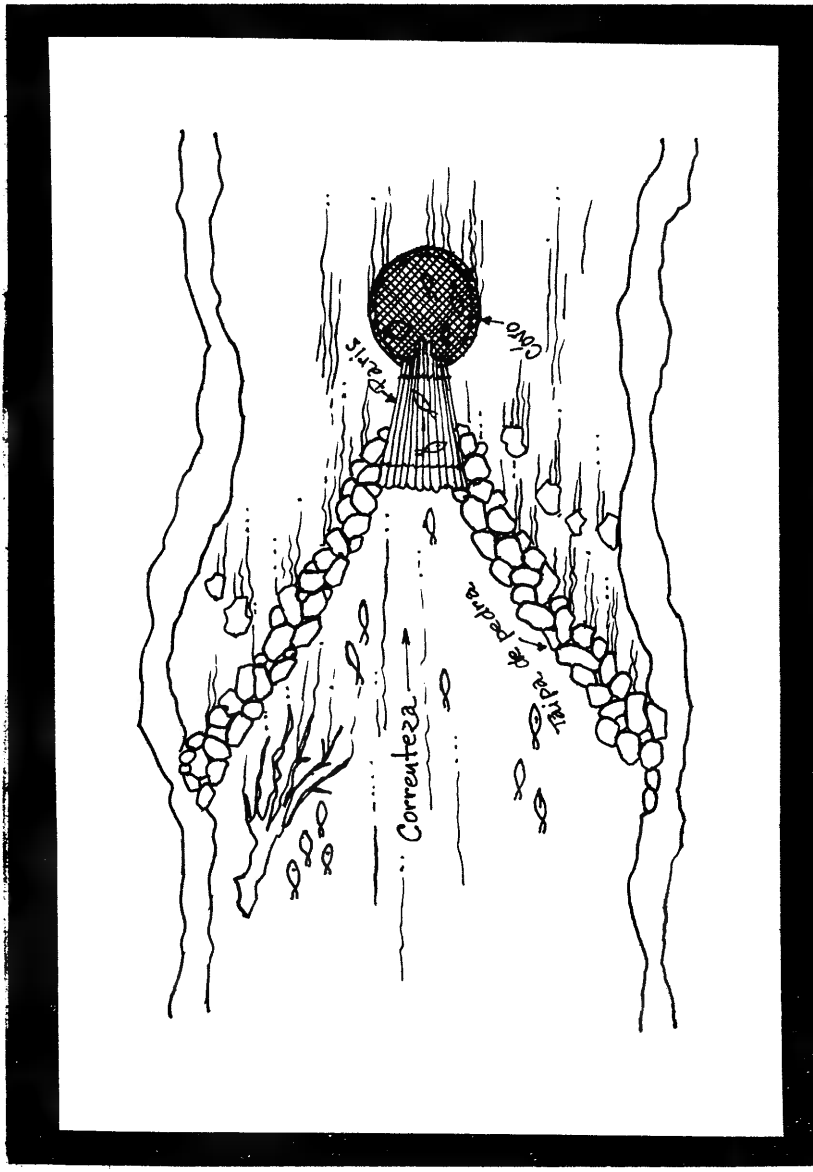
31.5.63

Loja Independente de Teosofistas

V

PEIXES E PESCADORES

Loja Independente de Teosofistas



Loja Independente de Teosofistas

PESCA CRIMINOSA NO RIO URUGUAI

Aquele grande curso d'água, o Uruguai outrora tão piscoso, no qual abundavam dourados, piavas, piracanjubas, surubis de grande porte, está ficando pobre em peixes, devido à perseguição desenfreada que lhes é movida no período anual da "piracema", que se realiza no último trimestre do ano.

Tanto a população ribeirinha, como inúmeras caravanas de pescadores vindos das cidades e do interior da Faixa da Fronteira, para as barrancas onde ficam acampados longo tempo, fazem as tradicionais "xarqueadas".

Como se sabe, os peixes de cardume ou de "corrida", procuram as cabeceiras dos afluentes do Uruguai, os rios Ibicuí, Icamaquã, Piratinim, Ijuí, Comanda, Boa Vista, Santo Cristo, Burica, Caá, Turvo, etc. e uma infinidade de arroios do lado brasileiro e outros tantos do lado argentino, para desovarem, para o que têm que vencer algumas corredeiras e saltos, dos quais o maior é o Salto Grande do Uruguai.

O massacre das fêmeas pejadas de ovas (a dourada carrega até 2 milhões de ovas) e dos machos que as acompanham, é impressionante. Milhares são mortos a pau e facão, quando saltam de um para outro dos pocinhos (tanques naturais) laterais ao Salto, também chamados "escadinhas de peixes". Na época das secas são mortos os que se aglomeram nos poços do leito do rio, com dinamite, tiros de fuzil e batidas de malho nas rochas submersas que os tonteiam. Outros milhares são apanhados nos "chiquis" (cercadas ou currais) de fácil construção no leito do rio, devido sua formação e dos "paris" armados no mesmo e nos seus afluentes.

São algumas centenas de homens bem armados e dispostos a qualquer violência, que põem em insegurança o ambiente marginal com o extermínio de um recurso natural de grande valor nutritivo, a ponto de deixarem montes de peixes apodrecer por falta de sal. Só na zona do Salto Grande foram contados 180 pescadores, brigando pelos pontos de pesca melhor localizados. O crime é provocado ostensivamente, parecendo uma afronta às autoridades.

Inúmeras são as queixas recebidas da fronteira conflagrada, das quais vamos destacar o telegrama expedido simultaneamente à União Protetora da Natureza e ao Serviço de Caça e Pesca, o qual prova que as autoridades locais estão começando a se impressionar com esses acontecimentos indignos de um povo ordeiro e civilizado.

Telegrama 1957 – Ijuí, 30/10/58 – Nesta época de piracema moradorres barranco Uruguai fazem criminosa pesca peixes dourados, piracanjubas e piavas. Aproveitando formação natural rio fazem chiqueiros, onde são pegadas muitas centenas peixes que sobem, onde se encontram fêmeas com dois quilos de ovas. Para coibir tal devastação, solicito vossa especial atenção. Arthur Ambros – Prefeito Municipal de Tenente Portella.

Loja Independente de Teosofistas

E o que foi feito para reprimir esses abusos que estão aniquilando a pesca? Quase nada! A União Protetora da Natureza é uma entidade pobre que pode apenas usar a força da persuação, no que está despendendo todos os seus recursos orientando o espírito do povo por meio de uma ininterrupta Companha Educativa.

O Serviço de Caça e Pesca não pode pôr em execução uma ação repressora de vulto, por vários motivos. Não dispõe dos necessários recursos, nem de pessoal suficiente para a fiscalização. Seus Postos de Fiscalização apenas atendem a expedição de licenças aos que procuram as Repartições espontaneamente. Para esta tarefa no Rio Uruguai e afluentes teria que dispor de um batalhão de milicianos, para combater os infratores bem armados, dada a extensão da divisa e do difícil alcance dos locais de pesca, em ambiente ermo, como são as barrancas dos rios.

Por motivos que desconhecemos, a Federação das Colônias de Pescadores do Rio Grande do Sul, apesar do plano de longa data elaborado, ainda não conseguiu criar uma Colônia de Pescadores Profissionais na fronteira argentina, o que resolveria, em parte o assunto, porque os próprios pescadores cuidariam de seus interesses, dos quais o mais importante é a abundância de pescado.

Sabemos que em virtude do impressionante estado de rebeldia criado pelos elementos insubordinados às leis da pesca, o Serviço de Caça e Pesca acaba de pedir a colaboração da Polícia Civil, da Polícia Rural Montada, dos Fuzileiros Navais e da Capitania do Porto de Uruguaiana, no sentido de impedir a matança e apreensão dos produtos colhidos em desacordo com o Código de Pesca.

Acontece que a Argentina também está descontente e impressionada com a anarquia reinante no setor da pesca do lado brasileiro, porque o peixe pertence a ambas as Nações limítrofes, cuja linha divisória é o "talweg", o canal do Rio Uruguai. Do lado de lá estão em constante patrulhamento lanchas da Gendarmerie, armadas com metralhadoras, as quais atiram mesmo e matam os que se arriscam a vir construir "chiquis" ou atirar dinamite nos peixes.

Um guarda da Reserva Florestal do Turvo, nos disse que os Argentinos se ofereceram para sanear também o nosso lado, cuja colaboração porém, não pode ser aceita sem a formalidade de um acordo entre as duas Chancelarias, brasileira e pratense.

Embora seria um pouco vergonhoso para nós ter que aceitar força estrangeira para pôr em ordem assunto interno do país, parece-nos que de momento seria uma ótima medida para corrigir o grande mal que afeta a nossa pesca.

28-11-58

Loja Independente de Teosofistas

MORREDORES DE PEIXES

A reportagem fotográfica do Correio Rural de 20/11/59, sobre o estúpido desperdício dos peixes do mar, em Rio Grande, onde toneladas de pescado miúdo, apanhado com redes de arrastão, apodrecem abandonados na praia ou são vendidos como adubo, impressionou profundamente a opinião pública, em especial os conservadores da natureza e os pescadores.

Este problema tem paralelo no massacre criminoso dos cardumes de alevinos em migração, vindos das cabeceiras dos rios e arroios, onde nasceram, quando são levantados, junto com a água das bombas desprovidas da tela protetora dos peixes, para dentro dos arrozais, onde vem a morrer, quando for suspensa a irrigação, transformando-se em mui apreciado adubo.

Para se formar um juízo mais perfeito da extensão do problema, vamos recorrer às cifras do Anuário Estatístico do Arroz: Existem no Estado 6.040 lavouras, sendo 3.380 grandes, acima de nove hectares e 2.663 pequenas, até 9 hectares, estando nelas em uso 2.750 bombas centrífugas, desde 10 até 90 centímetros de diâmetro, que funcionam dia e noite, durante 3 meses para irrigar 235.500 hectares, retirando a água de 36 rios, 144 arroios, 51 lagoas e 2.256 açudes.

Tomando por base a insignificante quota de sacrifício de apenas 1.000 peixinhos por hectare, teremos 235,5 milhões de filhotes subtraídos dos viveiros da natureza. Isto só para argumentar, pois na realidade a quantidade é muitíssimas vezes maior, é mesmo incalculável, vai aos bilhões, atinge toda a reprodução, e não somente lambaris, mas sim na maioria de qualidade nobre, como piavas e dourados havendo ainda grande porcentagem de grumatãs, traíras e jundiás.

Mas não haverá nenhum meio de salvar este precioso recurso natural da nossa economia, morto no próprio nascedouro?

Há sim. E não poderia haver solução mais simples, naturalmente com um pouco de boa-vontade e colaboração dos Srs. Orizicultores e dos Industriais da Pesca.

Para a pesca marítima — Substituição dos arrastões de malhas miúdas por outros de malhas mais largas, pelas quais pudessem escapulir os peixes menores, inaproveitáveis para a indústria.

Para garantir a reprodução do pescado nas águas interiores, a adaptação de uma caixa guarnecida de tela com malhas não maiores de 1 centímetro ao redor do usual ralo de varetas de ferro ou a colocação de uma cerca da mesma tela no canal de acesso da água resolveria o problema com insignificante despesa. É isto que exige a Portaria nº 433, de 21/12/57:

O ralo de varetas, cerca de ferro ou madeira com largas frestas ou tela com malhas grandes nada adiantam.

E por que não se age? O que estamos ainda esperando? O que impede uma ação enérgica contra estes destruidores deste grande recurso natural?

O pior é que os "grandes" abrem o exemplo da recalcitrância e arrastam os "pequenos" para o mau caminho, prejudicando os miseráveis pescadores,

Loja Independente de Teosofistas

deixando-os à míngua nas barrancas dos rios, porque não encontram mais nas águas o sustento para suas famílias.

Em nenhuma parte do mundo teria se criado este caos, esse impune atentado contra a economia popular. Como é possível entre gente de responsabilidade tanto descaso por uma lei, da qual depende em parte a alimentação do povo?

A esquisita mentalidade dos culpados pelo descalabro descrito fica comprovada pelas seguintes expressões: "Pago a multa, mas não me sujeito a cumprir esta lei absurda" – "O que é um saco de arroz, valor equivalente à multa, para quem colhe 3.000 sacos" – "Não tenho nada que ver com peixes, meu negócio é plantar arroz" – "O fiscal andou procurando um lambari no conduto para poder me autuar" – "Me admiro que o governo pague funcionários para cuidar de peixinhos e incomodar plantadores" – "Já tive despesas demais, não posso ainda comprar tela" – etc.

Este último guiava um carro de mil contos. Será que o Banco do Brasil não lhe arrumaria mais Cr$ 500,00 para comprar tela, a fim de cumprir a lei?

Em Cachoeira do Sul fomos informados que a tela não teve maior procura e lá trabalham nada menos do que 600 bombas, portanto não é de estranhar que o Rio Jacuí está tão despovoado de peixes. Por incrível que pareça, a Fiscalização da Pesca até agora não encontrou nenhuma bomba trabalhando com o aparelho protetor.

Isto fala bem alto do desleixo dos plantadores de arroz.

Repetimos – O Serviço de Caça e Pesca não se interessa por multas, mas é obrigado a aplicá-las. O que interessa acima de tudo é a proteção da fauna aquática e para consegui-lo são convidados todos a colaborar de uma ou outra maneira, porque o que está acontecendo é indigno de um povo civilizado, é rematada sabotagem do programa de repovoamento das águas do Rio Grande do Sul com peixes criados artificialmente, com o dispêndio inútil de elevadas verbas, enquanto perdura esse anárquico estado de coisas.

4.12.59

ESCASSEZ DE PEIXES – PESCADORES MISERÁVEIS

Provocou indignação e revolta na opinião pública a criminosa destruição da produção pesqueira em Rio Grande e o extermínio de filhotes de peixes nas lavouras arrozeiras em todo o Estado, ambos assuntos tratados em crônicas publicadas nestas colunas.

Para completar a descrição da calamitosa situação criada por gente com mentalidade de "ratos", vamos revelar hoje outras modalidades de destruição da fauna aquática, que ressurgem anualmente quando baixam as águas e os peixes ficam praticamente sem defesa.

No curso superior do Rio Caí, entre as barras do Ouro e do Piaí, acorrem no verão milhares de veranistas, que fazem verdadeiras "razzias" entre os peixes, inclusive com o uso de "bananas de dinamite", de efeito mortífero im-

Loja Independente de Teosofistas

pressionante e por meio de sulfato de cobre com cal, que tonteia os peixes, permitindo apanhá-los facilmente.

Também está se tornando moda trazerem bombas motorizadas, das que são usadas nas cantinas, para secar os poços que se formam nos lajeados do leito do rio, depois de vedada a entrada de água com sacos de areia. No fim do bombeamento, que às vezes se prolonga por toda a noite, são retirados com peneiras milhares de filhotes, até mandins, cascudinhos, caranguejos, baratas d'água, etc., que são socados em pilão, com escamas, esporões e intestinos, para preparar a tal "passoca de peixe", tão apreciada por gente que come tudo, como jaguares famintos. No dia 29 de novembro uma turma vinda da Serra, levantou mais de cem quilos de alevinos passando uma rede feita de aniagem no Arroio Forromeco, afluente do Caí.

É a matança total do pescado num rio que recebe as águas do Santa Cruz, no qual foram lançados os filhotes de trutas e salmões, adquiridos por milhões de cruzeiros na América do Norte e que vêm a morrer infalivelmente nas mãos de criminosos.

No Rio Jacuí, na Barragem do Flamênio, a pesca destrutiva com esquirates e ferrões, no período da "piracema", quando os cardumes forçam a subida para os locais da desova, tomou tais proporções, que a autoridade policial resolveu intervir, dando mão forte à fiscalização da pesca. Mas as 600 bombas centrífugas das lavouras de Cachoeira do Sul continuam liquidando toda a produção nova, como acontece anualmente.

No Rio dos Sinos e no Rio Gravataí agrava-se cada vez mais o lançamento de resíduos tóxicos e produtos oleosos das indústrias e curtumes, aparecendo nos dias quentes extensos lençóis de peixes envenenados ou asfixiados sobre as águas paradas, quando represadas pelos ventos.

Nos banhados das olarias e barreiros, assim como no Banhado Grande do Chicolomã, o sistema de pesca preferido é o de arrastão, o qual, como se sabe, mata tudo.

São estes os 4 rios que alimentam a bacia do Rio Guaíba, em cujas Ilhas, fronteiras à Capital, moram os pescadores da Colônia de Pesca Z-5.

É de compreender o estado da alma desses infelizes profissionais, que ainda sofrem a concorrência de milhares de "tarrafeiros" amadores, que batem suas tarrafas noites inteiras sobre os aparelhos de pesca alheios, afugentando o pescado.

Reparem os leitores de manhã no cais, quando chegam as canoas da faina noturna, depois de terem exercido a pesca, às vezes com mau tempo, qual foi o resultado da pescaria. Raras vezes ainda vem algum peixe de valor, como piava e dourado.

Geralmente, trazem o produto de seu sacrificado labor numa cestinha ou saquinho: alguns birus, traíras, jundiás de meio porte e pintados miúdos.

Do dinheirinho que apuram nas Bancas do Mercado, nem se animam a parar tanto para tomar uma taça de café ou comer um "completo" porque sabem que em casa a família está esperando, com fome. Voltando ao lar, continua o trabalho intenso de iscar espinhéis e remendar redes, para continuação da luta pela vida, sem nenhuma esperança de melhores dias. Cada vez mais di-

Loja Independente de Teosofistas

fícil se torna a renovação do material de pesca, a conservação dos barcos e motores.

O pior é o desânimo que está tomando conta desses valorosos homens, empenhados na batalha da produção, incompreendidos pelo povo, que acha caro o peixe e desamparados pelas autoridades, que por motivos ignorados, não entram de rijo na execução das leis da pesca.

Em uma palavra, a pesca d'água doce está no fim, os remanescentes profissionais estão na miséria, mas os culpados disto tudo continuam impunes, vivem felizes e dormem tranqüilos, porque não têm consciência, nem compaixão. Vejam que grande injustiça: os pobres abandonados, os ricos protegidos e financiados, mau estado de coisas que vem alimentando ódios de imprevisíveis conseqüências e criando mais um perigoso problema social para o governo.

Por que não seguimos o exemplo de São Paulo, onde acaba de ser proibida a pesca com quaisquer aparelhos em todos os rios e lagoas, em benefício do repovoamento e liberados os meios para a fiscalização poder se movimentar para garantir o cumprimento da determinação legal? Naturalmente os profissionais, que vivem da pesca, receberão o peixe do mar, para garantir a sua sobrevivência durante o período da piracema. Esperamos que esta crônica não venha a ser mais "um grito no deserto".

18.12.59

PESCA DESTRUTIVA NO RIO CARREIRO

No inverno, com águas altas, a pesca nos rios correntosos fica difícil, por motivo de fácil ruptura das redes e espinhéis pela pressão d'água.

Mas na primavera, quando as águas baixam e os cardumes dos peixes de corrida (dourados, piavas e grumatãs) sobem para as cabeceiras para realizarem a "piracema", entram logo em cena os DINAMITADORES, que lançam as bombas explosivas nos poços dos rios e arroios, onde se aglomeram os peixes para o acasalamento.

É essa a época das criminosas safras praticadas por irresponsáveis gananciosos.

Mais tarde, quando as águas baixam mais, é a vez dos ATIRADORES de peixes, que, dos altos dos barrancos, fuzilam as grumatãs que vêm comer o limo das rochas e as traíras, que cuidam da sua prole, matando-os até pelo choque produzido pelas balas na água. A eles se aliam os TARRAFEADORES, que trabalham incessantemente no período do defeso (outubro, novembro e dezembro), aniquilando os casais em faina de reprodução.

No verão, quando há estiagem prolongada e as águas ficam bem baixas, aparecendo as lajes do leito dos rios, é o tempo de ação dos CONSTRUTORES DE MURADAS (taipas) e COLOCADORES DE "PARIS", aparelhos mortíferos que apanham quaisquer espécies de peixes, inclusive filhotes do tamanho de lambaris.

Loja Independente de Teosofistas

Mas ainda sobram os filhotinhos menores, mandis, cascudinhos, jundiazinhos, etc., que se tornam vítimas dos SECADORES DE POÇOS. Esses exterminadores fecham a abertura das bacias d'água no leito do rio seco com barricadas de sacos de areia, esgotando-os com bombas motorizadas trazidas das Cantinas de Vinho. Dos restos d'água que ficam nas cavidades das lajes, retiram com peneira tudo que se move, inclusive baratas d'água para preparar os apreciados bolinhos feitos de passoca de peixe. Receita fornecida por um destes elementos de gosto exquisito: "Soca-se os filhotinhos de peixes num pilão, com escamas, esporões, intestinos, excrementos e mistura-se o mingau obtido com farinha de trigo e ovos, fritando bolinhos". Bom apetite!

Não devemos esquecer a classe dos MARRETEADORES, que batem com malhos nas rochas submersas, para tontear os peixinhos escondidos nas fendas, para apanhá-los com maior facilidade.

Os alevinos, que escapam de tanta perseguição, quando chegam às várzeas, são levantados pelas bombas de irrigação para dentro dos arrozais, donde não voltarão mais, passando a servir de adubo.

Está explicado o fenômeno da constante diminuição do pescado, pois a produção já é morta nos próprios nascedouros.

Pela descrição desse barbarismo, temos a prova de que as tentativas de piscicultura (criação artificial de peixes estrangeiros finos) ou a importação de trutas, salmões, blac-bass, tilapia, não podem vingar e todo o dinheiro gasto é posto fora, pois esses peixinhos de rabinhos de ouro morrem todos pela ação de gente ignorante, que só pensa no dia de hoje.

Numa recente batida realizada ao Rio Carreiro encontramos o diabo solto e a confirmação do que acima descrevemos. Dezenas de "pescadores" estavam em febril atividade naquela sexta-feira, porque "a água estava no ponto". Os "paris" e as bombas de cantina estavam em pleno funcionamento e sobre as lajes escorregadias do leito do rio caminhavam os "marreteadores", batendo malhos.

Foram autuados 1 dinamitador, 5 donos de bombas e motor, 21 donos de paris e batedores de malhos, a maioria, reincidentes, que agora serão punidos com todo o rigor da Lei.

Um trabalho infernal deu a destruição dos "paris". O serviço de picar em pedaços as grandes armações de taquaras inteiras, pregadas bem juntinhas em várias travessas, durou cerca de 6 horas.

Tratava-se de aparelhos afunilados de 2 metros de boca e 70 centímetros de altura, com as pontas das taquaras atadas com arame, formando um depósito, no qual são jogados os peixes pela correnteza. Esses aparelhos são fixados em ponteiros de aço cravados e cimentados nas rochas do rio, no vértice do V das taipas de pedra, cujos lados conduzem a correnteza para dentro dos "paris".

É esse o sistema típico da pesca fácil e destrutiva, que nada tem de esportiva.

Coube ao ativo e eficiente Posto de Bento Gonçalves e à Polícia daquele Município a iniciativa de promover a diligência punitiva, coroada de pleno êxito.

Loja Independente de Teosofistas

Quaisquer reclamações e denúncias devem, pois, ser dirigidas ao Chefe do Posto do Serviço de Caça e Pesca de Bento Gonçalves, por escrito em documento assinado, com indicação dos nomes dos culpados, para que possam ser tomadas imediatas providências de repressão aos abusos.

Também será exercida rigorosa fiscalização contra os "passarinheiros" daquela região, para o que já promoveu entendimentos com as Delegacias de Polícia de Guaporé, Veranópolis e Mussum o Chefe do Posto de Fiscalização de Bento Gonçalves. Principalmente quando terminar a colheita da uva e os comedores de passarinhos entrarem em ação, convém espiarem para os lados e para trás, para se verificarem de que a fiscalização e a polícia não estão presentes.

21.7.61

PESCA A FACÃO

Na nossa terra, onde os Regulamentos da Pesca são pisoteados pelos pescadores perdulários, cada zona tem seu sistema especial de "matar peixe", denominação popular para o extermínio do pescado.

Principalmente a Semana Santa é o tempo do "vale tudo" nas pescarias, porque o povo pensa que precisa comer peixe a todo custo e as autoridades, para atender a este costume tradicional, exigem o abastecimento das bancas de peixe, venha donde vier.

Ninguém pensa no grande mal que é praticado com a fúria destruidora para o futuro da nossa riqueza pesqueira, nem os profissionais que usam redes de arrastão, batuques, esquirates, arrancam os água-pés, para alcançar os peixes nos seus últimos esconderijos, nem observam o tamanho mínimo permitido pescar, estragando o seu próprio negócio, nem os amadores da pesca, que trabalham com facões, porretes, paris, peneiras, fachos, etc.

Por isso as safras extraídas dos nossos rios e lagoas pioram de ano para ano, porque não dão mais tempo à fauna aquática para se criar.

Não fosse o suprimento dos mercados com peixes do mar, fresco, seco e enlatado, nossa gente já há tempo não poderia mais cumprir a sua obrigação (?) de comer carne de peixe nas Semanas Santas.

* * *

Tarde demais, como sempre, só depois da Páscoa, chegou ao nosso conhecimento a notícia de uma estúpida destruição do pescado nas Lagoas litorâneas, na divisa de Osório com Torres, conseguindo assim escapar de punição os ignorantes matadores e comer o peixe morto por meios condenáveis.

Ocorreu o seguinte: – Na zona do Entroncamento, Sanga Funda, Sangradouro dos Cornélius, Passo dos Quirinos, ao norte da Lagoa dos Quadros e Sul da Lagoa Itapeva, chegaram na terça-feira da última Semana Santa várias caravanas de pescadores oportunistas, que vieram das Colônias do alto da Serra do Mar, viajando em caminhões, camionetas, carretas e a cavalo.

Loja Independente de Teosofistas

Haviam recebido a alviçareira notícia de que as águas das Lagoas "estavam no ponto" e que o vento favorável havia "encostado" o peixe nas margens e "botado" para fora, nos campos alagados.

Tudo prometia uma grande e rendosa pescaria.

Os pescadores logo trataram de se colocar nos lugares mais promissores e favoráveis à ação de extermínio que iriam praticar à noite.

Sem licença dos proprietários rurais invadiram os campos à beira-d'água, armaram suas barracas e acenderam grandes fogueiras. Ao escurecer, muniram-se de tochas feitas de taquaras verdes, enchidas de estopa com querosene.

Aquela multidão de destruidores, calculada em cerca de 200 homens, corria de um lado para outro, dentro d'água rasa, na perseguição dos peixes escondidos no junco e na grama alagada, atraídos pelo clarão das tochas, abatendo-os a cortes de facão.

Visto de longe, do alto dos morros, à noite, aquela extensa baixada parecia uma grande cidade iluminada em festa, donde partia uma algazarra infernal.

É desnecessário dizer que as garrafas de cachaça (fabricação local) corriam de mão em mão, sem cessar, durante toda a noite, não faltando alguns atritos entre os concorrentes com a costumeira gritaria e impropérios, quando várias turmas descobriam o mesmo cardume de peixes.

Os proprietários dos campos, vendo seu gado corrido de lado para lado, durante toda a noite, protestaram em vão e não conseguiram expulsar os invasores.

Um deles até soltou um touro bravo, mas nem este conseguiu correr com os maus elementos do seu território.

Quarta-feira de madrugada encerrou-se a pescaria. Foi visto um pescador sair do banhado, puxando atrás de si duas fileiras de peixes, cada uma de 5 metros de comprimento, jundiás e traíras de grande porte.

Em vez de transportarem logo o peixe para casa ou xarqueá-lo no local, a maioria foi deitar-se, embriagados que estavam, motivo de terem apodrecido montes de peixes expostos ao sol. Sobre a água foram vistos muitos peixes mortos, cortados e outros dilacerados pelos facões, a morrer. Calcularam em 10 mil peixes a safra.

Assim se desperdiçam impunemente as nossas riquezas naturais.

O mais estranhável é não terem os profissionais da zona denunciado o fato na hora e pedido providências na Estação de Piscicultura da Lagoa dos Quadros, sediada ali perto dos locais do massacre. Estamos certos de que o pessoal da Estação teria impedido o vandalismo, ou providenciado na vinda da Fiscalização.

Até parece que os profissionais locais fizeram parceria com os exterminadores vindos da Serra do Mar ou então são covardes e recearam represálias.

Parece-nos um contra-senso o Governo gastar anualmente elevadas verbas na criação artificial de peixes, para repovoar as nossas águas interiores, se por outro lado não impede, com uma fiscalização rigorosa, essas matanças, para as quais são usadas o dinamite, as bombas das lavouras de arroz sem tela,

Loja Independente de Teosofistas

uma infinidade de aparelhos de pesca condenados e as águas industriais poluídas lançadas nos rios.

A população, já faminta e desnutrida, tem direito de reclamar contra os crimes praticados contra a Economia Popular, contra desperdício dos nossos alimentos, dos quais o peixe é de primeira ordem e ao alcance dos mais miseráveis, que os podem apanhar com caniço e linha de mão.

18.8.61

"BATUQUE"

"O Chefe do Serviço de Caça e Pesca do Estado do Rio Grande do Sul, em regime de Acordo com a União e o Estado, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo Decreto-Lei 1.159, de 13/3/38 e pelo Código de Pesca, baixado pelo Decreto-Lei 794, de 19/10/39: – complementando a Portaria nº 29/59, publicada no Diário Oficial do Estado, de 19/12/59, resolve PROIBIR a PESCA CHAMADA "BATUQUE", "BATIDA" ou "BATERIA".

A presente Portaria entrará em vigor a partir da data de sua publicação no Diário Oficial do Estado, revogando dispositivos em contrário."

Eis o teor da Portaria nº 16/61, de 27 de dezembro de 1961, assinada pelo Dr. Carlos Costa Meira, Chefe do S.C.P. e publicada no D.O. do Estado de 8/1/62.

O acima mencionado sistema de pesca destrutiva foi introduzido neste Estado por pescadores profissionais, vindos de Santa Catarina, depois de terem ali reduzido a condições de miséria o seu ramo de vida.

A pesca exterminadora do "BATUQUE" se processa da seguinte maneira:

Canoas geralmente tripuladas com 3 ou 4 pescadores procuram alcançar os locais dos melhores pesqueiros, de desova e criação de filhotes, nos cursos superiores dos rios ou lagoas de águas calmas, antes do anoitecer, para armarem as barracas ainda de dia.

Como trata-se de um sistema condenado pelo Código de Pesca, cuja interdição agora ainda acaba de ser reforçada por Portaria especial, acima transcrita, costumam cobrir os nomes das embarcações com lama, para dificultar a identificação e conseqüentemente denúncias ao Serviço por parte de eventuais observadores.

Caída a noite, cercam com as redes as malhas de água-pés, sarandis ou juncos ou as armam nos leitos dos rios, de margem a margem, em distâncias variáveis de 100 a 200 metros, prática também vedada pelo cargo de Pesca.

Para não perder tempo de espera com a movimentação natural dos peixes, que de noite saem dos seus esconderijos à procura de alimentação, entram com os barcos nos espaços cercados e iniciam a "bateria", que consite em produzir infernal barulho, batendo com os pés ou paus nos fundos dos cascos ou com compridas taquaras sobre a água e na vegetação costeira ou

Loja Independente de Teosofistas

estoqueando com as varas as tranqueiras ou salapas, onde presumem peixes refugiados.

Alguns, para melhor efeito dessa barulhada, que ressoa longe na calada da noite, atiram pequenas bombas de festim na água, cujas explosões desentocam os últimos exemplares, fazendo-os saltar para dentro das redes, na corrida à procura de salvação.

Terminada a primeira "batida", levantam rapidamente as redes e correm com o barco para outro pesqueiro, rio abaixo, retirando os peixes das malhas, para nova largada e reinício do "batuque" e assim fazem sucessivamente até a hora de seguir definitivamente para os mercados para entrega da carga dos peixes.

Quando, nessas pescarias aniquiladoras, encontram algum colega no "ponto" visado, colocam sem cerimônia suas redes por cima dos aparelhos deste, e se este reclamar, o ofendem e ameaçam ou o correm do local. Não se importam se ao levantar das redes são arrancados aparelhos alheios com ou sem peixes, deixando ainda estragados os pesqueiros por muitos dias.

Esta maneira criminosa de pescar, menos trabalhosa e mais rentável e rápida, criou um estado de intranqüilidade entre os elementos ordeiros das Colônias de Pesca, os quais viam com maus olhos a anarquia, que os privava de exercer sua profissão sem sobressaltos, vendo-se na alternativa de acompanhar a prática de extermínio, tornando-se também infratores da Lei de Pesca ou então abandonar a profissão, por não oferecer mais margem de lucro.

Durante anos o Serviço de Caça e Pesca vinha recebendo queixas dos prejudicados de maior visão do futuro e pedidos de intervenção com mais assídua fiscalização contra os incorrigíveis abusadores.

Chegada ao ponto de saturação a questão, o Serviço baixou a "Portaria do Batuque" e determinou à Fiscalização saídas noturnas de surpresa para fins de dar cumprimento à repressão desse sistema de pesca e para autuar os contraventores relapsos.

Com estas medidas de rigor, espera-se que venha ser banido para sempre das águas do Rio Grande do Sul este mortífero sistema de pesca, o qual, ao lado do extermínio do pescado nas granjas de arroz; do envenenamento da fauna aquática pelos resíduos industriais tóxicos, devolvidos aos rios sem tratamento; pelas bombas de dinamite, ainda muito em uso; pelos arrastões de redes e construção de muradas ou "paris" nos rios encachoeirados é um sem número de outros sistemas de pesca ilegais, vinham tornando a piscicultura uma ilusão, podendo-se considerar jogado fora os milhões de cruzeiros gastos pelo Governo para repovoamento das nossas águas interiores, que estão ficando cada ano mais pobres de peixes.

2.2.62

PESCA NOCIVA COM "CORRICO"

Por mal dos pecados agora temos mais uma nova praga na pesca.

Pescar dourados de "corrico" ou "colher", puxado a barco-motor tornou-se nos últimos anos um esporte de esportistas ricos.

Loja Independente de Teosofistas

Sim, de ricos, porque só pode ser exercido por quem possui lancha-motor e não precisa considerar os gastos de gasolina, tudo fora do alcance de amadores de pesca de poucos recursos e dos profissionais da pesca, que são os maiores prejudicados.

Esse sistema de pesca tem se tornado desastroso nos rios de médio volume, povoados de dourados, como são a maioria do Rio Grande do Sul, porque as incessantes corridas, dia e noite, das embarcações motorizadas de inúmeros adeptos desse esporte trazem os seguintes inconvenientes à piscicultura:

Além de diminuir sensivelmente a quantidade do nosso maior e mais saboroso paixe d'água doce, ainda faz perder grande parte dos exemplares mais pesados (só temos visto apanhar "barbeiros" de 2 a 5 quilos) pelo arrancamento das queixadas, pela violência dos golpes sofridos nas ferradas pelas vítimas, quando apanham a "colher" puxada pela lancha em grande velocidade.

Morrem depois de horas de sofrimentos, causados pela maldita mania de correr, própria da nossa gente imediatista que não quer compreender seu erro, mas sim quer obter bastante peixe de qualquer maneira, mesmo durante o período da "piracema", época da proibição da pesca, outubro, novembro e dezembro, quando os peixes de "corrida" de cardume, sobem os rios em busca de locais calmos para a desova.

Numa descida do Rio Caí este cronista viu 8 grandes dourados mortos nas tranqueiras, com as bocas esfaceladas pelos "corricos", preciosa carne que se perdeu à toa, apodrecida, sem proveito para ninguém.

É um mau estado de coisas, constantemente denunciado por profissionais prejudicados e amadores impossibilitados de encontrarem pesqueiros calmos.

Por causa do emprego da "colher" têm havido outros prejuízos consideráveis, causados à piscicultura, em particular à reprodução do dourado, como sejam:

1º – O barulho das explosões do motor e a revolução das águas pelas hélices de lanchas em excessiva velocidade, afugentam os peixes para lugares menos perturbados, inutilizando os pesqueiros, especialmente freqüentados por pescadores de barranco. Apenas os dourados curiosos e valentes correm atrás do barco, nas águas revoltas e vendo a "colher" prateada girando, a tomam por peixinho em fuga e a abocanham, fisgando-se no anzol sem isca.

2º – As ondas produzidas, que vêm bater com violência nas margens dos rios estreitos, lavando as ervas ribeirinhas e aguapés, fazendo soltar para a correnteza os ovos de peixes, recém-fecundados, que a elas deviam ficar agarrados até a oclusão dos alevinos.

Muitos milhões de ovinhos e peixinhos recém-nascido são arrastados para os canais, onde servem de pasto para os peixes carnívoros ou morrerão de qualquer maneira, porque lhes faltará o plâncton para se alimentarem.

3º – As quilhas dos barcos, cortando voltas rio acima e abaixo e desviando uns aos outros, arrastando fortes linhas de nylon com "colheres" nas pontas, arrancam os aguapés nos remansos dos rios, deixando os criadeiros naturais dos peixes completamente estragados.

Loja Independente de Teosofistas

4º – Nessas corridas desenfreadas ainda levam linhas, espinhéis e redes que são alcançados pelas hélices e pelo aparelho de pesca.

Pela descrição da anarquia reinante nos rios, pode-se perfeitamente avaliar a enormidade de indivíduos jovens que deixam vingar e de adultos fisgados e que se perdem, o que constitui motivo de falta do pescado mais nobre nas Bancas de Peixe e o aumento gradativo da miséria dos pescadores que lutam para sobreviver, exercendo uma profissão que cada vez menos rende.

A UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA, em cumprimento ao Artigo 7º dos seus Estatutos, pleiteará ao SERVIÇO DE CAÇA E PESCA as seguintes medidas protetoras:

a – sugerir à Diretoria da Divisão de Caça e Pesca, em Brasília, pelas razões expostas, a proibição da pesca do "corrico", também denominada de "dorso", "colher", "trampa" ou "1º de abril" (cujo uso é permitido pela Portaria 175, de 2/8/44) em todos os rios e canais do Rio Grande do Sul, de pouca largura, com exceção do Rio Guaíba e do Rio Jacuí, até a cidade de São Jerônimo, ambos bastante volumosos, como também com exceção das Lagoas dos Patos, Mirim, Mangueira e as litorâneas do Atlântico.

b – solicitar à capitania do porto de Porto Alegre a expedição de uma Portaria que limite a marcha dos barcos-motor empregados nesse sistema de pesca em 6 quilômetros horários, velocidade perfeitamente suficiente para ferrar dourados de qualquer porte, sem perigo de arrebentar-lhes os queixos e perdê-los inutilmente.

30.3.62

CEM PARIS NUM SÓ RIO

O encachoeirado Rio Forqueta, afluente do Taquari, faz a divisa entre os municípios de Lajeado e Arroio do Meio.

Nele foram encontrados pela Fiscalização da Pesca nada menos de cem paris "filtrando" suas águas, cujos aparelhos exterminadores do pescado são perfeitamente avistáveis das estradas de rodagem que correm paralelas em ambas as margens.

O Forqueta é um rio muito procurado pelos peixes, quando sobem para a desova, na época da piracema.

Durante longos anos, dois dos mais eficientes fiscais colaboradores do Serviço de Caça e Pesca, Luís Lampert e Arlindo Heineck, respectivamente de Lajeado e Arroio do Meio, não permitiram a pesca destrutiva na sua circunscrição, desde Reserva até Mussum.

Mas aconteceu que maus elementos, sentindo-se tolhidos na sua liberdade de pescar com aparelhos condenados pelo Código de Pesca, tantas dificuldades criaram e tantas velhacarias cometeram, até que esses idealistas protetores da fauna, que trabalhavam gratuitamente, se desgostaram e se afastaram, ficando a região completamente avacalhada pelos devastadores das reservas pesqueiras.

Loja Independente de Teosofistas

Para quem não conhece o aparelho exterminador de peixes denominado "paris", informamos que tem a forma de um caixão de carreta colonial comprida, e é feito geralmente de taquaras ou ripas pregadas bem juntinhas nos fueiros e travessas do fundo, com uma tampa numa das extremidades, ou com um covo de tela de arame, no qual ficam presos os peixes levados pela correnteza.

Essas gaiolas de estreitas frestas são colocadas na abertura deixada nas taipas de pedra construídas no leito do rio, junto às corredeiras. Essas taipas ou muros baixos têm a forma de V com as pontas dos braços encostadas nos barrancos. Na abertura do vértice do V fica afixado a paris.

Com águas altas, a construção fica coberta, permitindo a subida livre dos peixes, mas quando as águas baixam, descobrem-se as taipas e os peixes ficam trancados nos poços do rio, por encontrarem a passagem fechada.

Quando não querem se movimentar, os pescadores usam batuques e bombinhas de festim, para espantá-los para o lado das taipas, onde são atirados pela força da corredeira sobre a esteira do fundo do paris ou entram no covo, sendo recolhidos pelo "plantão da pescaria", quando vale a pena vadear o rio até a armação do paris, da qual não escapa nada, mesmo sendo filhotes.

Numa batida feita em julho no Rio Forqueta com águas baixas em pleno inverno, foram surpreendidos 28 contraventores exercendo este sistema de pescaria criminosa, sendo todos colonos residentes nas margens, próximo aos "pontos" de pesca, os quais, como desculpa, alegaram que "todo o mundo ali pesca assim". Os aparelhos encontrados funcionando foram destruídos. Os restantes serão desmanchados no próximo verão, assim como os do Arroio Fão, afluente do Forqueta e os do vizinho Rio Guaporé, que também estão coalhados de cercas de pedra e paris, porque os fiscais "frios" que agora dormem por ali, nem enxergam a anarquia causante da escassez de peixes no Rio Taquari. Para o empobrecimento das águas correntes da zona, também contribuiu fortemente, nos últimos tempos a dinamitação dos peixes pelas turmas construtoras da Estrada da Produção, praticada abertamente.

Pelo exposto fica provado mais uma vez que qualquer tentativa de repovoar artificialmente nossos rios, antes de serem postas em execução medidas sérias e rigorosas de saneamento moral dos atuais costumes de pesca e das próprias águas, da poluição que vêm sofrendo pelos venenos industriais, é tanto como jogar dinheiro fora.

Mas não será com leis e portarias, que se modificará coisa alguma. O que é preciso é organizar um perfeito sistema de vigilância nos próprios locais das pescarias destrutivas, com fiscais incapazes de se acamangarem com os destruidores, dormindo nas barracas deles e comendo seus peixes.

A nosso ver foi muito acertado o pedido feito pelo presidente da Colônia de Pescadores Z-5 ao assessor da Brigada Militar junto ao Serviço de Caça e Pesca no sentido de essa força executar a fiscalização da pesca no Rio Taquari e seus afluentes, com a costumeira imparcialidade e rigor militar, para

Loja Independente de Teosofistas

quebrar essa falsa valentia de desordeiros, que se julgam donos das águas públicas e de fauna aquática.

Assim poderemos esmerar a volta do respeito à Lei.

31.8.62

BARRAGENS CONSTRUÍDAS SEM ESCADAS PARA PEIXES

As barragens que estão sendo construídas no Rio Grande do Sul não têm escadas para peixes. Sendo uma necessidade, sem a qual os peixes não podem subir para as cabeceiras dos rios para desovar, a União Protetora da Natureza acaba de dirigir a seguinte sugestão ao excelentíssimo sr. Ministro da Agricultura:

Ofício nº 381 – Em 20 de fevereiro de 1962 – Exmo. Sr. Dr. Armando Monteiro – DD. Ministro da Agricultura – Brasília – Assunto: Construção de Escadas para Peixes.

A União Protetora da Natureza, sediada à Praça João Pessoa nº 40, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, dando cumprimento ao disposto no Art. 7º dos seus Estatutos, vem pleitear à V. Exa. a seguinte medida de Proteção aos Peixes:

1º – Estabelecer doutrina e promover entendimentos com o Ministério da Viação e Obras Públicas sobre a obrigatoriedade da instalação, em todos os obstáculos artificiais, especialmente barragens, construídos nos nossos cursos d'água, de passagem para a subida dos peixes para os locais da desova.

2º – JUSTIFICATIVA.

a) Na construção das barragens do Rio Grande do Sul em vários cursos d'água, aconteceu o lamentável esquecimento da adaptação das Escadas para Peixes, a fim de dar-lhes livre trânsito para as cabeceiras, no período da "piracema", a qual coincide com os rios de águas baixas, quando os peixes não podem vencer o tombo d'água, conforme se vê na foto anexa, apanhada na Barragem do Fandango, junto à cidade de Cachoeira do Sul, neste Estado.

b) Impossibilitados de viajar para os locais da desova, enormes cardumes e peixes de escamas, especialmente dourados, piavas e grumatãs se aglomeram nas bases das barragens em quantidades incalculáveis, pulando incessantemente na tentativa inútil de vencer a queda da corredeira.

c) Nessas ocasiões aparecem os pescadores aproveitadores inescrupulosos, usando toda espécie de aparelhos proibidos, como equirates, ferrões de 3 fisgas, etc., com os quais fazem grandes e criminosas safras de peixes pejados de ovas.

d) Se por acaso são apanhados pela Fiscalização pagam a insignificante multa de Cr$ 100,00 (por que não atualizam as multas?) ou fogem, para em seguida voltar ao local da destruição, despovoando sempre mais os cursos superiores dos rios.

e) Tudo poderia se normalizar novamente com a construção de Escadas para Peixes nas barragens já existentes e nas que estão em construção ou que

Loja Independente de Teosofistas

serão construídas no futuro. A nosso ver a de mais fácil construção com menor despesa, poderia ser feita de cacimbas de cimento armado, colocadas em séries, uma em nível pouco superior à anterior, alimentadas por um fraco desvio d'água, captada acima da barragem, por cujos tanques os peixes, pulando de um para outro, alcançariam o curso superior e dali poderiam seguir para os remansos para realizar a reprodução.

f) Naturalmente o Serviço de Engenharia Hidráulica do Ministério da Viação e Obras Públicas escolherá o sistema que mais tem aprovado em outros países ou mesmo no Brasil, se já foram construídas tais Escadas para Peixes nalgum dos nossos rios.

g) É claro que com a perfeita compreensão por parte das altas autoridades administrativas e técnicas desse grave problema e após entendimentos entre os Ministérios, não mais se repetirá a imprevidência de construção de barragens sem o indispensável complemento de Escadas para Peixes.

Esperando que esta nossa sugestão venha merecer a alta atenção de Vossa Excelência, assinamos, atenciosamente. (a) Henrique Luís Roessler – Presidente da União Protetora da Natureza.

* * *

Aí fica o ofício que confiamos ao espírito de patriotismo do ilustre patrício que ainda há bem pouco tempo visitou o nosso Estado. Os técnicos do Ministério da Agricultura bem sabem, e melhor do que nós, quão necessárias são essas escadas. Esperemos pois que em breve elas sejam uma realidade nas barragens do Rio Grande, atestando assim que a fauna no país tem seus amigos. Tem quem zele por ela nas altas esferas administrativas.

23.2.62

O FANDANGO DA MORTE

Na construção da Barragem-Ponte sobre a Cachoeira do Fandango, no Rio Jacuí, ocorreu um imperdoável esquecimento: uma escada para peixes, indispensável para a subida dos cardumes, na época da piracema, para os locais da desova, situados nos remansos das cabeceiras daquele rio e de seus afluentes, acima da cidade de Cachoeira do Sul.

Inexplicavelmente, este crime contra a natureza foi cometido sem nenhum protesto das autoridades competentes e dos pescadores interessados na sobrevivência das espécies mais nobres, como dourados, piavas e grumatãs, e teve funestas conseqüências ainda não bem conhecidas e avaliadas pelo público, mesmo de muitos cachoeirenses e useiros da ponte, que por ela passam e não observam o triste espetáculo que se desenrola embaixo, na água borbulhante.

Já na primeira piracema, após a conclusão da obra, lá ocorreram matanças indescritíveis das citadas espécies de peixes, que se aglomeravam em gran-

Loja Independente de Teosofistas

des cardumes na frente da muralha de pedra e ferro, que a maldade humana lhes antepôs no caminho, para a perpetuação da espécie. Até de carroça e caminhão as vítimas da ganância foram retiradas do local da apanha. E o mais reprovável é que este fato de desperdício de uma riqueza natural continuam sendo praticados, por toda espécie de pescadores, loucos de cobiça.

Milhares de peixes de grande porte em verdadeira dança de morte redemoinham na água fervilhante e saltam contra as comportas, na tentativa inútil de vencer o tombo d'água de 3 a 4 metros de altura e são dizimados pelos mortíferos aparelhos de pesca denominados "esquirate" e "rocega" e pelas tarrafas, que ficam tão pesadas de peixe, que as malhas chegam a romper.

Especialmente o segundo, uma linha com grosso chumbo na ponta e crivada de anzóis é atirada sobre os cardumes e com fortes puxões fisga os peixes em qualquer parte do corpo. Muitos ficam lanhados de profundos ferimentos e nadando com dificuldade se afastam do local da luta, indo morrer nas tranqueiras ou são embarcados por pescadores à espreita das presas fáceis, na correnteza à jusante da cachoeira. O esquirate é um saco de malhas, armado num círculo de ferro, de grande diâmetro, com o qual o peixe é recolhido d'água, o que é feito com facilidade, porque ele está alheio a qualquer perigo, na ânsia de seguir para os locais do acasalamento.

A campanha de esclarecimentos em torno do assunto e grandes placas proibitivas colocadas nas cabeceiras da ponte, nada adiantaram em virtude da fiscalização "camarada" feita raras vezes pelos fiscais locais, porque não queriam se expor a perigos e perseguições por parte dos interessados neste macabro divertimento.

Ano por ano se repetiam essas cenas de vandalismo, que provocaram o despovoamento das águas à montante da barragem. No ano passado as enchentes de outubro e novembro cobriram as comportas da barragem, permitindo a passagem dos peixes, o que veio estragar as safras dos aproveitadores sem escrúpulos.

No corrente ano, com o Jacuí seco desde o início da primavera, por causa da falta de chuvas no inverno, a quantidade de peixes encurralados diante da barragem é impressionante e a matança desenfreada gerou um clamor público que não podia passar despercebido pelas altas autoridades.

Pelo Serviço de Caça e Pesca foi organizado, por ordem expressa do sr. Secretário da Agricultura, uma fiscalização efetiva no local, com o auxílio de uma força da Brigada Militar, composta de 10 homens, que acampou debaixo da ponte e se mantém em vigilância constante, dia e noite. Foram corridos os abusadores do local, entre os quais elementos de reconhecida recalcitrância e ousadia, como o célebre "44", desordeiro que já atuou anteriormente um fiscal da pesca a facão.

Logo surgiram protestos, difamações e ameaças contra os elementos da fiscalização e atos de inconformismo pelos depredadores, e tapeações, tanto por parte dos profissionais da pesca como por parte de alguns "graúdos", que se julgam como privilégios, em razão de seus cargos ou posições sociais, de comer peixe protegido, tirado daquele viveiro de impressionante concentração.

Loja Independente de Teosofistas

Da ponte e das barrancas do rio se postaram os espiões e note-se a coragem desses destruidores: num descuido de menos de 5 minutos, um deles avançou sobre a amurada da comporta e fisgou com a "rocega" cinco grandes piavas, deixando várias outras gravemente feridas.

Agora, ricos e pobres todos mal intencionados, estão esperando o levantamento do acampamento para reiniciar sua faina destruidora. Se por falta de verba esta desgraça ocorrer, em poucos dias os cardumes todos estarão mortos.

Se for conseguida agora a construção de uma escada ou desvio ou de um aparelho para levantar os peixes para montante do obstáculo, isto seria a salvação da pesca, mas somente com a continuação de rigorosa fiscalização, porque a mentalidade nefasta desse povo bem conhecemos: matariam a pau e facão os peixes na passagem da escada, como fazem no Salto Grande do Rio Uruguai, onde existe uma escada natural, ou despejariam as cargas de guindaste diretamente para dentro dos caminhões em vez de libertá-los na água represada.

A fiscalização, agora confiada à Brigada Militar, deve ser mantida a todo custo, para que o Jacuí possa reconquistar sua antiga riqueza em peixes.

7.12.62

DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS

DEUS certamente não criou o biguá para acabar com os peixes.

Essas aves aquáticas apenas se alimentam do pescado, apanhando os mais fracos e menos ágeis, fazendo assim a seleção natural da espécie.

Os pescadores, porém, na sua cegueira e pirataria, consideram o biguá como nocivo à piscicultura e na sua presunção de corrigir os desígnios divinos, conseguiram uma lei de extermínio para esses mergulhadores, que permite sua caça durante todo o ano.

Mas não são eles próprios que executam essa antipática lei. Eles apenas abriram o caminho para os atiradores carniceiros, que se aproveitam da situação criada pela benevolência do legislador ignorante da verdade, como ótimo pretexto de levar suas armas para dentro dos viveiros dos banhados, em qualquer tempo, para espantar dos ninhos e matar indistintamente todas as aves que ali chocam e criam as suas ninhadas, como a fiscalização teve a oportunidade de verificar muitas vezes.

Prova de que os biguás não causam danos de vulto é o fato de terem existido antigamente grandes bandos de biguás e ainda maiores cardumes de peixes, que garantiam fartura de carne baratíssima. Hoje há grande escassez de peixe de água doce, mas não por culpa dos biguás ou das garças ou socós, todos comedores de peixes.

A ruína da pesca é provocada pelo próprio homem, perdulário por nascença, sempre pensando ter a prerrogativa de avançar no que pode, o que re-

Loja Independente de Teosofistas

duziu a tal ponto a existência de muitos peixes importantes, que não é mais possível apanhá-los economicamente.

São culpados desses atentados contra a fauna aquática:

1º – Os plantadores de arroz, em número superior a 3.000 no Rio Grande do Sul, que fazem morrer todos os anos muitos bilhões de filhotes de peixes nos arrozais, retirados dos viveiros da natureza por possantes bombas de irrigação, para obter excelente e cobiçado fertilizante (adubo de peixe), que recompensa largamente uma eventual multa. Esta destruição absurda é a maior vergonha e um insanável crime contra a Economia Popular Gaúcha. E, incompreensível essa recalcitrância.

2º – Centenas de Curtumes, Indústrias e Atafonas envenenam as águas dos rios e arroios com produtos químicos tóxicos e de origem orgânica, que matam incalculável quantidade de peixes durante as estiagens, quando baixam as águas. Os donos dos curtumes já compreenderam a necessidade de purificar as águas servidas, o que farão logo que receberem a orientação técnica solicitada há 3 anos à Secretaria da Agricultura.

3º – Os próprios pescadores, usando dinamite, redes de arrastão, "paris" e covos de malhas miúdos, causam tremendos estragos à pesca, destruindo grandes e pequenos peixes. Junto ao Molhe Oeste da Barra do Rio Grande, nas águas pouco profundas do canal, dezenas de milhares de pequenos bagres são apanhados pelas redes de arrastão do camarão, ficando apodrecendo na areia da praia. Isto, no entender de uma autoridade da pesca "é na verdade, presentemente, inevitável". Por que o pescador o faz e não o biguá? Não é verdade?

Pesca destrutiva como a dos Saltos do Uruguai, na época da "piracema", nunca se viu em parte alguma do mundo. A dinamite também ainda é usada freqüentemente nos rios do interior, encachoeirados, e geralmente os criminosos estão sendo chefiados por elementos de destaque.

Por que esperam para punir "mais tarde" esta gente impatriótica, infratora das Leis de Proteção à Pesca?

Fomos informados que os empecilhos são estes:

a) O Serviço de Caça e Pesca ainda está mal aparelhado de barcos, jeeps e fiscais para exercer uma vigilância perfeita sobre toda a enorme rede hidrográfica do Estado. Nem todo o Exército, com seu aparelhamento, bastaria para esta tarefa.

b) A recalcitrância dos arrozeiros, que preferem pagar as "multas de brinquedo", ao invés de cumprir a lei, tendo em conta a vantagem de ficarem beneficiados com o adubo. E, o poder dos interesses comerciais num mundo ávido de ganância.

c) A indolência dos industriais, que ainda não cumpriram a exigência de purificar as águas servidas, antes de devolvê-las aos rios ou arroios. Culpadas são as próprias autoridades.

d) A ignorância dos pescadores, que estancam a sua própria fonte de renda, porque sabem que pagarão apenas cem cruzeiros, se por acaso forem apanhados pela fiscalização, valor de 2 peixes, e que receberão de volta os aparelhos de pesca apreendidos.

Loja Independente de Teosofistas

Comparando a quantidade insignificante de peixes consumidos pelos biguás com os bilhões de exemplares mortos por culpa dos homens, temos que concordar que está sendo cometida uma grande injustiça contra os primeiros.

Estão sendo usados dois pesos e duas medidas – Os biguás, porque comem poucos peixes para saciar sua fome, são condenados sumariamente à morte.

Os homens, que aniquilam a piscicultura toda, natural e artificial, escapam impunes, porque não pode ser considerada multa a insignificante importância paga em caso de serem pilhados em flagrante.

É sempre assim – O animal inocente não tem direito algum à vida. Ao contrário, o indivíduo criminoso se arroga os direitos para viver uma vida melhor.

Assim é a JUSTIÇA humana.

14.10.60

A CACHOEIRA DO CAMPESTRE

No Rio Cadeia, escondida entre altos barrancos cobertos de mato, em local de difícil acesso, encontra-se esta cachoeira de grande beleza natural.

Antes da queda, o rio passa sobre uma grande laje; que atravessa o leito de lado a lado. Formou-se sobre ela, no meio do rio, uma estreita ilha, coberta de vegetação arbórea, que o divide em dois braços. A montante e a jusante da corredeira encontram-se profundos poços, excelentes pesqueiros.

É um lugar ideal para a pesca de caniço e linha de mão. Grandes cardumes de dourados, piavas e grumatãs sobem o rio, anualmente, na época da "piracema", durante as enchentes, para se reproduzirem nas suas cabeceiras.

Haveria peixes para todos e em abundância, se um grupo de moradores da zona não praticassem ali a pesca destrutiva, usando "paris", "chiquis" e dinamite.

Como verdadeiros recalcitrantes, apesar de várias vezes multados, reconstroem sempre os aparelhos demolidos periodicamente pela Fiscalização da Pesca.

Para tanto armam sobre a mencionada laje, em cada canal do rio, muradas de grande blocos de pedras, em forma de V, com os braços apoiados nas margens, deixando aberto apenas uma pequena passagem para as águas, no vértice do V.

Nestas aberturas fixam os "paris" ou "chiquis" como são conhecidos na zona.

São estreitas armações de maneira semelhante a uma comprida carreira, com fueiros encavados em grossos paus roliços, tendo os fundos e lados guarnecidos de gradeados de ripas e taquaras, pregadas bem juntas, com estreitas frestas. Nas bocas dos aparelhos amarram balaios de taquara e cipó, com uma portinhola para retirar os peixes que ali se juntam presos. Baixando a ponta do aparelho, que sustenta o balaio, para dentro da queda, inicia-se a pesca,

Loja Independente de Teosofistas

bastante rendosa, mas sempre destrutiva, com água no ponto propício, logo após uma chuva. O balaio segura todos os peixes de descida, não deixando a correnteza voltá-los. Nem lambaris escapam.

Cada "paris" tem seu Chefe, que é o financiador da construção e explorador da pesca, o qual trabalha com auxiliares, chamados "guardas de chiquis", sentinelas de plantão junto aos aparelhos nas noites de pesca, por causa da concorrência. Quando o peixe aglomerado no poço de cima não quer se movimentar, largam bombas de dinamite, fazendo esbirrar os que não forem mortos, para dentro da corredeira e embocar nos balaios. Apressam assim as safras.

Os Chefes de Paris e os Dinamitadores profissionais criaram naquela zona um ambiente de terror para conseguirem o silêncio e a colaboração dos vizinhos.

Se estes não incomodam, recebem peixe, caso contrário podem esperar alguma terrível vingança.

Amedrontaram com ameaças e tiroteios a esmos proprietários ribeirinhos das terras fronteiras aos "paris", de tal maneira que, embora sofrendo consideráveis prejuízos em seus matos, dos quais são retirados os paus, estacas, varas, taquaras e cipós para construção dos aparelhos, não se arriscam a denunciá-los. Como os depredadores têm que passar pelas plantações, é natural que também colham onde não plantaram e fazem grandes fogueiras nos acampamentos.

De medo já não chegam à Cachoeira os pescadores amadores e os veranistas.

Os aparelhos foram destruídos pela 6ª vez em 25 de novembro último.

Na ocasião foram presos 2 guardas dos aparelhos. Na noite de luar de 25 para 26 reconstruiram tudo, mas se desentenderam com um dos auxiliares e este veio denunciar o fato e nomear todos os implicados, mudando-se em seguida daquela zona, com receio de represálias.

No dia 3 de dezembro a Fiscalização chegou de surpresa, de madrugada, na margem esquerda do Rio Cadeia, bem defronte da Cachoeira do Campestre, encontrando o guarda-chiqui junto ao aparelho. Foi reconhecido nele um dos velhos infratores, que correu pela margem, deixando tamancos, chapéu, uma chaleira e um saco para recolher os peixes, abandonados no acampamento. Do outro lado também houve correria. Foram picados em lenha ambos os aparelhos e o material largado correnteza abaixo. Todos os implicados foram autuados e estão sendo processados pelo Serviço de Caça e Pesca, tendo ficado resolvido mandar atirar dentro do poço de baixo todos as pedras soltas que se encontram sobre a laje, junto com as que servem para os muros, a fim de dificultar futuras reconstruções.

Os donos das terras serão responsabilizados, caso não denunciarem os depredadores da pesca logo que notarem o reinício de novas construções, para que a reação fiscal possa ser imediata. Ao mesmo tempo contratamos espiões na beira do Cadeia.

Chega de trabalho para demolir 7 vezes as construções feitas por vagabundos e desordeiros no mesmo local.

Loja Independente de Teosofistas

Temos esperanças que com estas medidas de rigor e com o apoio das autoridades locais, poderá ser novamente freqüentada a célebre Cachoeira do Campestre, onde num ambiente belíssimo, os pescadores de Caí possam exercer sem perigo e sem ameaças seu esporte de pesca. Esta ação de saneamento também será certamente mui apreciada pelos veranistas que costumam se banhar nas águas límpidas e acampar nas lindas praias de areia do Rio Cadeia.

23.12.60

PEIXINHOS PARA ADUBO E CRIAÇÃO DE PORCOS

Como é sabido, a irrigação dos arrozais sacrifica anualmente bilhões de filhotinhos de peixes, sugados com a água para dentro das granjas, porque nem 1% dos orizicultores adaptam aparelhos protetores da fauna aquática nos ralos das bombas.

Os plantadores irresponsáveis, com este crônico crime contra a Economia Popular, que se repete impunemente há mais de trinta anos, poupam algum trabalho e insignificante despesa, e conseguem especial fertilizante para as lavouras ou muito nutritivo trato para porcos.

Mas os pescadores e os consumidores sofrem um prejuízo anual calculado em cerca de 800 milhões de cruzeiros com a destruição de um dos mais preciosos recursos alimentares que a Natureza oferece grátis.

É incompreensível que estas coisas impróprias de gente civilizada e culta ainda possam acontecer no nosso meio, especialmente quando podem ser evitadas facilmente.

Parece que o amor pelo dinheiro é mais importante do que a vergonha de uma autuação. Precisamos acordar, mudar de caminho, para não tornar nosso Estado uma região de natureza morta e de regime de fome.

É só uma questão de boa-vontade dos plantadores de cumprir as leis em vigor, de tão fácil atendimento. E para o Governo a questão é só "querer", encarando o assunto com um pouco mais de interesse, articulando uma fiscalização eficiente, bem equipada, dotando-a de suficientes recursos, para que nenhuma granja de arroz fique sem controle.

O Serviço de Caça e Pesca deve assumir neste problema uma atitude determinada, clara e única — executar com rigor as portarias nº 85, de 9/12/53 e nº 433, de 28/12/57, sem se fiar na colaboração do Banco do Brasil, que continua financiando as granjas não legalizadas; do I.R.G.A., cujos fiscais não vão entrar n'água para examinar ralos de bombas; das Colônias de Pescadores, cujos membros têm interesse em colher iscas para espinhéis nas calhas; das Prefeituras Municipais, que têm seus problemas administrativos próprios; da Polícia Rural Montada, que ficou a pé e nem sabe como agir; dos Postos de Fiscalização da Caça e Pesca do Interior, que nunca autuaram um único orizicultor contraventor.

A Portaria nº 85-53 exige, sob pena de multa de Cr$ 1.000,00 a Cr$ 5.000,00 — As bombas devem ter as bocas de sucção protegidas por uma

Loja Independente de Teosofistas

caixa de tamanho apropriado ao seu diâmetro, guarnecida de tela de arame com malhas de 1 centímetro quadrado ou ralo de crivos de 1 centímetro de diâmetro.

Quando a sucção se fizer nos canais de penetração da água deve ser construída de lado a lado uma parece de tábuas com uma abertura coberta da mesma tela, a uma distância mínima de 3 metros do ralo da bomba.

A Portaria nº 433-57 proíbe, sob pena de indenização de dano causado à fauna aquática, o uso de aparelhos para bombeamento das águas públicas dominicais destinadas à irrigação artificial de lavouras, quando desprovidos de dispositivos que evitem a sucção de peixes.

Para cálculo do dano certamente vai ser observado como base 5.500 peixinhos mortos por hectare, a 10 gramas na média perfazendo o total de 55 quilos, com fundamento em estudos argentinos neste setor. Variando o valor do peixe entre Cr$ 40,00 a Cr$ 80,00, e tomando por base apenas o mínimo da tabela, teremos Cr$ 2.200,00 de indenização a pagar por cada hectare irrigado.

O não-pagamento implicará cobrança executiva, portanto a não- observância da lei de proteção dos peixes poderá se tornar desastrosa para a economia de muitos cultivadores de arroz.

Não serão mais tomadas em consideração defesas absurdas, como estas – "Eu ignorava a lei" – "O ralo de varetas de ferro só deixa passar lambaris" – "Não encontrei tela de arame na loja" – "Não tive tempo ou me esqueci de colocar a tela" – "Tirei a tela para pintá-la e não a recoloquei" – "Não coloco a tela, porque a sujeira da água a entope" – "A enchente carregou a tela" – "A tela enferrujou e se rompeu" – "O fiscal não viu a tela no fundo da água" – "Fui multado em 1953, mas não botei a tela, porque os 'grandes' também não são executados" – "A culpa é do Governo, porque não manda o fiscal todos os anos avisar antes da irrigação" – "Não tenho nada que ver com peixes, meu ramo é produzir arroz" – "Vou botar advogado" – "Vou falar com o Deputado tal, para acabar com o Serviço de Caça e Pesca", etc.

Alguns plantadores de má fé deixam os aparelhos de proteção abertos embaixo, o mesmo fazendo com as paredes com a tela, colocadas nas sangas, para facilitar a passagem dos peixinhos. Outros fazem as instalações muito a flor d'água para que qualquer enchente as cubram ou usam tela de malhas muito largas ou apenas uma cerca de sarrafos com largas frestas – Motivo: Usam todas estas trapaças, porque querem os peixinhos para adubo ou para alimentar porcos.

Um único plantador de arroz, entre centenas de fiscalizados, cumpriu este ano a rigor o que a lei determina. Trata-se do sr. Walter Milbradt, cuja bomba funciona perfeitamente à margem esquerda do Rio Jacuí, em Cerro Chato, 1km abaixo do Passo, onde poderá ser examinada pelos incrédulos e teimosos. É um belo exemplo dado por um homem simples, sem muitas posses, a muitos tubarões de gravata, como são certos "fregueses de caderno" do Serviço de Caça e Pesca.

Loja Independente de Teosofistas

Recomendamos aos srs. orizicultores – Lembrai-vos do Serviço de Caça e Pesca antes de reconstruir o levante d'água para a próxima irrigação da lavoura.

28.4.61

NASCERAM MILHÕES DE FILHOTES DE DOURADOS E GRUMATÃS

Não temos lembrança de maior desova e reprodução dessas espécies, do que a da última piracema.

Condições favoráveis, como águas baixas e temperatura amena na primavera de 1962, rigoroso controle da proibição do uso de redes no período da subida dos peixes e da tela de proteção nas bombas dos arrozais, geraram cardumes de filhotes de proporções nunca vistos.

As águas dos rios Caí, dos Sinos e Gravataí fervilham de peixinhos jovens, que agora já atingem o tamanho de lambaris.

Uma riqueza incalculável em crescimento fazia antever fartura de alimento dentro de dois anos.

Mas como sempre, interveio o monstro homem, destruidor nato da natureza, para atrapalhar o livre desenvolvimento dos peixinhos que vinham descendo os cursos d'água, loucos de fome, tal a quantidade.

Enorme número de pescadores de caniço, entusiasmados com os douradinhos que tão facilmente pegavam a isca dos anzóis, vieram às barrancas e todos eles voltavam com grandes enfiadas para comer, sem considerar existirem quase só espinhas em corpos tão pequenos.

Tarrafeadores licenciados ou clandestinos, esportistas e profissionais gananciosos, passaram a liquidar os cardumes de grumatãzinhas, que coalhavam as águas dos rios baixos, levando sacos cheios de filhotes de apenas 6 a 10 centímetros para fritar.

Ninguém se lembrou do tamanho mínimo, que para essas espécies é de 30 centímetros.

Verificamos mais uma vez que não existe a mentalidade conservacionista no nosso povo, que é imediatista de natureza.

Os pescadores de caniço, porque estão livres de licenciamento, também se julgam isentos de respeitar a bitola mínima dos peixes e outras exigências legais.

Os amadores de pesca licenciados e não licenciados, apanham esses filhotes para iscar os 3 espinhéis a que têm direito, mas tarrafeiam centenas mais para alimentação. Até muitos profissionais sem escrúpulos ou ignorantes também cometem os mesmos abusos, estragando o seu próprio ramo de vida, sem nunca pensar no futuro.

O resultado foi que os grandes cardumes de douradinhos, grumatãs e piavas ficaram muito reduzidos.

Esta recalcitrância vai resultar em medidas drásticas de repressão, sendo a primeira a proibição do uso da tarrafa pelos amadores, como já é uso em

Loja Independente de Teosofistas

São Paulo, onde os esportistas somente podem pescar de caniço, linha larga e corrico (colher).

Nossos amadores poderão iscar seus espinhéis para dourados e traíras com lambaris e muçuns, apanhados de anzol, e para as demais espécies com minhocas, caramujos, fígado, mandis, milho, capitães de madeira podre, bolinhas de polenta, etc.

A tarrafa é um aparelho destruidor, enumerado entre os arrastões, conforme Artigo 15, letra C e 59 do Código de Pesca, porque em cada atirada, ao se fechar no fundo d'água, revolve com a chumbada, área de 8 a 13 metros quadrados.

E o seu uso dá motivo a constantes encrencas, porque os amadores, que pescam por esporte, a atiram por cima dos espinhéis e redes dos profissionais, arrastando-os para fora d'água, além de afugentar o peixe dos pesqueiros, com a sua constante algazarra e o interminável bater das tarrafas sobre a água.

Imaginem os estragos produzidos por mais de 3 mil pescadores que bateram tarrafas dia e noite durante a Semana Santa.

Para 1964 poderemos contar com a proibição da tarrafa aos esportistas, cuja justa medida está sendo pleiteada pela Colônia de Pescadores Z-5, União Protetora da Natureza, Clubes de Pesca e amadores menos abusadores, o que constituiria a garantia para rápido repovoamento das nossas águas fluviais.

Esta proibição tem perfeito amparo no Código de Pesca, artigo 18.

Pelo menos se espera da Chefia do Serviço de Caça e Pesca, se não for possível baixar portaria de proibição total, a eliminação desse mortífero aparelho durante os meses de outubro a abril, período de águas baixas e de aglomeração dos filhotes nos poços dos rios, onde se realizam massacres sem conta.

3.5.63

ESPERANÇA PERDIDA

Retornou à sua terra natal, decepcionado e triste, o renomado cientista japonês dr. Kazuo Nakamura, depois de concluídos os seus estudos realizados durante 6 meses em nosso Estado, sobre a pesca.

O Sr. Diretor Geral da Secretaria da Agricultura informou em 4/1/63 ao Correio do Povo que aquele técnico em piscicultura encontrou tudo por fazer, tendo deixado um impressionante relatório sobre as suas observações.

Tendo viajado pelo Estado e examinado rios e lagoas, ficou conhecendo de perto a calamitosa situação das nossas águas públicas e dos inúmeros sistemas destrutivos da pesca usados pelos pescadores gaúchos, como sejam os seguintes:

1º — Viu na Barragem do Fandango, em Cachoeira do Sul, construída sem escada para subida dos peixes, como todas as do Rio Grande do Sul (o que atesta a estupidez humana em toda sua plenitude), milhares de dourados, piavas e grumatãs saltarem contra as comportas, numa luta até a morte na tentativa de alcançarem os locais da desova nas cabeceiras do Jacuí e seus tributários.

Loja Independente de Teosofistas

Justamente ali, naquele local de aglomeração dos cardumes, elementos gananciosos lançavam no meio dos corpos em redemoinho, suas linhas de rocega, deixando a maioria feridos, que iam morrer nas tranqueiras. Outros faziam as suas criminosas safras com uso do esquirate (rede armada num grande arco com longo cano), tudo feito ostensivamente e com aprovação geral.

2º – Observou nas lavouras de arroz como as bombas de recalque levantavam com a água número incalculável de peixinhos novos, os quais, depois da suspensão da irrigação, morrem nos canais das plantações e são aproveitados como adubo.

3º – Encontrou grandes trechos de rios das baixadas, envenenados pelos resíduos tóxicos das indústrias, esgotos cloacais, inseticidas da agricultura e óleo e sobre as águas grande quantidade de peixes mortos de várias espécies e tamanhos.

4º – Nos rios encachoeirados da Serra notou a grande quantidade de "paris" e cercados de pedra em funcionamento. Esses aparelhos mortíferos apanham todo peixe que fica empoçado nos rios durante o verão.

5º – Passou por locais onde irresponsáveis costumam usar bombas de dinamite na pesca, sistema criminoso que mata todos os peixes ao alcance do raio da explosão. Foi no Rio Caí, onde foram dinamitados os filhotes de Salmões, recebidos da América do Norte e largados nos seus afluentes, em São Francisco de Paula. O mesmo destino terá a nova partida de vários milhares, a chegar em breve da mesma procedência. Não sobrará nenhum para contar a história.

6º – Atravessou rios e arroios, que ficam tão secos no verão, em conseqüência da devastação das matas ribeirinhas, que neles se torna impossível a vida aquática. Os pocinhos que ficam nos leitos ainda são esvaziados dos peixes, que neles refugiaram, por meio de todas as espécies de aparelhos destrutivos.

7º – Também tomou conhecimento da pesca com redes de arrastão, sistema muito comum entre a classe pobre, pescadores ignorantes e até profissionais inescrupulosos, como acontece na Barra do Rio Grande. Revolvendo o fundo da água, estraga os locais da desova e aniquila totalmente o pescado. Mesmo devolvendo os filhotes à água, morrem asfixiados, porque tendo sido arrastados pela lama, ficaram com as guelras entupidas.

Diante de tantos golpes contra nossa piscicultura, qualquer atividade de peixamento seria em pura perda.

Plenamente comprovadas as nossas denúncias, publicadas através dos anos, o técnico japonês, autoridade insuspeita no assunto, sugeriu que antes de tudo será necessário construir escadas para peixes nas barragens, sanear as águas dos rios, reflorestar as margens e vales dos cursos d'água, organizar uma fiscalização permanente, e punir rigorosamente os destruidores da pesca, e que seja feita a difusão da proteção nas escolas, quanto mais constante possível, tanto maiores vantagens produziria. Mas dificilmente isso será feito, porque na nossa terra as coisas úteis e inadiáveis, de interesse público, são relegadas ao abandono por falta de "verbas". Como prova disso, citamos o fato de

Loja Independente de Teosofistas

não ter sido ainda possível adquirir um único barco motorizado para a fiscalização da pesca, na imensa bacia hidrográfica deste Estado.

Resta-nos a esperança que o novo Governo encare com simpatia o crônico problema da pesca e tenha forças suficientes para mandar executar a lei com rigor e depois de saneadas as deficiências acima apontadas, nossa fauna aquática crioula repovoará nossas águas em tal abundância, que o peixamento artificial não será mais necessário, porque tão bons como peixe-rei, blac-bass, salmão e trutas são os nossos dourados, piavas, grumatãs e traíras, para alimentar este povo faminto.

23.5.63

OS PEIXES ESTÃO SUBINDO OS RIOS PARA DESOVAR

Se a natureza não tivesse provido os peixes de maravilhosa capacidade reprodutiva, com milhares, centenas de milhares de ovas em cada postura, hoje não mais existiriam os de água doce.

Na primavera realiza-se o milagre da "piracema", a instintiva peregrinação rumo aos remansos das cabeceiras dos rios e arroios para desovar. Nada os pode deter. Vencem todos os obstáculos naturais. Se o primeiro salto falhar, experimentam outros. Preferem sucumbir do que abandonar a luta com o rio. Muitos morrem de exaustão e acidentes e pela mão do homem ignorante e ganancioso.

O Governo, para garantir uma desova tranqüila e abundante, proibiu a pesca do jundiá nos meses de agosto, setembro e outubro e dos dourados, piavas e grumatãs nos últimos três meses do ano. Mas poucos são os pescadores que respeitam esta medida de conservação. Ao contrário, justamente na época do defeso eliminam os casais em viagem para o acasalamento.

Fecham os cursos d'água de lado a lado com incontável número de redes, postas aos pares, uma poucos metros perto da outra, para apanhar também aqueles peixes, que, saltando sobre a primeira, metem as cabeças na segunda. Batem tarrafas dia e noite sobre os cardumes que se aglomeram frente às redes ou os dizimam com bombas de dinamite e outras artimanhas destrutivas.

Como se todo este criminoso extermínio não bastasse, impressionantes espetáculos de irresponsabilidade pode-se ver em várias barragens do Rio Grande do Sul todas construídas sem escadas para os peixes, especialmente na do Fandango, trambolho maldito que a imbecilidade humana construiu no Rio Jacuí, junto à cidade de Cachoeira do Sul, de nenhuma vantagem para a navegação, já falida por falta de carga, devido à concorrência do transporte rodoviário. Todo mundo ali quer tirar peixe onde a pesca é permanentemente interditada.

Diante daquele alto tombo d'água, aglomeram-se como num rodeio, milhares de peixes, na ânsia louca de pular a barragem, espatifando-se contra a muralha de concreto e ferro, perdendo as ovas que chegam a toldar a água e são devoradas pela fauna aquática de pequeno porte.

Loja Independente de Teosofistas

Açulados pelas facilidades e ativados pela cobiça, pescadores locais e vindos de outras paragens, munidos de tarrafas, esquiartes (grandes arcos de ferro com sacos de rede e comprido cabo) e rocegas ou garratéias (linhas com pesada chumbada na ponta e vários anzóis de 3 fisgas) praticam verdadeiras carnificinas.

Este último aparelho é o mais mortífero, porque atirado sobre os cardumes e colhido aos puxões, dilacera vários peixes, até que fisga um por qualquer parte do corpo. Os feridos vão morrer nas tranqueiras, rio abaixo e empestam a água. Poucos exemplares conseguem passar a fatídica barragem de alguma maneira.

A escassez de peixe no Rio Jacuí acima, é tal que em Agudo, situado no outrora mais piscoso rio do Estado, consumiram Bacalhau da Noruega na última Semana Santa.

A Fiscalização da Pesca de Cachoeira do Sul, antes de 1962 ineficiente, devido a política, comodismo, desestímulo e falta de gratificações, etc., em virtude de um clamor público, foi entregue à Brigada Militar, da qual um Pelotão de soldados abarracou em novembro de 1963, junto à Ponte do Fandango, passando a exercer vigilância permanente.

Assim mesmo o peixe continuou a ser massacrado sorrateiramente de madrugada ou mesmo ostensivamente de ida, com o menor descuido da sentinela. Celerados assanhados, de toda espécie, inclusive tais acobertados por cargos e funções públicas, que se julgam superiores às Leis e queriam comer peixe de qualquer jeito.

Depois da "piracema" encurralavam os peixes na eclusa, para apanhá-los com mais facilidade, até que a pouca água matou numa noite, por falta de oxigênio, cerca de vinte mil exemplares, o que motivou um abaixo-assinado ao sr. Governador do Estado, reclamando contra aquela anarquia. Foi feito um inquérito, que não deu em nada. O plantão permanente da ponte foi retirado por falta de verba para diárias; a casa com beliches, holofotes para iluminar o rio, etc., prometida pelo sr. Prefeito, não foi construída e o pedido ao Governo Federal de ordenar a construção duma escada para peixes, não foi atendido. Assim ficou novamente livre o caminho para os contraventores.

Como no ano passado, o rio está seco e as tampas das comportas levantadas, impedindo a passagem do peixe, que está começando a se aglomerar diante da barragem.

Quem quiser ver as barbaridades que ali vão ser praticadas com toda fúria, poderá olhar da ponte o que acontece embaixo no borborinho d'água e ficará sendo testemunha do maior crime contra a Economia Popular que se possa imaginar.

No propósito de reprimir tão abomináveis abusos, este cronista, que há muitos anos conhece a questão, solicita aos 106 signatários do Memorial acima referido, colaboração de identificar os criminosos observados em flagrante delito e denunciá-los imediatamente ao Militar da Brigada Militar, no exercício da Fiscalização da Caça e Pesca em Cachoeira do Sul ou então telegrafar à UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA, para que possam ser alertadas as Autoridades Superiores.

Loja Independente de Teosofistas

Ao mesmo tempo pede que sejam denunciados os plantadores de arroz, que teimam em não prover suas bombas de recalque da tela protetora dos filhotes de peixes, para que possam ser tomadas as medidas punitivas.

Somente uma ação conjunta, séria e rigorosa, dos conservadores da natureza poderá surtir algum efeito.

13.9.63

Loja Independente de Teosofistas

VI

OS ANIMAIS TÊM DIREITO A SOBREVIVÊNCIA

Loja Independente de Teosofistas

OS ANIMAIS TAMBÉM TÊM DIREITOS?

Entre as 45.000 leis brasileiras há uma que trata da proteção aos animais.

Mas quem cuida oficialmente da execução dessa legislação? Diz que os animais são tutelados do Estado. Mas quais os advogados que os defendem contra seus algozes; quais os Juízes, sempre assoberbados por questões de mais alta relevância, que julgam os crimes cometidos contra as indefesas criaturas mudas?

Existe mesmo Proteção aos Animais?

Como se sabe, Entidades Privadas tomaram a si a execução do Decreto nº 24.645, de 10/7/34, que estabelece normas como devem ser tratados os animais pelos homens.

No Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, na Galeria Municipal nº 23, funciona a Associação Rio Grandense de Proteção aos Animais, eficientemente presidida por Dona Palmyra Gobbi Dias, cujos fiscais atendem as queixas levadas ali por pessoas de corações bem formados e tomam as providências necessárias, imediatamente.

O grande público disto não ouve nem nota muito; a não ser dos casos gravíssimos noticiados pela Imprensa e Rádio, que exigiram intervenção policial.

É justo que o povo, especialmente as pessoas que adoram os animais, fiquem sabendo o que ali é realizado, sem subvenção dos Poderes Públicos, apenas com os recursos provenientes das contribuições dos sócios e de donativos de simpatizantes — a título honorário e sem visar reconhecimentos — o que ali se acumula de fadiga e de sacrifícios pessoais, para acudir aos pobres seres perseguidos e necessitados — a quanto de incompreensão, de inimizades, de perseguições, difamações, vinganças e processos estão sujeitos os benfeitores por parte dos donos de animais, indiferentes, descuidados ou cruéis.

Os animais domésticos, não podendo ser mortos ou apanhados vivos como os silvestres, pelos caçadores, são horrivelmente maltratados por muitos de seus proprietários, que os consideram "bichos sem almas", como se não sentissem dores como todos os seres vivos.

São forçados a executar trabalhos excessivamente pesados e superiores às suas forças, mantidos em lugares antigiênicos, úmidos ou expostos à torreira do sol e à inclemência dos minuanos e noites de geadas, e apertados, onde não podem se deitar são mantidos acorrentados eternamente, sem conforto e mal alimentados, como certos cães de guarda, que nem casinha têm — são açoitados e batidos com porretes ou feridos com aguilhadas pontiagudas de pregos, por pura insensibilidade e brutalidade, como os bois carreteiros e lavradores; são deixados sem assistência veterinária, depois de feridos ou doentes — são atrelados com arreios em mau estado a veículos sobrecarregados

Loja Independente de Teosofistas

com excessivo peso, mesmo enfermos ou extenuados, como os cavalos de tração – são transportados para os matadouros, encerrados em número excessivo em vagões, caminhões e capoeiras, sem alimentos e água durante a longa viagem para o sacrifício, como o gado, porcos, galinhas.

O trabalho de proteção dispensado aos seres irracionais, que exige grande desprendimento e é muito mais difícil do que muitos pensam, é freqüentemente ridicularizado por ignorantes e estúpidos, que desconhecem a sublimidade dessa atividade que enobrece e aprimora os sentimentos do homem.

Especialmente na Colônia o trabalho de fiscalização e doutrinação exige coragem e paciência sem igual, porque os proprietários de animais não gostam de ser advertidos ou orientados e instintivamente se tornam inimigos de quem deseja proporcionar às pobres criaturas mudas um pouco de ajuda, alegria e felicidade.

Ao povo do Interior, mais recalcitrante ao acatamento da Lei, pedimos:

Façam uma experiência – Cheguem junto do animal que lhes ajuda a ganhar o pão de cada dia, que com sacrifícios ameniza suas vidas; que com sua fidelidade protege seu dono e cuida de seus bens – Afaguem-no com carícia, lhe falem com amor e doçura, reparem como ressurge nos seus humildes olhos um novo brilho de contentamento, como se processa uma grande transformação no seu comportamento, como ele se esforça para lhes demonstrar sua gratidão.

Assim dareis um exemplo – um grande e belo exemplo aos vizinhos e amigos e sentireis uma satisfação íntima de ter feito um bem e vos convencereis de que os animais têm alma e não merecem ser judiados.

DEUS abençoará as pessoas caridosas que ajudarem, de qualquer forma a mitigar os sofrimentos das SUAS pobres criaturas na sua curta vida dedicada ao serviço da humanidade.

O grau de civilização de um povo se avalia pela maneira como trata os seus animais.

2.3.62

VÍTIMAS DA CIÊNCIA

Milhões de animais, cães, gatos, macacos, coelhos e outros são sacrificados anualmente em nome da ciência, para fins de estudos e experiências.

Essas pobres criaturas são dissecadas vivas, na maioria dos casos, sem anestesia. Mais de 2.000 médicos são contra a vivisecção, a consideram infrutífera e declararam que os ensinamentos por meio de filmes científicos poderiam ser ministrados com maior eficiência. Disse o Dr. Franz Dejardins, primeiro cirurgião do Hospital dos Ingleses em Lutécia: "que todos ajudem, para que a brutal, bárbara, cruel, covarde e inútil prática da vivisecção seja banida dos países civilizados".

As monstruosidades da retalhação de animais vivos acontecem diariamente aos milhares, conforme documentos em nosso poder; são praticadas atrás de altos muros e portas fechadas, encobertas ao público e até negadas.

Loja Independente de Teosofistas

E os horríveis sofrimentos pós-operatórios ainda terão que ser suportados pelas infelizes vítimas, de plena consciência, porque ninguém lhes alivia as dores com uma injeção.

As brincadeiras macabras de estudantes de medicina com animais vivos, os ensaios de professores loucos, como aquele que insiste em enxertar uma segunda cabeça ou um coração artificial em cães, experiências que revoltaram a opinião pública do mundo, são casos criminais.

Se a morte algum dia já lhe arrebatou um fiel companheiro dos seus folguedos ou trabalho, um cachorrinho de estimação, deixando-lhe o coração sangrando de dor, compreenderá o imenso sofrimento e luto da moça, que encontrou sua criatura querida numa Clínica, toda cortada, amarrada numa mesa e muda, porque lhe seccionaram as cordas vocais.

Este impressionante fato está descrito no trabalho do renomado escritor italiano Curzio Malaparte, publicado nas Revistas "Mariedi", de Paris e "Sciença e Concienza", de Bolonha, sob o título – "O CACHORRO CRUCIFICADO" – traduzido e aqui reproduzido para alertar os proprietários de cães contra os perigos que rondam os seus melhores amigos.

– "REX" passava muitas horas estreitado aos meus pés, e sempre novamente se levantava, ia até a porta e se virava, para me olhar. Fui lhe abrir a porta. Ele apressou-se em sair correndo. Depois de uma, duas horas voltava arfando, o pêlo alisado pelo vento, os olhos brilhantes pelo passeio no sol. De noite levantava a cabeça para escutar a voz do rio, o gotejar da chuva. Quando me acordava, sentia sobre mim seu leve e quente olhar, sentia sua viva e amorosa presença, sua tristeza, seu angustioso pressentimento da morte.

Um dia ele correu embora e não voltou mais. Esperei por ele até tarde e quando caíu a noite, eu corria pelas ruas e chamava seu nome. Tarde de noite voltei para casa e me atirei, a olhar virado para a porta entreaberta, na cama.

Sempre novamente cheguei à janela e chamei e gritei por ele. De madrugada tornei a correr pelas ruas abandonadas, entre as mudas e decoradas paredes das casas.

Mal chegou o dia, apressei-me em ir ao depósito dos cães capturados. Entrei num quarto cinzento. Ali gemiam, chaveados em fedorentas gaiolas, cachorros esfomeados, que ainda tinham os sinais do laço no pescoço e que em breve iam ser eletrocutados, porque os seus donos não os vieram libertar.

O guarda me disse que meu cachorro decerto tinha sido atropelado ou roubado e vendido. Aconselhou-me a procurar os comerciantes de animais, que talvez o encontraria. Toda a manhã corri de um comerciante ao outro. Afinal o tratador de um miserável canil me perguntou se eu tinha estado na Clínica da Universidade, para a qual os ladrões costumavam vender por pouco dinheiro os animais destinados a experiências científicas.

Corri a Clínica Veterinária, mas esta já estava fechada, porque era meio-dia. Voltei para casa; nos meus olhos senti uma indefinida sensação de frio; eu pensava ter olhos de vidro.

De tarde voltei à Universidade e entrei na Clínica Veterinária. O coração me batia descontroladamente; mal eu podia caminhar, de tão fraca que estava e oprimida pelo medo, Perguntei pelo médico de serviço, disse-lhe meu

Loja Independente de Teosofistas

nome e o assunto que me levava à sua presença. O médico, um jovem louro e míope, com sorriso fatigado, me recebeu cortesmente; me olhou demoradamente, até que respondeu que faria o possível para me ajudar.

Ele abriu uma porta e penetramos num grande, limpo e claro quarto. Ao correr das paredes estavam postas em fileiras, como caminhas de uma maternidade, esquisitos berços em forma de violões; em cada um desses berços estava deitado, estendido de costas e amarrado, um cão, com ventre aberto ou com o crânio fendido ou com o tórax cortado. Finas cordas de aço, enroladas sobre torniquetes de madeira, como os que servem para esticar as cordas de instrumentos musicais, mantinham abertas as bordas daquelas horríveis feridas. Via-se bater o coração exposto; os pulmões com as veias dos brônquios, parecidas a ramagens, se inflar; o vermelho, brilhante fígado se comprimir suavemente; um leve tremer se espalhar sobre a branca, rósea massa encefálica; o emaranhado das tripas se desenrolar, vagarosamente, como um novelo de cobras, que despertam do entorpecimento.

E nem um suspiro se desprendia das entreabertas bocas dos cachorros crucificados. Quando entramos, todos voltaram os olhos para nós e nos fitaram com um suplicante, mas também suspeitante olhar; acompanhavam com os olhos todos os nossos movimentos; com os beiços tiritantes nos examinavam.

Presa no meio da sala, como petrificada, eu sentia meu sangue correr gélido pelos membros. Não podia abrir os lábios, não podia dar um passo. O médico pôs a mão sobre o meu braço e disse – "Coragem". Esta palavra me libertou de meu estupor. Podia me movimentar vagarosamente e me inclinei sobre o primeiro berço. E, lentamente, quando caminhava de berço em berço, me voltou o sangue à face; meu coração se encheu de esperança.

De repente vi meu Rex. Ele estava deitado de costas, com a barriga aberta, com uma sonda no fígado. Ele me fitava com singular ternura, com olhos marejados de lágrimas. Nenhum gemido soltava, respirava brandamente com a boca meio aberta, sacudido por um terrível tremor de febre. Me fitava teso.

Uma dor horrível, profunda, me invadiu o peito. "Rex" eu disse baixo. Meu Rex me olhava com uma expressão de estranha moleza. "Rex" eu repeti e me curvei sobre ele e lhe faguei a testa. Ele me lambia a mão, mas não soltava nenhum suspiro. Também os outros cachorros, estendidos e amarrados nos seus berços, me olhavam fixos, mas nem o mais leve gemido se ouvia.

De repente se desprendeu de meu peito um grito de horror. – "Por que este silêncio"? gritei; "O que significa este silêncio"? Era um silêncio profundo, absoluto; um silêncio de morte.

O médico se aproximou com uma seringa na mão e disse – "Antes da operação lhes cortamos as cordas vocais, para não alarmarem com seus gritos os vizinhos. Vou lhe fazer uma injeção. Ele não sofrerá mais".

Loja Independente de Teosofistas

Agarrei as mãos do médico entre as minhas e, enquanto as lágrimas me escorriam pela face, supliquei-lhe – "O Sr. terá que jurar que ele não sofrerá".

"Ele dormirá para sempre", respondeu. "Eu só desejaria uma morte tão leve como a dele". Fiquei parada diante do meu Rex, tremendo e chorando muito. Quando o médico se curvou sobre o berço, para aplicar a injeção, fechei os olhos para não ver meu querido Rex morrer e caí desmaiada. As emoções fortíssimas daquele inesquecível dia me fizeram perder os sentidos e a fé na bondade dos homens".

11.11.60

A TRISTE SORTE DOS CAVALOS

Era de se esperar que, pelo menos na Capital do Estado, se encontraria uma população suficientemente misericordiosa para não permitir a prática de brutalidade contra os animais de tração por parte daqueles que os aproveitam como seus auxiliares na luta pela vida.

Mas, sob as vistas complacentes e indiferentes de um povo civilizado, mas receioso de se incomodar e de sofrer represálias, continuam as barbaridades inúteis, o martírio cruel e desnecessário, atos de sadismo (prazer sentido com a dor alheia) praticados por elementos sem educação moral, diabos humanos, que trazem a tara da insensibilidade estampada nas caras.

Freqüentemente observamos, durante nosso serviço de fiscalização cenas de vandalismo, quando carroceiros irritados, perversos, desalmados, comodamente sentados nos veículos sobrecarregados, chicoteiam ou espancam com porretes, nas cabeças, nos lombos e nas virilhas seus cavalos de tração, especialmente quando atravessam atoladouros ou sobem ladeiras resvaladiças.

A esse respeito uma distinta dama porto-alegrense nos escreve:

"Fui criada e vivi num ambiente de bondade e compreensão para com os animais e, desde criança, tenho vivido o drama deles. Principalmente, nas imediações de alguma rampa, o porto-alegrense é acordado diariamente, menos aos domingos, pela madrugada, com o ruído dos berros de carroceiros e pauladas sobre os lombos daqueles infelizes animais que nos trazem o "pão nosso de cada dia" – que o diabo amassou. Confesso que até se perde a vontade de comê-lo ao lembrar-se quanto este pão custa de pancada ao pobre quadrúpede. Ultimamente já não se usa chicote e sim porrete.

Peço-lhe chamar, num dos seus artigos, a atenção das padarias para a selvageria praticada por certos repartidores e, principalmente, a das autoridades competentes.

Pois, se os animais estão sob proteção da Lei, cumpre às autoridades as necessárias providências sobre multas e punições ou, pelo menos, conceder

Loja Independente de Teosofistas

uma assistência eficiente à Associação Rio-Grandense de Proteção aos Animais, pondo à sua disposição alguns fiscais que, pela madrugada, examinem mais de perto as atividades dessa classe de carroceiros. Tenho observado que os animais de tração têm mais tino que os próprios condutores".

Também verificamos muitas vezes que o transporte de sucata de ferro, cacos de vidro e ossos, tudo carga de muito peso, nas carroças dos coletadores, do Interior para as Siderúrgicas, Fábricas de Garrafas e de Adubos, da Capital, Canoas e Niterói, precisava ser impedido pelas Polícias Rodoviárias, quando houver excesso de peso e se tratar de animal exausto. Aqui formulamos um pedido nesse sentido, pedindo a colaboração das Polícias de trânsito, federais, estaduais e municipais.

Outro ponto negativo desta questão são os indizíveis suplícios que sofrem as infelizes bestas de tração dos chacareiros e verdureiros, que, todas as noites, se aglomeram ao redor do Mercado Livre de Porto Alegre.

Amarrados junto às carroças ou atrás dum tapume, em minúsculo e lamacento curral, sem telheiro, localizado nos fundos da Prefeitura Nova, suportam chuvas, geadas e ventos, em pé, durante as longas noites da invernia. Os poucos que se deitam no barro ou no frio e úmido calçamento são os mais fracos e os doentes.

É lamentável que, hoje em dia, ainda existam carroceiros que não sabem quão importante é um tratamento bondoso aos animais para aumentar a produção do seu trabalho.

O milenar jugo do cavalo, o pobre escravo do homem, desde as Eras primitivas, que preparou a ascensão da humanidade, ainda vai continuar por muito tempo, porque é um problema de ignorância e maldade; porque a proteção aos animais é encarada pelo Poder Público com displicência e incompreensão, considerado como uma coisa sem importância, própria de sentimentalistas; porque os irracionais, mesmo sendo pela Lei TUTELADOS DO ESTADO, que devem ser assistidos em Juízo pelo Ministério Público, não podem reclamar, fazer greves, comícios, revoltas, nem representam eleitorado que precisa ser atendido, porque as Autoridades Policiais estão assoberbadas com os problemas de repressão aos crimes contra as pessoas e não dispõem de tempo para preparar inquéritos contra esses monstros que batem, judiam e ferem seus humildes companheiros de trabalho.

Será possível que a Sociedade continue olhando para o lado para não ver os espancamentos e não procure intervir contra esses crimes que depõem contra a educação moral de um povo civilizado?

Conclamamos as pessoas piedosas a darem um passo à frente, auxiliando com donativos e serviços a luta de proteção às criaturas mudas, sofredoras, dirigida com tanto idealismo e coragem pela admirável senhora, dona Palmira, digníssima Presidente da Associação Rio-Grandense de Proteção aos Animais, com sede em Porto Alegre, na Galeria Municipal nº 23.

11.8.61

Loja Independente de Teosofistas

RINHA DE GALOS

Na natureza, os galos selvagens só se batem valente e obstinadamente pela posse de alguma fêmea ou pelo pouso desejado.

Há cerca de três mil anos atrás, na Índia, donde os galos de briga são originários, os homens começaram a domesticá-los e a treiná-los para as lutas. E o esporte, dos mais antigos, de lances violentos, empolgantes e sangrentos, se espalhou pelo mundo inteiro.

Na antigüidade os romanos, apreciavam os espetáculos onde corria sangue e as lutas mortais.

Na Inglaterra várias vezes as pelejas foram proibidas e novamente licenciadas.

Na França o esporte galístico teve sua época de grande prestígio, mas atualmente está em decadência.

Na Espanha essas orgias de sangue são sumamente apreciadas, tanto como as tradicionais touradas.

Nos demais países da Europa o esporte não é apreciado.

Os norte-americanos gostam de combates rápidos e decisivos, mas em alguns Estados as rinhas de galos já foram proibidas.

Nos países da América Latina, inclusive o Brasil, há muitos afeiçoados entre quaisquer classes sociais e culturais.

E onde há uma luta, sempre há uma multidão de torcedores, incentivando com gritos os seus galos prediletos, que se ferem de morte nas arenas.

Dizem que os galos brigam por instinto, mas sabemos que são treinados e armados pelo homem, que adapta junto aos seus esporões afiadas puas ou navalhas para melhor se dilacerarem as carnes e para se cegarem com maior facilidade.

São organizados torneios e campeia francamente o jogo com altas paradas, tanto nos terreiros particulares como nas arenas dos rinhedeiros organizados em Clubes, que funcionam em qualquer parte, embora as rinhas de galos sejam proibidas pelo Decreto nº 24.645, de 10/7/34 (Lei de Proteção aos Animais).

Mas, como muitas outras Leis do Brasil, também esta só existe no papel, para inglês ver, porque tem sido freqüentemente transgredida, sendo difícil serem os infratores processados, porque as autoridades estão sobrecarregadas com delitos maiores e por se tratar apenas de pobres e indefesos animais.

Consta que alguns rinhedeiros até pagam impostos para funcionar, portanto, se for verdade, o descumprimento da Lei até foi oficializado.

A Imprensa noticiou que em São Paulo as rinhas de galos foram proibidas pela autoridade policial e em Canoas há alguns anos foram fechados os rinhedeiros.

Por que não se generalizará esta campanha antigalista pelo Estado afora?

Mas o tempo passa e os hábitos se modificarão sob a ação renovadora da civilização. Os sentimentos de compaixão e caridade para com os animais estão se manifestando em maior escala.

Loja Independente de Teosofistas

As pessoas sentimentais e religiosas consideram as brigas de galos uma barbaridade, uma cousa repugnante, brutal, horrorosa, antipática à nossa formação moral.

Que diriam essas pessoas, se tivessem assistido ao que vimos por acaso no Interior do Estado? Atraídos por uma grande algazarra que partia dum barracão, chegamos a tempo de observar o dono do galo vencido na luta, porque o seu adversário lhe havia vazado ambos os olhos, agarrá-lo, louco de raiva, e arrancar-lhe a cabeça, asas e pernas e depois atirar o corpo no chão e pisoteá-lo até transformá-lo em massa sangrenta informe.

Depois, sob os aplausos de seus companheiros, foi, com as mãos e roupa ensangüentados, ao botequim próximo, tomar um grande trago de cachaça.

Este ato horroso bastou para nos revoltar.

Criar galos com todo o carinho, para depois judiá-los até a morte é indigno de pessoas civilizados e só serve para destruir sentimentos nobres e brutalizar o caráter da juventude.

Falam em "humanizar" o esporte e contribuir com donativos para fins caritativos.

Mas como? Se é esporte ilegal que sempre será sangrento e produzirá prolongados sofrimentos nos lutadores? Humanizar de que maneira?

E pagar para fazer calar a oposição seria apenas entorpecer consciências com dinheiro sujo de sangue.

18.8.61

OS TICO-TICOS E O TRIGO

O tico-tico é pássaro muito útil, porque prefere regime alimentar animal, pois, segundo os naturalistas, consome cerca de 120 insetos por dia, auxiliando assim o agricultor no seu constante combate contra as pragas das lavouras e pomares e poupando as despesas com inseticidas, menos eficientes do que o bico do pássaro.

Come, também sementes de inço, limitando assim a propagação demasiada dessas plantas, que sufocariam outras úteis.

Embora as pessoas mais inteligentes reconheçam seus méritos, ele é injustamente culpado, por simples suspeita, de sementeiras falhadas em virtude do aproveitamento de sementes velhas, já sem vida, porque arranca, às vezes, uma sementinha da horta.

Os que o acusam levianamente, não consideram que, em compensação, cuida gratuitamente das plantações durante todo o seu ciclo vegetativo.

Como o homem é falso e egoísta e sempre pronto em acusar inocentes!

Ficou provado que, onde existe a vigilância dos pássaros, as colheitas aumentam de um-terço (1/3).

Para um perfeito policiamento dos campos de cultura são necessários 50 passarinhos por hectare.

Loja Independente de Teosofistas

Vejamos agora quanto pode o atraso mental e a imbecilidade dos colonos de certa região que denunciam os tico-ticos como devastadores dos trigais.

Cometem conscientemente uma tremenda injustiça porque ficou provado inúmeras vezes por exames locais, que, quando pretendem obter das autoridades licenças para sacrificar seus gratuitos auxiliares, é porque há alguma "passarinhada" projetada.

Não é possível existirem "bandos de tico-ticos", como alegam, em terras de "passarinheiros".

Não é possível, digo com convicção, porque os passarinhos, que, vindos de outras regiões onde são estimados como os filhos dos colonos e que escaparam na viagem às barragens de fogo de milhares de escopetas e às malhas das redes armadas nos pousos, quando aparecem naqueles imensos trigais, são logo perseguidos implacavelmente, mortos, fritos e comidos com polenta.

Foi verificado serem os ratos os culpados dos estragos nos campos de trigo, que de noite catam as sementes lançadas na terra e que na época da colheita avançam nas espigas do trigo.

A praga do rato aumenta sempre mais porque as corujas e os gaviões, seus inimigos naturais, também são mortos e comidos pelos "passarinheiros" viciados e insaciáveis.

No interesse da sua própria economia e até da sua sobrevivência, os agricultores terão que compreender mais cedo ou mais tarde a necessidade da proteção aos pássaros, abolindo sua caça, proporcionando-lhes condições de vida favoráveis, facilidades de nidificação e de criação de seus filhotes, que são alimentados exclusivamente com besouros, formigas, lagartas e larvas.

Se isto acontecer, serão poupados os milhões de cruzeiros agora gastos com inseticidas e ganhos incalculáveis valores agrícolas anualmente devorados pelos insetos nocivos.

A lei de proteção à fauna possui, ao lado do significado idealístico, uma eminente importância econômica, o que, na prática, ainda não foi, infelizmente, considerada em toda a amplitude pelo povo.

Mas espera-se que o homem se civilizará e voltará a ter espírito e coração, deixando de ser um bruto que quer sangue, um destruidor da natureza.

28.2.58

A RAINHA DOS BANHADOS

A Garça Branca é, indiscutivelmente, a mais linda ave aquática, admirada pelos amantes da Natureza, que tiveram a ventura de observá-la pescando ou quando ao cair da tarde, voa em bandos para o pouso ou ao disputar o melhor galho da árvore preferida para o pernoite ou durante o constante vaivém na alimentação dos filhotes nos ninhos, construídos em árvores baixas de ilhotas escondidas, todos reunidos, porque essas aves vivem em coletividade.

Loja Independente de Teosofistas

É ave útil e ornamental; se alimenta de peixinhos nas águas rasas, sempre dos mais fracos e menos ágeis, fazendo assim a seleção natural para manutenção do equilíbrio biológico. Come também sangue-sugas, lagartas e insetos.

As garças brancas quase ficaram exterminadas ao redor do ano de 1920, pelos matadores profissionais, que as perseguiram até os pantanais do Mato Grosso, em busca das suas cobiçadas "aigretes", penacho do peito que as enfeitam na primavera, naquela época muito apreciadas pelo belo sexo como ornamento de chapéus, cuja moda felizmente depois decaíu.

Com o advento do Código de Caça as garças foram declaradas aves protegidas e desde então os bandos estão se refazendo.

Ressurgiu, porém, nos últimos anos o perigo de novo aniquilamento para as garças brancas, não tanto por parte dos assassinos passionais que se dizem caçadores e que as derrubam pelo simples prazer de as ver tombar, mas porque parece que voltou a moda das aigretes.

Alguns comerciantes demasiadamente materialistas se tornaram compradores das preciosas penas, pagando-as a 20 mil cruzeiros por quilo.

Para avaliar toda a extensão da terrível matança, imaginai que para um quilo de aigretes precisam morrer 500 ou mais garças.

O matador insensível, cheio de requintes de perversidade, as procura no viveiro, abatendo-as nos ninhos, uma por uma, com balins calibre 22, com a maior facilidade.

O bando não foge. Apenas faz-se ao ar, após cada tiro. O amor materno as obriga a voltar junto aos seus filhotes.

Todas mortas, vai o assassino arrancar as valiosas plumas e volta satisfeito da sua macabra e vandálica ação. No dia seguinte procura outro viveiro e assim extermina as garças duma vasta região.

Fica o charco coberto de um alvíssimo lençol de corpos inertes e nos ninhos de pequeninos órfãos e biquinhos muito abertos, pedindo alimento, estão condenados à morte pela fome ou serão devorados pelas aves de rapina.

Tivemos o desprazer de chegar atrasados a um desses locais de chacina, no município de Triunfo, onde um bronco caboclo, já reincidente no mesmo crime, estava fazendo a sua safra, a mando de um capitalista sem entranhas, fomentador desse negócio sangüinário.

Foram confiscados a arma e 800 gramas de aigretes que já possuía em depósito e o infrator sofreu a multa de Cr$ 1.000,00, punição insignificante para tão monstruoso crime. A importância foi adiantada pela firma de P. Alegre, porque o matador é um miserável. Naturalmente o empréstimo vai ser pago com "aigretes".

Noutra ocasião, atraídos por enorme mancha branca, encontramos dependurados nos galhos baixos duma figueira, na beira dum banhado do Rio Taquari, no Município de General Câmara, mais de 200 garças mortas.

Pela terceira vez, no banhado do Chicolomã, por denúncia, localizamos um cemitério de mais de 500 garças, enterradas debaixo dos ninhos, numa ilhota.

Os criminosos, ambos posteiros de Fazendas, sofreram idênticas punições como no primeiro caso descrito.

Loja Independente de Teosofistas

Mas estamos certos de que estão continuando no seu apavorante serviço e não há esperança de que o abandonem, porque representa um substancial reforço ao seu minguado ordenado.

Toda a culpa cabe ao comprador, que, com a morte de milhares de garças, quer aumentar a sua fortuna.

Por estas colunas pedimos a todos os simpatizantes da nossa Campanha, que tiverem conhecimento de projetadas ou reais matanças das "RAINHAS DOS BANHADOS" na próxima primavera, que comuniquem pormenores e denunciam os autores à UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA ou ao SERVIÇO DE CAÇA E PESCA, para o procedimento legal, contra tão estúpido extermínio dum dos nossos mais lindos enfeites naturais vivos.

22.5.59

MATANÇA DE AVESTRUZES

Está se tornando realidade o que há muito temíamos – NÃO HÁ MAIS ESPAÇO PARA ANIMAIS SILVESTRES –. Uma espécie após a outra está desaparecendo do cenário da Natureza da terra gaúcha.

Grandes mamíferos, como a anta, o tamanduá bandeira, o cervo galheiro, o guará, a ariranha, a lontra já não existem mais. Capivaras e veados estão rareando.

Quanto às aves, o macuco, o jaó, o perdigão e outros galináceos, apreciados como caça fina, estão quase exterminados.

Agora chegou a vez da EMA (Rhea Americana), no Brasil conhecida como NHANDU, mas mais popular como AVESTRUZ.

Motivo: Dizem que foi levantado contra elas o terrível libelo acusatório de estragarem lavouras de trigo e que por isso estão sendo mandados perseguir pelos triticultores, com a anuência do Serviço de Caça e Pesca.

Mas no Serviço de Caça e Pesca nada consta, nenhuma reclamação foi apresentada, nenhum pedido de matança entrou. Advertimos os afoitos e boateiros que essas grandes aves continuam protegidas, por serem úteis à agricultura.

Somente podem ser deplumadas anualmente pelos proprietários rurais em cujas terras vivem, mediante uma licença especial (registro de deplumador de emas) e sob rigoroso cuidado para não serem sacrificadas na ocasião da captura para este serviço, estando abolido o uso das boleadeiras, que muitas vezes quebram as pernas das avestruzes.

Aqueles que as caçam são processados, multados em Cr$ 1.000,00 e perdem as armas.

Investigando o boato, verificamos que nas coxilhas de Soledade, Cruz Alta, Panambi, Carazinho, Tupanciretã, Júlio de Castilhos, etc., de fato ultimamente têm sido abatidas muitas avestruzes com o apoio de plantadores de trigo, mas contra a vontade dos criadores, que as apreciam, porque limpam os campos de um sem número de animais daninhos e ainda lhes proporcionam lucros com o fornecimento das penas, ovos e pepsina.

Loja Independente de Teosofistas

Como se já não bastassem seus inimigos naturais, como os lagartos que quebram os ovos nos ninhos com a cauda, para se regalar com o seu conteúdo, os gaviões e guaraxains, que lhe matam os pintos, o homem, o eterno destruidor, interessado nas penas, muito procuradas para a fabricação de espanadores, se torna ladrão de caça e as abate clandestinamente em campos alheios.

Já há regiões onde só por acaso ainda são encontradas.

Essas grandes aves, verdadeiros enfeites dos campos, andam em bandos, com várias fêmeas, capitaneadas por um só macho e são muito admiradas pelos turistas, que chegam a estacionar os carros ao lado das cercas, para observá-las pastando, correndo agilmente com uma asa levantada como uma vela, dançando, dando voltas, pulando em típicas cabriolas nas imensas campinas.

Também é um espetáculo maravilhoso observar o macho (é ele que se encarrega do choco e da criação dos filhotes) pageando um bando de pintos, e como os defende de seus inimigos. . .

Para que fazer desaparecer essas aves de grande valor decorativo e úteis em todos os sentidos?

A UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA, cumprindo seu programa de ação e devidamente autorizada pela Chefia do SERVIÇO DE CAÇA E PESCA, informa – NADA DE CAÇAR AVESTRUZES. – Não é verdade que a caça dessas aves foi liberada.

Ao contrário, estão sendo feitos estudos para aumentar a produção nos campos nativos e para criá-las em domesticidade, em paragens onde a insensatez dos caçadores as tornaram raras.

17.8.59

CEIFADEIRAS MECÂNICAS AVICIDAS

Em virtude da sempre crescente escassez de esconderijos e locais de nidificação naturais, como cercas, arbustos, touceiras, macegais, etc., várias espécies de aves silvestres escolhem os trigais e arrozais para berçários, expondo-se assim a terríveis perigos.

A ceifadeira mecânica está situada hoje em dia junto, em primeiro lugar entre os inimigos da fauna.

Anualmente são sacrificadas, estraçalhadas por suas navalhas, inúmeras aves do campo, especialmente perdizes.

Na primeira infância os filhotes, em vez de reagir fugindo à aproximação do perigo, costumam se agachar firmemente na terra, onde são massacrados.

Muitas aves em choco, que não abandonam em tempo os ninhos e outras que estão deitadas, descansando, são também alcançadas pela morte.

Coincidindo a época da colheita do trigo justamente com a da nidificação e criação, é incalculável o estrago produzido pelas ceifadeiras, mesmo se o agricultor as conduzir com cuidado, resultando em mais e mais vítimas do progresso, nos próprios locais dos nascedouros.

Loja Independente de Teosofistas

É lamentável que, na nossa era técnica, ainda não se tenha inventado um aparelho, que, anteposto à máquina, afugente as aves e evite, pelo menos até certo limite, o extermínio da caça.

Lemos que, na Alemanha, existe o mesmo problema e que todas as experiências feitas com aparelhos protetores, se demonstraram na prática como ineficientes. Agora acabam de instituir um prêmio de 3 mil marcos para o inventor de um aparelho "Salvador da Caça".

A União Protetora da Natureza convida todos os caçadores e idealistas da proteção animal, para concorrerem ao citado concurso, apresentando sugestões sobre construção de um preventivo barato e de fácil adaptação nas ceifadeiras, capaz de evitar a mortandade acima descrita.

Para completar este triste quadro de destruição da perdiz nova na primavera, temos as estúpidas queimadas de campos e a prática de certos tratoristas, que de cima das boleias, atiram às aves que fogem ou alçam vôo na frente das máquinas, sistema de caça que oferece grandes safras, mas é calamitoso para a sobrevivência das espécies.

Em relação a esses "matadores" montados em tratores, estimaríamos receber denúncias devidamente legalizadas, para que possam ser processados como transgressores do Código de Caça. Todo o esforço será pouco para se conservar a caça, sempre mais ameaçada por novos sistemas de destruição, oriundos da mecanização da lavoura.

2.10.59

A MODA, DESTRUIDORA DA FAUNA

Houve um tempo em que as lindas e valorosas plumas dos avestruzes africanos, pretas, cinzas e brancas, eram o máximo da elegância em enfeites para os grandes chapéus femininos daquela época, e ainda hoje são muito usadas nos vistosos trajes das artistas de operetas e cinema.

Depois entrou na moda, como último "chique", adornar os chapeletes do sexo frágil com colibris preparados, essas jóias cintilantes da natureza.

Mais tarde chegou a vez da garça branca, cujas belas "aigretes", que as enfeitam na primavera, quando cria seus filhotes, eram cobiçadas para o mesmo fim, sendo milhões dessas alvas aves abatidas nos ninhos.

Essas três espécies da nossa avifauna, quase exterminadas para suprir os chapeleiros, hoje são protegidas por lei, mas assim mesmo são caçadas e comerciadas clandestinamente, em face da deficiência da fiscalização, que não confisca os chapéus ornados com suas penas, como fizeram em outro país com o da esposa de um embaixador, fato muito comentado pela imprensa.

A moda dos abrigos de peles, usados por vaidosas damas de recursos, ocasionou o massacre de várias espécies de animais de pêlo fino, como do castor, da raposa prateada, do lobo marinho, da iuinha, da zebelina, da chinchila, espécies de outras terras e das nossas lontras e nútrias, também comuns na Argentina, Uruguai e Paraguai.

Loja Independente de Teosofistas

Em Londres e Viena, centros peleteiros, entram anualmente milhões de peles provenientes da América do Norte, Canadá, Brasil, etc., terras de extensas áreas selvagens.

A chinchila, pequeno roedor da Argentina, onde vivia aos milhões nos pampas, entre Buenos Aires e a Cordilheira dos Andes, foi tão sacrificada pela cobiça da moda por sua lustrosa pele, que hoje está praticamente extinta. Houve matanças inauditas, verdadeiros banhos de sangue; até com dinamite foram mortas.

A caça de animais de pêlo fino é fomentada e financiada pelo trust dos grandes barraqueiros, estabelecidos em todo mundo nas regiões de produção.

No Rio Grande do Sul, a lontra está liquidada. A caça da nútria (ratão do banhado) é feita por ratoneiros profissionais, legítimos ladrões de caça, que vivem escondidos durante o inverno nos fundos dos banhados e usam as trampas de aço, que lhes são emprestadas pelos poderosos negociantes de peles, únicos compradores, que assim podem fixar o preço a seu bel prazer, auferindo lucros fantásticos na exportação clandestina, ou melhor, contrabando.

Hoje em dia já existem criadeiros artificiais de mamíferos de peles finas, que não sofrem o suplício das armadilhas, quando escolhidos para o abate, mas estes criadeiros apenas fornecem pequena parte do consumo.

É bom que o sexo feminino, especialmente as meninas dos colégios, dentre as quais sairão as futuras portadoras de capas de peles, fiquem sabendo como são apanhados e mortos os pobres bichos, de cujas pelas se fazem os luxuosos e tão requisitados abrigos.

Ao anoitecer, o ratoneiro coloca as suas armadilhas nos carreiros feitos pelas nútrias dentro da palha do banhado. Pisando na ratoeira, a vítima fica aprisionada pela patinha, contorcendo-se em dores horríveis e fazendo inúteis tentativas para se libertar. Finalmente cai exausta e passa a noite em amarga resignação, esperando a morte, com a perna sempre e cada vez mais inchando e o corpo em febre.

Ao clarear o dia, sentindo-se perdido definitivamente, às vezes corta, com os dentes, o membro preso, antes da aproximação do assassino, fugindo assim da morte certa.

Não conseguindo soltar-se, fica sentada, tremendo, com os olhinhos suplicantes de compaixão, voltada para o insensível matador e, quando este levanta o cacete para desferir o golpe mortal, esconde a face atrás das suas pequeninas patas.

Certa ocasião encontramos presa numa armadilha uma lontra e, ao libertá-la, a mesma caiu morta, fulminada por um colapso cardíaco, enfraquecida durante uma noite de exagerados esforços para libertar-se.

Lembrem-se — 30 ou mais vidas de inocentes e inofensivos bichinhos são sacrificadas para a confecção de um único abrigo de peles.

As senhoras e moças, de corações tão sensíveis e bondosos, compreendendo o sofrimento, a angústia e o horror dessas noites tenebrosas, à espera da morte, por que passam as pequeninas vítimas da moda, do luxo e da vaidade, certamente deixarão de comprar abrigos de peles, que encerram tantas

Loja Independente de Teosofistas

lembranças impressionantes, substituindo-os pelos modernos tecidos felpudos de nylon, mais leves e flexíveis, mais elegantes, baratos e duráveis.

Esta é uma esperança da União Protetora da Natureza, que procura comover o sexo fraco pela sorte das indefesas criaturas, expostas à sanha mortífera do homem, por sua causa.

30.10.59

BARBARISMO NOS RANÁRIOS

Está se tornando cada vez mais cobiçado entre os apreciadores de "bocados esquisitos", pessoas de "fino gosto", o prato "Coxinhas de Rãs".

Fomos testemunha de abominável crime, praticado para lograr esse produto procurado pelas "cozinhas finas" ou por gente que a nosso ver possui paladares depravados.

Certa noite, viajando pelo alto de uma colina, avistamos ao longe, na baixada, luzes se movimentando dentro dum banhado.

Em razão de nosso ofício, julgando tratar-se de arrastão de rede, nos aproximamos cautelosamente a pé, e, durante algum tempo observamos, escondidos atrás de arbustos, 3 homens caminhando dentro d'água, munidos de lanternas elétricas e varas com arcos numa das pontas, guarnecidos de rede fina, semelhantes aos que se usam para apanhar borboletas, os quais pegavam rãs, metendo-as dentro de sacolas.

De vez em quando um deles vinha até a beira, para entregar a sacola a um guri, sentado junto a um candieiro.

Este tirava uma por uma as rãs da sacola, cortava-lhes as coxas com uma tesoura e atirava os corpinhos mutilados de volta ao junco.

Com horror avistamos a cena macabra: Dezenas de rãs, contorcendo-se de dor, nadavam ao redor, remando com as pernas dianteiras, deixando atrás de si um fino filete de sangue.

Pelo simples fato de interpelar o jovem martirizador: – "Mas o que tu estás fazendo?", este se levantou num pulo, agarrou a cestinha com coxinhas de rãs e atirou-se, como capivara assustada, para dentro d'água, gritando: "Popá, popá, venuto fiscali, bruta bestia", o que prova sua plena consciência do mal que praticava e que já estava de espírito prevenido contra possível fiscalização.

Lá adiante, no banhado, apagaram-se imediatamente as lanternas e alguém gritou: "Cúri, Cúri, che nó egli te capa, figlio", seguindo-se algumas conhecidas blasfêmias em língua estrangeira. Depois ouvimos forte chapinhar na água, do pessoal em fuga para o outro lado do banhado, levando aguapés pela frente. Chegando em terra firme, correram pelo campo, atirando-se numa camioneta e saíram em desabalada carreira, de luzes apagadas, fugindo à ação fiscal.

Com sentimentos de indignação o nojo contra os desalmados raneiros, durante meia hora não fizemos mais nada do que apanhar de novo os pobres bichinhos e matá-los, para livrá-los de seus sofrimentos. É profundamente

Loja Independente de Teosofistas

desagradável que, sempre somos nós que topamos com essas barbaridades que revoltam.

Fomos ainda procurar o proprietário das terras, altas horas da noite, para ver se conseguiríamos saber os nomes dos "raneiros" ou pelo menos o número da placa do carro.

O fazendeiro ficou revoltado e desabafou: "Não sei quem foi que entrou hoje na fazenda. Sei que esses tarados costumam vir da banda de lá do rio Caí, e pertencem a gente dos que comem tudo que se mexe na natureza, porque coloquei placas em toda a divisa, mas não respeitam a proibição". "Se não são passarinhos, são rãs, ou corujas, quero-queros e até galinhas ou peixes com redes de arrastão, que vêm matar, fugindo sempre, quando são encontrados em flagrante. Para me livrar dessa gente sem vergonha, só me resta meter-lhe fogo, carregando a arma com sal em vez de chumbo, o que vou fazer de agora em diante".

É uma vergonha, que por causa de poucas gramas de carne, algumas pessoas, que não se contentam com a alimentação normal, cometam tamanha atrocidade, arrancando as pernas de animais úteis. A destruição impiedosa das rãs, que se alimentam de moscas e mosquitos, conduzirá fatalmente ao aumento perigoso dessa bicharia nociva.

Especialmente para os espíritos jovens, a prática desses horrores deve ter uma influência devastadora.

As crianças depois também não deixarão de martirizar animais maiores e dos crimes contra animais até aos crimes contra pessoas, mais tarde, apenas é um pequeno passo. . .

Solicitamos aos simpatizantes da nossa Campanha o obséquio de denunciarem à UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA os culpados de casos semelhantes, que presenciarem, para que possam ser punidos, de acordo com as Leis da Caça e da Proteção aos Animais.

11.3.60

PESCARIAS DE QUERO-QUEROS

A proteção à Natureza não pode ser retardada ou afrouxada, sob pena de perdas irreparáveis, tanto na flora como na fauna.

Com esta crônica vamos denunciar o perigo que ameaça o Quero-Quero, a ave campesina mais conhecida da terra gaúcha, a sentinela dos pampas, o guarda das beira-rios e dos banhados.

Não se pode pensar numa bela madrugada no campo, sem evocar o grito característico do quero-quero, quando saúda o novo dia que alvorece.

Mas ele é odiado pelos caçadores, porque vem ao seu encontro, em atitude provocadora e depois levanta o vôo, com gritos estridentes e, revoluteando sobre os intrusos, alarma e espanta a caça. Denuncia também o homem escondido no brejal.

Existem "matadores" de maus bofes, que se vingam dessas utilíssimas e bem-queridas aves, deixando-as mortas ou feridas nos locais de caça, como temos verificado muitas vezes, com sentimentos de revolta.

Loja Independente de Teosofistas

É grande a perda advinda desta falta de educação cinegética e de consciências mórbidas, praticadas às encondidas dos proprietários rurais, que estimam os quero-queros como excelentes limpadores dos campos.

Mas maior ainda é o prejuízo provocado por marmanjos vagabundos, que os apanham, fisgando-os com anzóis, para vendê-los como guardiões de hortas e quintais.

É claro que, engulindo o anzol, a ave morre em poucos dias, sofrendo o comprador ludibriado, prejuízo certo.

O quero-quero é também encontrado freqüentemente nas sacolas e pencas dos "passarinheiros", gente de gosto depravado, que come tudo, desde a corruíra até o papagaio, não refugando sequer gaviões e corujas. Porcaria.

Em toda parte onde os "gafanhotos humanos" aparecem ou se estabelecem, desaparece rapidamente a fauna.

Disto tivemos mais uma prova no município de Canoas, no domingo, dia 29 de maio. Para os lados do Rio dos Sinos e Arroio das Garças, no Mato Grande e Machadinho, há grandes chácaras de hortaliças, para suprimento do consumo da Capital.

Entre os horticultores ali estabelecidos existem alguns de origem, de acentuada tara avicida, os quais, já tendo abatido quase todos os passarinhos da zona para preparar as suas tradicionais "passarinhadas com polenta", agora passam a aniquilar os quero-queros, para "fazer sopa", sob o absurdo pretexto de ser ave nociva, porque pisoteia as sementeiras, amassando as plantinhas com as patas.

Imitam os moleques vadios, usando anzóis iscados com minhocas, para fisgá-los, o que sai mais em conta, do que gastar cartuchos.

É sabido que muitos plantadores de poucas luzes ou tarados, preferem ver as aves nas panelas, do que vivas, servindo-lhes como auxiliares no combate aos insetos nocivos.

Tanta ignorância ou perversidade devia ser punida especialmente como crime, além da multa de mil cruzeiros que o Serviço de Caça e Pesca tem aplicado a esses idiotas viciados.

Encontramos ao redor das casas dos "passarinheiros" da mencionada zona, em diversos lugares, camadas de penas de quero-queros, bem-te-vis, barreiros e sabiás, certamente ali depositadas bem à vista, para bonito e lembrança, como incentivo para novos massacres.

Nenhum dos culpados foi capaz de nos mostrar uma única sementeira pisoteada pelos quero-queros, nem estragos produzidos nos legumes pelos pássaros.

Vimos, sim, nos canteiros, pisados de gado, que entra furtivamente nas chácaras e de cachorros, que correm atrás de lebres, o que os cultivadores consideram como um mal natural.

Todos receberam muito mal a visita da fiscalização; alguns ameaçaram, querendo proibir a vistoria ou ridiculizaram a ação fiscal, exigindo do Governo um destacamento de funcionários para espantar os quero-queros ou declarando que continuariam as matanças, porque nas suas terras fazem o que querem, etc.

Loja Independente de Teosofistas

Não havia argumentos para convencer aqueles homens maus do seu erro.

Diante das provas, foram todos autuados.

A fim de bem esmiuçar o assunto, visitamos também os plantadores vizinhos, afirmando todos serem os quero-queros e todos os passarinhos insetívoros, seus protegidos, pelo excelente serviço de limpeza que prestam nas áreas de cultivo.

Unanimemente criticaram os seus vizinhos "de origem", como tarados comedores de pássaros.

Ficamos agora conhecendo mais uma zona, tão próxima à Capital, que precisa ficar sob constante vigilância da fiscalização, para que terminem as horríveis pescarias de quero-queros para fazer sopa.

10.6.60

O RATÃO DO BANHADO (NÚTRIA)

Não é animal nocivo. – Vive nos grandes tremedais inacessíveis ao gado, onde se alimenta de plantas aquáticas.

Há 40 anos abundavam no Rio Grande do Sul, em toda parte onde havia água, principalmente nos grandes banhadais do Taim, do Colégio, do Pacheco, do São Gonçalo e dos marginais de todos os rios gaúchos, hoje já em grande parte drenados para cultivo de arroz.

Desde então vem sofrendo implacável perseguição por parte dos "ratoneiros" profissionais, assalariados dos exportadores de peles, que aqui vieram se estabelecer e enriquecer com a nossa ignorância, que deixa-os destruir uma das mais preciosas espécies da nossa fauna.

A maioria dos caçadores são ladrões de caça, que invadem as fazendas de criação, levando além dos ratões, também ovelhas e porcos.

Outros trabalham em parceria "à meia" com os fazendeiros. Acampam no inverno nas ilhas e orlas dos banhados, formando charqueadas de ratões, que de longe se denunciam pelo mau cheiro.

Noite por noite armam suas ratoeiras de bater, nas trilhas dos brejais e de manhã cedo as recolhem com os pobres bichos presos por uma perna, com o osso quebrado, depois de uma longa e tenebrosa noite de angústia e sofrimentos, matando-os com uma paulada na cabeça.

O miserável caçador, enfrentando as intempéries invernais e perigos sem conta, é explorado pelo magnata peleteiro ladino, em cuja dependência sempre se encontra, porque recebe adiantamento de dinheiro e empréstimo de ratoeiras.

O grande exportador "forra o poncho" com o sacrifício de um animal silvestre protegido por lei e ainda sujeita a espécie ao extermínio.

Como o Código de Caça faculta a exploração de criadeiros artificiais de nutrias, o homem rico registra um banhadinho incapaz de produzir 50 ratões e, sem fazer qualquer encerra, frauda a lei, incluindo na sua própria safra todos os couros adquiridos dos caçadores furtivos da respectiva região.

Loja Independente de Teosofistas

O recolhimento dos couros acumulados nos ranchos dos fundos das fazendas é feito com muita cautela, geralmente de noite, no bom estilo dos contrabandistas.

A exportação dos couros é feita para o Uruguai e à Argentina, onde existem curtumes especializados de peles finas, que têm grande valor para confecção de luxuosos abrigos femininos.

Em 25 de junho deste ano, um caminhão, transportando 7 fardos com 752 couros de nútrias, vendo-se perseguido por funcionários da Alfândega de Pelotas, atirou fora, na corrida a preciosa carga, conseguindo os contrabandistas fugir da ação fiscal e do processo.

Em virtude da falta de condução durante o período da safra do ratão do banhado, o Serviço de Caça e Pesca não pôde realizar buscas em tempo e quando chegou aos locais denunciados, já encontrou os depósitos vazios.

Os barraqueiros de grandes recursos foram mais uma vez mais rápidos do que a fiscalização, que tem eternas dificuldades para se locomover.

Perdeu-se assim mais uma oportunidade de confiscar alguns grandes lotes de couros, de milhões de cruzeiros no valor, que foram contrabandeados para o estrangeiro, em pura perda para a nossa economia.

Em breves anos nos restará apenas a lembrança de um dos mais valiosos representantes da nossa fauna.

Com profunda tristeza, os conservadores e amantes da natureza estão observando como desaparecem nossos maravilhosos recursos naturais, devido o desinteresse das altas autoridades incumbidas da sua guarda, que vêm esquecendo na distribuição das verbas para execução das leis, as suas Delegacias do Interior.

4.10.63

"SAFARIS" NO BRASIL

Enchem-se de dor e de sentimentos de revolta os corações dos brasileiros patriotas e amantes da natureza, quando surgem notícias alarmantes como a publicada no número de junho do corrente ano ano da Revista CAÇA E PESCA, de São Paulo, que a seguir comentamos.

Um grupo de norte-americanos formou uma empresa destinada a organizar expedições de matança de animais silvestres nas selvas do Brasil, nos moldes das caravanas de caçadores, em moda na África, onde já estão rareando os elefantes, leões, girafas, zebras, búfalos, rinocerontes, antílopes, gazelas, etc., cobiçadas pelos lindos troféus que proporcionam aos matadores estrangeiros de elite, de largos recursos.

A fim de evitar o extermínio total das espécies da fauna africana, foram criados diversos grandes Parques de Refúgio e Criação de animais silvestres, como os de Kênia e de Serengetti, nos quais os turistas somente podem entrar acompanhados de guias e caçar determinadas espécies, pagas a alto preço, sendo livre a "caça" com aparelho fotográfico.

A nova Companhia de "safaris" criada no Rio de Janeiro, Copacabana, Caixa Postal nº 390, se propõe de organizar excursões de caçadas de 10, 20

Loja Independente de Teosofistas

ou 30 dias em Mato Grosso, Amazonas e na Ilha de Marajó, acompanhados de guias experimentados, sendo que a despesa, por pessoa, tudo incluído, para 10 dias, é de 400 a 800 dólares (100 a 200 contos), conforme o local de caça escolhido.

Os caçadores grã-finos estão sendo informados pelo Serviço da Empresa da Pan-American Worl Airways que nas selvas do Brasil existe caça em abundância, como antas, búfalos, onças, cervos, veados, etc., e muitas espécies de aves silvestres, e que as zonas de caça podem ser atingidas pelos aviões a jato em cerca de 8 horas de vôo.

A nosso ver, os gentlemen "snobes", pesados de dólares, não perderão a oportunidade de saciar a sua extrema vaidade, assassinando indefesos seres, de tocaia, bem protegidos pelos guias e capangas, desprezando as leis universais de respeito à vida dos irracionais, como fizeram os turistas que freqüentaram o Hotel de Luxo no Amazonas, para obter fotos que os mostram "heroicamente" com suas presas mortas, sem arte nem coragem, e para se vangloriar com os troféus conseguidos com seu vil metal.

É certo que vai se encher de lucros a Companhia Estrangeira de "Safaris" à custa da nossa já muito escassa fauna e isto com desrespeito da nossa Lei da Caça, pois a propaganda já acena com a matança de animais de pêlo protegidos, como antas, cervos, lontras, ariranhas, tamanduás, todos raríssimos.

E os magnatas do dinheiro oficialmente serão licenciados pelo Governo, na Divisão de Caça e Pesca, por 30 dias de morticínio, à razão de Cr$ 500,00 (2 dólares) por caçador, podendo bater fogo na nossa fauna à vontade, porque fiscais no sertão do Brasil não existem, a não ser um único, escalado para Aragarças!!

Só acreditaríamos em cumprimento do Código de Caça, se cada "safari" fosse acompanhado de um fiscal de coragem, infenso a dólares, para cuidar do número de peças e das espécies protegidas.

Que naquelas regiões sertanejas realmente não há fiscalização, diz o telegrama assinado pelo Fiscal da Caça e Pesca de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, sr. Armando Telli, o qual, numa viagem a Brasília, observou o seguinte estado de abandono no setor da caça e pesca. O teor do telegrama é este, que recebemos em fevereiro: – "Na estrada Belo Horizonte-Brasília encontrei centenas de tendas vendendo peixes de grande porte, todos pescados com bombas de dinamite e "paris", aqui denominados chiqueiros. Vi rios mais filtrados por aparelhos proibidos do que nosso Rio Carreiro. Encontrei seis caravanas de caçadores paulistas com perdigões, veados e antas, abatidos neste período do defeso. Nas imediações da nova Capital destroem mais do que na nossa região".

Esses massacres já chegaram ao conhecimento de Sua Excelência, o sr. presidente da República, o primeiro Chefe da Nação que se interessa pela proteção das nossas riquezas naturais, e, alarmado com essa anarquia, expediu um "bilhete" ao sr. Ministro da Agricultura, para fazer valer o Código de Caça, proibindo os "banhos de sangue" entre os animais selvagens, na Ilha do Bananal, no Pantanal do Mato Grosso e no Distrito Federal, determinando ainda

Loja Independente de Teosofistas

que o Exército colabore na repressão. Mas, a nosso ver a execução desse serviço vai ser dificílima, mesmo se fosse transferida para o sertão toda a força militar federal do Brasil, porque nossa gente tem a indisciplina no sangue, estando já agora os inconformados saudosistas do velho trote do relaxamento falando que "5 anos se passam ligeiro e depois voltará tudo para o regime da regalia absoluta".

A UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA protesta publicamente contra o morticínio premeditado apregoado pelos organizadores dos "safaris".

Manifestamos nosso repúdio contra os turistas invasores da nossa terra que aqui vêm despojá-la dos seus recursos naturais vivos, engrossando as fileiras dos destruidores crioulos, entre os quais sobressai a grã-finagem nacional.

Denunciaremos todos os casos sobre transgressões do Código de Caça e sobre exportação clandestina de troféus de caça, que chegarem ao nosso conhecimento.

Não podemos compreender que nas Alfândegas se processe a exportação de couros de animais protegidos, mediante o pagamento de irrisórias taxas, o que significa contrabando oficializado. Parece que não existe entrosamento nesse sentido entre os Ministérios da Agricultura e da Fazenda.

28.7.61

DIFÍCIL PIEDADE HUMANA

Nos países civilizados, o homem necessitado encontra suficiente amparo pelas leis sociais, que lhe garantem pronto socorro médico, remédios, hospitalização, seguro contra acidentes, férias, aposentadoria para lhe amenizar a vida e se tudo isto falhar, basta estender a mão e a caridade pública o auxiliará para não morrer de fome.

Ao contrário, os animais não recebem nenhum desses benefícios. Para eles não há justiça. Os que convivem conosco, com poucas exceções, passam sua curta vidinha cheia de atribulações e a terminam nos matadouros ou sendo retalhados pelos bisturis dos estudantes de medicina, vivos sem anestesia.

Os animais silvestres, desde o nascimento, só podem esperar a perseguição e o tiro do caçador.

Que clamorosa injustiça, pensando-se que todos os seres vivos são criaturas do mesmo Pai Celestial.

Os irracionais ainda continuam desprotegidos contra todos os males, expostos ao livre arbítrio e despotismo, indiferentismo e crueldade do homem, apesar dos esforços das poucas pessoas que procuram defendê-los. A maioria da população acha que na Era Atômica não há mais tempo para cuidar dos sofrimentos dos animais e os poucos que o fazem são olhados com ironia e debochados por toda uma classe de insensíveis materialistas.

A desigualdade de tratamento se pode observar diariamente nas grandes rodovias de intenso movimento, em casos de acidentes de tráfego. As pessoas

Loja Independente de Teosofistas

feridas são imediatamente socorridas e transportadas aos hospitais, onde ficam sob cuidados médicos, enquanto os animais quebrados são arrastados para fora das estradas e atirados nas valetas, onde, expostos ao sol ou chuvas, ficam durante muitas horas e até dias penando até morrerem de fome, sede ou gangrena dos ferimentos, tudo isto sob as vistas de muitos milhares de curiosos insensíveis e indiferentes.

Em caso de doenças, os animais de tração, extenuados, fracos, enfermos ou feridos são levantados sob açoites, para trabalharem abaixo de contínuas batidas, até cair, quando então são largados no campo, para morrer à míngua. Sempre é difícil descobrir os nomes dos donos responsáveis pelo abandono dos animais, para obrigá-los a enterrar as vítimas de suas brutalidades.

Quanto à liberdade, que é o maior bem da vida, o homem é grande e incorrigível egoísta – e quer integralmente para si, mesmo se for criminoso e precisar estar na cela. No entanto prende seu melhor companheiro, seu fiel cão, guarda de seus bens e de sua vida, em curta corrente, insensível aos seus uivos de desespero, reclamando contra a fome, sede ou a prisão injusta, que o mantém imóvel e isolado, quando tanto deseja correr um pouco.

Também enclausura passarinhos, esses inocentes seres acostumados à ampla liberdade do espaço e das matas e campos, esses lindos cantores alados, em minúsculas gaiolas, das quais só sairão depois de mortos.

Só em Porto Alegre morrem anualmente 20 mil avezinhas nos meses de janeiro a março, quando essas infelizes vítimas do egoísmo ficam aos cuidados de pessoas relaxadas, na ausência das famílias em férias. E como é fácil substituir o que morreu de fome ou sede; basta ir aos estabelecimentos dos que vivem do abjeto negócio de animais vivos e comprar outro.

Todos alardeiam que gostam de "bichinhos", tão queridos quando pequeninos, mas que depois de crescidos, se tornam indesejáveis para certa gente comodista, pelas manifestações do sexo e exigências de manutenção, cara e que demanda tempo.

Então a solução simplista é largá-los na rua (cães vira-latas e gatos alçados) ficando os infelizes desprezados à mercê de maus tratos e perseguições, quando à procura de alimentos, sendo freqüentemente espancados, atirados, esfaqueados e até queimados com água fervente.

Como é difícil despertar a piedade em coração de granito.

Mas a UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA procurará sempre despertar a compaixão adormecida na mente das pessoas nobres, que tanto auxiliam as Instituições de beneficência ou diretamente os pobres e sofredores, para que se lembrem também dos seres irracionais, que não podem pedir nada para mitigar a sua infelicidade.

12.7.63

Loja Independente de Teosofistas

VII

PROGRESSO?

Loja Independente de Teosofistas

A RETIFICAÇÃO DO RIO DOS SINOS

É de estranhar que um perfeito conhecedor do Vale do Rio dos Sinos tenha concebido o fantástico plano de retificar esse curso d'água desde Três Portos até Passo do Mundo Novo (cerca de 20 léguas) pela construção de diques em ambas as margens e escavação de um canal novo em terra firme, para salvar das enchentes as localidades ribeirinhas; para recuperar milhares de hectares de terras de banhados para a "batalha da produção"; para apressar o escoamento e a purificação das suas águas poluídas pelas indústrias e curtumes; para ressuscitar a navegação, encurtando distâncias e aprofundando seu leito; para sanear vasta zona de várzeas inundáveis, construindo estações de bombas para esgotar as águas pluviais e de infiltração em caso de enchentes e canalizando 25 grandes e pequenos arroios afluentes; para construir pelo banhado uma rodovia de Novo Hamburgo até Lomba Grande, etc. e tal.

Nada mais fácil na teoria do que traçar no mapa, sobre o sinuoso curso do rio e áreas adjacentes, algumas linhas retas, cortando-lhes curvas e meandros, dando-lhe novo curso retificado no papel.

Mas, arrumar as astronômicas verbas federais para execução de obras de tal vulto é o que será irrealizável, tratando-se de um plano regional sem importância e sem necessidade, havendo tantos problemas de inadiável e vital interesse público a resolver por este Brasil afora.

Pessoas interessadas no caso, políticos e administradores se entusiasmaram pelo estrambólico plano, mas talvez nem imaginaram quantos bilhões de cruzeiros seriam precisos para realizá-lo, nem talvez mandaram fazer levantamentos e calcular orçamentos, nem lhes serviram de exemplos desanimadores os diques contra enchentes, que há vinte anos estão sendo construídos ao redor da Capital com despesas fantásticas, os quais, a nosso ver, falharão na hora H de uma nova enchente monstra, nem lhes serviu de lição a experiência fracassada de retificar cerca de 250 metros da margem esquerda do Rio dos Sinos, abaixo da ponte ferroviária, em São Leopoldo, onde foram jogados fora "alguns cruzeiros".

Lendo na Imprensa comentários duvidosos sobre o assunto, venho, na qualidade de Capataz da Marinha, falar sobre "meu rio", para esclarecer a opinião pública, abrindo uma sepultura para nela jogar as falsas esperanças de iludidos com promessas feitas por aqueles que nunca viajaram pelo Rio dos Sinos e que desconhecem seus extensíssimos banhados marginais, que são cobertos pelas periódicas enchentes até a altura de 3 metros.

Ninguém se dá conta do desastre que significaria para a coletividade a retificação do Rio dos Sinos.

1º – Porque a navegação nesse rio está morta acima de Carioca, desde que abriram as modernas faixas para Porto Alegre e Taquara, pelas quais o transporte de mercadorias é feito muito mais rápido e barato, de porta a por-

Loja Independente de Teosofistas

ta, sem as exigências burocráticas onerosas do Cais do Porto. A carga grossa ainda está sendo carregada quando o nível do rio permite navegar até Taquara, nos meses do inverno.

2º – Porque, para garantir uma navegação constante, pela qual ninguém mais se interessa, seria preciso construir uma série de barragens e comportas.

3º – Porque a retificação do rio traria em poucas horas as massas d'água que hoje levam vários dias para percorrer o mesmo trecho e provocariam inundações destruidoras repentinas, como acontece no Caí, pela impossibilidade de vazão pelos vãos das pontes e depois viriam mais longos períodos de seca do rio. Hoje essas águas se espraiam nos grandes banhados e terras baixas existentes entre Campo Bom, Lomba Grande, Novo Hamburgo e São Leopoldo e baixam vagarosamente, por sorte nossa, fertilizando as várzeas para os pastos do verão.

4º – Porque o aprofundamento do leito do rio baixaria o nível da água subterrâneo a tal ponto que não alcançaria mais as raízes da vegetação das várzeas ribeirinhas, fazendo-a crestar e morrer no verão.

5º – Porque, não existindo cachoeiras, corredeiras e redemoinhos no Rio dos Sinos, abaixo do Poço Fundo, não se faria a esperada purificação natural das águas poluídas pelos curtumes e indústrias.

6º – Porque a rodovia projetada, de Novo Hamburgo a Lomba Grande, pode ser muito bem construída sobre um aterro levantado dentro dos banhados e na zona alagadiça, deixando grandes pontilhões para a passagem das águas.

A intervenção do homem nas imutáveis leis da natureza sempre resultou em fracassos, como demonstram inúmeros exemplos da Alemanha, onde a retificação e canalização de vários rios e arroios provocaram a morte de grandes regiões agrícolas. Agora, compreendido o erro, estão tentando recuperar essas terras perdidas com custosas obras de engenharia para garantir a economia da água.

Nossa exigência é reter o maior tempo possível cada gota d'água nas cabeceiras do rio e de seus tributários pelo reflorestamento intensivo das margens e morros e áreas adjacentes devastadas.

Sabe-se que a floresta age como uma esponja e filtro, largando a água vagarosamente, garantindo assim a constante umidade da terra e nível mais constante dos rios.

Não somos contra a construção de diques contra enchentes ao redor das localidades edificadas dentro das zonas de banhados por imprevidência das prefeituras.

Com essas obras não eliminarão os mosquitos, mas poderão salvar as populações das periódicas enchentes. Parece que o dinheiro do D.N.O.S. para esse fim já vem vindo aí.

O mais é loucura e conversa para desculpar o adiamento de obras imprescindíveis de saneamento (construção de tanques de decantação e filtros das águas servidas pelas indústrias); de construção da rodovia de Novo Hamburgo a Lomba Grande e do reflorestamento em grande escala do vale do Rio dos Sinos.

Loja Independente de Teosofistas

Os banhados se prestam admiravelmente para suprir de barro as olarias, para criar gado no verão e para viveiros de traíras e marrecas nos barreiros que nunca secam, e as ilhas poderão ser plantadas com árvores apropriadas para terras baixas.

Portanto não se trata de áreas improdutivas. Para fins essencialmente agrícolas ainda temos terras baratas e férteis fora do alcance das enchentes, em grande abundância, as quais ainda poderão ser aumentadas pela drenagem de banhados altos, situados acima do nível do rio, como o de Santa Maria dos Caboclos.

Esta é a ordem natural das coisas e esperamos que ainda prevaleça por alguns séculos, se DEUS quiser, para felicidade de nossos descendentes.

27.1.61

CORRIGIR A NATUREZA É TEMERIDADE

Continuam a circular notícias na Imprensa, comentadas por papagaios humanos, sem noção do assunto, sobre a próxima execução de grandiosos projetos hidráulicos, planejados há mais de cem anos, tais como – A ligação mais curta de Porto Alegre ao Oceano – Ligação das bacias do Jacuí e do Ibicuí – Barragem do Arroio Velhaco – Retificação do Rio Caí, entre Montenegro e Caí – Retificação do Rio dos Sinos, entre a desembocadura e Rolante, etc.

Este último projeto está empolgando quase toda a população do Vale do Rio dos Sinos, como se da retificação desse rio dependesse sua sobrevivência.

Políticos estão pedindo verbas de 600, 500 e 400 milhões de cruzeiros para o pronto início da obra. Foi uma ducha de água fria no entusiasmo de muitos "engenheiros de cafés" e crédulos em milagres, a manifestação de um deles a respeito de seu descontentamento pela não aprovação da verba, mas reconhece que a dificuldade é extrema, porque há uma interminável fila de solicitação de dinheiro de todos os quadrantes do território nacional para obras de vital importância e inadiável urgência.

Quantos bilhões seriam precisos para a escavação dos canais de retificação do Rio dos Sinos, para os diques marginais, a dragagem para barcos de 200 toneladas, as barragens e comportas, as estações de bombas, a canalização dos arroios tributários, os armazéns, cais, frota mercante, administração, pessoal técnico, oficinas de manutenção, etc., ninguém sabe.

Quem conhece o Rio dos Sinos sabe que o plano poderá fracassar ou levar século para ser concluído, levando-se em conta a vagarosidade das obras contras enchentes em Porto Alegre, em curso há 20 anos e longe de serem concluídas, É fora de dúvida, que se agora ocorresse outra grande enchente a capital submergia novamente.

Para que tudo isso? Quais seriam as vantagens econômicas e sociais?

Reviver a navegação? Esta está morta nos rios do Interior. Morreu pela concorrência dos caminhões, que levam a carga diretamente dos armazéns dos

Loja Independente de Teosofistas

expeditores aos dos destinatários, mais rapidamente, sem os inconvenientes do transporte fluvial.

Hoje o transporte fluvial ainda é vantajoso para longas distâncias e carga grossa, como minérios, pedras, cascalho, areia, cerâmica, lenha, combustíveis líquidos.

O próprio Governo dá demonstração de seu desinteresse pela navegação, desamparando-a, criando-lhe novos encargos. Por que não faz a dragagem até São Leopoldo e corta as grandes voltas e constrói uma barragem em Canoas, para manter o nível?

Recuperação de terras para agricultura? Secar banhados profundos como os marginais do Rio dos Sinos, são sonhos de visionários. Por que não drenam o banhado de Santa Maria, mais alto do que o leito do rio, para recuperar 1.000 hectares?

Evitar enchentes? Vejam a descrição a seguir, do que aconteceu na Alemanha com a retificação do Rheno, apontado como modelo para as obras do nosso rio, no que nos baseamos no livro "DIE BINNENGEWAESSER IN NATUR UND KULTUR":

– "As maléficas conseqüências das obras hidráulicas na correção aos cursos d'água já se fazem sentir na região das fontes. No curso superior dos arroios, os campos alagadiços e banhados são drenados. Isto muitas vezes é desejo dos proprietários rurais, que desejam desaguar suas terras situadas nos vales dos rios. E a autoridade competente favorece essas solicitações, sem pensar que uma pequena vantagem que talvez venha beneficiar poucos, poderá se tornar extremamente prejudicial para a coletividade, pois com isso começa a se desencadear uma reação em corrente mais abaixo nos cursos d'água. Agora as águas das chuvas já não mais são retidas pelas "esponjas", representadas pelas campinas pantanosas e banhados das baixadas, mas são liberadas paulatinamente para o lençol d'água subterrânea.

As veias cortadas desse lençol conduzem a água rapidamente para o canal do rio. Onde a "gota d'água" antes levava semanas para chegar ao vale, agora percorre o mesmo trecho em dias e até horas. Se caem fortes enxurradas, ocorrem facilmente enchentes. Portanto, os engenheiros se empenham novamente em encurtar o curso, cortando curvas e meandros, retificando o rio e aumentando o seu declive. O que aconteceu no arroio é repetido no rio. Se ainda falta a abençoada ação reguladora do mato nas cabeceiras, que foi devastado, as oscilações repentinas das águas ainda são aumentadas. Mas a reação da corrente ainda não pára aí. A maior correnteza pode provocar o aprofundamento do leito do rio pela erosão e conseqüentemente o rebaixamento do nível do lençol subterrâneo. E assim os terrenos contíguos ficam cada vez mais secos e se transformam em estepes, a produtividade diminuirá consideravelmente e as matas hidrófilas morrerão. No Rheno, as autoridades portuárias estão gastando milhões de marcos para manter os portos navegáveis, porque a base do leito do rio baixa 5 centímetros por ano".

Nos rios retificados, os leitos baixaram em 15 anos – No ISAR, 4,20m; no LECH, 5,20m; no ARGEN, 4 a 6m; no WERTACH, até 10m.

Loja Independente de Teosofistas

A correção do curso do Rheno o encurtou em 100 quilômetros, mas aumentou em 30% a correnteza, baixando o leito entre 3 a 7 metros, e o lençol subterrâneo do leito superior, até a Floresta Negra, numa largura de 3 quilômetros, em 4 metros.

As devastadoras conseqüências da correção desse grande rio se fazem sentir até o Baixo-Rheno, pelo que se observa na Estatística de 24 comunidades de Baden, onde os prejuízos havidos em 15 anos foram de 47 milhões DM na Agricultura; 45,5 milhões DM na Economia Florestal; 15 milhões DM na Pesca e 2 milhões DM na Economia Hidráulica, tudo, portanto, no total de 109,5 milhões DM.

Agora estão gastando centenas de milhões DM para remediar os erros e crimes cometidos no Rheno e seus afluentes, construindo barragens para reter as águas.

Este necrológio do Rheno também poderia se escrever mais tarde para o Rio dos Sinos, caso fosse retificado.

Será que os fanáticos retificadores compreenderão o que acima escrevemos ou venham a duvidar, obrigando-nos a apresentar mais provas, que estamos recebendo de outras partes do Mundo sobre a ousadia do homem que quer corrigir a Natureza? e vem a fracassar vergonhosamente, para prejuízo de toda a coletividade?

22.9.61

O RIO DAS RETAS

Este será o novo nome do Rio dos Sinos, quando a projetada retificação estiver concluída. Afirmam que agora, repentinamente, depende a vida e felicidade de 400 mil habitantes do vale desse rio dessa obra "inadiável", mas sem proveito, desnecessária e até prejudicial, conforme provam exemplos de toda parte do mundo.

Uma verdadeira loucura potencial transpira do noticiário acerca do assunto, como esta última, que é grande. A retificação seria interessante estender até a Ponte do Monjolo, 5 quilômetros distante de Santo Antônio da Patrulha, onde uma vez, em tempos idos de grande enchente, já atracou uma pequena gasolina, que conseguiu passar por cima de sarandis, cobertos d'água.

O povo humilde está sendo enganado com balelas de engenharia de Cafés, porque muitos acreditam nessas fanfarronadas, que provam que estamos vivendo na era das "possibilidades ilimitadas", se não falharem as verbas, para cuja inclusão nos orçamentos alguns políticos estão trabalhando de mangas arregaçadas. Dizem que 20 milhões já chegaram. Isto é de admirar que larguem o dinheiro assim no mais, pois consta que não há ainda levantamentos, desenhos e cálculos feitos.

Para ironizar, alguém comentou que uma vez feita a retificação e a escavação do novo leito, os diques em ambas as margens, as estações de bombas, barragens e eclusas, a canalização dos arroios afluentes e as dragagens dos baixios e a dinamitação dos lajeados de pedras, etecetera e tal, seria colocada

Loja Independente de Teosofistas

uma grossa tubulação até as cabeceiras do rio, para bombear água do Guaíba até o Monjolo, a fim de possibilitar a navegação das modernas barcaças rápidas constantes dos planos aéreos. Tudo é possível no Brasil. Não construíram uma nova Capital num deserto, onde ninguém quer ir morar, arrebentando com a economia nacional? Só para impressionar os estrangeiros. Mania de grandeza.

Bem, quem se aproveitaria da retificação?

NAVEGAÇÃO? – A maioria faliu depois de 1920, quando começaram a construir ótimas estradas de rodagem. Encontram-se centenas de barcos apodrecendo nas margens dos rios, por falta de carga e de recursos para conservação. As Empresas de Navegação que sobreviveram estão lutando com grandes dificuldades, dependendo de subvenções do Governo Federal, só carregam ainda carga grossa. Ninguém vai deixar de usar caminhões que levam a carga de comércio diretamente dos armazéns da colônia aos armazéns das cidades e vice-versa, muito mais rápido do que as embarcações, sujeitas a carga e descarga nos portos, armazenagens e carretos até os destinatários e o pior, a mil exigências burocráticas e despesas inúteis que pesam sobre a navegação. Ainda mais, o transporte fluvial torna-se precário ou até fica suspenso nos períodos das secas e é anti-econômico para curtas distâncias, como no Rio dos Sinos.

Convençam-se – A navegação está arrebentada e deficitária e nunca mais se restabelecerá.

RECUPERAÇÃO DE BANHADOS? – Nisto só poderá falar quem não conhece as baixadas do Rio dos Sinos, formadas de centenas de quilômetros quadrados de banhados profundos, muitas vezes mais baixos que o leito do rio e os milhares de grandes barreiros escavados pelas olarias em serviço há mais de cem anos, onde se criaram traíras, marrecos, nútrias, mussuns, sapos e mosquitos.

AGRICULTURA? – A terra dos banhados é de barro preto, visquento, infértil, e quando atingida pelo sol do verão, fica dura como pedra e rendilhada em mil canais, onde é impossível cultivar quaisquer plantações. Quem acha possível o contrário, devia se informar com velhos colonos ribeirinhos.

SANEAMENTO? – Seria conveniente fazê-lo ao redor das cidades e vilas, mas aterrando as áreas alagadas e sujeitas a enchentes, o que se tornaria muito mais barato do que construir diques, casas de bombas, etc.

DEFESA CONTRA ENCHENTES? – Só construindo nas terras baixas sobre estacas, acima do nível máximo das enchentes, tendo sempre um caíque em prontidão, para não ficar isolado nas águas. O rio desafia a engenharia.

MELHORIAS NO RIO DOS SINOS? – Seria de utilidade cortar algumas voltas, alargar, dragar e aprofundar este rio para garantir e facilitar o transporte permanente da matéria-prima das indústrias pesadas de Esteio, a produção da Petrobrás, e a areia de construção e a lenha consumida pelas olarias marginais, até Carioca

A sobra dos bilhões "recomendados" poderia ser aproveitada para limpar o canal do rio, dragar alguns bancos de areia, dinamitar as lajes de pedras e retirar a madeira caída do leito, para abrir passagem para pequenos barcos

Loja Independente de Teosofistas

até Taquara; reflorestar larga faixa das margens e toda a região das nascentes em Santo Antônio e também as do Rio Santa Maria, do Rio Rolante e do Rio da Ilha, tributário do Sinos, para que a água volte e se conserve por mais tempo, presa na serrapilheira das raízes do mato; construir filtros para purificar as águas dos esgotos cloacais e das servidas pelas indústrias, que vêm saturando cada vez mais o Rio dos Sinos; aprontar o cais da cidade, incompleto há mais de 25 anos, e tantas outras obras de muita urgência para uma grande cidade.

Vamos deixar o Rio dos Sinos com o seu nome, aproveitando-o para passeios de turismo, pescarias e a sua água para dessedentar a população.

Destas grandes obras projetadas outros poderão falar e tratar de construí-las daqui a cem anos, se então ainda fantasiar na cabeça de alguém o plano de tornar o Sinos novamente navegável.

17.8.62

MONSTRÓPOLIS – A GRANDE CAPITAL

A união das cidades e vilas ao longo da Rodovia Federal, que se processa em ritmo acelerado entre Porto Alegre e Novo Hamburgo, em poucos anos formará uma gigantesca área urbana de vários milhões de habitantes.

Parece incrível que tantos homens do campo ainda vendam suas terras amplas, abandonando uma vida livre, sadia e feliz, para virem morar nas cidades, atraídos por um falso esplendor, ganhos e divertimentos fáceis de uma vida artificial, para se tornarem autômatos anônimos sem alma, a vegetar no borborinho enervante.

Como vive a multidão desse enorme centro industrial, enclausurada entre paredes? É o que muitos, antes de se desfazerem de suas propriedades rurais, não estudam. É o que vamos esclarecer àqueles que pretendem se atirar na desgraça.

Na grande cidade, o homem está rodeado de pedras, aço, vidro, cimento armado e asfalto; cores berrantes e luz artificial transtornam a sua visão; o barulho ensurdecedor nas ruas e fábricas martiriza seu cérebro; mau cheiro e clima antinatural terá que suportar; é obrigado a respirar o ar viciado com o pó das ruas, o gás das descargas dos automotores e a fumaça envenenada expelida por milhares de chaminés.

Sofrerá o sacrifício das correrias e o perigo do trânsito para chegar aos locais do trabalho, morará em prédios de apartamentos como num formigueiro humano ou em pequeninas casinhas dos subúrbios, muitos no submundo das vilas de malocas anti-higiênicas dos marginais, num ambiente de imundície e de crime.

A vida familiar desaparece na maioria dos casos, e a lembrança do passado não deixa de os incriminar pela maldita troca que fizeram.

Daí a eterna saudade da natureza que trazem no coração, que os obriga a correr nos fins de semana para fora do inferno da urbe para o idílio das matas, à procura de descanso debaixo de frondosas árvores, para brincar nos pra-

Loja Independente de Teosofistas

dos e nos arroios, beber a água cristalina das fontes, respirar ar puro, observar os animais silvestres, se deleitar com os gorjeios dos passarinhos.

Tudo isto não custa nada, é uma dádiva divina como a luz do sol. É um lenitivo para os nervos agitados e saúde para os corpos enfraquecidos na luta encarniçada pela vida. Felizes os citadinos que ainda encontram um mato ou um parque para os seus devaneios.

Desgraçadamente, com a extensão das cidades, vilas e loteamentos, sempre maiores áreas estão sendo devastadas, próximas aos centros urbanos.

Por isso, as autoridades competentes não deveriam se descuidar em reservar, enquanto é tempo, muitas áreas verdes ainda existentes, mas já tão raras, antes de concederem autorizações de novos loteamentos, para uso e gozo das populações de poucos recursos.

Lembramos aqui o Horto Florestal de 800 hectares de Sapucaia, situados bem no centro da área industrial descrita, antiga aspiração do povo.

— Virá o tempo, e muito breve, em que a importância do mato como fornecedor de matéria-prima (madeira, lenha e carvão), como regulador das águas, como filtro da atmosfera, como protetor contra perigosos movimentos da terra, em muito retrocederá diante de sua tarefa de área de recreio para a população.

Devemos reconhecer que, se quisermos sobreviver, teremos que nos manter próximos à natureza. No claro reconhecimento dessa necessidade, já está raiando a aurora no espírito dos responsáveis. Mas também os proprietários de matos deviam desistir da sua destruição, e o reflorestamento das áreas nuas não deveria ficar para trás quando se trata da humanidade, da sua saúde, da sua vida.

Sem esperar medidas acauteladoras por parte do Serviço Florestal, deve sempre prevalecer o artigo 1º e 2º do Código Florestal: As florestas e demais formas de vegetação constituem bem de interesse comum, exercendo-se os direitos de propriedade com as limitações que a lei em geral e especialmente este Código estabelecem.

Temos toda a razão em nos apressar. O amor à Natureza não deve perecer.

Por isso é necessário aguçar as consciências para que compreendam o empenho da UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA em bem servir à humanidade, às árvores e aos animais com sua propaganda educativa.

Todos são convidados a auxiliar na Campanha de Conservação dos nossos recursos naturais.

5.6.59

O HORTO FLORESTAL DE SÃO LEOPOLDO

Quando o Governo passado largou de mão, em virtude de generalizados protestos no Legislativo, cientistas, amantes da natureza e do povo, o antipático plano de lotear a floresta de eucaliptus de 800 hectares, localizada entre São Leopoldo e Sapucaia, para obter recursos destinados à construção de

Loja Independente de Teosofistas

escolas, uma grande onda de contentamento invadiu os corações dos que se interessam pela conservação dos nossos recursos naturais.

Pensávamos que em seguida aquela grande área florestal seria transformada em Parque Público, depois de feitas as necessárias adaptações.

Como nada aconteceu, a União Protetora da Natureza toma aqui a iniciativa de lembrar o assunto ao atual Governo, cujos primeiros atos demonstraram claramente seu empenho em bem servir a coletividade.

A área já é patrimônio público, portanto o Estado não precisará mobilizar verbas para indenizações decorrentes de desapropriações.

Já existem no Horto um grande telheiro (a antiga Olaria), o galpão da serraria, e várias casas, que poderiam servir de abrigo de emergência em caso de chuvas repentinas.

Como se sabe, a floresta situada no centro da maior área industrial, comercial e humana do Estado, é cortada por duas faixas de cimento e cruzada em todas as direções por estradas internas.

O cientista Padre Balduíno Rambo a descreve assim – "Terreno de coxilha que é, constitui o centro de dispersão de numerosas fontes e nascentes de arroios, com um sem-número de rincões escondidos e pitorescos, onde a flora nativa se conservou."

A massa humana, que vive ao seu redor, hoje ainda cerca de 1 milhão de entes, em futuro pouco remoto montará a vários milhões.

Onde estes milhões, acumulados à sombra das chaminés, entre o estridor das máquinas, à luz artificial dos escritórios, ao longo da onda viva dos carros e caminhões, no calor abafado das lojas, buscará seu desafogo e recreio, se não for já, agora que ainda é tempo, reservada uma grande área pública para este fim?

Não se trata dos que têm carro próprio e moradia de verão na Serra ou dinheiro para passar férias nas Praias. Trata-se da grande multidão de famílias em condições modestas, de operários, que não têm meios para fugir do torvelinho dos centros industriais.

Bastaria, pois preparar, sem a derrubada de nenhuma árvore ou área vegetal, locais para estacionamento de veículos, construir bancos e fogões rústicos, tanques d'água, coletores de lixo, fossas sépticas, lugares para acampamentos e armação de barracas, alguns armazéns para venda de lenha e carvão, comestíveis e bebidas e a colocação de placas de advertência, necessárias para manter o parque no seu estado primitivo selvagem, com as árvores e animais silvestres intangíveis.

Naturalmente o Parque Florestal deverá ser confiado às mãos de um Administrador idôneo e capaz e ao policiamento de zeladores eficientes, para o que poderiam ser aproveitados os atuais trabalhadores da exploração florestal, que ali ainda se processa.

O reflorestamento de algumas áreas desnudadas com essências nativas, tornaria o Parque em poucos anos de primeira categoria.

Loja Independente de Teosofistas

Seria de grande conveniência uma ação urgente do Exmo. Sr. Governador, para se evitar maiores devastações na floresta, justa aspiração ligada intimamente ao bem-estar e saúde públicas, pelo que o povo trabalhador e sacrificado lhe ficaria eternamente grato.

4.10.57

O PARQUE É DO POVO

Conforme publicação feita pela Folha da Tarde de 12/7/60, a Diretoria da Associação Comercial de São Leopoldo teria concebido o estrambólico plano de ir sugerir ao sr. governador do Estado a venda da área de mil hectares do Parque Estadual situado naquele município, para fins de localização de indústrias e loteamento para zona residencial e operária.

É o maior absurdo do mundo querer transformar as árvores em chaminés.

Mas os interessados esperam do sr. governador aprovação da sua sugestão, porque sabem que o Tesouro do Estado está em precária situação e, pela venda das terras daquele patrimônio florestal público, ficaria desafogado momentaneamente.

Nossa consciência nos obriga a tomar novamente posição de defesa contra esta tentativa de liquidação do Parque de interesse de toda a comunidade.

Confiamos antes de tudo na inteligência, perspicácia, tino administrativo e espírito público do engenheiro Leonel Brizola e que S. Exa. atirará um balde de água fria na fogueira do entusiasmo desta negociata pretendida.

Pois foi S. Exa. que há pouco tempo, quando o Horto Florestal ia ser vendido em lotes, para apuração de dinheiro para fins de construir escolas, o salvou da destruição destinando-o para Parque de Recreação Pública, Jardim Zoológico e Jardim Botânico, para cuja finalidade já está sendo adaptado.

Acontece que este Parque do Estado, objeto de cobiça de pessoas ou grupos econômicos, representa o pulmão da grande área industrial que se estende de Porto Alegre a Novo Hamburgo e que em breve terá 2 milhões de habitantes.

A sua venda para a indústria representaria maior índice de doenças e mortes em toda a área circunvizinha e por isto seria um crime.

O que pretendem os magnatas é tão monstruoso como querer transformar as igrejas, hospitais e escolas em fábricas, construir fábricas nos campos de esporte, cemitérios e praças públicas das cidades.

A maior parte dos operários e comerciários não possuem recursos para turismo em locais distantes e por isto o Parque Estadual de São Leopoldo, de fácil alcance, será o refúgio dos pobres, nos fins de semana, logo que for franqueado à visitação pública, por cujo evento dezenas de milhares de pessoas esperam ansiosamente.

Os homens ricos deviam respeitar os direitos dos humildes, desistindo do diabólico plano de privá-los, por dinheiro, do ar puro, da água límpida das

Loja Independente de Teosofistas

fontes e arroios, da sombra protetora das árvores e da alegria de passar um dia de descanso no seio da natureza.

Enquanto existirem bem perto do Parque extensos campos, em ambos os lados da Rodovia Federal, atingíveis por ótimas estradas, por preços convidativos, não há nenhuma razão de transformar um patrimônio público, de sumo interesse da coletividade, em área industrial privada.

Uma floresta representa muito mais do que o valor da terra e da madeira que encerra. Representa valores imateriais muito superiores, como a saúde duma população, a fertilidade das lavouras vizinhas, a regularidade dos cursos d'água, a garantia das fontes, a proteção contra os ventos e o sol, etc.

Em Paris existe o Bois de Bologne; em Berlim o Tiergarten; em Londres o Hide Park e semelhantes em todas as grandes cidades e ninguém pensa em arrasá-los e construir fábricas naquelas áreas, de valor muitíssimo mais elevado, a do Parque de São Leopoldo. E em nenhuma dessas cidades há terras à disposição para fins industriais.

A UNIÃO PROTETORA DA NATUREZA convida todos os idealistas que reconheceram a gravidade da ameaça, para que manifestem publicamente seu desagrado, a fim de que não se consuma o crime.

Todos teremos que levantar novamente nosso enérgico e severo protesto contra a devastação da sadia e biologicamente indispensável área florestal em apreço.

Também na Democracia há uma Ditadura – a Ditadura da Consciência.

Devemos nossa existência e a base do nosso bem-estar ao trabalho da Natureza e de muitas gerações que nos procederam.

Por isso também devemos reconhecer a obrigação de pensar nas gerações que nos sucederem, para que não definhem na miséria, por termos roubado sua parte nos recursos naturais.

Os responsáveis precisam ver que a comunidade não sofra prejuízos com seus planos de expansão econômica.

22.7.60

QUEREM ANIQUILAR O PARQUE ZOOLÓGICO

Existe muita gente ignorante e mal educada que não gosta da natureza, que tem ódio do mato, porque nele não há ruas asfaltadas, nem chaminés fumegantes; nem o barulhento borborinho das cidades.

Quando vêem uma árvore, logo calculam-lhe o valor que pode render em lenha. Desconhecem o valor da sombra, da água do ar puro, da quietude, da amenidade do clima produzidos pelas árvores.

É o que acontece no Parque Zoológico, aquele magnífico patrimônio cultural criado para uso e gozo da população pelo engenheiro Brizola, que teve a coragem de enfrentar uma legião de piratas famintos, que queriam meter as unhas naquela grande área florestal. Queriam lotear as terras do antigo Horto Florestal da Viação Férrea, para nelas construir fábricas, vilas ope-

Loja Independente de Teosofistas

rárias, zonas residenciais e uma cidade universitária. Naturalmente com o olho no imenso valor da madeira que produziria a floresta de eucaliptos.

Agora, nesta época pré-eleitoral de Prefeitos e Vereadores, estão se organizando novamente grupos políticos e econômicos, com a mesma finalidade, visando votos e lucros fantásticos. São condenáveis esses planos de criminosa insensatez que visam destruir o Parque Zoológico para fins materialistas.

Confiamos no espírito de justiça do Exmo. Sr. Governador Meneghetti e seus ilustres Secretários, e na clarividência da meritíssima Assembléia Legislativa, que fulminem estes diabólicos planos de estralhaçamento da grandiosa e despendiosa obra pública recém-concluída.

Seria uma desgraça para a população industrial sacrificada e encarcerada nos fornos e formigueiros das cidades, tão carente de ar puro e ambiente atrativo e sossegado para recuperação de suas forças, saúde e paz de espírito nos fins-de-semana, se a mentalidade destruidora de poucos aproveitadores conseguisse a vitória.

Mesmo a diminuição da área deve ser evitada a todo custo, para que não se repita o que aconteceu com o Parque da Redenção em Porto Alegre, que foi doado à Municipalidade e depois dividido para fins diferentes aos desejos do idealista doador.

Vamos acabar com estas manobras deletérias, oriundas da cegueira e misérias do mandonismo político e do desenfreado egoísmo e ganância de grupos econômicos, pois elas demonstram nossa completa e vergonhosa indiferença pelos destinos da nacionalidade, porque visam aniquilar uma conquista cultural.

Há grande perigo, sempre presente, pois os Parques do Estado na região florestal próxima ao Rio Uruguai foram todos devastados e intrusados, como também as terras dos índios, o que significa um verdadeiro escárneo às autoridades incumbidas da sua proteção e à própria Lei que os criou.

Para que tal não aconteça ao Parque Zoológico, inaugurado há um ano e já visitado por mais de mil escolas, vindas de todos os quadrantes do Estado e por mais de 400 mil admiradores das belezas naturais nele acumuladas, a União Protetora da Natureza estará sempre vigilante para denunciar e combater estas desmoralizantes tentativas, continuamente repetidas, de abocanhar os bens de interesse público em benefício de poucos elementos inescrupulosos.

Ficam convocados as entidades culturais, os partidos políticos com interesses conservadores, as autoridades educacionais e todos aqueles que se esforçaram para conseguir a instituição do Parque Zoológico em memorável campanha, para que cerrem novamente fileiras para combater a projetada barbaridade.

Tirem as mãos do Parque Zoológico, o melhor organizado do Brasil. Ele pertence ao povo, especialmente à nossa juventude.

Loja Independente de Teosofistas

Não faltam campos próximos, onde possam ser concretizados todos os fantásticos planos de progresso alardeados pela imprensa, mas que tem cheiro de insinceridade.

Há tantos outros meios de ganhar fortunas. Não precisa ser exatamente com o sacrifício desse insubstituível patrimônio público.

1.3.63

FÉRIAS NA NATUREZA

Aproxima-se com a primavera o tempo dos piqueniques, fins de semanas e férias.

O povo, saudoso da liberdade, se prepara para gozar, em contato com a natureza, ao ar livre, longe do barulho e nervosismo das cidades, nalgum sítio pitoresco das montanhas ou nas margens dos rios, um período de descanso.

Felizes são aqueles que possuem um barco e uma barraca, para acampar no mato, à beira dum curso d'água ou dum lago, em completo isolamento, para viver como no paraíso, o que representa o veraneio ideal.

Mas, sempre é grande a decepção, quando chegam e deparam nesses lugares preferidos com a já comum placa, que diz – "Proibido entrar e acampar".

Retiram-se desenganados, maldizendo os donos da terra, que procedem dessa maneira e viajam adiante, até encontrar outro lugar sem placa proibitiva.

É claro que não foi por aversão ao público ou por malevolência, mas, lamentavelmente, existem mui fortes motivos para justificar a decisão dos proprietários rurais.

A pedido de amigos da natureza desiludidos e despeitados, tomamos posição face a esta questão, agarrando o ferro em brasa, mesmo sob o perigo de provocar ressentimentos.

"A Culpa é dos Mal Educados" entre os excursionistas.

Os estragos produzidos por esses bárbaros sem peias, de qualquer idade e posição, são muitas vezes mais do que irritantes.

A escala das indignidades vai desde arbustos e árvores cortados (ninguém deixa de levar o facão de mato, alguma arma, trampas e fundas), ninhos pilhados, orquídeas arrancadas, árvores queimadas na base, tiroteios a esmo, a caça no verão, o fogo florestal e às vezes coisas piores, como "avanços" nas roças e pomares próximos, causando milhões de prejuízos por ano.

Quando não existem clareiras nas margens dos cursos d'água, elas são feitas pela derrubada da vegetação arbórea, nos locais escolhidos. As estacas para barracas, bancos rústicos, varas e calões para pesca, espetos para churrascos, a lenha – tudo é retirado do mato alheio, sem licença do dono. Tais depredações freqüentemente também são feitas impensadamente por pessoas de poucas luzes ou por elementos que acham que o mato é bem comum, porque seus benefícios de regulador das águas, chuvas e clima interessam a todos e assim querem aproveitá-lo indiscriminadamente, ficando as barrancas dos

Loja Independente de Teosofistas

nossos rios exploradas centenas de metros terra adentro e o mato novo não mais se pode criar.

E o que sobra, quando é levantado o acampamento?

A pena se arrepia ao descrever o estado de miséria em que geralmente são deixados esses locais, antes tão bonitos e verdejantes.

Em toda parte detritos e sujeira, as cinzas das fogueiras, garrafas quebradas, cascas de frutas, papéis, caixas de papelão, latas vazias, carteiras e pontas de cigarros, restos de comida e excrementos e um horrível fedor empestando o ambiente.

Quando outros veranistas querem acampar no mesmo local e o encontram em tão deplorável estado de miséria, tocam adiante e se dão o trabalho de "limpar" outro acampamento no mato, dando início à nova devastação.

O que também incomoda muito os proprietários e as pessoas sensíveis, é o infernal barulho provocado por certos visitantes que, incapazes de se deleitar com o cantar dos pássaros, o chilrar dos grilos e das cigarras, o sussurrar das folhas nas copas das árvores, o marulhar da água e todas as maravilhosas vozes da natureza, além da algazarra e gritos, até ligam seu rádio portátil a todo volume.

Outros desencantos e aborrecimentos são provocados por elementos que se embebedam e começam a discutir e a brigar em altas vozes, sem medir os termos usados ou dão tiros à toa.

Lendo esta crônica, muitos compreenderão os proprietários, levados ao extremo de proibir a entrada e o abarracamento em suas terras.

A nós, da "União Protetora da Natureza", não parece alvo inatingível, conseguir por meio de trabalho educacional sistemático, convencer o povo, que no mato, onde estamos apenas de visita, ninguém se comporte menos digno e civilizado do que entre as suas quatro paredes ou na sociedade.

Isto conseguido, também desaparecerão as tão discutidas placas proibitivas.

1.9.59

HÁ MUITA COISA ERRADA NO CAMPO

1º – A matança de animais úteis à agricultura. O homem rural geralmente desatende suas obrigações com a terra.

Permanece espiritualmente cego ante as maravilhas com que lhe brinda a Natureza e ao benefício material que representa a coexistência de uma abundante vida silvestre.

Se nada faz para preservá-la, por negligência, egoísmo ou ignorância, ainda contribui para a destruição de seus gratuítos aliados, que, sem pedir nada em compensação a não ser a vida e proteção, guiados simplesmente por seu instinto de conservação, evitam-lhe colheitas pobres e ainda o alegram com os seus gorjeios, suas vistosas cores e a sua vivacidade.

Não repara em milhares de aves e pássaros e outras espécies silvestres, como sapos, lagartos, morcegos, tatus, etc., que fazem das larvas, insetos, la-

Loja Independente de Teosofistas

gartas, formigas e roedores seu principal sustento, multiplicando sua atividade na época da procriação, com o fim de alimentar as suas crias.

Mata-os ou permite matar, às vezes sob o espanto de seus próprios filhos ou de visitantes, já ilustrados nas escolas ou por observações próprias sobre o acervo utilitário, cultural e espiritual que representa a fauna silvestre.

Ocorre a ruptura do equilíbrio biológico pela supressão dos animais insetívoros, tidos como polícia sanitária dos campos e os agricultores se vêem a braços com toda sorte de terríveis pragas, inimigas das plantações, não mais perseguidas pelos seus adversários naturais e que por isto podem se desenvolver livremente.

Citaremos alguns exemplos — Os guaraxains se alimentavam especialmente de filhotes de lebres e de ratos. Mortos os guaraxains, sob o pretexto de serem comedores de galinhas, os ratos e lebres se tornaram pragas, que causam incalculáveis prejuízos.

2º — Matam os tico-ticos e canarinhos com armas e redes nos trigais (só na colônia italiana) sob o fundamento de comerem o trigo, mas na verdade é para comer os passarinhos com polenta. Resultado: Aparecimento da lagarta verde e outras pragas nos trigais, que reduzem ou aniquilam as safras. E os polvilhamentos de veneno, além de caros, são menos eficientes do que o bico do passarinho.

3º — Derrubam os sabiás (também só na terra dos "passarinheiros", porque em geral o brasileiro é incapaz de matar este magnífico cantor), acusando-os de estragar as uvas, mas não pensam que antes de vir à uva, o sabiá combate o inseto chamado "vaquinha da videira", que corta os brotos novos da parreira, causando perdas enormes de cachos em formação.

4º — Os apicultores eliminam os utilíssimos insetívoros bem-te-vis e suiriris culpando-os como comedores de abelhas, apesar de ter sido comprovado por célebres biologistas, que só apanham os zangões. Se observassem melhor, teriam oportunidade de verificar que esses pássaros deixam de freqüentar os apiários, logo que os zangões desaparecem. Ao fazer isso, não querem acreditar que o Bem-te-vi é o inimigo número um do "bicho serrador", terrível inseto que corta as copas das acácias novas. O Bem-te-vi tem saneado extensas áreas de reflorestamento, conforme atestado em nosso poder. Neste serviço o seu grande aliado é o Rabo-de-palha ou Alma-de-gato.

5º — Também são acusados os pica-paus de destruidores de abelhas, porque às vezes batem nas colméias para surpreender os cupins da madeira. E por abrir as espigas de milho, não para comer o milho, mas sim a lagarta que se alojou na ponta da espiga.

6º — Caçam as corujas, porque são agourentas ou "para remédio". Esta idiotice provoca o aumento das pragas de ratos, antes preados à noite, quando roíam os cereais nas roças, pelas corujas.

7º — Matam os lagartos, porque "comem ovos", e não querem acreditar que eles se alimentam habitualmente de insetos.

8º — Eliminam os sapos, porque são feios e porque o seu coaxar incomoda, eliminando assim outra espécie insetívora.

Loja Independente de Teosofistas

9º – Caçam o tatu, o comedor de formigas, tendo já antes exterminado os tamanduás, outros destruidores de formigueiros.

10º – Sacrificam os quero-queros, as seriemas e as avestruzes, esses utilíssimos limpadores dos campos, por pura malvadeza ou burrice. Para todos os bichos inventam um libelo acusativo, quando os querem comer. A maioria dos colonos são culpados da própria desgraça, porque não souberam cuidar da riqueza natural da sua terra.

A intervenção do homem em cousas da natureza facilmente redunda em erro.

É tão importante a vida silvestre no campo, que o agricultor adiantado, especialmente o de outras terras, deixa de arar uma faixa ao lado das cercas vivas e dos matos, para abrigo de ninhos, sendo a terra não plantada amplamente compensada pela multiplicação das aves. Onde não existem sebes ao redor das roças, elas são plantadas e os animais são tratados no inverno e para as aves são colocados comedouros e casinhas para nidificar.

Mas para compreender tudo isto, as cabeças são duras demais, os espíritos embotados e os corações insensíveis. O colono só vê o lado ruim, o grão de trigo ou a frutinha que o passarinho come, uma migalha da fortuna que ajudou a criar. Olhando o panorama de um sítio, logo se observa se é dirigido por homem inteligente ou por um atrasado, pela variedade de animais silvestres que se encontrar em serviço de saneamento da terra.

Se não houver vida animal nenhuma, já se sabe a quem pertence a terra e convém tomar cuidado com o dono.

29.1.60

JUIZ DE FIBRA

Em São Paulo, um Juiz de Direito negou licença para derrubar 360 hectares de mato existente numa Fazenda, cujo pedido já havia sido indeferido pelo Serviço Florestal.

Por se tratar de uma grita em defesa do Patrimônio Florestal Brasileiro, publicamos o bem fundamentado parecer:

"Indefiro o pedido. Faço-o fundamentado no artigo 147 da Constituição Federal, que prescreve – "o uso da propriedade será condicionado ao bem-estar social".

"Efetivamente, o bem-estar social, que o Estado, por seus órgãos representativos, deve tutelar, está a braços com uma situação de verdadeira calamidade pública, qual seja a transformação da quase totalidade da área do Estado de São Paulo em autêntico deserto, em conseqüência da destruição do elemento vegetal".

"Aliás, a fúria destruidora passou as fronteiras paulistas e paranaenses e já dizima o Estado de Mato Grosso, com vistas ao Brasil Central e à Amazônia". . .

"Na verdade, há 460 anos, desde o seu descobrimento, no Brasil se derrubam matas e se devastam florestas, sem a contraprestação de um reflores-

Loja Independente de Teosofistas

tamento intensivo, racional e adequado. Quando muito, planta-se eucalipto – e com isto se apressa a formação do deserto, sabido como é que tal árvore funciona como verdadeiro dreno, sugando toda a humidade e evaporando-a, empobrecendo, assim, a terra".

"São Paulo é hoje um grande deserto. Tiraram-lhe a roupagem vegetal. Está desnudo. Lavra despudoradamente pela nudez da terra o monstro da erosão, que corrói e desgasta. Seu humus foi tragado na torrente avassaladora das águas; sua seiva evaporou-se ao contato persistente do sol abrasador; sua fertilidade tornou-se artificial, porque depende da importação do hiperfosfato da África e do salitre do Chile".

"Causticado pelo sol, batido pelos ventos, lavado pelas enxurradas – o solo se aniquila, cedendo lugar ao deserto. Aqui, é a terra batida, de calva à mostra; ali, são os bancos de areia que se avolumam assustadoramente; acolá, são seixos que emergem da corrosão das águas. Isto em todos os quadrantes".

"A terra está despida: já não tem vegetais que lhe dêem o tapete das folhas secas com que evitar a evaporação; já não há copas de árvores que amorteçam a violência dos temporais; galhos e caules não mais existem para canalizarem, com brandura, a água das chuvas, ao solo; já não há raízes que facilitem a capilaridade, nem radículas que aprofundem a infiltração; nem troncos que se oponham à enxurrada; nem anteparo ao vento, nem proteção contra o frio, nem sombra que amenize o calor".

"Fecharam-se os poros da terra. Se chove, a água mal chega à crosta – já se tinge de vermelho e cresce e corre atabalhoadamente de desnível em desnível, em fúria ameaçadora. São as águas barrentas que devastam tudo, galopando".

"É, o machado impiedoso a devastar as últimas florestas, a derrubar os últimos troncos. Também os últimos gigantes florestais – e apenas ficam, como testemunho do passado, alguns esqueletos de árvores secas em meio à paisagem desértica, com seus galhos retorcidos, semelhando braços levantados para o céu, clamando piedade".

"Já não há sombras, nem flores, nem perfume, nem frutas. Nem música do vento nem gorjeios de aves, nem carícia de brisa, nem pipilos nos ninhos".

"Acabou-se o aparelho termoregulador que eram as florestas, e em conseqüência as chuvas já não caem nos momentos próprios, preferindo desabar na época da colheita, dizimando-a. Digo 'desabar' – porque em verdade já não chove; rasgam-se as nuvens em violentas trombas d'água, ao ruído ensurdecedor do trovão e à luz estonteante do relâmpago. As descargas elétricas presidem a este fenômeno, e conquanto causam numerosas vítimas, são um imperativo das circunstâncias, pois, ozonizando a atmosfera, atenuam as conseqüências do ar viciado que a ausência do elemento vegetal, através da função clorofiliana, não purificou".

"E os caules das últimas perobas e dos derradeiros ipês, a caminho das serrarias na seqüência macabra das composições ferroviárias que demandam a capital do Estado, onde, no pátio das estações, as filas intermináveis de carros cheios de cadáveres vegetais – toros e tábuas – compõem o quadro tétri-

Loja Independente de Teosofistas

co da mais autêntica 'Natureza Morta'. Assim sendo, indefiro o pedido de derrubada".

Por desgraça da nossa Pátria, casos como este são raríssimos.

A situação é a mesma ou pior ainda no Rio Grande do Sul.

São precisos uma excepcional envergadura e conhecimentos profundos do problema florestal para a lavratura dum despacho tão luminoso.

A deficiência do aparelho policial e florestal, a má coleta de provas, erro nos autos, habilidade dos advogados, manobras deletérias das partes interessadas, ameaças de transferência e demissão de funcionário zeloso, oferecimento de cédulas alaranjadas, pressão política e outras mil dificuldades amolecem a energia do encarregado da preparação do processo, que não as garantias do Juiz.

Sozinho o Juiz não pode fazer tudo. Por isso geralmente predomina a impunidade e é dado ganho de causa aos devassadores, que usam o pomposo título de "PRODUTORES" e possuem o apoio das altas esferas governamentais e políticas, porque produzem as DIVISAS tão necessário este miserável e endividado Brasil, mas em compensação aniquilam o nosso insubstituível patrimônio florestal que a Natureza presenteou "a todos os habitantes do País.", mas que enriquece poucos magnatas.

Brevemente vamos amargar esta criminosa imprevidência que estamos fomentando, censuravelmente, porque temos exemplos de sobra diante dos olhos, que persistimos não querer enxergar.

15.7.60

Loja Independente de Teosofistas

ÍNDICE

NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTA EDIÇÃO 5
PREFÁCIO 7

I – PROBLEMÁTICA FLORESTAL

Reflorestamento ou miséria 11
A verdade sobre o problema florestal 13
Árvores desvitalizadas 24
Pinheiros desvitalizados 26
O bicho-serrador da acácia 32
Fogo de palha 33
Figueiras silvestres 36
Matas Ribeirinhas em perigo 38
A grande floresta queimou 39
Um grande erro 41
Retalhamento das reservas florestais gaúchas 42
Florestas à mercê dos piratas 44
Seleção de sementes florestais 46
Más notícias sobre florestas 48
Sempre a mesma ladainha 50
Velhas árvores mortas estupidamente 52
Contrastes e embustes 54
A idiotice da exportação das madeiras gaúchas 56
Sentença de morte para os pinhais 58
Ferro nos ladrões de madeira 59

II – CONSCIENTIZAÇÃO ECOLÓGICA

Sobrevivência da humanidade ameaçada 65
Religião e natureza 66
Em defesa do patrimônio dos índios 68
Tudo só frases? 71
Em primeiro lugar a educação 73
Em causa própria 75
Bicho estúpido e feroz 78
Educação do coração 80

Loja Independente de Teosofistas

Imprevidência de homens inteligentes 81
Modificação de mentalidade 84
O progresso destrói a natureza 85
"Socorro", amigos da natureza 87
Dia de luto nacional 88
Defendamos a natureza! 90

III – CAÇADORES E PASSARINHEIROS

"Caça, experiência assassina" 99
Caça ou carnificina? 101
O sabiá e as uvas de Otávio Rocha 102
Arrendamento de campos de caça 104
Amarrados nos ninhos 106
Pais contra professores 107
Trezentos e sessenta sabiás para comer 109
Bolo de passarinho 111
Espanta-pássaros 112
Maldita fiscalização 114
Fazedores de carne de animais silvestres 115
Com que direito fazem isto? 117
As pombas de Santo Amaro 119
O "morredor" dos maus caçadores 121
Como outros pensam sobre "passarinheiros" 123

IV – NOSSOS RIOS E A POLUIÇÃO

Águas envenenadas dos nossos rios 129
Veneno demais 130
O Rio dos Sinos é um esgoto! 131
A indústria dificulta a piscicultura 133
Fim com a peste do óleo! 135
Animais mortos nos rios 136
Ácido cianídrico envenenando os rios 137

V – PEIXES E PESCADORES

Pesca criminosa no Rio Uruguai 143
Morredores de peixes 145
Escassez de peixes – pescadores miseráveis 146
Pesca destrutiva no Rio Carreiro 148
Pesca a facão 150
"Batuque" 152
Pesca nociva com "corrico" 153

Loja Independente de Teosofistas

Cem paris num só rio 155
Barragens construídas sem escadas para peixes 157
O fandango da morte 158
Dois pesos e duas medidas 160
A cachoeira do campestre 162
Peixinhos para adubo e criação de porcos 164
Nasceram milhões de filhotes de dourados e grumatãs 166
Esperança perdida 167
Os peixes estão subindo os rios para desovar 169

VI – OS ANIMAIS TÊM DIREITO A SOBREVIVÊNCIA

Os animais também têm direitos? 175
Vítimas da ciência 176
A triste sorte dos cavalos 179
Rinha de galos 181
Os tico-ticos e o trigo 182
A rainha dos banhados 183
Matança de avestruzes 185
Ceifadeiras mecânicas avicidas 186
A moda, destruidora da fauna 187
Barbarismo nos ranários 189
Pescarias de quero-queros 190
O ratão do banhado (nútria) 192
"Safaris" no Brasil 193
Difícil piedade humana 195

VII – PROGRESSO?

A retificação do Rio dos Sinos 199
Corrigir a natureza é temeridade 201
O Rio das Retas 203
Monstrópolis – a grande capital 205
O horto florestal de São Leopoldo 206
O parque é do povo 208
Querem aniquilar o parque zoológico 209
Férias na natureza 211
Há muita coisa errada no campo 212
Juiz de fibra 214

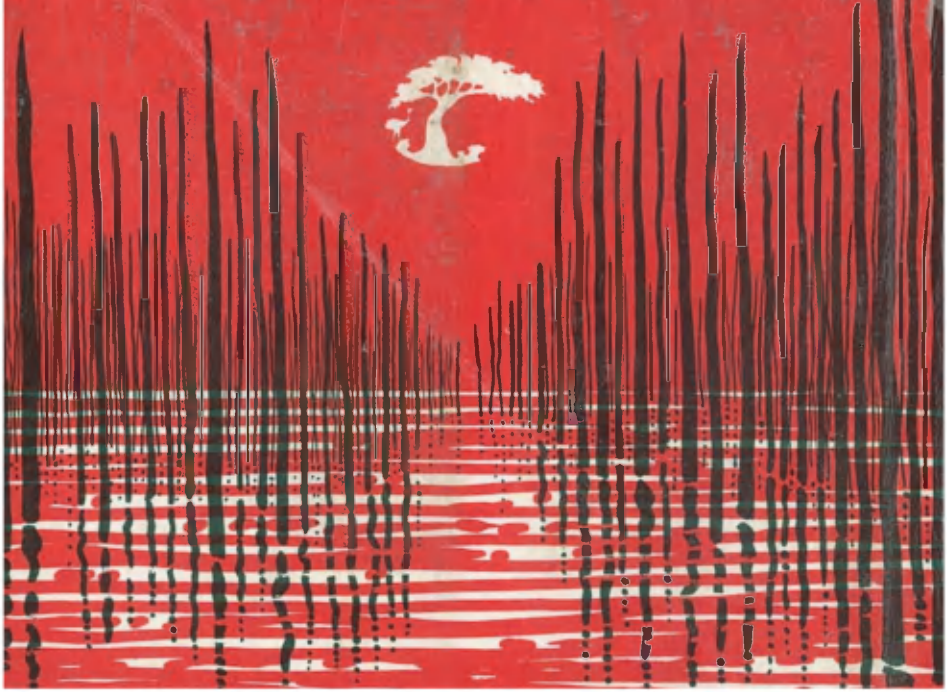
Loja Independente de Teosofistas

Em 4 de outubro de 1944, depois de muito estudar, observar e colaborar no sentido da preservação das matas e proteção aos animais silvestres, cousa que ninguém se preocupara na época, um homem pediu e conseguiu ser nomeado, a título gratuito, Agente de Defesa Florestal para todo o estado do Rio Grande do Sul.

Dedicou-se então à fiscalização, trabalhando principalmente nos domingos, punindo caçadores e desmatadores. Em 1953 escreveu um Juramento para os que amassem a Natureza; em 1955 fundou a União Protetora da Natureza. Mas em 26/1/55, em virtude do Estatuto do Funcionário Público Federal que veda serviços públicos gratuitos, foi oficialmente dispensado do cargo de Agente de Defesa Florestal. Em 1957 começou a escrever protestos, ensinamentos, análises criteriosas dos problemas ambientais, debates, reivindicações, e assim continuou até o dia de sua morte.

Agora uma seleção de seus ensinamentos está editada. A importância é enorme. Todos poderão conhecer Henrique Luís Roessler e seu trabalho através deste livro.

É uma realização rio-grandense. Henrique Luís Roessler encontrou muitos colaboradores e ficou assim caracterizado o pioneirismo do Rio Grande do Sul na defesa da Ecologia.

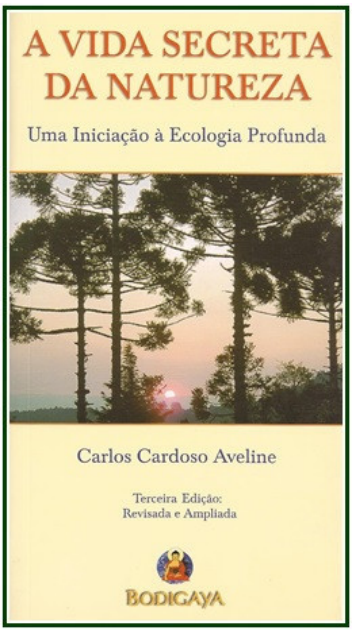


000

Em 14 de setembro de 2016, depois de uma análise da situação do movimento esotérico internacional, um grupo de estudantes decidiu criar a **Loja Independente de Teosofistas**. Duas das prioridades da **LIT** são tirar lições práticas do passado e construir um futuro saudável.

000

Sobre a ecologia da mente e a teosofia do ambiente natural, veja o livro "**A Vida Secreta da Natureza**", de Carlos Cardoso Aveline.



A obra foi publicada pela Editora Bodigaya, de Porto Alegre, tem 157 páginas divididas por 18 capítulos, e está na terceira edição, de 2007.

000